



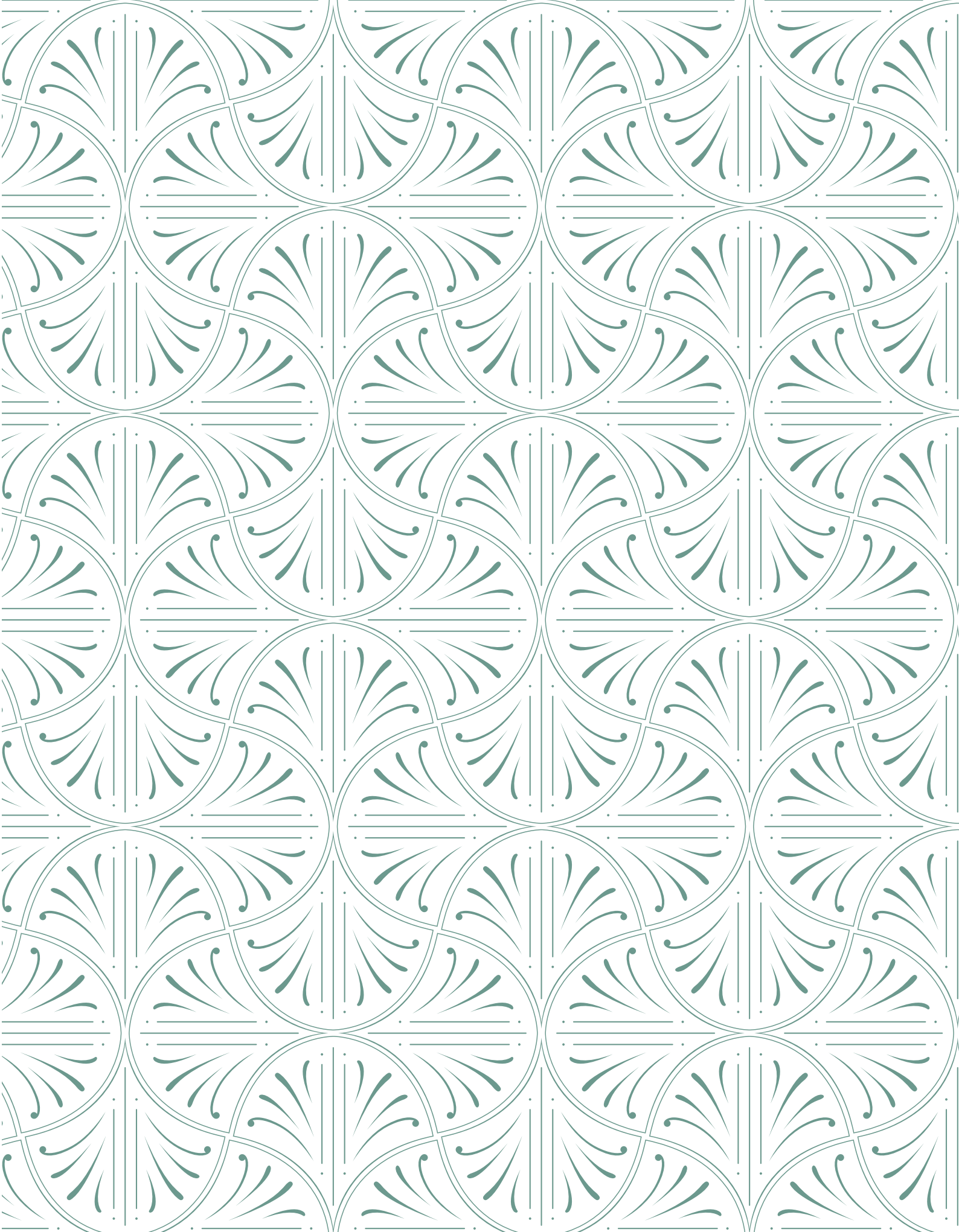
São Paulo, Metrópole Católica:

Estratégias de demarcação
territorial da Arquidiocese
de São Paulo.

(1908 a 1943)

João Carlos Santos Kuhn
Orientador: Dr. Renato Cymbalista

2022





JOÃO CARLOS SANTOS KUHN

São Paulo, Metrópole Católica:

Estratégias de demarcação territorial da
Arquidiocese de São Paulo (1908 a 1943)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração:
História e Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo

Orientador:
Dr. Renato Cymbalista

São Paulo
Agosto 2022

**EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL,
SOB RESPONSABILIDADE DO AUTOR E ANUÊNCIA DO ORIENTADOR.**

O original se encontra disponível na sede do programa.
São Paulo, 07 de dezembro de 2022.

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho,
por qualquer meio convencional ou eletrônico, para
fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

2

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Kuhn, João Carlos Santos

São Paulo, Metrópole Católica: Estratégias de demarcação territorial da Arquidiocese de São Paulo (1908 a 1943) / João Carlos Santos Kuhn; orientador Renato Cymbalista. - São Paulo, 2022.
223 p..

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. História da Cidade. 2. História do Urbanismo. 3. Igreja Católica. 4. Arquidiocese de São Paulo. I. Cymbalista, Renato, orient. II. Título.

KUHN, João Carlos Santos. São Paulo, Metr pole Cat lica: Estrat gias de demarca o territorial da Arquidiocese de S o Paulo (1908 a 1943). Tese de doutorado apresentada ao Programa de P s-Gradua o da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de S o Paulo, para a obten o do t tulo de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Data de exame da tese:

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a). : _____

Institui o: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a). : _____

Institui o: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a). : _____

Institui o: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a). : _____

Institui o: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a). : _____

Institui o: _____

Julgamento: _____

the \mathbb{R}^n is a linear space over \mathbb{R} with the usual addition and scalar multiplication. The inner product is defined by

$$(x, y) = \sum_{i=1}^n x_i y_i \quad (1)$$

where $x = (x_1, \dots, x_n)$ and $y = (y_1, \dots, y_n)$ are vectors in \mathbb{R}^n .

The norm of a vector x is defined by

$$\|x\| = \sqrt{(x, x)} = \sqrt{\sum_{i=1}^n x_i^2} \quad (2)$$

The distance between two vectors x and y is defined by

$$d(x, y) = \|x - y\| = \sqrt{\sum_{i=1}^n (x_i - y_i)^2} \quad (3)$$

The angle between two vectors x and y is defined by

$$\cos \theta = \frac{(x, y)}{\|x\| \|y\|} \quad (4)$$

The orthogonal projection of a vector x onto a vector y is defined by

$$p_y(x) = \frac{(x, y)}{(y, y)} y \quad (5)$$

The orthogonal distance from a vector x to a vector y is defined by

$$d(x, y) = \|x - p_y(x)\| \quad (6)$$

The orthogonal distance from a vector x to a subspace S is defined by

$$d(x, S) = \inf_{y \in S} \|x - y\| \quad (7)$$

The orthogonal distance from a point x to a line L is defined by

$$d(x, L) = \inf_{y \in L} \|x - y\| \quad (8)$$

The orthogonal distance from a point x to a plane P is defined by

$$d(x, P) = \inf_{y \in P} \|x - y\| \quad (9)$$

The orthogonal distance from a point x to a hyperplane H is defined by

$$d(x, H) = \inf_{y \in H} \|x - y\| \quad (10)$$

RESUMO

A pesquisa — *São Paulo, Metrópole Católica: Estratégias de demarcação territorial da Arquidiocese de São Paulo (1908 a 1939)* — propõe observar o processo de transformação do estado e cidade de São Paulo, considerando as propostas e os impactos das ações da Igreja Católica empreendidas por seu braço executivo, a Arquidiocese e seus colaboradores. Tem como intuito contar a história da cidade e do urbanismo em São Paulo a partir de atores sociais religiosos, em atividade em pleno período republicano, e problematizar a narrativa tradicional que define como percurso inexorável a transição do sagrado ao profano que as cidades executam ao longo da história. A pesquisa visa mostrar também que o processo é complexo, cheio de tensões e reveses, considerando-se que os agentes religiosos não assistiram passivamente seu poder se esvaír perante ao processo de laicização característico do início do século XX. Neste sentido, terá como ponto de partida a criação da Arquidiocese de São Paulo (1908) sob os cuidados de dom Duarte Leopoldo e Silva até o final da gestão do segundo arcebispo de São Paulo, dom José Gaspar D'Afonseca e Silva (1943), no intuito de demonstrar os planos empreendidos pela instituição paulista no processo de demarcação territorial de São Paulo e celebrados no grande evento religioso — o IV Congresso Eucarístico Nacional (1942) — onde a Igreja Católica aspirou projetar a imagem de São Paulo como uma grande Metrópole Católica.

Palavras Chaves: História da cidade; História do Urbanismo; Igreja Católica; Arquidiocese de São Paulo; Congresso Eucarístico Nacional.

ABSTRACT

The research - *São Paulo, Catholic Metropolis: Strategies of territorial demarcation of the Archdiocese of São Paulo (1908 to 1939)* - proposes to observe the process of transformation of the state and city of São Paulo, considering the proposals and the impacts of the actions of the Catholic Church in the city undertaken by its executive arm, the Archdiocese and its collaborators. It intends to tell the history of the city and urbanism in São Paulo from the point of view of religious social actors, active during the republican period, and to problematize the traditional narrative that defines as inexorable the transition from the sacred to the profane that cities perform throughout history. The research also aims to show that the process is complex, full of tensions and setbacks, considering that religious agents did not passively watch their power fade away in the face of the laicization process characteristic of the early twentieth century. In this sense, it will have as its starting point the creation of the Archdiocese of São Paulo (1908) under the care of dom Duarte Leopoldo e Silva until the end of the term of the second archbishop of São Paulo, dom José Gaspar D'Afonseca e Silva (1943), in order to demonstrate the plans undertaken by the São Paulo institution in the process of territorial demarcation of São Paulo celebrated in the great religious event - the IV National Eucharistic Congress (1942) - where the Catholic Church aspired to project the image of São Paulo as a great Catholic Metropolis.

Keywords: History of the city; History of Urbanism; Catholic church; Archdiocese of São Paulo; National Eucharistic Congress.

RESUMEN

La investigación - *São Paulo, Metrópolis Católica: Estrategias de demarcación territorial de la Arquidiócesis de São Paulo (1908 a 1939)* - se propone observar el proceso de transformación del estado y ciudad de São Paulo, considerando las propuestas y los impactos de las acciones de la Iglesia Católica en la ciudad, emprendidas por su brazo ejecutor, la Arquidiócesis y sus colaboradores. Pretende contar la historia de la ciudad y del urbanismo en São Paulo desde el punto de vista de los actores sociales religiosos, activos en pleno período republicano, y problematizar la narrativa tradicional que define como inexorable la transición de lo sagrado a lo profano que realizan las ciudades a lo largo de la historia. La investigación también pretende mostrar que el proceso es complejo, lleno de tensiones y retrocesos, considerando que los agentes religiosos no vieron pasivamente cómo su poder se desvanecía ante el proceso de secularización característico de principios del siglo XX. En este sentido, tendrá como punto de partida la creación de la Archidiócesis de São Paulo (1908) bajo el cuidado de Dom Duarte Leopoldo e Silva hasta el final del mandato del segundo arzobispo de São Paulo, Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva (1943), para demostrar los planes emprendidos por la institución paulista en el proceso de demarcación territorial de São Paulo celebrados en el gran evento religioso - el IV Congreso Eucarístico Nacional (1942) - en el que la Iglesia católica aspiraba a proyectar la imagen de São Paulo como gran Metrópoli Católica.

Palabras clave: Historia de la ciudad; Historia del Urbanismo; Iglesia Católica; Arquidiócesis de São Paulo; Congreso Eucarístico Nacional.

Os sinos de S. Paulo

P O E M A

DE

Menotti Del Picchia



*A raça que vem de longe e que funde estas raças
tem a energia de Feijó
e a vontade tenaz do Anhangüera..."
... e os sinos da Gloria:
"Que lindo destino! O Brasil-menino
recebeu nas águas lustras do Ypiranga
o baptismo de liberdade!"*

*... e os sinos do Cambucy:
"Meu bronze tiniu ao repique das balas
quando foi preciso defender a republica
que o idealismo democratico deste povo
erguera sobre os destroços de um throno colonial!"
E dizem os sinos do Braz, da Lapa e da Moóca:
"Repousae titães ardentes
com malhas de pixe na pelle e fragmentos de hulha,
construindo nas usinas, junto dos dynamos velozes,
a Cidade-Prodigio, a maravilha americana
erigida de guindastes, soberba de palacios,
onde um milhão de heróes modernos ergue duas casas por
hora,*

*para abrigar o milagre de fraternidade politica
que irmana imigrantes de todos os climas,
crentes de todos os credos,
no ideal soberbo de dar ao amanhã do mundo
a maior democracia universal!"
E os sinos mais longinquos
cujo som rebôa do interior,
lembram tímidos de enxadas
cantando no cafesal!..
E todos os sinos juntos
formam o immenso coral
metalico, sonoro, augural e triumphal
onde a energia do homem se funde ás forças da terra,
onde a voz de Deus echôa no ceu de anil
em louvor do meu S. Paulo,
da minha Cidade,
da joia mais linda
dos Estados Unidos do Brasil!*

A noitece.

*Sinos da torre de S. Bento, Cantabona dos fidalgos,
bronzes do Carmo amotinando crentes de ópa,
jovens sinos musicas de S. Cecilia,
do Convento da Luz policial e popular,
de Santa Ephigenia,
das egrejas operarias do Braz e da Moóca,
do Coração de Jesus disciplinar e estudioso,
da capella festiva da Gloria,
da heroica matriz do Cambucy, nossa cathedral de Reims,
do O' e da Lapa,
do Ypiranga solemne e da Penha tradicional,
sinos de S. Paulo mercado de café,
dos seus arredores picturaes
erguei um coral metalico e triumphal
em louvor á minha cidade natal!*

Dizem os sinos do Carmo:

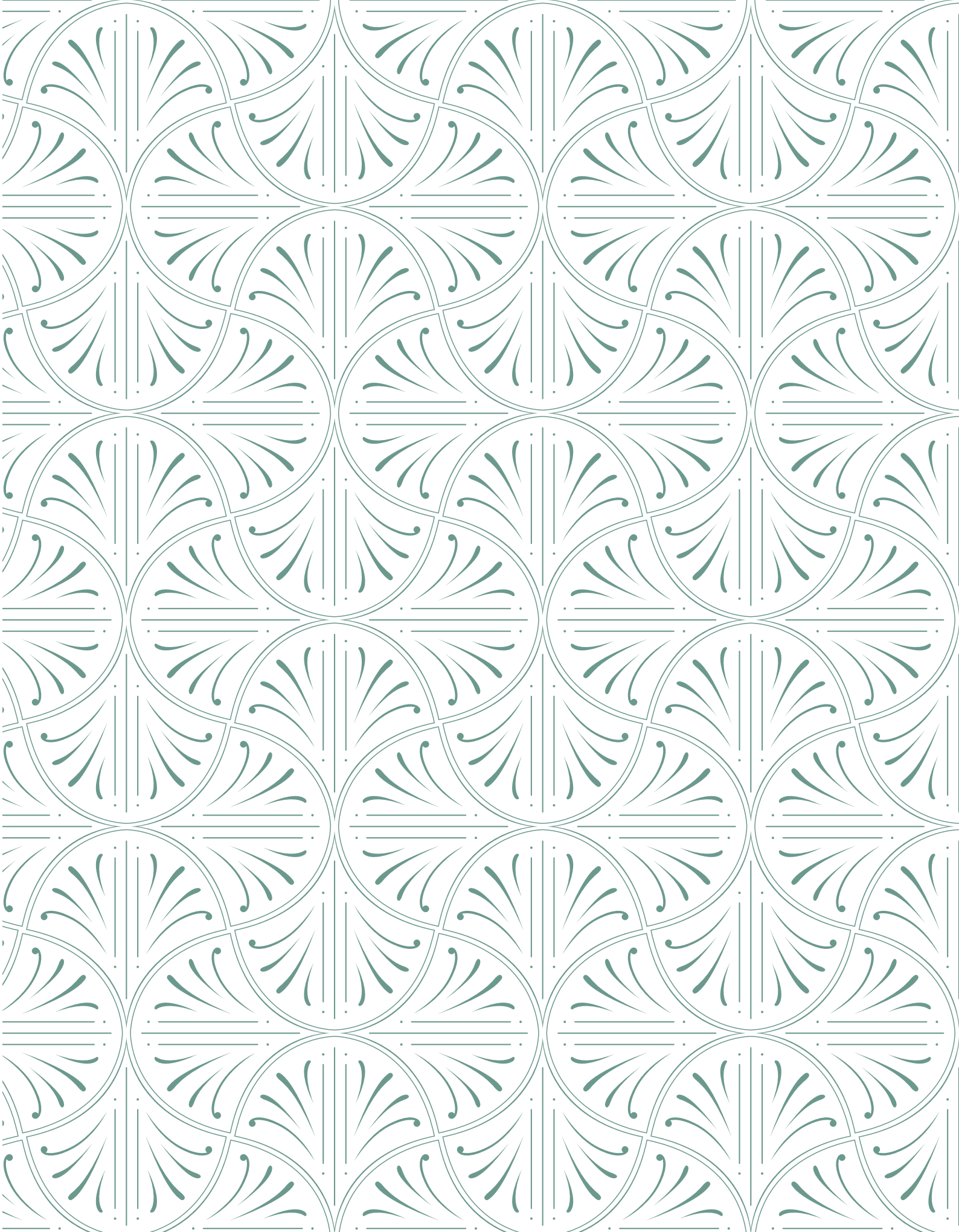
*"Quando Raposo partiu de Quitaúna
com suas botas de sete leguas,
não sahiam trens da Sorocabana para o sertão.
Era preciso exorcizar as estradas fluviaes das monções
porque andavam boitatás nos rios,
tocaías de indios nos canhões aquaticos...
Naquelle tempo..."*

... e os sinos de S. Francisco continúam:

*"... naquelle tempo
as mulheres paulistas fecharam suas portas
á vergonha dos bravos batidos
pelos mascates procazes. Seus braços só tinham caricias
ao brio que vence ou que morre na empresa!*

SUMÁRIO

Introdução	13
Igreja Católica Apostólica Romana	35
Linha do tempo	41
1. A construção da Arquidiocese de São Paulo: Estruturas, hierarquias e ações.	43
2. Torres na Metrópole: A criação de paróquias na gestão de dom José Gaspar (1939 a 1943)	99
3. A grande Metrópole Católica: São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional	143
Considerções finais	189
Lista de imagens	195
Lista de tabelas	198
Lista de mapas	199
Locais de pesquisa	199
Bibliografia	200
Fontes de Pesquisa	213
Agradecimentos	219





INTRODUÇÃO

O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. [...] Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmo e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo mas também a todo investigador desejoso de conhecer dimensões possíveis da existência humana. (p.19)

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela História. Mas não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nos tornássemos aquilo que somos hoje, fazem parte, portanto, da nossa própria história. (p.164)

13

ELIADE, 1992

A relação entre o sagrado e o profano foram em grande medida aspectos que ao longo da minha história se fizeram presentes: ora de forma pacífica, ora em conflito. A ideia de sagrado, que por um longo período foi guiada pelo catolicismo, constituía minha percepção de mundo e a forma com a qual eu deveria me entender como sujeito e me inserir na sociedade. Essa percepção me conduziu, no período de formação como arquiteto e urbanista, a enfrentar questões referentes à religião e seu poder de construção e intervenção nas cidades brasileiras, buscando para isso, entender como o espaço religioso era compreendido, produzido e reproduzido no período em que concluí minha formação¹.

¹ Tais reflexões me conduziram à realização do meu trabalho de conclusão de curso: um projeto de um Santuário de peregrinação urbana, de viés católico. Orientado pelas professoras Emília Stenzel e Gabriela Izar dos Santos, foi premiado na 20ª edição do concurso nacional dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo [*Ópera Prima*] de 2008, organizado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

O relato autobiográfico com que inicio esta introdução tem em vista demonstrar algumas inquietações que têm sido motor para as investigações que desenvolvo no meu percurso acadêmico: em que medida a dimensão do sagrado pode criar, interferir, ressignificar espaços? A dimensão do sagrado pode ser um instrumento de análise para entender espaços que são inicialmente vistos como não sacralizados? Mesmo não assumindo atualmente alguma crença de cunho religioso, permanece o interesse em aprofundar meu olhar acerca do poder de influência e ação dessa dimensão, que baseada numa percepção particular de organização de mundo, ainda hoje é reivindicada como instrumento de disputas e afirmações de poderes, demonstrada através das conquistas de direitos, proposições de valores, reconhecimentos, demarcações de espaços e construção de cidades.

14

Ainda no período da graduação, tive acesso ao trabalho do historiador e filósofo Mircea Eliade em sua obra *O sagrado e o profano: a essência das religiões* (1992). Em seu texto, o autor aspirou analisar a relação entre o sagrado e o profano considerando o comportamento de um sujeito nomeado por ele como *homo religiosus*. Sob a perspectiva da experiência do espaço, Eliade observou o modo de operação e entendimento de mundo de um sujeito, que inserido em sociedades arcaicas, tem contato com uma experiência transcendental (hierofania), assumindo assim o espaço como não homogêneo. Segundo o pesquisador, “para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado — o único que é real, que existe realmente — e todo o resto, a extensão informe, que o cerca” (ELIADE, 1992. p.25). Portanto, esse sujeito buscava reconhecer espaços específicos que iriam ontologicamente gerar uma “fundação de mundo”, distintos de espaços onde a manifestação do sagrado não se faz presente e que, por consequência, não têm estrutura e consistência.

Em contraposição, o autor observou outro sujeito alheio à experiência transcendental: o homem não religioso. Para esse sujeito, o espaço apresenta-se homogêneo e sem diferenciação qualitativa entre suas diversas partes. Não sendo encontrado de “forma pura” (pois o autor assume que tal sujeito não consegue abolir completamente o comportamento religioso), o homem não religioso ou moderno, não reconhece uma realidade ou verdade absoluta. Nesse registro, mesmo que, no processo de entendimento do mundo, os espaços possam conter locais privilegiados (simbólicos, memoriais, afetivos), tais espaços são passíveis de constantes transformações (em suas formas, funções e essência).

Conforme visto no trecho citado no início desta introdução, o autor percebe que mesmo com a gradativa secularização da sociedade — e por consequência dos seus espaços — essa forma de ser no mundo não desapareceu por completo. Os vestígios desse comportamento são perceptíveis mesmo em sujeitos que se reconhecem a-religiosos e espaços que não possuem em si um sentido de ligação transcendental ou, como colocado por ele, locais onde não há a ideia de gerar uma fundação de mundo baseado em uma lógica espiritual.

A discussão proposta na obra dialoga em especial com o campo da história e da filosofia da religião. Por mais que o autor não tenha a cidade como objeto central de seu estudo, sua visão sobre os espaços sagrados e profanos, assim como os personagens que atuam e se enfrentam nas respectivas dimensões, levou-me à observação de grupos específicos — na maioria conservadores ligados a organizações religiosas — que se mobilizaram e agiram com o intuito de consolidar na cidade seus valores a partir de uma cosmogonia² própria.

Foi a partir dessa perspectiva que desenvolvi, junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado *Resistências Sagradas: Pátio do Colégio, secularização e reconstrução* (2016)³. A pesquisa analisou — sob as lentes do sagrado católico — o processo de reapropriação do terreno e da edificação (que antes abrigou o antigo colégio dos jesuítas) em favor da *Companhia de Jesus* e a reconstrução do conjunto arquitetônico do *Pátio do Colégio*⁴. A investigação possibilitou detectar a ação de um grupo específico de leigos católicos: a *Antiqui Societatis Iesu Alumni* (ASIA) ou Associação dos Antigos Alunos dos Jesuítas. Fundado em São Paulo em 1932, o grupo composto por ex-alunos dos colégios São Luís (Itu e São Paulo)⁵ e São Francisco Xavier

2 Cosmogonia se caracteriza pelo conjunto de teorias, princípios ou doutrinas (com base científicas, religiosas ou míticas) com o intuito de explicar e descrever a origem e a formação do Universo (cosmogênese).

3 Sob orientação do professor Dr. Renato Cymbalista, a dissertação foi indicada pela banca avaliadora para publicação e resultou no livro *Resistências Sagradas: Pátio do Colégio, secularização e reconstrução*, lançado pela Editora AnnaBlume em 2018 e financiado pela FAPESP.

4 Localizado no centro histórico da cidade de São Paulo, o Pátio do Colégio é conhecido como o conjunto arquitetônico onde oficialmente se considera o local de fundação da cidade. Fundado em 1554, esteve sob os cuidados da Companhia de Jesus até a expulsão da ordem (1640) quando então abrigou a sede do governo de São Paulo. No final do século XIX iniciaram-se alterações (em sua arquitetura e uso) que culminaram, em 1953, em sua demolição. A partir desse ano, foi retomado pela mesma ordem, que a reconstrói, tendo suas obras finalizadas na década de 1970.

5 O colégio São Luís foi fundado em 1867 na cidade de Itu, em São Paulo, pelos padres jesuítas que atuaram na formação intelectual de jovens, em sua maioria pertencentes à elite paulista. Em 1918, o colégio foi transferido para um terreno na Avenida Paulista, onde se encontra em funcionamento até os dias atuais.

(Liberdade e Ipiranga/SP)⁶, reunia-se periodicamente para a manutenção de sua formação católica e para o debate de assuntos referentes à congregação⁷. Além da formação religiosa e espiritual ligada à ordem jesuíta paulista, o grupo traçou também contínuas estratégias de interesse eclesial que interferiram diretamente nas transformações de partes da cidade de São Paulo⁸.

Em um primeiro momento, o estudo acerca do polêmico processo de reconstrução do conjunto arquitetônico do *Pátio do Colégio* sinalizava para mim a ideia de uma reação pontual da ordem religiosa católica em meio a uma cidade que já se entendia como secular. Nesse ponto, a religião (ou mesmo a ideia de sagrado) estaria restrita a um aspecto cultural da sociedade. A visão de uma cidade que gradativamente abandonava a dimensão “sagrada” em prol de atividades e apropriações “profanas” foi fortalecida, em especial, ao ter acesso à obra — de grande relevância para o campo de estudos da cidade e do urbanismo em São Paulo — intitulada: *Nosso Chão: do sagrado ao profano* (2003), tese de livre docência do professor da FAU/USP, Murilo Marx (1945 – 2011). Observando as transformações ocorridas no espaço urbano brasileiro, Murilo Marx delineia um processo de evolução do espaço urbano do sagrado para o profano. Tal evolução, lenta e gradativa, teria consequências percebidas, até o momento em que defendia sua tese, no “usual desrespeito por nossas áreas comuns” (MARX, 2003. p.7) .

16

O pesquisador privilegiou em sua análise as normas que definiram, ao longo dos séculos XVII ao XX, as características dos espaços da cidade de São Paulo. Normas que eram inicialmente regidas pela religião católica (refletidas diretamente nos costumes e organizações espaciais da sociedade), que seguiram em um sentido de evolução para um caráter secular, sob

6 Inicialmente chamado de *Collegio Catholico Japonês São Francisco Xavier*, foi fundado pelo Padre Guido Del Toro (Padre jesuíta italiano) que atuou como diretor da *Cruzada Eucarística e do catecismo* na capital paulista. A instituição educacional foi fundada em 1928, no bairro da Liberdade, com o intuito de evangelizar e educar os imigrantes japoneses. Em 1931, em terreno doado pelo Conde José Vicente de Azevedo, o colégio foi transferido para o bairro Ipiranga. Fonte: Site do Colégio São Francisco Xavier, disponível em <www.sanfra.g12.br>, consultado em 20 mar. 2018.

7 O grupo de alunos, posteriormente, compuseram parte da elite intelectual, política e social de São Paulo. Entre eles destacam-se **Altino Arantes Marques**: formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1895), foi membro e presidente do PRP — Partido Republicano Paulista (1934), deputado federal (1906 – 1911) e Presidente do estado (1916 – 1920) e **José Augusto César Salgado**, formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1917), promotor público de Atibaia e Socorro, deputado pelo PRP (1934) e procurador de justiça (1951).

8 Citado por Roberto Canado Junior (2014, p.27), temos como exemplo o caso de José Augusto César Salgado, que atuou como presidente na *Campanha para ereção do monumento à Anchieta*, localizado hoje na praça da Sé; membro da *União dos Amigos da Padroeira do Brasil* e da *Campanha da saca de café pró Basílica de N.S. Aparecida*, além de ser um impulsionador da campanha em prol da canonização de Anchieta iniciada na década de 1960.

responsabilidade civil, “muito difusas e casuísticas até recentemente, [que] são agora únicas, porém nem sempre prestigiadas” (MARX, 2003. p.7). Portanto, os aspectos legais que incidiram sobre as áreas de domínio e uso comum da sociedade, foram analisados pelo autor por interferirem diretamente sobre outras dimensões da sociedade e por serem “também, aquel[as] em que, de maneira mais nítida, se dá a transformação dum mundo marcado pela ideia do sagrado, para uma visão calcada em motivações profanas, como em nosso tempo.”(MARX, 2003. p.17).

Murilo Marx analisou a ação da religião católica — e a perda de sua relevância — na formação e transformação da cidade de São Paulo sob a ótica do pensamento moderno ocidental, baseado em ideais iluministas, positivistas e marcado especialmente pela urbanização, industrialização e pelo progresso técnico-científico. O constante uso do termo “secularização” ou “secular” em seu texto pode nos indicar um dos caminhos norteadores que levaram o autor a concluir que haveria uma “segura mundanização” dos espaços coletivos das cidades. Mesmo que lenta e tardia, a progressiva secularização já se apresentava, segundo o autor, desde os primórdios, pela concepção, utilização, abrangência e guarnição desses espaços urbanos.

Em parte, tal posicionamento é proveniente de um contexto onde o advento do pensamento moderno e o “enfraquecimento” da religião como aspecto norteador da vida social, política e cultural da sociedade, seria responsável por limitar as dimensões do sagrado religioso a uma esfera privada .

17

Neste sentido, o termo “secular” tornou-se uma categoria central do pensamento ocidental moderno, dando origem a uma particular ideologia e visão de mundo, o secularismo, que surge e se espraia como doutrina política no ocidente a partir do século XIX. [...] Em consonância com a ideologia secularista, para que uma sociedade seja moderna ela tem que ser necessariamente secular, impedindo a presença da religião no espaço político. [...] Desse modo, é interessante notar que a secularização é um processo social e um programa político. É na realidade um projeto político do movimento secularista, que tende a alinhar perigosamente a religião com a tradição e a superstição, e a secularidade com a modernidade, a racionalidade e a ciência. (RAQUETAT JÚNIOR, 2012. p.18)

No entanto, para o autor, a ideia de “privatização da religião” acabou não se aplicando em uma realidade empírica, sendo percebida (até os dias atuais) na presença de valores, símbolos, personagens e demandas presentes no âmbito civil e na esfera pública. Portanto, “esses fatores indicam que não se verifica um eclipse do sagrado, mas uma reconfiguração do religioso na modernidade, que conduz a novos arranjos entre Estado, religião e sociedade.”(RAQUETAT JÚNIOR, 2012. p.24). Percorrendo o mesmo caminho da problematização do

processo de secularização inevitável, pode inferir que a ação da *Companhia de Jesus*, na década de 1950, não se tratava apenas de movimentos pontuais que buscavam a defesa de seu patrimônio e a reivindicação de seu papel na cidade. Tanto a *Companhia de Jesus* quanto seus colaboradores, para além de seus próprios interesses, faziam parte de um movimento mais amplo e complexo coordenado pela Igreja Católica Apostólica Romana em resposta ao pensamento moderno secularizado.

18

No contexto da Igreja Católica no âmbito mundial, o não apagamento da influência da religião na sociedade pôde se dar, em parte, por um conjunto de ideais e movimentos empreendidos pela Santa Sé Romana (já em curso na Europa desde o século XIX). Nomeado como século do ultramontanismo⁹, o movimento consolidado pelas encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum* (1864)¹⁰ condenava drasticamente a ideia de igrejas nacionais, o racionalismo, o socialismo, o comunismo, a maçonaria, os Estados laicos entre outros movimentos que caracterizariam o liberalismo e a civilização moderna ocidental. No intuito da defesa intensiva da relevância da instituição perante às transformações sociais, políticas, culturais e ideológicas, que se tem, por exemplo, a proclamação do dogma da Infallibilidade Papal — instituído no Concílio Vaticano I do Papa Pio IX (1870) — onde se consolidava no seio da religião o absoluto reconhecimento da personificação divina, central e inquestionável do principal líder da Igreja, o Papa.

A ação missionária da Santa Sé em áreas coloniais de missão e em outros domínios territoriais (como no caso da América Latina) permaneceu sujeita aos interesses comerciais e políticos europeus, conforme apontou Miceli (2009). Para além das ações acima elencadas, o autor analisou (particularmente no caso brasileiro) a urgente necessidade de uma ampla reformulação dos conteúdos do apostolado católico perante a concorrência do protestantismo, que havia logrado avanços consideráveis através da prestação de serviços assistenciais e educacionais. Nesse sentido, o autor destacou como principais condicionantes de um processo de “construção institucional” para se entender a Igreja Católica na Primeira República, os seguintes elementos: aliança com setores católicos dirigentes; atuação na área educacional da sociedade;

9 O Movimento Ultramontano (ou Ultramontanismo) surgiu no interior da Igreja Católica na França após a Revolução Francesa como forma de reação aos constantes ataques provenientes de setores sociais imbuídos de diferentes ideologias contrárias à religião (dos liberais moderados aos marxistas e anarquistas), que buscavam afastá-la de qualquer posição oficial na sociedade e reduzindo as religiões como organizações puramente voluntárias.

10 Encíclicas, ou neste caso Encíclicas Papais, são cartas contendo orientações e exortações emitidas pelo Papa para a comunidade universal católica (direcionadas tanto para o clero quanto para seus fiéis).

enfrentamento dos movimentos religiosos concorrentes (protestantismo, espiritismo, maçonaria) e dos movimentos sociais (Canudos, Juazeiros, Contestados); assim como a formação de um “patrimônio próprio”.

A “construção institucional” da Igreja Católica no Brasil foi, em grande medida, influenciada pelo processo de laicização característico da Primeira República. Considerando que a laicidade se qualifica como a não associação do Estado com qualquer denominação religiosa, caracterizando a neutralidade do poder civil, Moura (2018) observou o caso brasileiro como um modelo de “laicidade imperfeita” (p.53). Para o autor, mesmo que tenha havido uma separação formal e jurídica entre os poderes, não houve de fato um rompimento com o pensamento e os valores cristãos, portanto “as instituições políticas preservaram as afinidades com os grupos eclesiais, utilizando-os como instrumento para a manutenção da ordem e para o disciplinamento da sociedade” (p.54). Por consequência, não apenas as instituições políticas, outros setores da sociedade — como grupos representantes dos poderes intelectuais, econômicos e grupos sociais de diversas camadas (trabalhadores, profissionais liberais, elites sociais) — não deixaram, em sua totalidade, de estabelecer relações de afinidades e negociações com a Igreja Católica no período apresentado.

19

A discussão acerca de categorias como *secular*, *secularização* e até mesmo *laicização*, *laicidade* vem acontecendo em trabalhos no campo das ciências sociais, história e ciências da religião¹¹. Não é pretensão deste trabalho se debruçar sobre o assunto, porém tais reflexões nos ajudam a entender que se por um lado as reflexões trazidas por Murilo Marx (1983), ainda hoje, apresentam-se como relevantes fontes para compreender a cidade de São Paulo, por outro lado sua premissa de que haveria uma secularização completa, conforme já apresentado, acabou por não se confirmar.

Mesmo que o processo republicano de secularização tenha sido implementado e, conforme aponta Marx, tenha tido consideráveis efeitos no espaço público, observa-se um movimento de readaptação da esfera religiosa na modernidade, como indicado por Raquetat (2008) que influenciou, no contexto

11 Entre eles, podemos destacar: VILAÇA, Helena; SELL, Carlos Eduardo; MONIZ, Jorge Botelho. *A sociologia da religião hoje: secularização (ões), secularismo (s) ou laicidade?* 2017. BITTENCOURT, Agueda Bernardete; WOHNATH, Vinicius Parolin. *Secularização e laicidade do Estado brasileiro depois da Constituição de 1988*. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-Periódico Científico editado pela ANPAE, v. 29, n. 2, 2013. MARIANO, Ricardo. *Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública*. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 11, n. 2, p. 238 – 258, 2011. ORO, Ari Pedro. *A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações*. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 11, n. 2, p. 221 – 237, 2011. SOFIATI, Flávio Munhoz. *Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo*. 2015. OLIVEIRA, Elza. *A busca pela presença religiosa em meio à secularização no Brasil: Diálogo entre Religião e Laicidade*. Teoria e Cultura, v. 7, n. 1 e 2, 2012.

brasileiro, na construção institucional da Igreja Católica (MICELI, 2009) em meio à uma “laicização imperfeita” (MOURA, 2018). Nesse sentido, podemos observar a capacidade de organização e agenciamento de atores religiosos, empreendida pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, que manteve ativa o poder de intervenção; construção e reconstrução de cidades, em especial na primeira metade do século XX.

20

Dar protagonismo a tais atores sociais — no campo de estudos urbanos no Brasil — se apresenta aqui como desafio. De forma geral, o que se entende por urbanismo na literatura especializada nos atenta para os instrumentos extra-espirituais, operados por agentes que se afirmam no papel privilegiado de entender, explicar, problematizar e intervir nas transformações da cidade. Ao buscar analisar e elencar as experiências urbanísticas europeias e suas principais personalidades, Donatella Calabi (2012) traçou um panorama crítico acerca do urbanismo na Europa e seus desdobramentos no mundo. Nesse sentido, a autora nos apontou — no bojo das tentativas de se construir um campo específico do urbanismo — duas vias recorrentemente utilizadas (e diametralmente opostas) para se pensar cidade: a dos reformadores utópicos e a dos técnicos que redescobrem a ideia de um plano de conjunto e depois uma série de planos setoriais. O urbanismo se apresentava, portanto, como disciplina científica, histórica e jurídica, tendo como agente privilegiado o urbanista, que assume papéis distintos (técnico, consultor, burocrata, secretário municipal). No entanto, a autora observa que o urbanismo “nasceu como uma disciplina cujos limites são muito elásticos, que ao longo do tempo incorporou práticas de outros campos e a elas se adaptou” (p.24).

Mesmo com “limites elásticos”, ao se analisar a história da cidade e do urbanismo, os grupos religiosos são em grande medida observados como coadjuvantes: suas ações no processo de construção e transformação da cidade costumam fazer parte de uma paisagem de fundo, motivadas por decisões orquestradas por agentes especializados não religiosos. A análise indicada torna-se mais latente ao observarmos a produção bibliográfica que se dedica a explicar o estado e a cidade de São Paulo neste contexto urbano.

Em um primeiro momento, temos os estudos geográficos que se debruçaram (cada um em seu tempo e contexto) nas análises das morfologias, configurações topográficas e padrões geográficos que culminaram no modo de ler a cidade

como fabricada e socialmente apropriada¹². Estudos pertinentes às ciências econômicas, buscaram interpretar a cidade em seu processo de consolidação do parque industrial decorrente do processo de substituição de importações¹³. Em tais estudos, a Igreja Católica — quando citada — aparece esparsamente, como parte de uma história já superada dos períodos colonial e imperial brasileiro. Nesse sentido, a instituição é constantemente articulada na construção de narrativas que revalidam mitos de fundação (nas ações da Companhia de Jesus e na chegada e instalações das ordens religiosas) ou, o projeto colonizador, onde a instituição assumiu (através das paróquias e dioceses) o controle dos costumes no território nacional.

No campo de estudos que se dedica à história urbana de São Paulo a partir da década de 1950, o trabalho de Richard Morse em *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo* (1954) se apresenta, ainda hoje, como ponto de partida para se pensar a cidade. No esforço em unir diferentes chaves de leitura sobre a cidade para entendê-la em sua complexidade, o autor debruçou-se “sobre as variadas esferas da existência para definir um ethos paulista que pudesse de algum modo concorrer para explicar o desenvolvimento urbano” (CASTRO, 2013. p.19)¹⁴. Entretanto, em consonância com os demais autores citados, Morse observou a Igreja Católica como parte da cidade, que outrora era significativa tanto para a configuração da cidade quanto para as práticas e costumes

21

12 Obras como a de Caio Prado Júnior: *O fator Geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo* (1935) e *Nova contribuição para o Estudo Geográfico da cidade de São Paulo* (1941); de Aroldo de Azevedo em *Os Subúrbios Orientais de São Paulo* (1943) e de Pierre Monbeig com *La Croissance de La Ville de São Paulo* (1953), são constantemente citados como referências que ilustram (em um primeiro momento) a tentativa de se explicar, em um sentido de progresso, o estado e cidade de São Paulo. Dessa forma, pontos como: sítio original dos Campos de Piratininga; centro das relações sociais, culturais e políticas; intensa concentração demográfica; chegada dos imigrantes, ascensão da cafeicultura e possibilidades de expansão da cidade para além dos limites do antigo núcleo urbano inicial, são constantemente articulados em trabalhos produzidos até os dias atuais

13 Destaco o trabalho de Warren Dean, *A industrialização de São Paulo* (1971), onde o autor justificou pela chave do binômio café-indústria a instalação das indústrias em São Paulo através das demandas de atividades provenientes do cultivo cafeeiro como transportes, energia, comércios, serviços públicos, habitações. Saes (1992), ao analisar a discussão proposta por Dean em perspectiva com a visão de seus críticos, apontou necessário evitar uma visão dicotômica no estudo da economia paulista da Primeira República. Para o autor: “A cidade de São Paulo, antes de ser um núcleo industrial, já é (e continuará sendo) um centro político, administrativo, comercial e financeiro que dá suporte a outras atividades econômicas urbanas (como serviços de utilidade pública, atividade imobiliária e indústria de construção)” (p.33).

14 Em análise da obra em questão, Ana Castro (2013) observou que Morse: “Ao mesmo tempo em que consolidou uma visão paulista sobre a sua própria história, ousou propor, a partir da cidade, uma nova visão sobre a mesma — ou ao menos quis apontar um caminho distinto para seu desenvolvimento, partindo daquela própria história, *et pour cause* — que a desviava dos parâmetros de compreensão geral da evolução urbana das cidades dos países desenvolvidos. Sendo uma história urbana específica, sobre uma determinada cidade do continente latino-americano, foi também vontade de um esquema de interpretação sobre a forma de desenvolvimento da cidade capitalista no mundo ibero-americano e vislumbre de outra modernidade” (p.19).

sociais. Assim sendo, percebeu a instituição como obsoleta, impactada pelo pensamento secularizante moderno, onde “os trabalhadores têm lentamente se afastado das procissões religiosas, deixando-as para as mocinhas, viúvas e as solteironas” (MORSE, 1954. p.229)¹⁵. Publicado no mesmo ano em que a cidade comemorava o IV centenário de sua fundação, a obra de Morse fez parte de um grande número de publicações que buscavam observar a história pregressa de São Paulo para embasar as projeções da grande metrópole¹⁶.

No campo específico dos estudos em Arquitetura e Urbanismo, observam-se as publicações advindas das análises realizadas pelo grupo técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). A partir da década de 1930, o grupo produziu estudos sobre as obras de arquiteturas brasileiras (entre elas as de caráter religioso) anteriores ao período republicano, contribuindo para os estudos do desenvolvimento da cidade. Na *Revista do Patrimônio Histórico*, mesmo que não houvessem análises mais aprofundadas sobre as ações da instituição católica no período, percebem-se levantamentos e análises (textos, fotografias, croquis e desenhos técnicos) de igrejas; capelas e demais patrimônios católicos do período colonial, possibilitando assim, se não o tombamento de tais edificações, a preservação de suas memórias. Em relação ao patrimônio religioso em São Paulo, localizam-se os artigos de Mário de Andrade; Nuto Sant’Anna e Luís Saia no Volume 01 (1937) e os artigos de Lúcio Costa e Sérgio Buarque de Holanda no Volume 05 (1941)¹⁷.

22

A produção de estudos acerca da história da cidade e urbanismo de São Paulo foi inserida no debate acadêmico do campo disciplinar de Arquitetura e Urbanismo a partir da década de 1970, com a criação dos programas de mestrado (1971) e doutorado (1980) da FAU/USP. Em estudos mais sistemáticos do processo de urbanização da cidade e estado de São Paulo, Nestor Goulart

15 Todavia, destacando a intensa atuação e a influência do protestantismo na classe média, o autor apontou certa reação da Igreja Católica através dos programas de “ação social” onde patrocinou associações operárias e por intermédio da Liga Eleitoral Católica. Além disso, destacou o aumento do ensino confessional católico, observando a criação, em 1946, da Universidade Católica de São Paulo (atual PUC-SP), com as faculdades de Direito, Ciências, Letras, Engenharia e de Jornalismo.

16 Entre obras especialmente encomendadas para a ocasião, Ana Castro (2013) destacou os três volumes escritos por Ernani da Silva Bruno intitulados *História e Tradições da cidade de São Paulo* (1954), que auxiliaram a consagrar imagens da cidade (visto em expressões como: “arraial sertanista”; “burgo de estudantes” ou “metrópole do café”).

17 Respectivamente, os textos dos autores citados: Volume 01 (1937): *A Capela de Santo Antônio* (p. 119); *A Igreja dos Remédios* (p.127); *O Alpendre nas Capelas Brasileiras* (citações das Capelas de S. Miguel, Guarapá e sítio Santo Antônio) (p. 235). Volume 05 (1941): *A arquitetura jesuítica no Brasil* (citações das Capelas de Carapicuíba, Voturuna, S. Roque, S. Miguel, Embu e Pátio do Colégio) e *Capelas Antigas de São Paulo* (São Miguel, Carapicuíba, Embu, São Roque, Voturuna) (p.105).

(1992)¹⁸ destacou obras como de Carlos Alberto Cerqueira Lemos (1973 e 1983); Benedito de Lima de Toledo (1981); Maria Cristina da Silva Leme (1982); Murilo Marx (1983); Rebeca Scherer (1987); Marta Dora Grostein (1987) e Maria Ruth Amaral de Sampaio (1987) que buscaram observar o processo de urbanização em São Paulo como suporte material das relações sociais, políticas e econômicas vividas pela cidade. Nessa perspectiva, incluiu também a dissertação de mestrado de Sarah Feldman defendida na mesma instituição (1989): *Segregações Espaciais Urbanas: a Territorialização da Prostituição Feminina em São Paulo*, onde a pesquisadora analisou a cidade pela chave da segregação espacial.

Em continuidade com essa produção, são verificadas pesquisas que perpetuaram os estudos da cidade pelas chaves da institucionalização do urbanismo e implementação da ideia do “plano global” para a cidade¹⁹; do início do processo de verticalização²⁰; do crescimento dos fluxos migratórios internos²¹; do crescimento extensivo da área urbanizada²² e da instalação de uma universidade de primeiro nível²³. Meyer (1991) e Arruda (2001) apontam os meados do século XX como o período de emergência de São Paulo como metrópole, processo que culminaria nas festividades do IV centenário de fundação de São Paulo, onde a cidade assumiu seu protagonismo no cenário cultural, assim como na sua arquitetura, urbanismo e paisagismo.

23

No que diz respeito à construção da cidade, a primeira metade do século XX vem também sendo tratada na literatura especializada a partir de algumas chaves recorrentes. Leme (1990); Meyer (1991); Toledo (1996); Campos (2000); abordam a progressiva construção de um arcabouço de conceitos sobre

18 FILHO, Nestor Goulart Reis. O Campo da Arquitetura e Urbanismo in *Os Campos do conhecimento e o conhecimento da cidade: Cadernos de História de São Paulo*. Vol. 1. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1992. pp. 37 – 44.

19 TOLEDO, Benedito Lima de, *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. 1. ed. São Paulo: Associação de Cimento Portland, 1996; CAMPOS, Candido Malta, *Os rumos da Cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Ed.Senac, 2000. pp.393 – 440; LEME, Maria Cristina da Silva, *ReVisão do Plano de Avenidas*, Tese de doutorado (São Paulo: FAU/ USP:2000).

20 SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo 1920 – 1939*. São Paulo: Studio Nobel, 1997 e MARINS, P. C. G; ALVIM, Z. (Orgs.). *Os céus como fronteira - a verticalização no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Grifo, 2013.

21 BAENINGER, Rosana. *São Paulo e suas migrações no final do século XX*. vol.19, no. 3. São Paulo: Ed.Perspectiva Jul./Set.. 2005 e MARTINE, G. *Migração e metropolização. São Paulo em Perspectiva*. Vol. 1, n.º 2. São Paulo: Fundação Seade, jul./set. 1987.

22 SILVA, Luis Octávio da. Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: a modernização limitada. in: CAMPOS, GAMA, SACCHETTA (org.) *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

23 CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2004

o urbanismo dentro do Estado, evidenciando a centralidade da figura de Prestes Maia e de seu Plano de Avenidas como estruturantes do crescimento da cidade ao longo das décadas seguintes. Tavares (2015), considerou os polos urbanos e eixos rodoviários como elementos estruturantes da organização territorial do estado de São Paulo e que, orientados pela lógica da atividade industrial, constituem uma região qualificada para o desenvolvimento entre 1930 a 1960. Autores que olharam para a ação pública no urbanismo sob a perspectiva das desigualdades sociais foram Rolnik (1997) e Villaça (2001). Eles relatam o período como de reconstrução das desigualdades sociais no território da cidade com participação ativa do Estado, em que há a instituição de um quadrante de elite no vetor Sudoeste da cidade. A leitura de Bonduki (2004) mostra o Estado como empreendedor de habitação social.

24

Procurando compreender a construção da cidade a partir da ação de agentes privados. Falbel (2003) e Silva (2010) observam as transformações da cidade na chave dos arquitetos empreendedores e das incorporadoras, como mediadores entre a legislação, o gosto da clientela e valores estéticos. Wolff (1998); Mangili (2009); mostram a ação dos loteadores na transformação de terrenos em bairros, seja para as elites ou classes médias. Piccini (1999) trata do surgimento de cortiços na reestruturação do centro urbano de São Paulo. Blay (1985), descreve os industriais como construtores de cidade, com a implementação de indústrias e vilas operárias. A incidência de grupos específicos sobre o desenho e o funcionamento do território é elemento colocado por Feldman (2011), Lanna (2011) e Fantin (2013). A literatura consagrada que tratou sobre a construção da cidade olhou, portanto, quase exclusivamente para os processos laicos e seculares. Selecionou, em geral, a parte modernizante da existência profissional dessas personalidades.

O conjunto de estudos que se propuseram a entender tais transformações, em grande medida, acabaram igualmente colocando em segundo plano as ações da Igreja Católica como motor de urbanização da cidade de São Paulo no século XX. É na observação da crescente complexidade — na análise da incidência de múltiplos agentes e instituições — e no permanente processo de retorno às motivações que nortearam a produção da cidade no passado que se estabelecem as chaves de compreensão do território. Conforme Jean Louis-Cohen, “o grande lance com a pesquisa é que os acadêmicos revelam que as questões periféricas são, na verdade, centrais”²⁴.

24 Entrevista de Louis-Cohen à revista *Wish*, outubro 2013, p. 49

Nesse sentido, ao voltarmos nosso olhar para o objeto desta pesquisa, observamos o decreto do Papa Pio X de 7 de junho de 1908²⁵ que oficializou a criação da Arquidiocese de São Paulo, tendo como gestor dom Duarte Leopoldo e Silva. Em sua gestão, o novo arcebispo estabeleceu normas de organização da Igreja em São Paulo, com “a divisão racional e ampla da diocese, que a tornasse mais prática, mais governável” (SOUZA, 2006.p.104) e com a construção de edificações a serviço da instituição. Dessa maneira, o território paulista foi dividido em 5 regiões diocesanas, resultando na redistribuição das paróquias existentes onde, sob a jurisdição direta da Arquidiocese de São Paulo, restaram apenas 45 paróquias e 1 curato. Em 1924, a arquidiocese passou por um segundo momento de divisão, com a instalação de mais sete dioceses e a fundação de novas paróquias que pudessem assistir às necessidades da instituição.

A partir da década de 1939, com a chegada de dom José Gaspar D’Afonseca e Silva (segundo arcebispo de São Paulo), verifica-se um hiato em relação à difusão das novas dioceses²⁶. Nesse momento, a atenção acerca do processo de territorialização mudou de foco, sendo transferida para a criação de novas paróquias, em especial, no município de São Paulo. A intensificação dos esforços da arquidiocese nas instalações de paróquias nos indica um movimento de aprofundamento das estratégias iniciadas na gestão anterior. Tais ações, para além de apontar a reorganização interna da instituição perante ao processo de secularização, nos atenta também para um esforço em construir uma cidade nos parâmetros de sua própria realidade.

Concomitante as transformações urbanas características de São Paulo do início do século XX, os agentes religiosos buscaram analisar estrategicamente o território, demarcar pontos, construir símbolos e edificações, reafirmar materialmente sua presença na cidade. Assim sendo, a presente tese propõe observar o processo de transformação da cidade de São Paulo, considerando as propostas e os impactos das ações da Igreja Católica na cidade, empreendidas por seu braço executivo: a Arquidiocese e seus colaboradores. Tem como intuito contar a história da cidade e do urbanismo em São Paulo a partir de atores sociais religiosos, em atividade em pleno período republicano, problematizando assim a própria história do urbanismo na cidade e a

25 Papa Pio X (Giuseppe Melchiorre Sarto) foi o 257º papa da Igreja Católica e teve sua gestão entre os anos de 1903 a 1914.

26 Segundo Rosendahl (2014, p.123), o processo é retomado a partir de 1944 com a criação da diocese de Piracicaba e permaneceu até 1990 com a criação da diocese de São Miguel Paulista. O curto tempo de Dom José Gaspar à frente da Arquidiocese de São Paulo se deu devido à sua morte repentina em acidente aéreo ocorrido em agosto de 1943, dando lugar a seu sucessor Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, que tomou posse em setembro de 1944.

narrativa tradicional que define como percurso inexorável a transição do sagrado ao profano que as cidades executam ao longo da história.

Olhar para esse mesmo território e esses mesmos agentes sociais a partir das lentes religiosas nos demonstra uma realidade de grande organização e autoconfiança dos setores conservadores. Nos ajuda a entender também momentos como o atual, onde os conservadores assumem a frente da política, que acabam sendo vistos pelos segmentos não conservadores como uma onda avassaladora que surge de surpresa. Considerar esses segmentos, portanto, é fundamental para nos prepararmos para o que, aparentemente, se apresenta: os segmentos conservadores estarão sempre conosco, não são resquícios de um passado fadado a desaparecer.

26

Para compreendê-los como agentes do urbanismo e analisar o processo de organização, reorganização e demarcação do território eclesiástico paulista, proponho a categoria **Urbanismo religioso**. A categoria tem em vista explicitar os interesses e ações dos diversos agentes religiosos (e apoiadores) que possibilitaram a materialização dos planos orquestrados pela alta hierarquia católica paulista, no período de 1908 (fundação da Arquidiocese de São Paulo) a 1943 (fim da gestão de dom José Gaspar). A hipótese é a de que as ações empreendidas pela instituição no período, não se trataram de um fenômeno direcionado apenas ao movimento de reestruturação interna da religião em São Paulo. Com efeito, tais ações ilustraram a tentativa complexa e organizada em se construir uma cidade baseada nos preceitos e valores católicos, em suma, a tentativa de materializar um urbanismo pautado pela chave da religião.

A categoria de análise **Urbanismo religioso** problematiza a ideia de que o movimento dos agentes religiosos em intervir e construir espaços na cidade advém, única e exclusivamente, de um processo de implementação, ou mesmo fortalecimento, do sistema hierárquico, administrativo e proselitista próprio da instituição. A categoria abre a possibilidade de se pensar religião também como um sistema produtor e transformador de espaços urbanos, que, baseado em uma lógica própria, busca a articulação de profissionais, de interesses, de negociações e por consequência, apropriações e reapropriações no território, embates e relações de forças. Possibilita entender, que tais agentes pensam e produzem outros significados para os mesmos espaços que também são disputados por agentes não religiosos. Busca, portanto, contribuir nos estudos referentes ao urbanismo com uma nova camada para se entender a complexidade própria do urbanismo, da urbanização e da urbanidade em distintos contextos geográficos, sociais e históricos.

Não se trata aqui de afirmar que as religiões constituem necessariamente um conjunto de estudos que configuram um campo de conhecimento específico relacionado às questões urbanas, ou mesmo, um corpo de profissionais especializados (urbanistas) para este fim²⁷. Se por um lado, a ideia de urbanismo como disciplina e campo de atuação específica surgiu como “o conjunto de práticas relativas à transformação do território, aos sujeitos que as promovem, às técnicas utilizadas, aos resultados obtidos e às novas transformações induzidas por estas práticas” (CALABI, 2012. p.21 – 22); por outro lado, a categoria aqui proposta, observa que o urbanismo não se restringe a uma disciplina ou a uma forma de atuação disciplinar tradicionalmente compreendida pela chave laica. Esquadrinha, portanto, agentes religiosos que direta ou indiretamente influenciaram, na chave dos seus valores sagrados e religiosos, o mecanismo estatal que conduziu as diretrizes e decisões que configuraram partes da cidade, assim como o respectivo grupo de profissionais responsáveis para o mesmo fim.

Consoante a perspectiva proposta pelas pesquisadoras Ana Castro e Joana Mello de Carvalho e Silva (2016), a categoria observa as especificidades do campo da arquitetura e urbanismo como objetos de estudo da história. Abarca, assim, uma multiplicidade de abordagens e interpretações no intuito de se entender a cidade observando-a “dentro de um sistema que [a] engloba e, ao mesmo tempo, analisando [ela própria] como um sistema cujos elementos ganham sentido uns em relação aos outros” (LEPETIT, 2001, p. 56). Na chave da interdisciplinaridade (LE GOFF, 1990), busca-se uma compreensão sistêmica da cidade, tendo em vista que a história da cidade e da arquitetura é continuamente reconstruída por meio de problemas, escolha de escalas, pontos de vista e possibilidades de conhecimentos (CASTRO E SILVA, 2016. p.12).

A categoria proposta considera também as reflexões de Ulpiano Bezerra de Menezes (1996) que observa a cidade como um ser social. Sendo assim, deve ser entendida como algo socialmente apropriado e produzido (artefato) por forças diversas (econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais, culturais, em constante tensão) e apresenta-se como produto deste campo de forças nas suas configurações e nas práticas que ele pressupõe. Práticas sociais,

27 Mesmo que, no período contemporâneo ao arco temporal da pesquisa, seja possível observar a atuação do padre dominicano Louis-Joseph Lebret no Brasil e da Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicada aos Contextos Sociais (SAGMACS), no final da década de 1940. Na pesquisa de Cestaro (2015), observa-se o ideário de Lebret vinculado ao movimento Economia e Humanidade e as concepções desenvolvidas pela SAGMACS, como forma de entendimento e criação de soluções para os problemas e questões urbanas, apontam para contribuições resultantes no contexto dos estudos do urbanismo e planejamento regional no Brasil.

que além de produzir artefatos (e também reproduzir-se neles) são orientadas pelas representações sociais que dão “conta da complexidade da imagem (imaginário, imaginação), sendo igualmente capaz de incorporar outros ingredientes, como conhecimento imediato, esquemas de inteligibilidade, classificações, memória, ideologia, valores, expectativas.”(p.149).

Em outras palavras, o **Urbanismo religioso**, mesmo sendo uma categoria de análise que é constitutiva do urbanismo — pois em inúmeros momentos necessita dos diversos estudos e práticas advindas desses agentes especializados — possui em si uma forma de operação própria para efetivar os diversos planos de materialização sob a chave do sagrado, que pode (e deve) ser problematizado em seus próprios termos.

Nesse sentido, pela chave de leitura do **Urbanismo religioso**, viso observar as agendas, motivações e interesses da instituição católica (como instituição global, nacional e regional) e seu poder de articulação junto aos leigos mais próximos da hierarquia eclesiástica (com apoio de suas redes de relações sociais, profissionais, políticas e culturais). Em paralelo, investigarei o grupo “ordinário” de fiéis católicos, que dispersos na cidade, auxiliaram em grande medida a efetivar a materialização e manutenção das edificações religiosas que marcaram e compuseram a face da arquidiocese paulista. Tais grupos e suas respectivas ações puderam ser demonstradas em um grande certame realizado em 1942 (IV Congresso Eucarístico Nacional) que, em linhas gerais, aspirou ser vitrine e instrumento para uma re-sacralização da cidade nos termos do catolicismo romano, e que nesta tese será também analisada.

28

A tese se insere no debate acadêmico que visa salientar o poder de agência do clero e fiéis, assim como, sua inter-relação com políticos e intelectuais, buscando desvelar os embates em torno de usos, apropriações e transformações (entre o sagrado e o profano) no espaço urbano de São Paulo. No bojo das pesquisas produzidas sobre o tema, Caponero (2014), analisa as festas públicas no espaço urbano de São Paulo (entre 1711 a 1935) constatando que, mesmo com a não obrigatoriedade da realização das festas religiosas frente ao processo de laicização, tais eventos não deixaram completamente de compor e transformar a paisagem urbana. Canado Júnior (2014), ao observar a reconstrução do conjunto arquitetônico jesuítico do *Pátio do Colégio* (entre as décadas de 1940 e 1970), buscou abordar controvérsias de agentes sociais defensores e críticos da reconstrução e o teor dos argumentos para perscrutar as funções sociais e valores imputados ao processo. Fabricio Forganés Santos (2021), investiga a presença da comunidade negra no urbanismo da cidade de São Paulo (entre os anos de 1775 a 1916) a partir das igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Nossa Senhora da Conceição e

Santa Efigênia e da Igreja de São Benedito; observando os templos como pontos cruciais para a construção de uma territorialidade específica do povo preto a partir da apropriação estratégica da Igreja Católica.

Ao se pensar no processo de construção do patrimônio religioso (em seus templos, patrimônios e produção artística), elenco o trabalho de Lopes (2009) que observou as transformações da arquitetura religiosa em Itu (1873 a 1916) através das reformas das antigas igrejas coloniais para a linguagem da arquitetura eclética. Lima Junior (2016) no que lhe concerne, focalizou em seu estudo o cenário da arquitetura moderna paulistana e as adaptações no entendimento e produção da arquitetura sacra católica em São Paulo, observando tipologias, estilos e produção dos templos modernos e seus respectivos arquitetos, durante o século XX. Katia Sugawara (2018) observou a produção de capelas anexas (colégios e propriedades rurais) em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre os períodos de 1895 a 2015, analisando seus espaços, materialidades e elementos litúrgicos, com intuito de observar permanências e transformações no programa arquitetônico. Por fim, Renan Treft (2021) analisou a construção de igrejas matrizes construídas em estilo Neocolonial na Diocese de Itu, a fim de avaliar a repercussão do movimento encabeçado por Ricardo Severo no decorrer do século XX.

29

O caso paulista não se apresenta como único. Tal realidade foi constatada ao me aproximar do debate acadêmico sobre a temática no contexto internacional, possibilitado através da realização do estágio de pesquisa na *Pontificia Universidad Católica de Chile* em Santiago (BEPE/FAPESP)²⁸. No período de investigação, tive acesso ao grupo de pesquisadores da *Escuela de Arquitectura*, que tratam sobre a relação entre cidade e religião católica no Chile. Observando também o papel da instituição nas transformações urbanas a partir do século XX, os trabalhos de Valdés (2002), Rosas Vera

28 BEPE — Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (Processo n.º 2019/14253-4), sob orientação da professora Dr^a Olaya Sanfuentes junto ao Instituto de História da *Facultad de Historia, Geografía e Ciencias Políticas* da *Pontificia Universidad Católica de Chile* no período de 5 de outubro de 2019 a 29 de abril de 2020.

e Pérez Villalon (2010, 2013), Hidalgo (2012) e Torres (2015)²⁹ observam as transformações urbanas na cidade de Santiago após a instauração do período republicano e o fim do padroado espanhol. A interação com o grupo me possibilitou o acesso a outros estudos que observam a relação entre espaço, cidade e religião, onde se percebe também a hierarquia católica e seus colaboradores sendo responsáveis por transformações urbanas ao longo do século XX³⁰.

Não se observa nesta tese a Igreja Católica como um bloco monolítico, considerando o que foi exposto como suas únicas formas de pensamento e ação nesse período³¹. No Brasil da década de 1930, observa-se por exemplo, a criação da Fundação Leão XIII, iniciativa da Igreja Católica sob a coordenação de dom Jaime Câmara, que tinha como objetivo reabilitar a população pobre por meio dos Centros de Ação Social (CAS). Instaladas nas favelas do Rio

29 ROSAS, J. y PÉREZ E. *La Manzana de la Catedral en el desarrollo de la ciudad de Santiago: dialéctica entre norma formal y episodio notable*. Revista 180, 2010, Nº 26, p. 16-21. ROSAS VERA, José; PEREZ VILLALON, Elvira. *De la ciudad cerrada de los conventos a la ciudad abierta de los espacios públicos: Santiago 1710-1910*. Rev. geogr. Norte Gd., Santiago, n. 56, p. 97-119, dic. 2013. SERRANO, Sol. *Espacio público y espacio religioso en Chile republicano*. Teol. vida, Santiago, v. 44, n. 2-3, p. 346-355, 2003. HIDALGO, Rodrigo et al. *Localización de la infraestructura católica, dinámicas socioterritoriales y geografía de las religiones: el caso del Área Metropolitana de Santiago de Chile*. EURE (Santiago), Santiago, v. 38, n. 115, p. 47-72, sept. 2012. TORRES, Mirtha Pallarés; *La Arquitectura Religiosa En Santiago De Chile 1850–1950: razones de las reminiscencias góticas*. 2015. Tese de Doutorado. Universidad Politécnica de Madrid. VALDÉS, I. *¿Obstáculos o factor de desarrollo? Rol de los conventos en desarrollo de tejido urbano*. En: ANSART, S. *Arquitectura y cultura en el Santiago de Ansart Santiago*. Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, Escuela de Arquitectura, 2002.

30 AL SAYYAD, Nezar e MASSOUMI, Mejjan (eds), *The Fundamentalist city: religiosity and the remaking of urban space*. New York: Routledge, 2011. PARK, Chris. *Sacred worlds: an introduction to geography and religion*. London: Routledge, 1994. STUMP, Roger W. *The geography of religion: faith, place and space*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2008. Ainda na América Latina observam-se estudos como no México: ENRIQUEZ LICON, Dora Elvia. *La iglesia Católica en Baja California: Péndulo entre misión y diócesis. Frontera norte, México*, v. 20, n. 39, p. 7-35, jun. 2008. Buenos Aires: FERNANDEZ, Daniela Natalia; GUTIERREZ, Juan José. *Historicismo o institucionalismo: El devenir semántico de la arquitectura gótica en Buenos Aires, 1812-1929*. An. Inst. Arte Am. Investig. Estét. Mario J. Buschiazzo, Buenos Aires, v. 46, n. 2, p. 187-198, dic. 2016 e na América do Norte estudos como: Kantowicz, Edward R. *Cardinal Mundelein of Chicago and the Shaping of Twentieth-Century American Catholicism*. The Journal of American History, vol. 68, no. 1, [Oxford University Press, Organization of American Historians], 1981, pp. 52–68. Allier, Ivan. *The Roman Catholic Church: A Transnational Actor*. International Organization, vol. 25, no. 3, [MIT Press, University of Wisconsin Press, Cambridge University Press, International Organization Foundation], 1971, pp. 479–502.

31 Enquanto o grupo aqui apresentado buscava a afirmação da religião como um representante da modernidade — em uma dimensão política, intelectual e social — observa-se, por exemplo, a presença de Plínio Corrêa de Oliveira, fundador da TFP (Tradição Família e Propriedade), que percebia o território brasileiro como palco da luta contra o imperialismo nazista que era ligado ao paganismo, afirmando mais uma vez a vitória da fé católica como importante instrumento para a criação de um novo tempo, onde sua representação de nacionalidade passava, inevitavelmente, pela dimensão da fé católica. Para um período posterior, existem estudos sobre as comunidades eclesiais de base em seu papel de resistência à ditadura: BOFF, L. *Eclesiogênese: as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja* (Vol. 6). São Paulo: Editora Vozes, 1977. AZEVEDO, M. *Comunidades eclesiais de base e enculturação da fé*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986. MACEDO, C. C. *Tempo de Gênese: o povo das Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

de Janeiro, a iniciativa buscou inicialmente transformar gradativamente as favelas em bairros populares mediante a urbanização e construção de casas. O conjunto de pesquisas no campo da arquitetura e urbanismo apontado anteriormente me auxiliam a vislumbrar o grande e diversificado mosaico de ações (seja na apropriação e usos de espaços, seja na materialização de locais sacros) que fazem da Igreja Católica Paulista um agente que pretendeu construir — concomitante à outros agentes não religiosos — uma metrópole católica.

O **Urbanismo religioso** como categoria me auxiliou a organizar a tese de modo que fosse possível a leitura da pesquisa por dois caminhos: como obra única (podendo ser lida de forma cronológica), onde se observa o conjunto de ações como um plano uniforme de instalação e consolidação da Arquidiocese ou, como peças separadas, aqui organizada em três capítulos, onde cada gestão focalizou suas atividades em escalas e necessidades distintas para o mesmo fim: a construção de uma metrópole sagrada, nos termos do catolicismo romano. Portanto, a tese se estrutura a partir da criação da Arquidiocese de São Paulo no início do século XX, com a gestão de trinta anos de dom Duarte Leopoldo e Silva até o fim da segunda gestão, de dom Gaspar D’Afonseca e Silva, ocorrido em 1943, tendo como capítulo final o IV Congresso Eucarístico Nacional, como o grande evento religioso que, ao mesmo tempo em que demonstrou a presença e relevância da religião na sociedade paulista, deu novos significados a espaços de importância para a cidade criando uma lógica própria de entendimento da cidade.

Além da categoria de análise, busquei apoio no *Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo* (ACMSP). Sob direção e orientação de Jair Mongelli, pude localizar um conjunto de pastas, organizado cronologicamente, contendo correspondências e notificações — enviadas em sua maioria para o Núncio Apostólico do Brasil, sediado no Rio de Janeiro — onde se tem a comunicação tanto de dom Duarte Leopoldo e Silva quanto de seu sucessor dom José Gaspar D’Afonseca e Silva, apontando os principais acontecimentos e planos para a Arquidiocese de São Paulo no período da pesquisa³². Entre elas estão também as pastas específicas referentes ao processo de organização e execução do

32 Pastas dos Arcebispos: Pasta de Dom Duarte; Catálogo de Livros Históricos, volume I: Pasta. 4 - Bispos e Arcebispos: 4.4 Dom Duarte Leopoldo e Silva - visitas pastorais Pasta acerca da criação da Arquidiocese de São Paulo e pastas CBA – 04-03-25; CBA – 04-03-25 e CBA – 04-03-25 (1939 e 1940) ; Pastas CBA – 04-04-01; CBA – 04-04-02; CBA – 04-04-03; CBA – 04-04-04; CBA – 04-04-05; CBA – 04-04-06 (1941 a 1943).

IV Congresso Eucarístico Nacional realizado em São Paulo³³. Outro conjunto de fontes de grande importância para mapear as ações e patrimônios da arquidiocese no período foram: os *Anuários Católicos do Brasil* organizado pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais da CNBB, os *Anuários estatísticos da Arquidiocese de São Paulo*, *Anuário Eclesiástico da Arquidiocese de São Paulo* (período entre 1908 a 1945); *O Brasil Catholico: Synopse da hierarchia ecclesiastica brasileira, inclusive Ordens e Congregações religiosas* (editada pelo Lar Catholico de Minas Gerais), todos disponíveis no acervo do ACMSP.

No acervo da *Fundação Biblioteca Nacional* (RJ), na sessão Hemeroteca Digital Brasileira³⁴, foi possível localizar reportagens e artigos acerca das principais realizações da Igreja Católica em São Paulo no recorte temporal proposto. Os principais jornais que noticiaram tanto as instalações de novas igrejas, quanto o IV Congresso Eucarístico Nacional, tinham colunas, regularmente publicadas, dedicadas exclusivamente para noticiar as decisões do arcebispo, atividades pastorais, comunicados de casamentos, mudanças e posses de padres e fundações e construções de igrejas. As colunas localizadas foram: *Chronica Religiosa (Correio Paulistano)*; *Vida Catholica (Correio de São Paulo)*; *Movimento Religioso (O Estado de São Paulo)*. Além das colunas, observam-se matérias de página inteira que noticiaram a realização do IV Congresso Eucarístico Nacional.

32

Outra fonte importante foi a *Revista Acrópole*³⁵, especializada em arquitetura e editada em São Paulo entre 1938 a 1971. Lançada em maio de 1938, sob a direção de Roberto A. Corrêa de Brito, a revista trouxe em suas páginas projetos e textos teóricos produzidos, em sua maioria, por arquitetos de São Paulo, com abrangência (inter)nacional. Por se tratar de um periódico que buscava informar (e em grande medida formar) os profissionais que atuaram no campo profissional da arquitetura e construção, a *Revista Acrópole*, tornou-se uma importante fonte para a investigação para mapear algumas ações da Igreja Católica nas décadas de 1930 e 1940. Buscando organizar, analisar e problematizar o conjunto de fontes levantadas, apresento a seguir a organização dos resultados em três capítulos.

33 Pastas do Congresso Eucarístico Nacional: CBA-05-02-12, CBA-05-02-14, CBA-05-02-24, CBA05-02-25

34 Disponível no site: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>

35 Atualmente os volumes da *Revista Acrópole* se encontra digitalizada e disponível para pesquisa no site <<http://www.acropole.fau.usp.br>>

O **capítulo 1- A Construção da Arquidiocese de São Paulo: Antecedentes, estruturas, hierarquias e ações**, analisa o primeiro momento da Arquidiocese de São Paulo sob a gestão de dom Duarte Leopoldo e Silva (1908-1938). Nesse período, a cidade assumiu o papel de sede metropolitana da instituição no estado, reorganizando o seu território eclesiástico com a criação subsequente de novas dioceses. O capítulo traça os antecedentes que direcionaram as ações de dom Duarte frente à instalação da Arquidiocese, assim como observa o processo de reorganização do território eclesiástico no município de São Paulo através das transformações, realocações e demolições dos templos pré-existentes, além de mapear as novas instalações de igrejas e paróquias pertencentes à sede da Arquidiocese de São Paulo.

O **capítulo 2 - Torres na Metrópole: A criação de paróquias na gestão de dom José Gaspar (1939-1943)** observa a segunda gestão empreendida por dom José Gaspar de Afonseca e Silva, observada como uma ação de continuidade a gestão anterior. Em seu governo, observa-se o enfoque dado por dom José Gaspar no processo paroquialização³⁶ da cidade sede da arquidiocese com o intuito de ampliar e fortalecer uma rede de comunidades religiosas presentes em distintos bairros da cidade. Tal rede serviu de apoio tanto às questões espirituais próprias da religião quanto no auxílio de manutenção econômica e institucional da própria arquidiocese.

33

Por fim, o **capítulo 3 - A Grande Metrópole Católica: São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional**, volta-se para o mega evento realizado no Vale do Anhangabaú, na cidade de São Paulo, como principal instrumento de propagação da imagem de uma Igreja que – se projetando soberana e sempre presente na história da nação e na constituição do seu povo – se fazia imprimir no imaginário político-social como autêntica e mais importante religião professada no país. Nesse contexto, a ideia de universalidade da fé católica — ligada e centralizada sob a orientação plena da Santa Sé Romana — se fez presente nas ações e discursos realizados no certame, buscando demonstrar o êxito no processo de implantação do pensamento romanizado, e a celebração da consolidação de uma grande metrópole católica.

Considerando a importância simbólica própria da religião, o resultado da pesquisa é aqui apresentado através de um projeto gráfico que, para além de tornar a leitura da tese mais aprazível, foi pensado para complementar as reflexões propostas ao longo da mesma.

36 Termo utilizado por Castillo (1997) ao observar o aumento de fundações de paróquias no período Imperial brasileiro.

Nesse sentido, a capa que abre a tese é composta por crucifixos sobrepostos em um fundo verde. Os crucifixos (em sua versão latina³⁷), são observados em suas diversas variações, buscando remeter ao grande número de igrejas (com características próprias e variadas) que ao longo de meio século foram demarcando o estado e a cidade de São Paulo. O fundo verde, remete ao *Tempo comum* na liturgia da Igreja Católica Romana³⁸: período mais longo do ano litúrgico (33 e 34 semanas) onde é celebrado na sua globalidade a trajetória de Cristo entre o tempo de preparação para o Natal até o início da *Quaresma* (quarenta dias que antecedem a Páscoa Cristã). Assim como o *Tempo comum* busca estimular a reflexão e práticas dos fiéis frente aos *mistérios de Cristo* em sua plenitude, a presente tese busca demonstrar uma Igreja que, em um contexto laico e republicano, buscou se reafirmar como religião [não mais oficial, porém] mais importante da nação (por tradição e vocação), buscando no cotidiano a constante re-sacralização do território e de seu povo (com costumes e identidades).

34

Para melhor compreensão desta tese, apresenta-se a seguir um quadro que pretende explicitar de forma didática a estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana em suas hierarquias (de títulos, cargos e unidades de ação) e os seus respectivos locais de administração, cultos e representações simbólicas. Trata-se de um exercício de síntese — uma prévia apresentação — que tem como intuito a aproximação do leitor que, mesmo já tendo um certo conhecimento da instituição, não esteja familiarizado com os termos que serão articulados nesta pesquisa. Portanto, não é o objetivo aqui esmiuçar todas as camadas que constituem atualmente a instituição (tanto em sua dimensão religiosa quanto em sua dimensão política, econômica e social), mas sim apresentar de forma textual e por infográficos, os principais agentes e locais referentes ao Catolicismo Romano (seja em sua estrutura universal, seja no contexto paulista) para que a tese seja compreendida e acessível ao maior número de leitores possível.

37 Segundo Heinz (1994), a cruz é o “símbolo universal da mediação e do mediador — muito tempo antes de seu uso na linguagem simbólica cristã. Nessa linguagem, ganhou o seu significado pela morte de Cruz de Cristo — total escândalo e ignomínia para o pensamento antigo. Somente pouco a pouco é que se superou através da ideia religiosa profunda da morte expiatória a ideia contraditória de um Deus crucificado”. Sobre a **cruz latina**, o mesmo verbe indica: “cruz latina ou cruz da paixão (*crux immissa*) encontra-se geralmente no esboço de igrejas românicas e góticas.” (Verbete *Cruz*, n.p.)

38 Com o intuito em se organizar as comemorações religiosas no rito Romano, foi denominado um calendário ao longo do ano (Ano Litúrgico), organizado em tempos: *Tempo do Advento* (preparação para as solenidades do Natal), *Tempo do Natal* (nascimento de Cristo), *Tempo da Quaresma* (preparação para a Páscoa), *Tríduo Pascal* (semana santa), *Tempo Pascal* (festa da ressurreição de Cristo) e *Tempo comum* (celebração global dos *mistérios* de Cristo).

Igreja Católica Apostólica Romana

Agentes, hierarquias, territórios e construções.

Em linhas gerais, a Igreja Católica Apostólica Romana é uma organização religiosa que tem como base os ensinamentos (por obras e palavras) de Jesus Cristo³⁹, com características missionárias e universais. Segundo o Catecismo da Igreja Católica⁴⁰, a instituição se caracteriza simultaneamente por sua natureza divina (dotada de elementos invisíveis) e humana (com elementos visíveis, materializados). Subordinada ao invisível, em seu sistema de crenças, a Igreja visível corresponde tanto ao clero e aos seus fiéis batizados quanto à sua estrutura territorial e física que possibilita a difusão e consolidação da sua missão.

No que diz respeito ao clero⁴¹ observa-se uma estrutura hierárquica de títulos, dividida em duas categorias: *Clero Secular* e *Clero Regular*. O *Clero Secular* — em ordem descendente — se constitui pelo Papa (Chefe da Igreja), cardeais (Conselheiros e colaboradores do Papa), arcebispos (responsáveis pelas arquidioceses), bispos (responsáveis pelas dioceses), párocos e sacerdotes (responsáveis pelas paróquias, igrejas e capelas) e diáconos (auxiliares dos padres). Também submetido a esta estrutura hierárquica se tem o *Clero Regular* (ou Clero Religioso): religiosos que podem ou não ter a titulação de diáconos, padres, ou bispos, e que seguem as regras de uma ordem religiosa específica com sua hierarquia própria (como os Jesuítas, Carmelitas, Franciscano entre outros).

35

39 Segundo Lenzenweger (2006, p. 7): “Cada um dos autores dos evangelhos do Novo Testamento deu testemunho sobre Jesus com uma independência que a ninguém passa despercebida; mas, apesar das diferenças nos detalhes, todos supõem Jesus como base de sua fé e assim, como fundador da Igreja”.

40 Publicado em 1992, o Catecismo da Igreja Católica é um compêndio que traz os elementos fundamentais da fé Cristã. É uma obra que busca orientar os fiéis católicos e traz assuntos que explicam a doutrina católica apresentando ensinamentos da Bíblia, da Tradição da Igreja Católica e de seu Magistério.

41 Segundo o Código de Direito Canônico (CDC) de 1917, considera-se por Clero: “Aqueles que se dedicam às funções sagradas, com uma hierarquia sagrada entre eles que se subordinam. Tal hierarquia é composta por bispos, padres e ministros”. (Cân. 08)

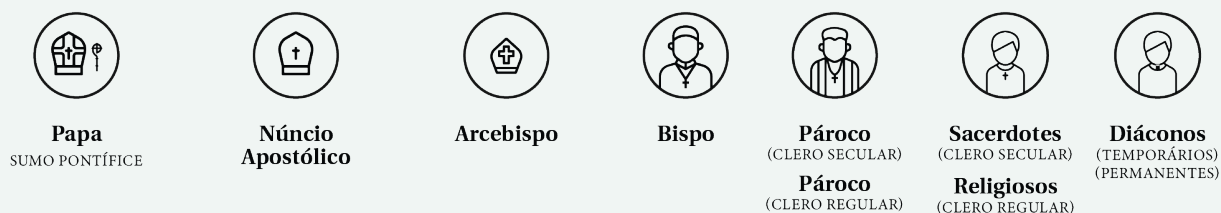


Figura 0.1 - Infográfico da estrutura hierárquica de títulos da Igreja Católica Apostólica Romana.

Autor: João C. S. Kuhn.

36

Para a gestão de suas atividades religiosas e administrativas, a Igreja instituiu ao longo de sua história territórios, marcando-os fisicamente através de símbolos (monumentos e marcos religiosos), edificações sagradas (templos) e edificações institucionais diversas (de caráter executivo, educacional, cultural e de assistência social). Em sua organização territorial administrativa, a diocese apresenta-se como uma unidade geográfica e organizacional de grande importância para a instituição, sendo ela chefiada pela figura do bispo. É pela diocese que a Igreja Católica consegue organizar suas atividades; administrar um determinado território e, por consequência, controlar a população de fiéis (efetivos e em potencial) residentes em sua área de abrangência. Em termos jurídicos, a diocese também pode ser chamada de *Igreja particular diocesana*, sendo fisicamente representada pela Catedral — templo principal onde o bispo tem sua sede (Sé) e por ela orienta e administra seu território. A diocese localizada em regiões de grandes dimensões (como metrópoles) ou de reconhecida importância histórica, recebe o título de arquidiocese que tem como autoridade máxima a figura do arcebispo e assume a responsabilidade de controle de um conjunto de dioceses de um dado território, tendo como símbolo a Catedral Metropolitana.

No caso da sede principal do Catolicismo (Diocese de Roma) se reconhece a nomenclatura Santa Sé, Sé Apostólica, Sé de São Pedro ou Igreja de Roma. Atualmente se localiza na cidade do Vaticano em Roma⁴², onde se encontra o

42 A presença da Santa Sé em Roma remonta ao período do Império de Constantino, que construiu uma igreja no suposto local onde São Pedro haveria sido enterrado. Ao longo do tempo foi sendo ampliada, tendo a atual construção iniciada por volta do século XVI. A cidade do Vaticano surgiu, como governo da Igreja Católica, oficialmente em 7 de junho de 1929, ratificado pelo acordo de Latrão (firmado entre a Santa Sé e o Reino da Itália). Fonte: Enciclopédia Católica Popular localizado <http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1943>

bispo de Roma ou Sumo Pontífice (Papa), chefe supremo da instituição. A sede administra todas as demais unidades territoriais (arquidioceses, dioceses, paróquias e locais sagrados) assim como as ações e pensamentos próprios da religião⁴³.



Figura 0.2 : Infográfico da estrutura hierárquica-administrativa da Igreja Católica Apostólica Romana.

Autor: João C.S. Kuhn.

Uma vez instituída a diocese, o bispo tem como uma de suas atribuições a divisão dos territórios em paróquias⁴⁴. A paróquia, sob a responsabilidade jurídica e hierárquica de um sacerdote (pároco), têm sua sede localizada em uma igreja própria⁴⁵ (igreja/templo) a qual é o principal local de conexão entre a comunidade de fiéis com a Igreja Católica Apostólica Romana. Assim como nas dioceses, a paróquia é responsável por um território específico (porém menor), onde o grupo de fiéis residente neste território é inserido na religião

37

43 Segundo Castro (2006, p.315), a Santa Sé Romana designa o governo central da Igreja Católica [sediado no Vaticano] e conta com a ajuda da Secretaria do Estado composto pelo Ministério do Interior e Ministério de Assuntos Exteriores; pelas Congregações para a Doutrina da fé, para as Igrejas Orientais, para o Culto Divino, para a Disciplina dos Sacramentos, para a Causa dos Santos, para os Bispos, para a Evangelização dos povos, para o clero, para os Institutos de Vida Consagrada e para sociedades de Vida Apostólica e Educação Católica. Além dos ministérios, conta com a Cúria Romana com três tribunais (Penitenciária Apostólica, Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica e Tribunal da Rota Romana), além de 11 Conselhos ou Comissões Pontifícias.

44 O Código Canônico de 1917 afirma: “[...] o território de cada diocese em partes territoriais, atribuindo a cada uma delas sua igreja própria com sua população determinada, e pondo à frente delas um reitor especial como pastor próprio da mesma para o necessário cuidados das almas” (Cân. 216§1).

45 Código Canônico de 1917 : **Cân. 1161** “Sob o nome de igreja entende-se o edifício sagrado designado para a adoração divina, sob condições tais que são usadas por todos os fiéis para o exercício da adoração pública”. **Can. 1162** “Nenhuma igreja pode ser construída sem o consentimento exposto por escrito do Ordinário local, que o vigário geral não pode dar sem um mandato especial”.

católica através dos sacramentos⁴⁶, acessam os ensinamentos catequéticos, orientações de conduta moral e participam dos rituais próprios da religião (missas, adorações eucarísticas e práticas devocionais).

Sob a jurisdição da paróquia encontram-se em ordem de importância: as igrejas não-paroquiais, as capelas e os oratórios particulares. Como locais sagrados⁴⁷ têm a função de suprir as possíveis lacunas territoriais (de assistência das atividades religiosas e controle da instituição sob os fiéis) porém, não possuem os mesmos privilégios pertinentes a uma paróquia⁴⁸. Tanto as igrejas não-paroquiais quanto as capelas podem também ser encontradas junto aos colégios católicos, sedes das ordens religiosas e demais instituições católicas (que dependendo da necessidade local ou por decisão do bispo podem vir a se tornar uma paróquia).

38 Importante ressaltar a existência das Basílicas e Santuário, templos de grande porte que se diferem por possuírem atribuições de destaque para a instituição. As Basílicas podem ser divididas em *Basílicas maiores*, como a Basílica de São Pedro (sede do papado) e *Basílicas menores*, que são templos, também de grande porte, que recebem o título por uma concessão do Papa ou da Congregação para o Culto Divino. Os Santuários, no que lhe concerne, são lugares sagrados (igrejas e outros espaços) onde, com aprovação do *ordinário*, os fiéis, por motivo de piedade, acorrem em peregrinação. Podem ser diocesanos, nacionais ou internacionais, competindo, consoante os casos, ao Ordinário do lugar, à Conferência Episcopal ou à Santa Sé aprovar os estatutos⁴⁹.

Para além do exercício pertinente ao culto próprio da religião, a igreja também demarca o espaço urbano com edificações que abrigam diversas funções:

46 Ato ou ritual destinado aos fiéis que marcam fases importantes na vida cristã católica, sendo divididos em sacramentos da iniciação (Batismo, Crisma e Eucaristia); sacramentos da cura (penitência e unção dos enfermos) e sacramentos ao serviço da missão (Ordem ou Sacerdotal e Matrimônio).

47 Código Canônico de 1917: **Cân. 1154** “Lugares sagrados são aqueles designados ao exercício do culto divino ou ao enterro dos fiéis pela aplicação do rito de consagração, ou bênção, conforme prescrito pelos livros litúrgicos aprovados”. **Cân. 1155** “A consagração de qualquer lugar, mesmo que pertencente a frequentadores regulares, é de responsabilidade do Ordinário do território em que esse local se localiza, desde que o Ordinário tenha caráter episcopal, e não o vigário geral sem mandato especial, sendo confirmado o direito dos cardeais de consagrar a igreja e os altares de seu título”.

48 No que se refere às igrejas não-paroquiais, capelas e oratórios (considerados edifícios sagrados) observa-se no CDC de 1917: **Cân. 1171** “Em um edifício sagrado regularmente dedicado, todos os ritos eclesiais podem ser realizados, salvando direitos paroquiais, privilégios e costumes legítimos; o Ordinário pode, em particular no que se refere às horas dos ritos sagrados, adotar regulamentos por um motivo justo, a menos que seja uma igreja de religião isenta”.

49 Fonte: Enciclopédia Católica Popular localizado: <<http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia>> consultado em 10 de jul. de 2020.

institucionais, burocráticas, educacionais e culturais. Neste sentido observa-se a presença de edifícios como: a Nunciatura Apostólica (representação diplomática do Vaticano), a Cúria Metropolitana (que abriga instituições que prestam serviços de ação pastoral, administrativa e judicial) e no campo da educação e cultura: seminários, escolas, universidades e museus. Portanto, trata-se de uma rede de edificações que dialogam tanto com as questões espirituais da religião, quanto com as questões temporais da sociedade em que está inserida, sendo dispostas no território de forma estratégica.

Diante ao que foi apresentado, a tese irá tratar essencialmente do processo de fundação e consolidação da Arquidiocese de São Paulo ao longo de quase meio século. Importante ressaltar que ao longo do texto a palavra *Igreja* e *igreja* aparecem com distintos significados. Na primeira grafia (*Igreja*), em maiúsculo, refere-se à instituição Igreja Católica Apostólica Romana e a segunda, completamente em minúsculo (*igreja*), refere-se ao templo (edificação). Também, para consulta e melhor compreensão do leitor, será apresentado a seguir uma linha do tempo com os principais agentes da instituição no período tratado.

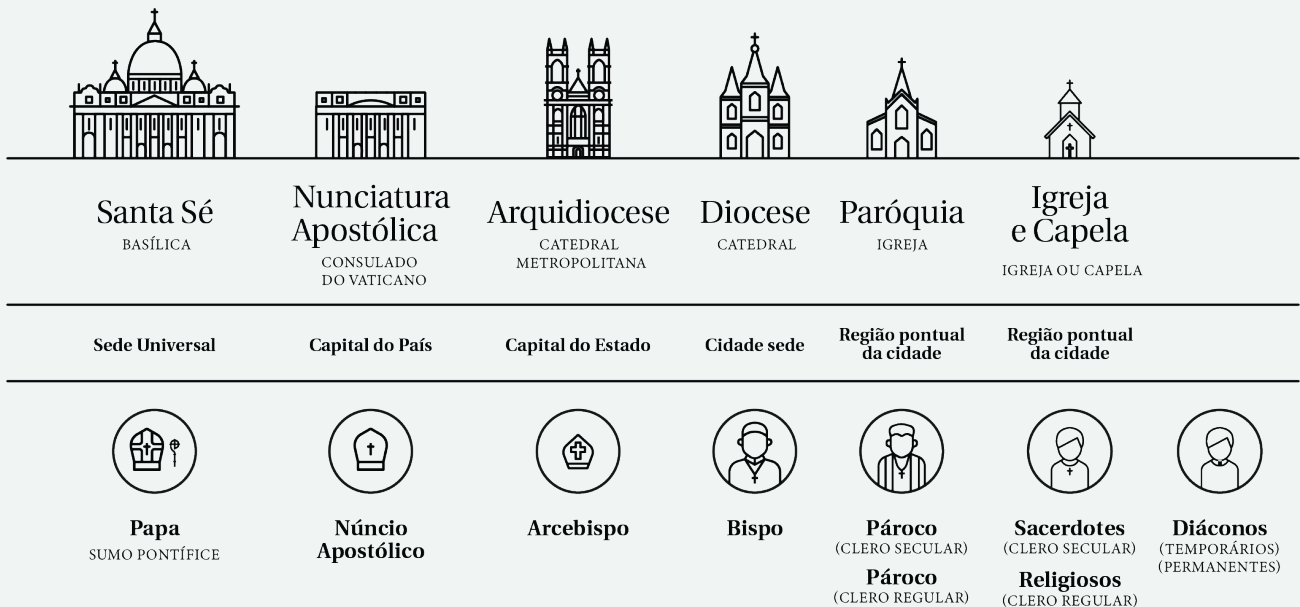
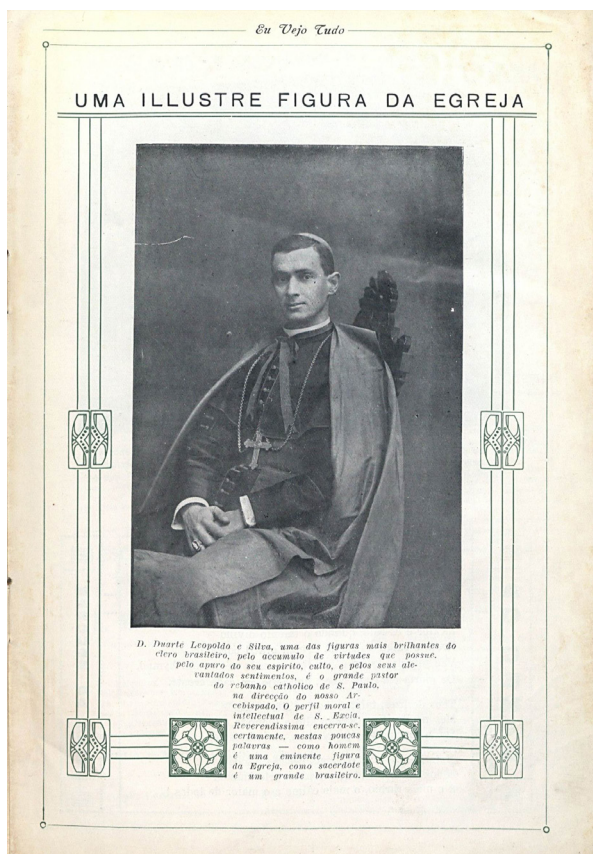
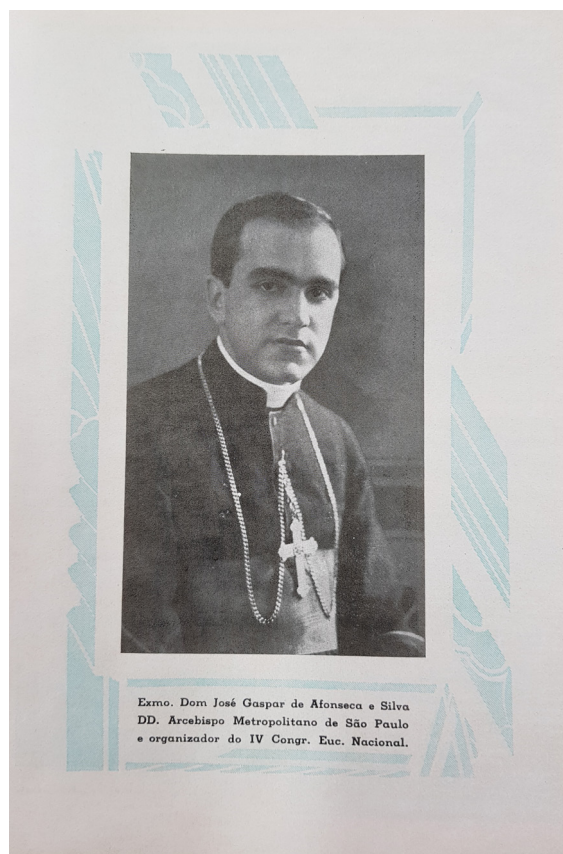


Figura 0.3 : Infográfico geral da estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana. **Autor:** João C.S. Kuhn.

**Figura 0.4**

Dom Duarte Leopoldo e Silva [1908-1938]

Fonte: Revista *Eu vejo tudo*, São Paulo, [n.p.]Nº 1: Ano 1 [s.d.]. **Acervo:** ACMSP.**Figura 0.5**

Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva [1939-1943]

Fonte: *Boletim da Assoc. Semanas Eucarísticas*,São Paulo [n.p.] Set. 1942. **Acervo:** ACMSP.

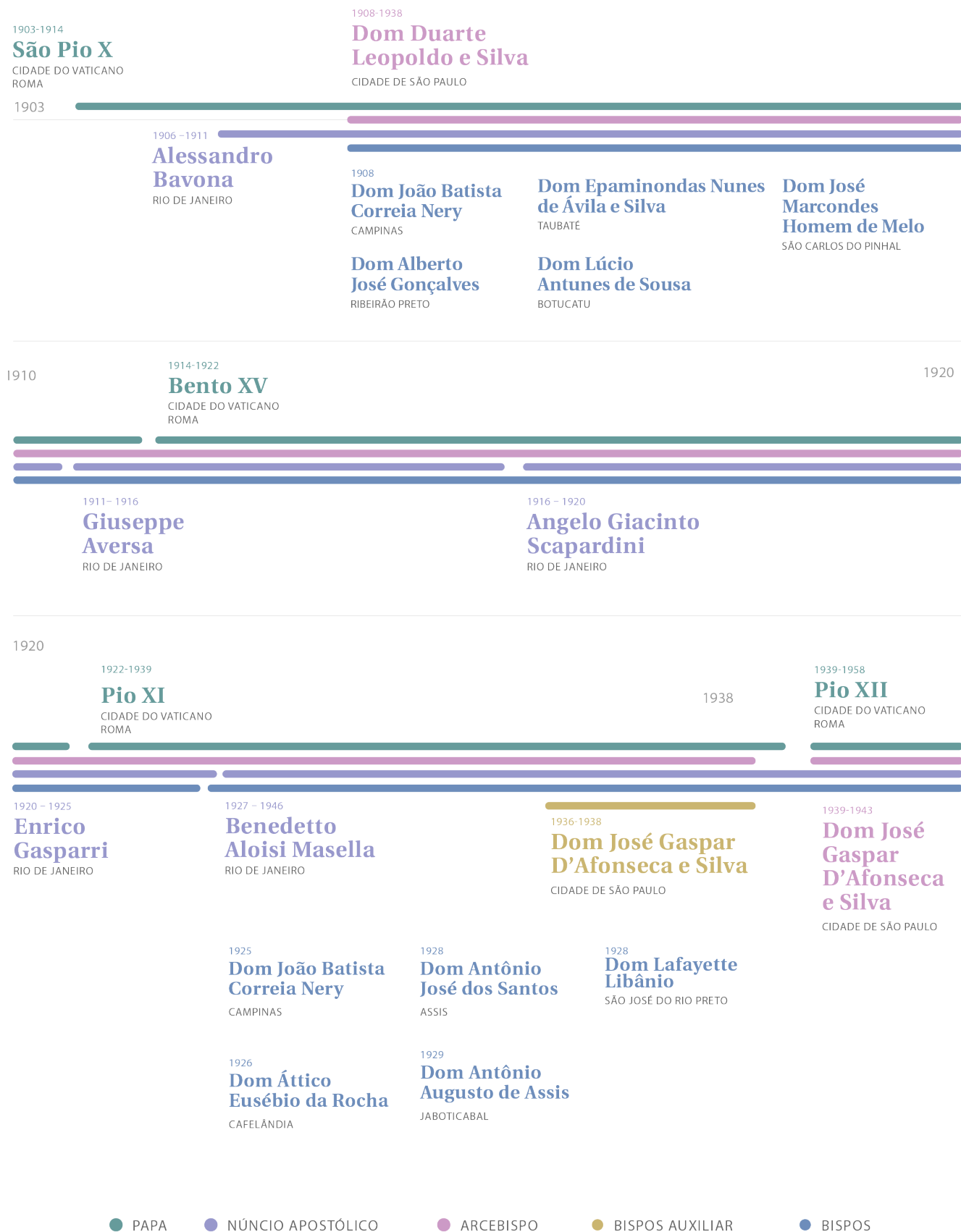
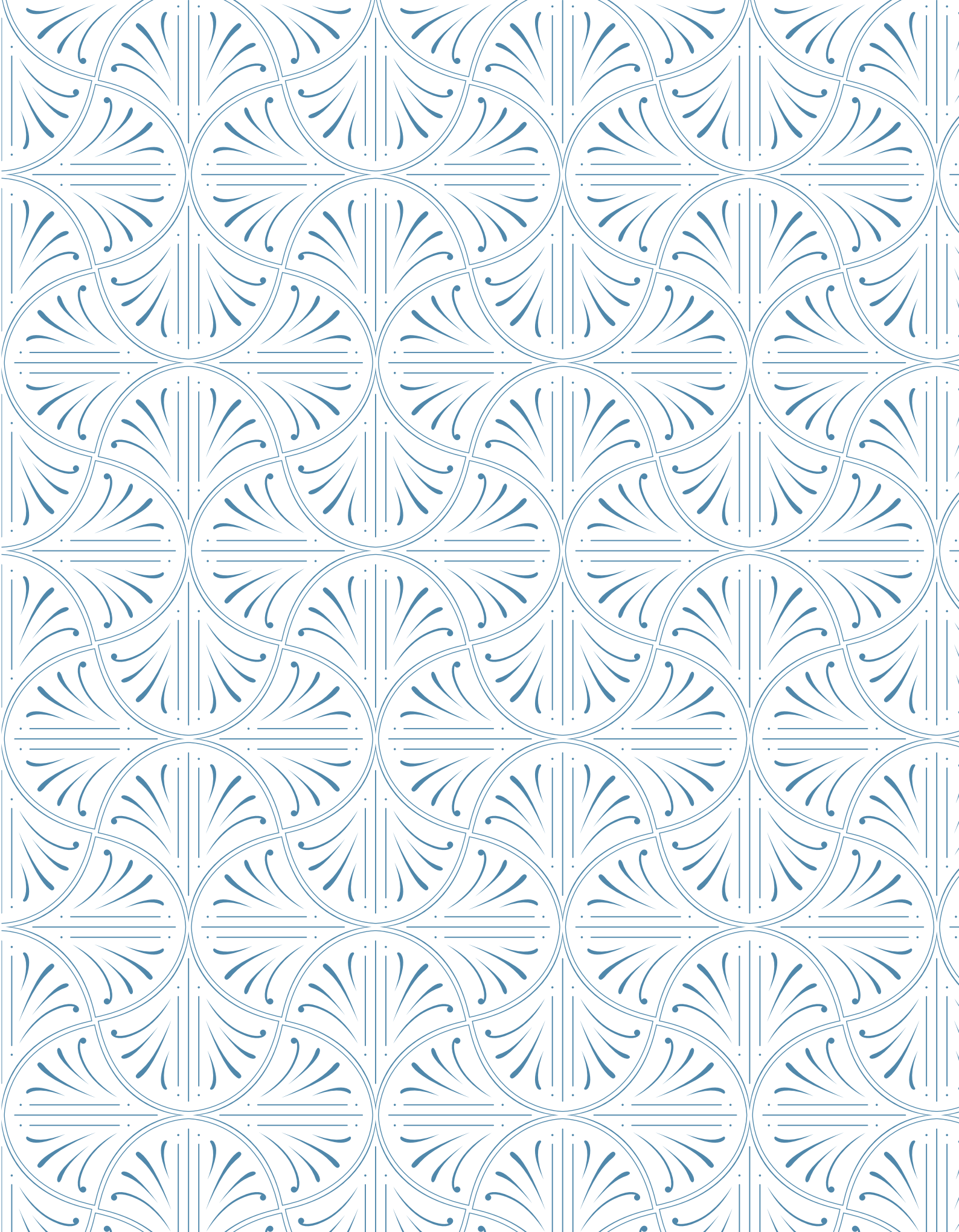
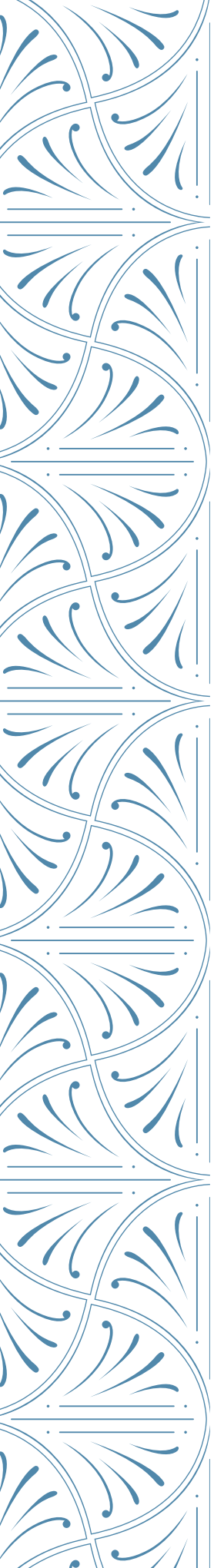


Figura 0.6: Linha do tempo com as autoridades eclesiais da Igreja Católica Apostólica Romana nas seguintes localizações: Roma [Papa], Rio de Janeiro [Núncio Apostólico], São Paulo [Arcebispo, Bispo Auxiliar] e Bispo diocesano [Estado de São Paulo]. **Autor:** João Carlos S. Kuhn.





CAPÍTULO 1

A construção da Arquidiocese de São Paulo:

Estruturas, hierarquias e ações.

A CONSTRUÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

Estruturas, hierarquias e ações.

O presente capítulo busca analisar o primeiro momento da Arquidiocese de São Paulo sob a gestão de dom Duarte Leopoldo e Silva (1908-1938). Período em que a cidade assumiu o papel de sede metropolitana da instituição no estado, reorganizando o seu território eclesiástico com a criação subsequente de novas dioceses. Como sede eclesiástica, observa-se a formação de uma rede de bens patrimoniais na cidade de São Paulo que possibilitaram tanto a gestão hierárquica e administrativa da instituição, quanto às ações de reafirmação e difusão do catolicismo na sociedade paulistana. Neste sentido, o capítulo pretende traçar os antecedentes que direcionaram as ações de dom Duarte frente à instalação da Arquidiocese; observar o processo de reorganização do território eclesiástico no estado de São Paulo através das novas dioceses e mapear as instalações de novas igrejas e paróquias pertencentes à sede da Arquidiocese de São Paulo.

45

A construção de uma nova sede metropolitana católica em São Paulo no início do século XX pode ser lida como reflexo das ações influenciadas pela política romanizadora (ultramontana)⁵⁰ e expansionista da Santa Sé, em especial na América Latina. Associado ao processo de laicização do Estado advindo com a proclamação da república no Brasil⁵¹, a Igreja Católica Apostólica Romana viu-se obrigada a se reorganizar através de reformas mais efetivas em sua

50 Implementado no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e consolidado a partir do século XX, a *política romanizadora* pode ser caracterizada como a ação direta das orientações papais em todas as questões referentes aos assuntos da hierarquia católica e seus fiéis. Para além disto, a política buscava recuperar sua autonomia sócio-política perante as ideias liberais. Segundo Romano (2007, p.11-12), no Brasil, tais tentativas de romanização da Igreja podem ser percebidas ainda no final do século XIX. Ainda no período Imperial, a Igreja vivia sob o regime de Padroado (direito concedido ao Rei de Portugal de exercer o governo religioso no reino e nas colônias), gerando conflitos entre os clérigos formados em Roma (dom Vital e dom Antônio Macedo Costa) e a monarquia. Sobre o assunto ler: CAES, André Luiz. *As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política (1872-1916)*. 2002. [s. n.]. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2002.

51 Com o Decreto 119- A, [7 de janeiro de 1890], determinou-se o fim do Padroado onde Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas e o catolicismo deixou de ser a religião oficial estabelecendo, em contrapartida, a liberdade de culto no Brasil.

estrutura interna⁵². Para preparar os clérigos para a defesa da legitimidade da instituição, a Igreja buscou combater os ataques vindos de diferentes setores sociais imbuídos de diferentes ideologias condenatórias à religião, que geravam a perda de privilégios e do crescente movimento de secularização da cultura (ROMANO, 2007, pp.9-14). Segundo Aquino (2012, p.153), a Igreja Católica iniciou assim um processo de reforma e reorganização que tinha como pontos centrais: a unidade entre os bispos, a reforma do clero, a reforma das congregações e ordens religiosas no Brasil, o controle das irmandades e confrarias, a ação missionária no interior do Brasil, a introdução de devoções europeias, a intensificação da catequese, a busca de novas fontes de arrecadação e as fundações de novos seminários para a formação renovada de novos sacerdotes.

46

Enquanto o primeiro momento da constituição republicana foi certamente uma vitória dos anticlericais nessas correlações de forças, a reação da Igreja Católica se fez presente nas suas reivindicações, resultando na negociação que ao cabo do processo "possibilitou o reconhecimento social e jurídico das diversas confissões religiosas no território nacional ao mesmo tempo em que favoreceu a ação dos donos do poder junto às instituições eclesiásticas em circunstâncias especiais para os projetos republicanos" (AQUINO, 2012, p.153). Abriu-se também, um amplo campo de relações com as diferentes confissões religiosas que oportunizaram alianças, omissões, negociações e perseguições segundo os interesses do próprio Estado (GIUMBELLI, 2008). Diante ao laicismo determinado pelo decreto 119-A, a Igreja Católica se viu livre dos entraves constitucionais característicos do sistema de padroado, ganhando maior autonomia nas decisões políticas e econômicas no interior de sua instituição. Portanto, enquanto parte da Igreja lamentava a perda da posição como religião oficial da nação, outro grupo observou este momento como oportunidade para a independência da Igreja no Brasil. Neste sentido, o processo de laicização ocorrido com o advento da república não necessariamente resultou em:

52 A partir das situações de conflito ainda na segunda metade do século XIX — com o movimento liberal e com o regalismo do Primeiro Reinado — observa-se que parte do episcopado aderiu com maior intensidade ao movimento romanizador, em questão de doutrina e governo eclesiástico, percebendo assim a necessidade da revitalização na estrutura interna da Igreja: reforçando suas instituições e aumentando seu poder social junto às populações. Outros fatores foram importantes para a intensificação dessa tensão: A Igreja em Roma, tendo a frente o Papa Pio IX, através do documento *Syllabus de Erros* (1864), condenava a ideia de Igrejas Nacionais; do domínio dos direitos civis sob os direitos religiosos e da participação de membros da Igreja na Maçonaria. Em 1870, através do Concílio Vaticano I foi declarada a Infalibilidade Papal centralizando a figura institucional da Igreja Católica universal ao papado. Tais fatos, somados com outras orientações de Pio IX, dividiram o clero brasileiro. Enquanto um grupo se mostrava radicalmente contra tais determinações, se colocando a favor da permanência do vínculo com o Império; outros membros da hierarquia se apropriaram das orientações do Papa, colocando-as em prática mesmo sem a autorização oficial do governo.

[...] uma ruptura com os grupos dirigentes locais, nem suscitou um redirecionamento das políticas e dos investimentos da Igrejas com vistas a ampliar seu público fora do espaço da classe dirigente ou a estabelecer alguma forma de atendimento às demandas de setores sociais subalternos. As figuras chave na condução da política eclesiástica destinada ao "público interno" (a saber, os grupos dirigentes) passaram a ser aqueles bispos "empresários" que se mostraram bem-sucedidos na montagem de alianças com os detentores do poder oligárquico. (MICELI, 2009. p. 26)

Sérgio Miceli (2009) nos aponta que a instituição em todo o país adotou uma "postura patrimonialista" marcada por uma política de "estadualização" da Igreja Católica, onde as tendências descentralizadoras do regime republicano proporcionaram uma maior autonomia da hierarquia católica em âmbito local e regional⁵³. A partir da instituição da república até a década de 1930, a Igreja privilegiou a criação de novas dioceses, na busca de fortalecer e materializar o poder simbólico da Igreja onde, as principais capitais estaduais acabaram sendo promovidas a sedes diocesanas que, em sua maioria, foram assumidas por representantes do clero originários de importantes grupos oligárquicos. Assim, no período de 1890 a 1930, pode-se inferir a criação de 68 novas dioceses, sendo 8 criadas na Amazônia, 18 na região do Nordeste e 42 no Centro-Sul⁵⁴. Portanto, de 12 unidades clericais existentes até 1854, o território demarcado pela Igreja passou a possuir o total de 80 dioceses.

47

Na tentativa de atender à demanda de novos grupos sociais que foram se configurando nesse período (imigrantes, operariado, classe média, entre outros), para cada nova diocese criada foi necessário a construção e reforma de catedrais e paróquias que se apresentaram como instrumentos essenciais para a manutenção e expansão da influência da Igreja Católica em diversos estados brasileiros, assim como edificações que servissem de apoio para o funcionamento da instituição. Perante o contexto apresentado, pretende-se no próximo tópico traçar um breve histórico acerca das ações realizadas pela instituição a partir do desmembramento do território do Paraná, da então diocese de São Paulo, no intuito de traçar os caminhos que influenciaram os dois momentos de divisão do território eclesiástico paulista ocorridos na gestão de dom Duarte Leopoldo e Silva.

53 Sérgio Miceli (2009) observa que a "estadualização da política expansionista adotada pela Igreja contribuiu tanto para o estreitamento dos vínculos entre os bispos e Vaticano como para o acirramento da concorrência entre os próprios prelados" (p.26). Para o autor, as redes de relações (políticas, sociais e culturais) advindas deste processo possibilitaram o "levantamento de recursos nas proporções exigidas pelo culto das despesas necessárias à formação do patrimônio diocesano" (p.27).

54 Dados obtidos no *Anuário Católico* do Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS), 2000.

Submetida ao Arcebispado do Rio de Janeiro, a Igreja Católica em São Paulo (sob o título de diocese) foi responsável por um amplo território eclesial. Desde sua criação (1745), zelou por mais de um século pelos estados de São Paulo, Paraná e parte da província eclesiástica de Minas Gerais⁵⁵. Em 1892, a diocese de São Paulo passou por um desmembramento que possibilitou a criação da Diocese de Curitiba (composta pelos territórios do Paraná e Santa Catarina) limitando o território eclesiástico paulista ao seu estado (1892 -1907). Sob a gestão de dom Lino Deodato, a diocese de São Paulo passava a ser responsável por 136 municípios e 230 paróquias, segundo o documento *ad limina apostolorum* de 1894⁵⁶.

48

Em paralelo, percebe-se também que neste período São Paulo passava por grandes transformações. No conjunto de estudos que buscaram tratar sobre o tema, observa-se uma cidade que chega ao fim do século XIX em pujante desenvolvimento, buscando assim apagar seu passado colonial para se projetar aos moldes das grandes metrópoles internacionais, em especial os de influência francesa. Nesse momento, pode-se observar o surgimento de novas edificações, assim como demolições e reformas, que pouco a pouco se tornaram símbolos de uma renovada cidade paulistana.

Concomitante a tais transformações, observa-se no seio da instituição católica em São Paulo um conjunto de ações que visavam a implementação dos ideais romanos, em especial, no que se refere à vida eclesial. O intuito foi de iniciar uma reforma interna com as ações focalizadas na reestruturação dos sacerdotes (em seus costumes, práticas e formação) “para que estes, sendo nas paróquias o prolongamento das diretrizes do bispo, levassem a toda diocese as orientações de seu pastor” (SOUZA,2004. p. 343).

55 Segundo o documento *ad limina apostolorum* de 1894, fruto da visita pastoral realizada por dom Lino Deodato. Ney Sousa (2004), ao analisar o documento, nos indica que a estrutura diocesana paulista era composta por 223 paróquias distribuídas pelos estados de São Paulo (150); Paraná (29) e Minas Gerais (44). Para a administração desse amplo território a diocese contava com cerca de 60 padres estrangeiros (em sua maioria italianos) e com a escassa presença de padres seculares que eram caracterizados com “pouco senso pastoral e pouca formação espiritual e intelectual”(p. 354).

56 O documento trata-se do relatório de visita pastoral realizada na gestão de dom Lino Deodato pelo seu coadjutor e procurador dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, localizado no *Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo* e analisada na obra de Ney de Souza (2004, p.355).

Gestão	Bispos de São Paulo	Período	Trajetórias
9º	Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho	1871-1894	Teve como Bispo-auxiliar dom Joaquim Arcoverde (1892-1894)
10º	Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti	1894-1897	Nomeado Arcebispo Cardeal do Rio de Janeiro (1897)
11º	Dom Antônio Cândido Alvarenga	1898-1903	Bispo da diocese de São Luiz do Maranhão (1876-1898)
12º	Dom José de Camargo Barros	1903-1906	1º Bispo de Curitiba (1892-1903)
13º	Dom Duarte Leopoldo e Silva	1906-1907	2º Bispo de Curitiba (1904 -1906) Elevado a arcebispo em 1908

Tabela 1.1
Lista dos bispos da diocese de São Paulo entre 1871 a 1907.

Desse modo, nos 23 anos em que dom Lino Deodato esteve a frente da diocese, percebe-se a publicação de 21 cartas pastorais (que de forma geral refletiam o grande plano de ação da sede romana para o mundo católico) e seis cartas circulares (que pretendiam aplicar tais orientações ao contexto paulista)⁵⁷. Os esforços em instruir e realinhar práticas, discursos e condutas referentes aos pensamentos e orientações de Roma puderam ser percebidos também na reestruturação do Seminário Episcopal de São Paulo (com a renovação do corpo docente e matriz curricular)⁵⁸ e na realização do *Sínodo diocesano de 1888*⁵⁹ que, ao longo do tempo, traçaram um novo modelo eclesial que

57 As descrições das cartas pastorais e circulares podem ser encontradas de forma resumida na obra de Ney de Souza: *Catolicismo em São Paulo, 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004. pp. 349-356.

58 O Seminário Episcopal de São Paulo, localizado no bairro da Luz, desde sua fundação em 1856 esteve sob os cuidados dos religiosos da ordem capuchinha (fruto de um primeiro movimento de romanização do clero paulista incentivado por dom Antônio Joaquim de Melo). A partir de 1879 passou, com a retirada dos religiosos capuchinhos, aos cuidados do clero recém-formado na mesma instituição. Martins (2006), aponta que com a direção do Cônego João Alves Coelho Guimarães (1879-1889), o Seminário Episcopal era composto por um corpo acadêmico majoritariamente por cônegos e padres com titulações advindas do Vaticano, impulsionava a difusão do pensamento romano na formação dos futuros sacerdotes. Sobre as reformas e configurações do Seminário Episcopal consultar: Martins, Patrícia Carla de Melo. *Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX*. 2006. 309 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

59 Um sínodo é a reunião do clero (podendo haver a participação de leigos) pela autoridade eclesiástica podendo ser realizado em âmbito diocesano ou de maior amplitude. Em suma, o *Sínodo de 1888* buscava alinhar os direcionamentos provenientes da Santa Sé, com o intuito de restauração e moralização das condutas do clero paulista.

pretendia se afastar das questões próprias dos poderes temporais (em geral de cunho sociopolítico) para centralizar suas atividades no trabalho religioso de maneira mais unificada e ortodoxa em todo estado.

Para o mapeamento e controle do território e das unidades religiosas dispersas pelo estado (capelas, igrejas, paróquias) as *Visitas Pastorais*⁶⁰ foram utilizadas como um “eficiente empreendimento apostólico, corrigindo vícios, exortando na fé e assegurando a catolicidade da Igreja” (SOUZA, 2004. p,352), instrumento que seria também amplamente utilizado no processo de criação da Arquidiocese de São Paulo com dom Duarte Leopoldo .

Com mandatos com menor duração, os demais bispos que sucederam dom Lino Deodato buscaram dar continuidade aos planos de romanização da diocese. Entre outras ações, dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1894-1897) se empenhou na articulação da vinda de congregações religiosas europeias (lazaristas, redentoristas e premonstratenses) para atuar no campo da educação, além de fundar a Federação das Associações Católicas no intuito de aproximar a camada leiga ao trabalho militante junto aos interesses da instituição. Seu sucessor dom Antônio Cândido Alvarenga (1899-1903) investiu seus esforços na Imprensa Católica com a produção de material impresso que divulgasse os ideais católicos romanizados em confronto com demais publicações que apoiavam o projeto republicano laico. Dom José de Camargo Barros (1903-1906), estimulou a criação do Partido Católico com apoio do laicado e realizou a solenidade de coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida no encerramento da *Conferência do Episcopado da Província Meridional* (1904). Buscou também organizar as obras de vocações sacerdotais (estimulando jovens para a formação sacerdotal em prol de suprir o escasso número de padres seculares no estado) e criou a *Liga da Boa Imprensa*, que buscava reunir os principais meios de comunicação da época para o apoio e divulgação dos pensamentos e ações da Igreja Católica em vias de romanização.

Em relação ao território eclesiástico de São Paulo, é possível observar uma primeira tentativa de desmembramento ainda na gestão de dom Joaquim

60 No Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, na pasta que se destina às ações de dom Lino Deodato, pode-se observar como ocorriam as etapas adotadas nas realizações das visitas pastorais: 1º. Anúncio da visita pastoral por carta (informando a chegada do bispo); 2º. Notificação diária das atividades da visita pastoral; 3º. Inventário de todos os objetos de culto, conservação da Matriz, descrição da igreja (altares, pia batismal, sacristia); 4º. Impressões do lugar, do seu povo e cemitério; 5º. Particularidades geográficas e históricas; assim como o patrimônio da cidade; 6º. Instruções a serem seguidas pelos padres e a aplicação na vida dos paroquianos; 7º. Despedidas e bênção do bispo, com orientações finais. 8º. Celebração de sacramentos e recolhimento estatísticos em relação aos batizados; casamentos e enterros realizados sob a responsabilidade da paróquia.

Arcoverde sendo aprofundada posteriormente na gestão de dom José Camargo Barros. A partir de 1903, cidades como Batatais, Campinas e Botucatu concorreram com pedidos ao Vaticano em prol da criação de suas respectivas dioceses. Tais tentativas:

[...] desembocaram em disputas entre essas cidades. Isso mesmo, o simples vislumbrar de novas dioceses, engendrou conflitos entre os municípios paulistas pelo prêmio de sediar uma nova jurisdição eclesial. O bispado dava *status* e poder à cidade-sede.[...] Desse modo, para as oligarquias locais, a presença de bispos no interior daria maior prestígio e legitimidade a seus governos. Já para a Igreja era essencial criar novas paróquias e dioceses para otimizar suas ações pastorais e acompanhar de perto as transformações por que passavam as cidades do interior (AQUINO,2012, p.119).

A ideia de se desmembrar a diocese de São Paulo gerava certa preocupação por parte de dom José Camargo, visto que, se por um lado, tal divisão apontaria para a otimização das ações pastorais, por outro lado, a diminuição do seu território eclesiástico afetaria diretamente nas arrecadações de rendas que auxiliavam a manutenção da própria sede. Como exemplo desses embates observa-se a carta à dom Joaquim Arcoverde (arcebispo do Rio de Janeiro) onde, supostamente, dom José Camargo apontava como um equívoco a criação da nova diocese de Botucatu⁶¹.

51

Por uma carta do Revmo. Vigário de Botucatu, acabo de saber que elle já enviou a V.Ex. Rma. os papéis relativos a criação do Bispado de Botucatu. Por essa carta vim a saber que a quantia, em dinheiro, para o patrimônio é apenas de 50 contos. A propósito da criação deste Bispado, tenho o dever de levar ao conhecimento de V. Exc, Revma. duas causas: 1º) A quantia de 50 contos em dinheiro é pouca; enquanto não houver em dinheiro um patrimônio de cem contos é imprudência crear-se a nova diocese. Fallo com a experiência que tenho de Corytiba. [...] Não se apelle para o rendimento da Cúria episcopal, porque além de haver as despesas de uma Cúria e outras, este rendimento tende a diminuir, como vae acontecendo por toda a parte. Se não se obtiver antes da criação um patrimônio, não se obterá depois, porque o Bispo que para alli for, terá necessidade de pedir para todas as outras obras da diocese. Com 250000, o Bispo não poderá viver decentemente. 2º) A criação desta diocese de Botucatu, como qualquer outra neste Estado, começa ser vista com desagrado não só pelos leigos, mas até pelos sacerdotes e pelos conegos da Cathedral. Todos deploram o desmembramento da diocese de S. Paulo. (POR UMA [...], 1904. n.p.).

61 Manuscrito de 16 de julho de 1904, localizado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, na pasta que contém documentos e cartas referentes à diocese de Botucatu entre 1904 a 1943. O manuscrito localizado apresenta-se sem autoria, porém, ao analisar as informações descritas acima e considerando a data e a informação referente a experiência vivida em Curitiba pelo autor, deduz-se que a autoria seja de dom José Camargo.

Portanto, para além de perder parte de seu território eclesiástico, e sua respectiva fonte de arrecadação, a criação da diocese de Botucatu, aos olhos de dom José Camargo, poderia gerar dívidas para a Cúria Metropolitana por não alcançar seu próprio sustento. Em meio ao conjunto de especulações em torno da reorganização territorial católica em São Paulo, se realizou em setembro de 1904 a *Conferência do Episcopado da Província Meridional* em Aparecida [SP] onde — mesmo com as preocupações de dom José Camargo — Botucatu acabou sendo eleita como futura sede diocesana. Com a elevação de dom Joaquim Arcoverde ao cargo de cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, sendo ele o primeiro cardeal da América Latina, os trâmites para a efetivação da ereção de novas dioceses foram facilitados. Ainda segundo Maurício Aquino (2012), “[...] d. José de Camargo Barros dirigiu-se ao Vaticano com os projetos de criação das novas dioceses de Botucatu, Batatais e Campinas. A Secretaria de Estado do Vaticano deu parecer favorável aos projetos” (p.121).

No entanto, no dia 4 de agosto de 1906, retornando de Roma, dom José de Camargo faleceu devido ao naufrágio do navio *Sírio* no litoral da Espanha. Tal situação, acabou por suspender as candidaturas das dioceses que estavam em andamento. Com sede vacante, sob a administração do arcebispo Paula Rodrigues, a diocese de São Paulo recebeu a indicação de um novo bispo: dom Duarte Leopoldo e Silva, que até o momento era bispo da diocese de Curitiba.

Perdura ainda e perdurará por muito tempo na memória da diocese paulopolitana a recordação pungente da perda do seu amado bispo, na lúgubre catastrophe do vapor *Sírio*, em águas de Hespanha, junto ao cabo Pallos.[...] Coberta de luto a nossa Igreja, esperávamos ansiosos saber quem seria o novo eleito, que viesse substituir o eminente e pranteado morto. Se por eleição popular tivesse de ser escolhido, não havia duvidar que dos filhos da diocese sairia elle e mais uma vez o havíamos esperar da diocese do Paraná. O novo bispo desejado, previsto, esperado pelos fiéis catholicos de S. Paulo seria D. Duarte Leopoldo, o sacerdote egregio que desta capital, ao lado do grande monumento de Santa Cecília, construiu para seu nome e para sua fama, imperecível monumento no coração de todos os que tiverem notícias de sua vida exemplaríssima. [...] O novo bispo de S. Paulo, o digno successor de D. José, é s. exa. revma. o sr. D. Duarte Leopoldo, que tem em cada paulista um amigo, em cada um dos novos súditos espirituaes um admirador das suas acristoladas virtudes (NOVO [...], 1906. p.1).

O artigo publicado no jornal *O Commercio de São Paulo* de 20 de dezembro de 1906, demonstrava a estima de parte da sociedade paulistana em torno da figura do futuro bispo. Estima construída ao longo da trajetória de Duarte Leopoldo

e Silva⁶² como membro da Igreja Católica em São Paulo, onde ingressou como seminarista pelo *Seminário Episcopal* em 1887 sendo ordenado em 30 de outubro de 1892. Como sacerdote, foi designado como coadjutor da paróquia de Jaú em São Paulo (nos anos de 1893 e 1894) e transferido no ano seguinte para a recém-criada paróquia de Santa Cecília, sendo impulsionador da construção de sua matriz⁶³, considerada posteriormente como um grande monumento da fé católica paulistana⁶⁴.

Como padre responsável pela paróquia de Santa Cecília, buscou o apoio da elite cafeeira presente na capital paulista para realizar uma reforma interna baseada nos ideais pregados pelo santa Sé. De acordo com Romano (2007): “os vínculos firmados entre Duarte Leopoldo e a elite paulista em torno da Paróquia de Santa Cecília levaram-no a ocupar os mais altos postos no interior da Igreja” (p.229). Concomitante à sua função de pároco, dom Duarte atuou no ensino dos seminaristas da capital, ministrando aulas de português e francês no mesmo seminário de sua formação.

Diante ao seu desempenho como responsável da paróquia de Santa Cecília, em 1904, o padre Duarte Leopoldo, foi indicado pelo Papa Leão XIII para assumir a gestão da diocese de Curitiba, onde permaneceu até o falecimento de dom José de Camargo. Em seu trabalho, buscou retomar com maior intensidade a prática das *Visitas Pastorais*, se aproximando das necessidades religiosas de seus fiéis através do mapeamento e manutenção dos bens eclesiais. Assim como na paróquia de Santa Cecília, dom Duarte criou laços junto às diversas comunidades de fiéis visitadas por ele — reforçando assim o caráter de Pai e Bom Pastor — e buscou consolidar alianças junto aos setores católicos das elites locais que possibilitaram o crescimento do patrimônio da recente diocese de Curitiba. Com a confirmação de sua transferência para a diocese de São Paulo se destacavam, na maioria dos periódicos da época, suas

53

62 Nascido em Taubaté em 4 de abril de 1867, foi filho de Bernardo Leopoldo e Silva e de Ana Duarte Leopoldo e Silva. Após concluir seus estudos preparatórios no curso anexo à *Faculdade de Direito* de São Paulo, ingressou na *Escola de Farmácia* anexa à *Academia Nacional de Medicina* no Rio de Janeiro, em 1884. Por motivos de saúde, interrompeu o curso no segundo ano, retornando a São Paulo para ingressar no Seminário Episcopal em 1887. (Dicionário de Verbetes FGV/CPDOC. Site: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/silva-duarte-leopoldo-e> consultado em 22 de set. de 2020.

63 Criada em 21 de novembro de 1895, a Paróquia de Santa Cecília teve sua pedra fundamental lançada solenemente em 19 de março de 1897, inaugurada em agosto de 1899.

64 Santa Cecília foi a sétima paróquia de São Paulo, depois da Sé (Nossa Senhora de Assunção - 1554), Brás (Bom Jesus de Matosinhos - 1818), Santa Ifigênia (Nossa Senhora da Conceição - 1809), Consolação (Nossa Senhora Consolação de São João Batista - 1870), Freguesia do Ó (Nossa Senhora da Expectação - 1796) e Penha (Nossa Senhora da Penha de França - 1796). No mesmo ano da criação da paróquia de Santa Cecília, foram também criadas mais duas paróquias na capital: Sant'Anna e São Joaquim (Cambuci).

qualidades administrativas⁶⁵. Em uma cidade que crescia vertiginosamente e se projetava como o centro do progresso econômico e cultural do Brasil, dom Duarte Leopoldo era apresentado como bispo ideal para a diocese de São Paulo.

Em uma diocese como a de S. Paulo, populosa, onde o progresso se manifesta por toda a parte, com a população mesclada, com uma imprensa contrária ou indiferente ao catholicismo, onde a luta é intensa e contínua, e a cultura intellectual muito desenvolvida, é preciso que continue a ser executado e até dilatado o programma episcopal de d. José, pela agremiação das forças catholicas em sociedades com tendências expansionistas, pelo estabelecimento de ensino e pela propaganda no púlpito, nas conferências, nos livros e na imprensa jornalística. D. Duarte reúne em si todos os predicados necessários e mais o de uma ilustração sólida e pouco vulgar, accrescendo a tantas felizes circunstâncias a de ser filho desta diocese, de toda ela conhecido e por todos estimados (BISPO [...], 1907. p.1).

54

Dom Duarte tomou posse em 14 de abril de 1907⁶⁶ na catedral da Sé. O novo bispo se empenhou inicialmente em dar prosseguimento aos planos de ereção das novas dioceses empreendidas pelas gestões anteriores. No mesmo mês de sua posse, dom Duarte iniciou diversas *Visitas Pastorais* nas regiões do interior do estado visando criar estratégias junto às autoridades religiosas locais e leigos colaboradores (elites e comunidade de fiéis) para angariar fundos para a constituição de seus respectivos patrimônios eclesiásticos (catedral, residência episcopal e demais edificações para o funcionamento da diocese).

Era necessário que as futuras sedes reunissem uma quantia suficiente para seu autossustento e garantissem as indenizações que seriam destinadas à diocese de São Paulo. No mesmo dia de sua posse já se anunciava, no jornal *O Commercio de São Paulo*, que o antigo boato sobre o “retalhamento” da diocese de São Paulo iria se cumprir: “segundo dizem, é vontade da Santa Sé fazer na actual diocese, com sede na capital e mais quatro bispados com sedes

65 Em artigo publicado no jornal *Correio Paulistano* observa-se: “E o que diremos da prudência, justiça e sabedoria externadas na acertada e melindrosa administração de sua diocese? O regulamento de fábrica para salvaguardar os bens das matrizes e capellas é mais uma obra de altíssima relevância e na qual d. Duarte poz em destaque a sua vasta ilustração de braços dados com a sua experiência consumada de pastor vigilantíssimo e mestre abalizado no parochiato, e que prova exuberantemente os seus relevantes dotes administrativos. E si não me tornasse importuno, faria referência também aos diversos mandamentos tão atinados como práticos encaminhados à formação de uma diocese ainda nova”. (BISPO DE S. PAULO, 1907. p.1)

66 DANTAS, Arruda. *Dom Duarte Leopoldo*. São Paulo: Ed. Sociedade Imprensa Pannartz, 1974, p.24. O jornal *O Correio Paulistano* de 16 abr. 1907 (p.1) descreveu o ato solene em que dom Duarte assumiu a administração da diocese, onde, em procissão solene, partiu da igreja de São Gonçalo em direção à Catedral da Sé, oficializando seu posto de 13º bispo.

em Campinas, Botucatu, Taubaté e Franca ou Batataes” (LAURENCE,1907. p.1). Em crítica a tal decisão, o autor do artigo, observava a divisão do território eclesiástico como um problema mediante as dificuldades que tais prelados encontrariam na sua própria subsistência (como indivíduos e administradores).

De um bom bispado vão fazer cinco pequenos e pobres bispados, sem rendas, de forma que os futuros bispos mal terão para se manter, quanto mais para realizarem os melhoramentos que hão de desejar. [...] No andar em que vamos, brevemente teremos bispos a granel, tal qual acontece com os coronéis da brava milícia (LAURENCE,1907. p.1).

O artigo supracitado nos serve de indício para entender que mesmo antes da posse de dom Duarte, aparentemente no período de vacância da diocese de São Paulo, o novo bispo já se articulava rumo à elevação do bispado de São Paulo ao posto de Arquidiocese. Não é de se estranhar, ao se analisar os principais periódicos da época, que poucos dias depois de sua posse, dom Duarte dava início às preparações acerca da divisão do território eclesial paulista. Entrecruzando os jornais *Correio Paulistano*, *O Commercio de São Paulo* e o *Paiz* (RJ) é possível mapear parcialmente a jornada realizada por dom Duarte, durante o ano de 1907.

FONTE	OCORRÊNCIAS	NOMES DESTACADOS
O Paiz (RJ) 20/04/1907 p. 05	Anúncio da visita de D, Duarte a Taubaté a fim de nomear a comissão que deve ser encarregada de angariar donativos para aumentar o patrimônio para a criação da nova diocese.	Monsenhor Miguel Martin (doação de patrimônio)
Correio Paulistano (SP) 26.04.1907 p. 03	<p>Informa sobre a situação das dioceses visitadas (bens e atividades para a instalação):</p> <p>Botucatu - patrimônio de 70 contos e não se anima para prosseguir para completar a quantia exigida.</p> <p>Campinas - conseguiu 100 contos e se esforçava para completar 220 contos.</p> <p>Taubaté - compromete-se em entregar toda quantia pedida, já tendo levantado os bens e valores doados por Monsenhor Martin, Monsenhor Nascimento de Castro, Cônego Almeida e Monsenhor João Alves. Mons. Nascimento Castro compromete-se em fazer os reparos na matriz para adaptá-la à catedral.</p>	<p>Monsenhor Miguel Martin (doação de patrimônio em testamento)</p> <p>Monsenhor Nascimento de Castro (doação de 10 contos e reparos na matriz para adaptá-la em catedral)</p> <p>Cônego Almeida (doação de 10 contos)</p> <p>Monsenhor João Alves (doação de 2 contos)</p>
Commercio de São Paulo (SP) 30.04.1907 p.02	Visita às futuras sedes de Taubaté (passagem em Aparecida), Campinas, Ribeirão Preto e Botucatu.	

<p>O paiz (RJ)</p> <p>20.05.1907 p.01</p>	<p>Chegada de d. Duarte em Ribeirão Preto para tratar da criação de sua Diocese e a formação de uma Comissão de festejos e arrecadação de fundos.</p>	<p>Comissão executiva: D.D. Edwiges Gusmão Maria Antão Mendes Conego Joaquim de Siqueira Padre Euclides Carneiro Dr. Affonso Gama, Dr. Antonio Guião Dr.Enéas Ferreira da Silva Dr. Affonso Dionysio Gama. Tenente Vicente Vicário Osório de Siqueira André Villa Lobos.</p> <p>Hospedagem de D. Duarte: Coronel Francisco Schmidt</p>
<p>Correio Paulistano (SP)</p> <p>23/05/1907 p. 01</p>	<p>Visita Ribeirão Preto onde ocorre a apresentação da comissão executiva para criação da diocese, oferecimento da residência do Vigário para palácio episcopal e a Matriz como futura catedral.</p>	<p>Sr. Eneas Ferreira da Silva</p>
<p>O paiz (RJ)</p> <p>26/05/1907 p.02</p>	<p>Anúncio da chegada de Dom Duarte no dia 03 de junho em Botucatu para tratar da criação da nova diocese.</p>	
<p>Correio Paulistano (SP)</p> <p>06/06/1907 p.02</p>	<p>Notícia sobre o telegrama de Roma comunicando a elevação para o cargo de arcebispo de D.Duarte e confirmando a criação das diocese de Campinas, R.Preto, Taubaté e Botucatu.</p>	
<p>O paiz (RJ)</p> <p>07/06/1907 p.05</p>	<p>Almoço oferecido a Dom Duarte, pelo superintendente da E.F Sorocabana em uma das paradas no trajeto de São Paulo para Botucatu.</p>	<p>Dr. Alfredo Mala.</p>
<p>Correio Paulistano (SP)</p> <p>13.06.1907 p. 02</p>	<p>Visita ao Núncio Apostolico (RJ), em companhia do cardeal Arcoverde, para tratar da criação das 4 novas dioceses.</p>	<p>Cardeal Arcoverde</p>
<p>O paiz (RJ)</p> <p>22/07/1907 p. 03</p>	<p>Visita a São Carlos e nomeação da comissão da comissão para angariar fundos.</p>	<p>D. Maria Botelho (hospedagem) Dr. Octaviano da Costa Vieira (representante da comissão)</p>

<p>Correio Paulistano (SP)</p> <p>26/08/1907 p. 02</p>	<p>Visita a São Carlos para anúncio por parte da comissão executiva sobre aquisição, por compra, de dois prédios e terrenos (situados na rua Treze de Maio, sob n. 58 e 60) para serem construídos e adaptados para o palácio episcopal e camara ecclesiastica. A compra foi feita pela quantia de 10:000\$000. (escritura lavrada)</p>	<p>Sr. Joaquim de Meira Botelho</p>
<p>Correio Paulistano (SP)</p> <p>20/11/1907 p. 04</p>	<p>Em data de 19/11, a comissão encarregada da formação do patrimônio da diocese de Campinas enviou ao bispo diocesano a quantia de 120 contos (dinheiro, títulos da Câmara Municipal, ações da Companhia Campineira de Águas e Esgotos e letras de terras).</p>	

Tabela 1.2 -Notas e anúncios sobre as diversas visitas pastorais e reuniões realizadas nas futuras sedes diocesanas que comporiam a Arquidiocese de São Paulo. **Fonte:** Jornais *O Correio Paulistano*, *O Commercio de São Paulo* e *O Paiz* (RJ) publicados durante o ano de 1907. **Acervo:** Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional [digital].

No conjunto de publicações, percebe-se que para levantar a quantia e propriedades necessárias para a formação do patrimônio de cada diocese, dom Duarte buscou consolidar uma rede de relações com influentes personalidades de cada cidade: clero, políticos, profissionais liberais e membros das elites oligárquicas de cada local⁶⁷ foram mobilizados para constituírem comissões executivas em prol de alcançar as fontes necessárias, e exigidas pelo Vaticano, para possibilitar a construção de um plano que levaria São Paulo ao *status* de Arquidiocese Metropolitana. Observa-se que o plano inicial, de criação de quatro novas dioceses, gradativamente sofreu modificação que levaria a cidade de São Carlos do Pinhal a ser considerada para compor a rede eclesiástica paulista.

As diretrizes de acumulação patrimonial e busca de alianças rentáveis junto a uma elite laica católica, ilustradas nas ações de dom Duarte, são apontadas por Miceli (2009) como importante componente para gestão episcopal neste primeiro momento republicano. Com o fim do auxílio público, antes garantido pelo regime de padroado, “os novos prelados se viram premidos pela necessidade imperiosa de regularizar as fontes de renda nas dioceses recém-criadas para que eles mesmos pudessem ostentar um padrão de vida condigno” (p.149). Em relatório destinado à Nunciatura Apostólica observa-se a descrição dos resultados

67 Entre os nomes acima citados observa-se: o apoio da alta hierarquia do clero como o Cardeal Arcoverde; Monsenhor Miguel Martin; Monsenhor Nascimento de Castro; Monsenhor João Alves e Cônego Almeida. **Membros da elite oligárquica** como D. Edwiges Carolina Dias da Costa Gusmão (esposa do Tenente-coronel e vereador Joaquim Estanislau da Silva Gusmão) em Ribeirão Preto e os **comerciantes:** Sr. Joaquim de Meira Botelho (sócio da J.S. Pacheco e Comp.) e Sr. Osório de Siqueira (Osório de Siqueira e Irmão) **Juízes e advogados:** Dr. Octaviano da Costa Vieira (Juiz de direito da comarca de São Carlos do Pinhal), Dr. Afonso Gama (Advogado), Dr. Enéas Ferreira da Silva (Advogado e vereador de Ribeirão Preto) e Dr. Alfredo Mala (Superintendente da E.F. Sorocabana).

obtidos ao longo do percurso realizado por dom Duarte em seu primeiro ano de administração. O relatório apresentou, caso a caso, a situação das futuras sedes, tendo em anexo a demarcação das divisas territoriais. As indicações foram frutos diretos das diversas ações junto aos grupos acima elencados, que serviram posteriormente como instrumento de argumentação para a criação da Arquidiocese junto à Santa Sé.

Para a Diocese de Taubaté conseguiu-se uma residência episcopal e um patrimônio de 200 contos de réis, subscrito, em sua maior parte, por Monsenhor Miguel Martins, sendo de notar que essa importância, muito provavelmente, se encontrará acrescida por ocasião da posse do futuro Bispo, graças às medidas tomadas no sentido de valorizar as propriedades que, para esse fim, me foram entregues por escriptura publica. Possui ainda a parochia de Taubaté uma optima e vasta igreja matriz que, com pouco dispêndio, poderá ser adaptada às necessidades de uma cathedral. As Dioceses de Campinas e Ribeirão Preto, além da residência episcopal, terão um patrimônio de 200 contos de reis em títulos e propriedades, e que estará inteiramente realizado até a posse do futuro Bispo. Campinas possui uma boa, vasta e bella cathedral dotada de um pequeno patrimônio; a cathedral e Ribeirão Preto, que será também um vasto e bello templo, está ainda em construcção. Nem por isso me parece conveniente retardar a criação desta última Diocese, sendo a sua primeira necessidade a presença de um Bispo que possa impulsionar o movimento religioso em uma zona que, por seu afastamento, exige maior fiscalização e vigilância. Demais, é certo que o futuro Bispo, entre outros optimos serviços, poderá concorrer vantajosamente para a conclusão da cathedral. Botucatu possui uma residência episcopal, uma igreja matriz em boas condições e facilmente adaptável às exigências de uma cathedral, um patrimônio de 100 contos de reis, parte em dinheiro, parte em prédios, o qual será reforçado com mais cinquenta contos de réis em títulos e dinheiro. Além disso, possui a matriz um optimo patrimônio em terras de lavoura, no valor superior a 100 contos de réis. A criação desta Diocese é urgente, porque abrange uma zona muito extensa e longínqua da sede actual da Diocese (SILVA, 1907. n.p.).

58

Junto à descrição das quatro dioceses previstas, dom Duarte observou ser urgente a criação de uma quinta sede em São Carlos do Pinhal que “ [...] abrangendo uma zona riquíssima, de grande futuro, que será, dentro em pouco, centro importante de lavoura e comércio” (SILVA, 1907. n.p.). Para o bispo, a não criação desta última diocese dificultaria a assistência religiosa devido à amplitude de seu território. Para não retardar a criação das demais dioceses, uma vez que São Carlos do Pinhal ainda não havia o patrimônio mínimo para sua instalação, dom Duarte propôs a sua criação sob a condição dela estar, até a constituição de seu próprio patrimônio, sob os cuidados do futuro bispo de Campinas, que se comprometeria, junto ao bispo designado para região, em despertar os interesses dos fiéis de São Carlos para levantar o necessário para seu estabelecimento.

Nos esforços de divisão e reorganização do território eclesial, observa-se que as cidades eleitas por dom Duarte estavam inseridas em territórios de grande prosperidade perante ao cultivo e mercado cafeeiro. Regiões como o Vale do Paraíba, onde se tinha um aumento na produção do café a partir de 1820 (de forma particular entre as cidades de Jundiaí e Campinas) e o Oeste Paulista, que favorecida pela imigração italiana tornou-se, a partir da década de 1880, uma importante região de expansão cafeeira; são percebidas pela Igreja como polos atrativos para a formação e consolidação de sua rede eclesiástica. Impulsionando e sendo impulsionado por tais regiões, o processo de expansão do eixo ferroviário possibilitou não apenas o rápido acesso entre a capital e as sedes episcopais candidatas, como também auxiliaram na manutenção das redes de relações cultivadas por dom Duarte. Outro ponto de grande interesse foi o rápido acesso ao Santuário de Aparecida, que por incentivo de dom Duarte, receberia periodicamente as peregrinações dos fiéis da capital paulista.

Neste sentido, observa-se a instalação de estações nas cidades de Campinas (1872) e São Carlos do Pinhal (1884) pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro; Campinas (1875) e Ribeirão Preto (1883) pela Companhia Mogiana; Botucatu (1889) pela Estrada de Ferro Sorocabana e Taubaté (1876) com a Estrada de Ferro São Paulo-Rio ou Estrada de Ferro do Norte que, absorvida pela Companhia Central do Brasil a partir de 1890, passa a atender também a cidade de Aparecida (1890).⁶⁸

Por fim, um último ponto tratado no relatório ilustrou o “acirramento da concorrência entre os próprios prelados” (MICELI, 2009. p.27) ocorrido em meio ao processo de dilatação territorial. Dom Duarte defendia a permanência do *Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida* sob a jurisdição do bispado de São Paulo⁶⁹. Na disputa pela reafirmação da Igreja Católica como religião mais relevante do Brasil, percebe-se a figura de Nossa Senhora Aparecida como um símbolo capaz de unir diferentes classes e regiões do país. Para além de uma devoção brasileira, tratava-se de uma devoção paulista. Tal fato culminou com sua coroação como *Rainha do Brasil*, em 8 de outubro de 1904. Consagrada como símbolo que reuniria em si toda a nação brasileira, a figura da santa foi apresentada não mais como negra – como era representada no período colonial – mas sim como mestiça: representante das cinco raças

68 Informações obtidas no site <<http://museusferroviarios.net.br/>> consultado em 17/03/2022.

69 Trata-se da disputa ocorrida entre dom Duarte Leopoldo e dom Epaminondas (futuro bispo de Taubaté) acerca de qual diocese deveria deter a administração eclesial do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. A questão foi analisada na tese de doutorado “A ação romanizadora e a luta pelo cofre: D.Epaminondas, primeiro bispo de Taubaté (1909-1935) de Isnard de Albuquerque Câmara Neto defendida na FFLCH/USP, 2006.

do mundo "capaz de satisfazer essa necessidade em um momento que até mesmo o governo republicano se esforçava em produzir símbolos capazes de representar a recém-fundada república e seus cidadãos" (PETERS, 2012. p.92).

Essa "Imagem Milagrosa" da "Padroeira" do Brasil tem uma cor castanho escuro, tonalidade em que interferem os cambiantes das cinco raças do mundo. É como uma mensagem anti-racista, uma proclamação do universalismo católico, que abrange todos os tipos humanos, sem predominância de uma sobre os outros. (...) É como se a "Mãe de Deus e nossa", quisesse proclamar ao mundo inteiro: esta é a Pátria formada sob as luzes do "Evangelho", que o português interpretou e realizou na obra civilizadora que se propôs, e os brasileiros continuam confraternizando com todos os povos do planeta. (IMAGEM DE NOSSA SENHORA [...], 1904)

60

Ao longo do século XX, com a devoção cada vez mais consolidada, reforçou-se o movimento que oficializou a importância da imagem para a Igreja e que a relacionaria como símbolo da nacionalidade e modernidade brasileira. No jubileu de prata da coroação solene da santa em 1929, dom Sebastião Leme (bispo do Rio de Janeiro), recebeu a autorização do Papa Pio XI para que a Santa fosse oficialmente declarada padroeira do Brasil. A solicitação foi atendida em 1931 onde, em um grande evento, a imagem foi trasladada do interior de São Paulo para a capital federal. Ao chegar à capital, a imagem percorreu em procissão por toda a cidade e seguiu em direção à Esplanada do Castelo onde lá, com a presença de uma grande concentração popular e de autoridades civis, militares e religiosas, se realizou o principal evento. A convite de dom Leme, Vargas assumiu o lugar de destaque durante a celebração. Após participar da cerimônia ao lado do bispo, pediu autorização para beijar os pés da imagem⁷⁰. A imagem da celebração solene de 1931, atualmente presente no acervo do *Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional*, demonstra a observação colocada por Miceli (2001), onde na década de 1930, "a Igreja assumiu o trabalho de encenar grandes cerimônias religiosas das quais os dirigentes políticos podiam extrair generosos dividendos em termos de popularidade" (p.128).

70 De acordo com Beatriz e Souza (2013, p. 27): "Nas áreas próximas à Esplanada do Castelo, a concentração dos populares era ainda maior. Os aviões da Marinha faziam evoluções sobre o povo que se comprimia na Praça [...] No tablado especial, junto ao altar armado na praça, Ministros de Estado e membros do Corpo Diplomático, com suas famílias. O cardeal D. Leme, iniciada a cerimônia, mandou uma comissão convidar Getúlio Vargas para ficar a seu lado.[...] Sob o aplauso dos fiéis, o Presidente subiu os degraus do altar e saudou o Cardeal. Só então a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi retirada do carro-andor por D. Duarte que a levou ao altar. Ali, ele deu a imagem a beijar a D. Leme e, em seguida, satisfazendo um pedido de Getúlio Vargas, a aproximou do Presidente que também a beijou nos pés.

Nessa perspectiva, o Santuário — para além de seu valor simbólico e religioso acima apresentado — representava também uma importante fonte de renda para o sustento não apenas para a diocese de São Paulo como também para a manutenção do *Seminário Menor*. Perante a nova divisão territorial, o templo estaria situada dentro dos limites projetados para a diocese de Taubaté, porém dom Duarte, em defesa pela permanência do santuário sob sua gestão direta alegou:

[...] não tendo a Diocese de São Paulo um patrimônio propriamente dicto, as rendas do Santuário auxiliarão a manutenção de diversas obras pias e principalmente do Seminário Menor. Os seminaristas Maior e Menor têm sido, até o presente, custeados quase exclusivamente pela capital da Diocese, ainda que muitos seminaristas sejam oriundos de outras paróquias do interior. Além disso, é de supor que, por muito tempo ainda, não tenham as novas Dioceses Seminários próprios, o que obrigará os novos Bispos a recorrerem ao Seminário de S. Paulo, para educação e formação dos seus seminaristas. Nestas condições, pede o Bispo de S. Paulo o direito de conservar sob sua jurisdição os actiaes seminaristas, aliás quase todos educados à custa da capital da Diocese, principalmente para que possa dispor de um clero competente e habilitado para a direcção de ambos os Seminários e outros ministérios indispensáveis em uma diocese tradicional (LEOPOLDO E SILVA, 1907. n.p.).

61

Com as quantias, patrimônios e justificativas necessárias para a instalação de cada diocese, em 27 de fevereiro de 1908, dom Duarte é recebido pelo Papa para demonstrar os resultados obtidos, e com isso, obter a aprovação oficial para a instalação da Arquidiocese de São Paulo.⁷¹ Em 22 de março de 1908, com o retorno do bispo, a coluna *Notas e Notícias* do jornal *O Commercio de São Paulo* publicou a positiva decisão de Roma e a resolução do caso de Aparecida.

Os nossos collegas do [periódico] São Paulo receberam um telegramma de Roma e transmitido pelo exmo. e revmo. sr. d. Duarte Leopoldo e Silva, bispo desta diocese, dizendo estar definitivamente resolvida a elevação da diocese paulista à categoria de archidiocese. Foram também creadas as novas dioceses de Campinas, Ribeirão Preto, Taubaté, Botucatu e S. Carlos do Pinhal. O Santuário Central de N. Senhora Aparecida ficará pertencendo à arquidiocese. O exmo. e revmo. sr. bispo diocesano obteve ainda da Santa Sé insígnias honoríficas para os membros do Cabido Paulopolitano, sendo também certo que s. exa. revma. será o prelado nomeado para dirigir a nova archidiocese (NOTAS [...], 1908. p.2).

71 As datas acima enunciadas foram extraídas de um conjunto de notas publicadas nos jornais *Correio Paulistano* e *O Commercio de São Paulo*, com informações da ida de dom Duarte à Roma em 21 de janeiro de 1907 e suas atividades até maio do mesmo ano.

Mediante a bula *Dioecesium nimiam amplitudinem* instituída pelo papa Pio X⁷², ocorreu em 7 de junho de 1908 a criação da Arquidiocese Metropolitana de São Paulo. Tendo como sede do território eclesiástico a cidade de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva foi então elevado ao cargo de arcebispo, tendo como diocese sufragânea⁷³, o território de Curitiba. Após quatro meses da oficialização Romana, dom Duarte Leopoldo por fim ingressou solenemente na antiga Catedral da Sé, em 11 de outubro de 1908, como 1º Arcebispo de São Paulo.

A partir de 1924, a Arquidiocese passou por um segundo momento de divisão de seu território, sendo erigidas mais sete dioceses: Sorocaba e Santos (1924); Bragança Paulista (1925); Cafelândia⁷⁴ (1926); Assis (1928) Jaboticabal e São José do Rio Preto (1929). Em censo apresentado pelo *O Brasil Católico*⁷⁵, elaborada e apresentada pelo Pe. João Baptista Lehmann, é possível localizar o *Mappa das Províncias Eclesiásticas do Brasil* (Fig. 1.1). Confeccionado pelo Engenheiro Arquiteto E. Xavier do Prado, o mapa buscou situar as principais arquidiocese e dioceses de todo território brasileiro. Com os dados obtidos pelo padre Lehmann, pode-se também observar o território ao qual cada arquidiocese e dioceses eram responsáveis após a segunda divisão de dioceses no estado.

62

Concomitante à divisão territorial da Arquidiocese de São Paulo, observa-se a intensificação das reformas e construções de edificações que dessem apoio administrativo (tanto à sede quanto às novas dioceses do estado) e permitissem que as orientações da Santa Sé pudessem ter efeito nas práticas de culto e atividades relacionadas à religião. Assim como as dioceses criadas, foi necessário que a sede tivesse em seu patrimônio edificações que representassem a grandiosidade própria de uma arquidiocese. Não apenas representar a Igreja perante sua autoafirmação pós-laicização, mas, em grande medida, se fazer notar diante do contínuo processo de modernização na tentativa de se construir uma cidade que deveria apagar seu passado colonial para assumir características de uma cidade moderna na esteira dos acontecimentos da política republicana.

72 Papa Pio X (Giuseppe Melchiorre Sarto) foi o 257º papa da Igreja Católica e teve sua gestão entre os anos de 1903 a 1914.

73 Em prática, a diocese sufragânea é responsável por um determinado território que não está necessariamente ligado territorialmente à região da Arquidiocese Metropolitana, mas está submetida à hierarquia da mesma.

74 Em 1950, a diocese de Cafelândia foi transferida para a diocese de Lins.

75 *O Brasil Católico 1935 . Synopse da hierarquia eclesiastica brasileira, inclusive Ordens e Congregações religiosas* (Elaborada e apresentada pelo Pe. João Baptista Lehmann da Congregação do Verbo Divino) Ed. Typografia e Administração do Lar Catholico - Juiz de Fora de Minas.



Figura 1.1

Mapa das Províncias Eclesiásticas do Brasil. Suplemento de *O Brasil Catholico* [1933]. Em destaque o estado de São Paulo. **Autor:** Eng. Arq. E. Xavier do Prado. **Acervo:** Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

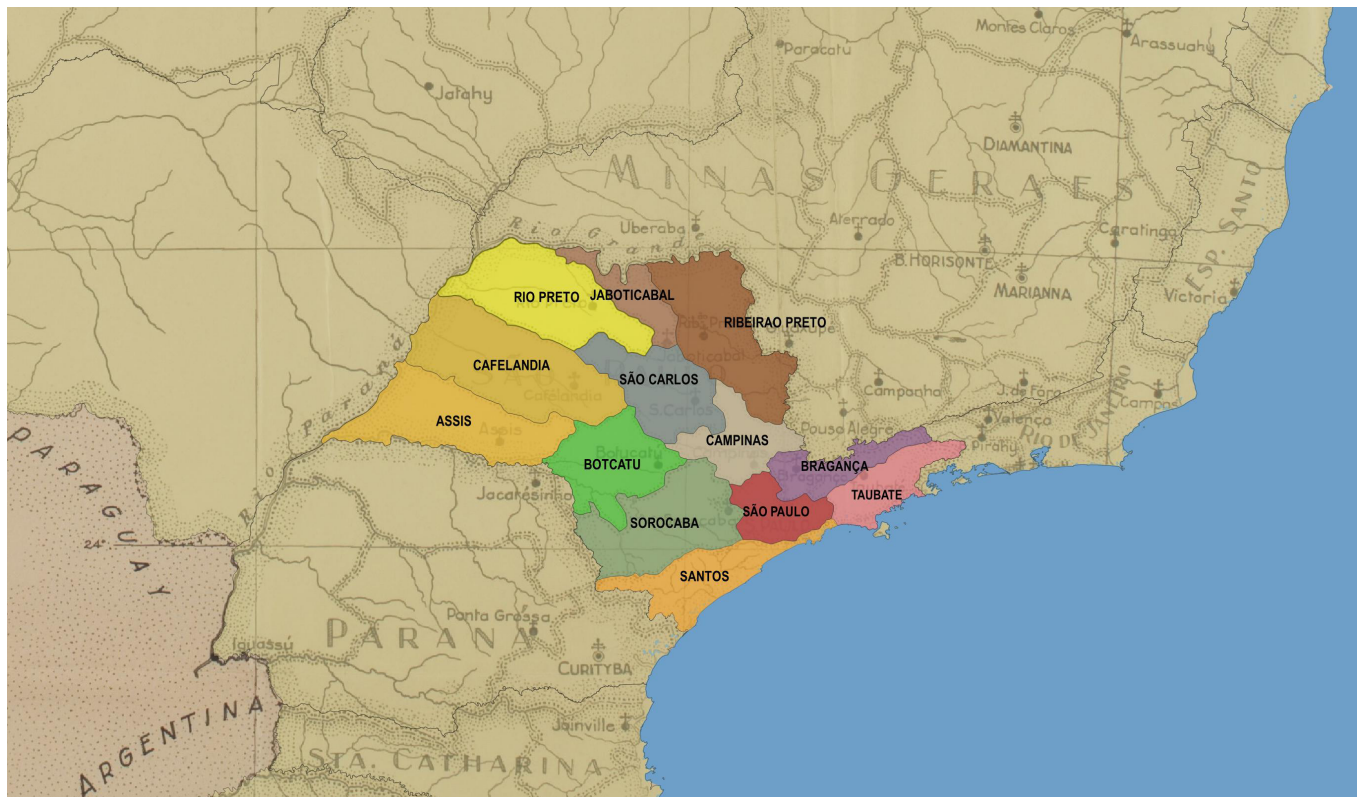


Figura 1.2 Divisão do território eclesiástico paulista: Dioceses da Arquidiocese de São Paulo a partir de 1924. [Exerto do *Mapa das Províncias Eclesiásticas do Brasil*. Suplemento de *O Brasil Catholico* de 1933]. Editado por João Carlos Kuhn.

1.2 ENTRE DEMOLIÇÕES, REALOCAÇÕES E REFORMAS: NOVOS EDIFÍCIOS PARA UMA CIDADE MODERNA.

Conforme já citado, na virada do século XIX para o século XX, a cidade de São Paulo observava a linguagem colonial barroca como um passado a ser superado. Pinheiro (2011, p.26), ao analisar o contexto brasileiro no processo de sua afirmação como nação no campo da arquitetura, observou que a partir do final do século XIX ocorreu “uma associação clara, por parte das elites brasileiras, entre valores culturais europeus e as noções vigentes de modernidade e de civilização [...] com destaque para a arquitetura” que conseguissem figurar uma paisagem urbana digna da modernidade. Nesse sentido, antigos templos católicos, que antes eram símbolos do poder religioso associado ao padroado português, tornaram-se locais pouco adequados tanto à nova paisagem moderna com feições europeias que se buscava construir em um país republicano, quanto às novas práticas de culto e devoção pretendidas pela Igreja Católica Apostólica Romana, pós-laicização do estado brasileiro.

64

A nossa Paulicea, que se vai transformando diariamente numa bella e grande cidade moderna, e cuja população é catholica na sua quasi unanimidade, ainda não possui uma igreja que, pela sua architettura, possa attrahir a attenção das pessoas que se enlevam pelo esplendor da arte. Salvo as igrejas de Santa Cecília, do Rosário e do Braz (em construcção), as outras nem mesmo se revestem da forma canonica de igrejas. Quanto à orientação, quem é que se preocupa desse objecto? Quantos são os christãos, ecclesiásticos ou leigos, que lhe comprehendem o alcance? (AS NOSSAS EGREJAS [...], 1906 p. 1).

O trecho supracitado foi publicado no jornal *O Commercio de São Paulo*, onde um autor desconhecido (provavelmente católico) observava o pequeno número de igrejas e capelas existentes na cidade como pouco dignas da “evolução architectonica da capital paulista” (p.1). Suas críticas apontavam uma certa negligência por parte da Igreja, seus fiéis e até mesmo a sociedade laica, perante os diversos templos que pouco obedeciam às orientações canônicas do universo católico romano. Iniciando com o descontentamento pela ausência de um templo dedicado ao apóstolo São Paulo (padroeiro da cidade), o autor perpassou por pontos por ele considerados erros existentes na capital: localização dos templos (que deveriam ter seu frontispício orientado para o ocidente); o aspecto exterior (sem alguma majestade e nobreza); aspecto do interior dos templos (observando os altares, púlpitos, iluminação e conforto dos fiéis) e aspectos das representações religiosas nas

artes plásticas (imagens e pinturas), convocando clero e fiéis a se ocuparem “em estudar, sob o ponto de vista da arte, as demais igrejas desta Capital” (p.1).

No entanto, o autor salvaguardou três igrejas por já assumirem as feições condizentes: a Igreja de Santa Cecília, Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a Igreja Bom Jesus de Matosinho do Brás. Em ordem cronológica, a primeira Igreja a ser finalizada foi a Igreja do Braz ou Igreja Bom Jesus de Matosinho (1903), localizada atualmente na Avenida Rangel Pestana.

A história da igreja se relaciona com a formação do próprio bairro onde, por sugestão de Leonardo Arroyo (1954), estaria provavelmente localizado no caminho que iria do bairro da Luz rumo a Penha, sendo a igreja um ponto de parada em torno da Chácara do Bispo. Foi projetado em estilo “ecclético romano” e executado inicialmente pelos Irmãos Calcagno (engenheiros), tendo apenas sua cúpula sido construída pelo arquiteto Jorge Kurg. Segundo Arroyo (1954, p.251), a nova edificação teria sido construída atrás do antigo templo do mesmo nome, em terreno adquirido por d. Maria José Paranhos Mairink (esposa do conselheiro Francisco de Paula Mairink) no valor de 8 contos de réis.

65

A Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos, edificação finalizada em 1908 no Largo do Paissandú, foi resultado de acordo entre a Irmandade dos Homens Pretos e a municipalidade que ficou responsável pela demolição do antigo templo do século XVIII, antes localizado no Largo do Rosário (atual praça Antônio Prado) e a construção, iniciada em 1904, de uma nova igreja com elementos renascentistas, barrocos e neoclássicos.

Observando a antiga edificação como “marco principal da presença urbana dos negros paulistanos”, Santos e Ghirardello (2020) apontam que no decorrer do século XIX, o local tornou-se como um importante marco da presença dos negros paulistanos na cidade. Para os autores, o processo de demolição da edificação e realocação no novo sítio fora da, então considerada, área central da cidade, “foi a contrapartida de um longo processo iniciado nos anos pós-abolição, que objetivou a expulsão da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do terreno que ocupava desde o século XVIII, devido à valorização que aquele primeiro lugar, do triângulo histórico de São Paulo, assumia” (p.231). Assim como a Igreja de Santa Cecília, a realocação da Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos pode também ser considerada como exemplar da reorganização das práticas religiosas católicas no Brasil, uma vez que proibia as celebrações características de um catolicismo popular em cumprimento

das diretrizes do Concílio Vaticano I⁷⁶.

Por fim, a Igreja de Santa Cecília, que no momento em que o autor escreveu o artigo, já estava parcialmente construída e aberta aos fiéis. Pensada para ser o mais suntuoso templo da época, a igreja foi criada em 21 de novembro de 1895, tendo sua pedra fundamental lançada em 19 de março de 1897. Em agosto de 1899, o templo foi inaugurado por dom Joaquim Arcoverde, que atribuiu a dom Duarte os cuidados tanto pela edificação, quanto por sua comunidade de fiéis. Segundo nos aponta Romano (2007), no contexto republicano, a construção foi viabilizada por donativos dos fiéis residentes no raio de abrangência da igreja e por membros da elite cafeeira⁷⁷, logo tornando-se modelo entre as paróquias da capital tanto pela atividade religiosa coerente com a reforma romana, quanto pela sua arquitetura e ornamentação.

Os processos acima apresentados nos servem como ilustração do movimento em cascata que ocorreu com as principais igrejas da capital. Nos primeiros anos de gestão de dom Duarte como arcebispo, pode-se averiguar, a partir da década de 1910, a atuação de arquitetos na reconfiguração de tais igrejas. Em função da destinação do edifício, se observa no período a adoção dos diversos estilos historicistas: o neoclássico para construções representativas; modelos pitorescos para os chalés e os quiosques e variações neogóticas e neorromânicas para as igrejas. Neste sentido Lima Junior (2017) aponta:

66

Escrever sobre Arquitetura religiosa neste momento é tocar na persistência do ideal gótico como arquitetura destinada ao ethos cristão. [...] O movimento do Romantismo contribui com a idealização do gótico para a arquitetura religiosa, despertando uma nostalgia em relação ao sentido da Arquitetura medieval em seus termos poéticos e expressivos. [...] O gótico, em sua versão neogótica, atendia muito bem a organização hierárquica e funcional da Igreja Católica anterior ao Concílio Vaticano II, o presbitério prolongado e elevado para destacar a hierarquização existente entre o lugar do clero em relação à nave como lugar dos fiéis se adapta a essas pretensões funcionais e simbólicas da Igreja. O Ecletismo vai ganhando espaço através desse revival estilístico de momentos

76 Sobre o processo de demolição, realocação e reconstrução da Igreja do Rosário dos Homens Pretos ler: Santos e Ghirardello, A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos como Monumento do Povo Negro na cidade de São Paulo. Simpósio Brasileiro Online de Gestão Urbana. São Paulo: Unesp, 2020. pp. 228-242 e Ribeiro. Do Rosário ao Paissandu: vida, identidade e auto representação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo após a abolição (São Paulo, 188-1908). Relatório científico apresentado à FAPESP (Bolsa IC). São Paulo: FCL- Assis, Unesp, 2009.

77 Segundo Romano (2007, p. 108) : “ [...] constituía-se um segmento de paulistas especiais que estavam sempre prontos a atender as necessidades que estavam acima de todos os interesses terrenos. Adivinham eles, principalmente, da linhagem dos Prados, dos Moreira Barros, dos Cintra, dos Barros, dos Souza Queiroz, dos Penteado, dos Mendonça e de outras que, igualmente, faziam parte do grupo diretamente vinculado ao grande capital cafeeiro em São Paulo.

Assim como os principais pontos que passaram por transformações urbanas e arquitetônicas na virada do século XIX para o XX, as citadas edificações religiosas foram retratadas, entre outras igrejas, nos volumes do *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo*, organizados na gestão do prefeito Washington Luiz Pereira de Souza entre os anos de 1914 a 1919⁷⁸. Segundo Mendes (2020), o álbum — organizado pelo próprio prefeito — teria sido produzido a partir da seleção de fotografias do *Álbum comparativo da Cidade de S. Paulo* (lançado pela *Photographia Americana* e de autoria de Militão de Azevedo em 1887) associado às fotografias do italiano Aurélio Becherin (1879 - 1939), que no momento, já era conhecido como fotojornalista, atuando na cobertura dos principais eventos oficiais.

Nas imagens é possível observar a transição de estilos, tendo como autores, profissionais de origem europeia como o engenheiro alemão Maximilian Emil Hehl (com os projetos da Catedral da Sé e a Igreja da Consolação); o arquiteto austríaco Johann Lorenz Madeiné (Igreja de Santa Efigênia) e o arquiteto alemão Richard Berndl (Mosteiro de São Bento). Para além do apagamento da linguagem colonial, as novas feições que cada edificação religiosa assumira, trazia consigo um aspecto de monumentalidade que concorriam visualmente com as demais edificações transformadas ou construídas para simbolizar os principais poderes civis.

67

Para além dos templos religiosos, duas edificações vinculadas diretamente ao chefe da igreja paulista e às atividades burocráticas foram realocadas: o *Palácio Eclesiástico* e a *Cúria Metropolitana*. Desde a fundação da diocese, ambos funcionavam no local denominado [atualmente] como Solar da Marquesa de Santos⁷⁹, permanecendo até o final da década de 1910 (fig.1.6). Para moradia do novo arcebispo, a Mitra Diocesana adquiriu o palacete-sede da chácara do Barão de Souza Queiróz (localizado na rua São Luiz nº 02) para

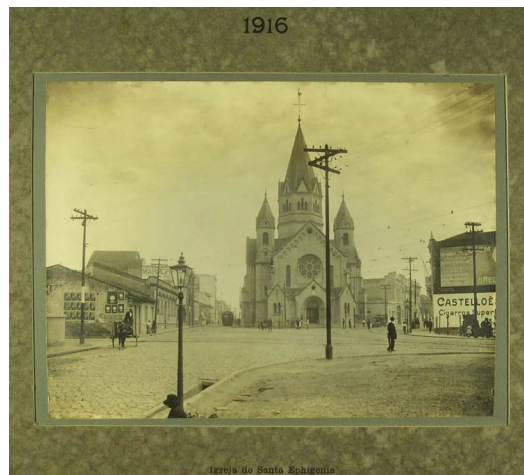
78 Mendes (2020, p.14) observa: Para além dos dois volumes iniciais do álbum, “Outros três álbuns, em dois volumes, integram o mesmo conjunto. Destes, chama a atenção a designação clara – como organizador ao “Exmo Sr.” prefeito Washington Luís, presente nas segunda e terceira publicações. A última edição apresenta a variante “organizado por autorização” do senhor prefeito”.

79 A edificação, que está atualmente localizada na rua Roberto Simonsen no bairro da Sé/SP, abriga atividades museológicas e a sede do Museu da Cidade de São Paulo. Segundo a instituição, a residência foi propriedade da Marquesa de Santos, Domitila de Castro Canto e Melo, entre 1834 e 1867. Em 1880, foi arrematada pela Mitra Diocesana, instalando assim o Palácio Episcopal, que modificou o local com a construção de uma capela, uma cripta sob o altar-mor e a provável transformação de sua fachada principal com características neoclássicas. Em 1909, o imóvel foi adquirido pela *The São Paulo Gaz Company*, utilizando-o como seu escritório. **Fonte:** Museu da Cidade de São Paulo. Consultado em 14 abr. 2022; disponível no site : <<https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/solar-da-marquesa-de-santos/>>



1.3

Figura 1.3 Igreja da Consolação em 1910 e 1916. *Album comparativo da Cidade de São Paulo até o ano de 1916 - Organizado pelo Exm. Srn. Dr. Washington Luiz Pereira de Souza [Prefeito do Município] Volume 2 . Acervo digital: Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo.*



1.4

68



1.5

Figura 1.4 Igreja da Consolação em 1862 e 1916. *Album comparativo da Cidade de S. Paulo - Organizado pelo Exm. Srn. Dr. Washington Luiz Pereira de Souza [Prefeito do Município] - Volume 1. Acervo digital: Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo.*

Figura 1.5 Igreja de Santa Ifigenia 1862 e 1916. *Album comparativo da Cidade de S. Paulo - Organizado pelo Exm. Srn. Dr. Washington Luiz Pereira de Souza [Prefeito do Município] - Volume 1 Acervo digital: Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo.*

abrigar o *Palácio Episcopal* ou *Palácio São Luís* (fig. 1.7). Segundo Lefevre (2006 p. 121), o palacete foi adquirido por 180:000\$00 (cento e oitenta contos de réis) e possuía um “aspecto de vila italiana, com linguagem maneirista na composição dos frontões, umbrais e cornijas”. O prédio, que servia como moradia para o arcebispo, contava também com outros dormitórios (para hóspedes), uma capela, uma biblioteca e um salão para reuniões mais íntimas e de maior importância para o arcebispo. O palácio permaneceu no local até 1942, tendo seu último morador dom José Gaspar, que por acordo com a Prefeitura de São Paulo foi desapropriado e posteriormente demolido (1944) em prol do alargamento da atual Avenida São Luís e da construção da Biblioteca Central de São Paulo (Mário de Andrade). No local onde antes estava o jardim do *Palácio Eclesiástico* (entre o Palácio e a atual biblioteca) foi construído uma praça nomeado em 1949 como *Praça dom José Gaspar*⁸⁰.

No intuito de fortalecer a imagem institucional da arquidiocese de São Paulo, e do seu arcebispo, a cúria metropolitana foi realocada para uma nova construção eclética “toda ella de material de primeira, imprimindo-se-lhe um cunho de grandeza” (CÚRIA METROPOLITANA [...], 1920. p.7), na então rua Santa Thereza, nº 02. O projeto e execução do novo edifício custou à Mitra Diocesana cerca 500:000\$ (quinhentos contos de réis) e teve a autoria do arquiteto-engenheiro Adelardo Soares Caiuby. Proveniente de família quatrocentona de São Paulo (Caiuby)⁸¹, o engenheiro-arquiteto⁸² foi responsável pelo projeto da

80 Para maiores informações sobre a praça consultar o Dicionário de ruas, no site <<http://dicionarioderuas.prefeitura.sp.org.br>>, verbete *Praça dom José Gaspar, República*.

81 Segundo a *Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo*, a família Caiuby seria originária de companheiros de Martim Afonso de Souza, tendo entre seus antepassados bandeirantes notáveis como os Anhangueras. Teve início em Braz Cubas — cuja estátua em Santos é o retrato do primeiro Caiuby — e nos morubixabas CAA-uby e Piquerooby — nos quais se entronca diretamente.. (p.141)

82 Adelardo Soares Caiuby, cursou engenharia, após se preparar no Seminário, e foi dividir terras no extremo sudoeste do estado, nos latifúndios de Campos Novos do Paranapanema, Platina, Roseta e São Matheus, para ingressar na Estrada de Ferro Noroeste — que explorava o sertão imenso para vará-lo à sua linha, sendo o personagem impressionante da narrativa histórica “Últimos bandeirantes”. Casou-se para ser arquiteto e constructor em Guanabara e São Paulo, onde deixou milhares de casas e residências estilizadas. Como arquiteto levantou a Colônia Leprosário de Santo Ângelo, que o médico cientista Arthur Neiva dizia ser a primeira idealizada e construída na América; e também levantou o Preventório Santa Therezinha, que o coração e energia de Margarida Galvão edificou em Carapicuíba para filhos de leprosos. Ao lado da engenharia, foi artista completo. Pintor notável a mão livre, na especialidade “bico de pena” em porcelanas, transmudou para aparelhos ingleses, franceses e suecos ou nórdicos, as obras-primas de Rugendas e Debret; e suas porcelanas foram notáveis, chegando algumas a retratar os bustos de suas lindas proprietárias. As artes plásticas tiveram seu culto apaixonado e constante, como também a música, pois foi um exímio flautista. Um dos criadores da festejada estância climatérica de Campos do Jordão, construiu sanatórios modelares e magníficas residências. Dedicou-se também ao Escotismo — que tantos auxílios prestou à capital na revolta de 1924. O Instituto Histórico consignou um voto de pesar pelo seu falecimento inesperado, quase aos noventa anos, em pelo gozo das faculdades mentais e artísticas. (*Revista do IHGSP*, vol 66, p. 138-139) “Uma família Paulista. Armando Caiuby”

Colônia Leprosário de Santo Ângelo e, posteriormente, o Preventório Santa Terezinha em Carapicuíba. Em reportagem ao jornal *O Estado de São Paulo*, a equipe de jornalismo, guiada por Monsenhor Agnelo de Moraes (procurador da Mitra Diocesana), descrevia o prédio como “o primeiro em todo o Brasil que se edifica para a cúria, o porquanto em todas as dioceses as repartições funcionam ou no palácio episcopal, ou annexas às cathedraes respectivas” (CÚRIA METROPOLITANA, 1920. p.07).

Percorrendo-o, pudemos observar as suas acomodações para todas as repartições eclesiásticas subordinadas à cúria metropolitana. [...] À entrada deparamos um magnífico "hall" com a portaria, no andar terreo. Dois portaes da frente um é particular do sr. Arcebispo metropolitano e outro para o público. A primeira sala pertence à procuradoria da Mitra, com o respectivo "guichet" para o empregado, sala para o guarda-livros, galeria para o archivo, gabinete do procurador e sala reservada para o mesmo. Em frente, vimos os salões para a Caixa Pia e chancelaria, com o gabinete de recepção. A seguir notam-se as repartições do secretário-geral, officiaes e em nuance observando-se o archivo eclesiastico com suas galerias muito bem trabalhadas e 4 salões. [...] No 1º andar cujo acceso é por escadarias de mármore vimos a bibliotheca, sala do secretário particular do arcebispo, salões gabinete e repouso. O mobiliário é muito fino e rico. Em frente estão as acomodações da vigaria geral com três salas: expediente, trabalho e recepção, seguindo-se a sala do throno, onde se effectuam as reuniões do clero, sob a presidência do arcebispo. O docel é installado pelo sr. Gonçalo do Santos Coimbra. Afinal vem a sala das associações de 10 x 20 comportando cerca de 1.000 pessoas.[...] As officinas do archivo estão installadas num 2º andar, aproveitado pelas sobras de várias salas proximas no telhado (CÚRIA METROPOLITANA [...], 1920. p.7).

Por fim, a reportagem encerrou a descrição atestando que o novo edifício apresentava ótima impressão aos visitantes, em especial, por obedecer às regras de higiene, em contraponto ao “velho pardieiro, que abrigava as repartições eclesiásticas, parte do antigo convento de Santa Thereza” (p.7). Em relação às construções e transformações das edificações destinadas ao trabalho burocrático da instituição católica, Miceli (2009) aponta:

O empenho em dotar cada diocese de um prédio luxuoso para servir como residência episcopal prendia-se à tradição romanizante que concebia política e simbolicamente a posição de bispo como chefe supremo da igreja local e representante encarnado da figura do papa. Após a ruptura entre a Igreja e o Estado, era preciso edificar um espaço arquitetônico ajustado às

pretensões de influência política e espiritual de que estavam imbuídos os integrantes da primeira geração de prelados nomeados pós-separação. No contexto de “estadualização” do poder eclesiástico, a residência episcopal devia procurar ombrear-se com os prédios que sediavam a intendência, a associação comercial, o instituto histórico e geográfico, e outras entidades de relevo na divisão do trabalho oligárquico, de preferência buscando-se como modelos dessas casas senhoriais alguns famosos palácios romanos. (MICELI, 2009. p. 152)

Portanto, para além de uma visível tentativa por parte da instituição em acompanhar as transformações urbanas e arquitetônicas próprias da cidade, a renovação das igrejas acima citadas e a construção dos novos e luxuosos edifícios dedicados a alta hierarquia católica paulista faz parte, segundo Miceli, do programa básico de empreendimentos presentes não apenas na sede da arquidiocese, mas em qualquer outra diocese criada. Nas imagens a seguir, observam-se que as edificações destinadas às atividades temporais da instituição buscaram expressar em suas arquiteturas linguagens que se aproximavam daquelas destinadas aos poderes civis do Estado (como os que compunham o Largo do Palácio: Palácio do Governo, Assembleia Constituinte, a Secretaria de Agricultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria da Justiça), conforme indicado por Miceli (2009).

71



Figura 1.6 Procissão religiosa em frente ao Palácio Episcopal em 1909. Na imagem é possível observar a fachada já transformada, neste momento, adornada com motivos neoclássicos que possivelmente foram realizadas quando a cúria se apropria da edificação com intuito de acompanhar as modificações ocorridas ao redor dos Jardins do Palácio (Pátio do Colégio). **Fonte:** Album Comparativo da Cidade de São Paulo (1887-1919) Organizado por W. Luiz. **Autor:** desconhecido. **Acervo digital:** Biblioteca Mario de Andrade.



Figura 1.7 Palácio Episcopal ou Palácio São Luis, onde era o antigo o palacete-sede da chácara do Barão de Souza Queiróz (localizado na rua São Luiz nº 02). A residência pouco sofreu alterações em sua fachada, já em estilo neoclássico, a não ser na instalação do brasão da arquidiocese (na entrada principal). **Autor:** desconhecido. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.



Figura 1.6 Fotografia da fachada da Cúria Metropolitana publicada na reportagem da em sua inauguração em 1920. Predio em estilo neoclássico projetado arquiteto-engenheiro Adelardo Soares Caiuby por localizado na rua Santa Thereza.

1.3 A NOVA CATEDRAL DA SÉ: O MONUMENTO RELIGIOSO DE DOM DUARTE PARA UMA CIDADE MODERNA.

Fazendo parte dos empreendimentos da arquidiocese em construir marcos na cidade, a Catedral da Sé é, entre os demais templos da capital, o local de maior importância simbólica e religiosa para o catolicismo em São Paulo. Presente como catedral a partir da fundação da diocese de São Paulo (1745), a antiga matriz (que até aquele momento estava vinculada à diocese do Rio de Janeiro), fora demolida e substituída por um templo de maiores dimensões, com fachada típica do barroco colonial. Iniciada na gestão do primeiro bispo de São Paulo, dom Bernardo Rodrigues Nogueira, a primeira Sé foi finalizada vinte anos depois, em 1765.

Segundo Damante (1954, p. 61), por volta de 1846, sob a gestão de dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade (5º bispo da diocese), a Sé passou por uma reforma de ampliação, porém, com o crescimento da cidade, a comunidade passou a demandar um templo mais monumental. Aline Canuto Silva (2019, p. 16) nos aponta para a proposta de Jule Martin, por volta de 1880. Entendida pela pesquisadora como “projeto-gênese que compôs o imaginário da futura Praça e Catedral” (p.18), o litógrafo francês propôs a construção da futura sede do arcebispado no *Largo do Curros* por volta de 1880 “numa lógica de ampliação das funções simbólicas de São Paulo para além do que era a área fundacional da cidade” (CANUTO SILVA, 2019. p. 19). No entanto, o local acabou por receber outra edificação, a Escola Normal e em frente, no que restara do terreno, foi construída a Praça da República.

Poucos anos depois da proposta de Jule Martin, observa-se (na gestão de dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho), os primeiros movimentos para a construção da “majestosa catedral da Sé”, com a primeira reunião realizada no dia 24 de maio de 1888, no Palácio Episcopal de São Paulo. Entre os nomeados, uma subcomissão ficaria responsável pela arrecadação de fundos para a construção através de donativos e da criação de uma loteria autorizada pelo governo provincial em 29 de setembro de 1888.

Reuniu-se hontem ao meio dia em uma das salas do Palácio Episcopal, a comissão encarregada de levar a efeito a construção da nova igreja cathedral da diocese de S. Paulo. Assistio á reunião o exm. Sr. Bispo diocesano, e estiveram presentes o exmos. Srs. Marquez de Itú, conselheiro André Fleury, monsenhor João Alves, dr Francisco A. de Souza Queiroz Filho, barão de Pirapitinguy, conego Manoel Vicente e Jesuino Mello,

faltando por enfermo o exm. Conselheiro Prado. Por ausente da capital o dr. José Alves de Cerqueira Cesar e sem participação o exm. Arcediogo dr. Paula Rodrigues.[...] Passou se em seguida á eleição da meza definitiva, ficando ella composta, por aclamação, dos senhores: Presidente, senador Antonio Prado; vice-presidente, conselheiro Fleury; thesoureiro, Marquez de Itu; secretários, os srs. dr. José Vicente e Jesuino Mello, servindo este também de procurador. Por aclamação unanime a comissão nomeou seu presidente honorário o exm. Sr. D. Lino, Bispo Diocesano. Por proposta do sr. Dr. José Vicente, segundo o que havia já exposto, foi resolvida a nomeação das seguintes comissões: Auxiliadora dos trabalhos relativos á loteria, composta dos srs. conego Manoel Vicente, dr. Francisco Queiroz e Barão da Bocaina; de donativos, composta dos srs. arcediogo dr. Paula Rodrigues, monsenhor João Alves e Barão de Pirapitinguy. (COMISSÃO DA CATHEDRAL [...], 1888. p.2)

74

Em 1911, o templo antigo foi demolido em conjunto com a Igreja de São Pedro dos Clérigos e os três quarteirões localizados logo aos fundos da antiga catedral, abrindo uma clareira monumental no interior do tecido colonial⁸³. No intuito de “dotar a opulenta capital de São Paulo com uma cathedral á altura dos nossos créditos de riqueza e civilização” (A NOVA CATHEDRAL, 1912. p.3) dom Duarte convocou no dia 25 de janeiro de 1912 uma reunião com “notáveis paulistas” que oficializou a primeira formação do conselho geral das obras da nova catedral.

A reunião foi publicada no jornal *Correio Paulistano* de 26 de janeiro de 1912, onde, observando a nova catedral como um monumento de fé e patriotismo, o primeiro arcebispo de São Paulo apresentava o projeto idealizado pelo arquiteto alemão (professor da Escola Politécnica) Maximiliano Hehl. Em estilo que na época foi considerado gótico, o arcebispo afirmava que tal escolha se dava por ser “estyllo profundamente religioso, único que mais se aproxima de Deus, por isso mesmo, que mais se afasta da vulgaridade das habitações humanas” (p.3) e o projeto já teria recebido aplausos do arquiteto Bouvard, e aprovação da Academia de Belas Artes de Berlim.

Na fala de dom Duarte, observa-se a tentativa de aproximação da igreja ao discurso de modernização em voga na cidade no início do século XIX que tinha como principal referência as orientações de Bouvard. Ao se aproximar da ideia de progresso (científico e tecnológico) e da identidade paulistana (através da

83 Sobre o processo de demolição das edificações existentes na atual praça da Sé, ler: SILVA, A. C. da. (2021). A antessala da demolição: revisitando o processo da montagem da Praça e Catedral da Sé de São Paulo, em primórdios do século XX. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 29, 1- 40. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e3>

figura do bandeirante), o então arcebispo afirmava a necessidade de se ter uma catedral monumento que acompanhasse as rápidas transformações da cidade.

Não é de hoje o pensamento de dotar a opulenta capital de S. Paulo com uma cathedral à altura dos nossos créditos de riqueza e civilização. No enquadramento em que actualmente avulta, esplendida e soberba, a velha cidade dos bandeirantes, a alma paulista sentia-se apoucada, ante a mesquinhez de uma cathedral que seria magnífica para os tempos coloniaes, mas que hoje destôa por completo da pujança do nosso progresso. Faltava-nos, na frase de Bouvard, a nota característica da nossa civilização, e os nossos brios de paulistas precisam corrigir essa lacuna, que tanto nos diminue aos olhos estrangeiro. [...] Si os templos se edificam, mais para os homens do que para Deus, que, colocado no santuário da sua inexgottavel riqueza, nada reclama da nossa abundancia, nós – catholicos e paulistas – queremos uma cathedral que seja um monumento de fé e um atestado da nossa grandeza; queremos uma cathedral magnífica, que seja uma escola de arte e um estímulo a pensamentos mais nobres e mais elevados; queremos uma cathedral opulenta que, testemunhando a fartura dos nossos recursos materiaes, seja também um hynno de acção de graças a Deus Nosso Senhor. Saibam os paulistas de amanhã que a fibra do bandeirante, luctador e intimorato nas asperezas da selva, não se enfraqueceu nos confrontos da civilização, como não se entibiou a sua fé nos esplendores da sciencia e da civilização. Por uma lei histórica e fatal, S. Paulo há de sempre caminhar na vanguarda, tem a cumprir uma grande missão política e social, e a sua hegemonia civil e religiosa, já hoje não poderá ser contestada. Pois bem, o monumento artístico e religioso, que breve se há de erguer na collina, do venerando padre Anchieta, há de ser o sello dessa imensa e poderosa grandeza (A NOVA CATHEDRAL [...], 1912, p.3).

75

Com o intuito de velar pela fiel execução do projeto e pela arrecadação de fundos para a construção da catedral – inicialmente orçado em 6.000 contos de réis – dom Duarte anunciou a composição da Comissão Executiva. Composta por senhores da alta sociedade com poder de influência política e econômica como condes, doutores e coronéis (tabela 1.3), tinha como presidente o Conde de Prates, empresário do ramo imobiliário e proprietário das terras do Vale do Anhangabaú e como vice-presidente Dr. Gabriel Dias da Silva, naquele momento presidente da Câmara Municipal de São Paulo. A ideia inicial era de se concluir a construção da nova catedral para que o local fosse um dos símbolos nas comemorações do primeiro centenário da independência nacional realizado em setembro de 1922 e com esse objetivo já deixava claro, publicamente, a quantia até o momento angariada por negociações com o governo e doações de membros da elite paulistana.

Já temos o local indispensável sem nenhum dispêndio para a Mitra; temos 600 contos procedentes do accordo celebrado entre a Mitra e o governo do Estado; temos o producto da venda do local da velha Igreja de S. Pedro, por especial concessão, por especial concessão da Sé; temos 620 contos já subscrito espontaneamente, sendo 200 contos pelo conde Prates, 100 contos pelos sr. José Oswaldo Nogueira Andrade, 100 contos pelo sr. Antonio Toledo Lara, 50 contos pelo coronel Bento José de Carvalho , 50 contos pelo dr, Adolpho Augusto Pinto, 10 contos pelo comendador sr. Leoncio do Amaral Gurgel, 10 contos pelo sr. Leonidas Moreira, ou digamos, um total de 1.600 contos de reis. [...] Reunir, em 10 anos, os quatro mil e tantos contos que se fazem precisos para a conclusão das obras , será o empenho da commissão geral, o testemunho da vossa generosidade, a afirmação mais solene do nosso progresso e dos nossos sentimentos religiosos. (A NOVA CATHEDRAL [...], 1912, p.3)

76

COMISSÃO EXECUTIVA - NOVA CATHEDRAL	
Conde de Prates	Presidente
Dr. Gabriel Dias da Silva	Vice-presidente
Dr. Adolpho Augusto Pinto	Primeiro secretario
Dr. João Antonio de Oliveira Cruz	Segundo secretario
Dr. Antonio de Toledo Lara	Primeiro tesoureiro
Comendador Leoncio Amaral Gurgel	Segundo tesoureiro
VOGAES	
Conselheiro dr. Antonio da Silva Prado	Coronel Bento José de Carvalho
Barao do Amaral	Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues
Barao de Duprat	José Oswaldo Nogueira de Andrade
CONSELHO GERAL	
MJ. de Albuquerque Lins	Francisco Sampaio Moreira
Conde de Alvares Penteadado	Francisco Nicolau Baruel
Alvaro Guimaraes	Frederico Steidel
Antonio de Souza Queiroz	Senador Ignacio Uchóa
Antonio Candido de Almeida e Silva	Innocencio Quilice
Antonio Alvares Lobo	Coronel Joaquim de Toledo Piza e Almeida
Antonio de Queiroz Telles	Coronel Jodo Carlos Leite Penteadado

Alcantara Machado	Coronel João Antonio Juliao
Antonio Prost Rodovalho Junior	José Cardodo de Almeida
Antonio Ferreira da Rosa Sobrinho	José de Queiroz Lacerda
Comendador Alexandre Siciliano	José Carlos de Macedo Soares
Conde Asdrubal do Nascimento	João Baptista Pinto de Toledo
Andra Matarazzo Sobrinho	João Alvares Rubio Junior
A. de Padua Salles	Senador José Tibiriça
Arthur Guimaraes	Joao Mauricio Sampaio Vianna

Tabela 1.3 - Listagem da primeira Comissão Executiva da nova catedral de 1912. **Fonte:** A NOVA CATHEDRAL, de S. Paulo, Correio Paulistano, São Paulo, pp. 3-4, 26 jan. 1912.

A ideia de conclusão das obras para as comemorações do primeiro centenário da independência do Brasil acabaram não se concretizando. A empreitada se mostrou por demais ambiciosa mesmo para a potente capital paulista, e as obras se arrastaram por décadas. Passados 6 anos do lançamento da pedra fundamental e início das obras, em 6 de julho de 1913, apenas a cripta estava concluída, passando ali a acomodar algumas cerimônias religiosas. Em 1919, por problemas de saúde de Maximiliano Hehl, o engenheiro e professor da Escola Politécnica Alexandre de Albuquerque passou a coordenar as obras. Em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, observa-se uma carta enviada por dom Duarte (e parte da Comissão Executiva⁸⁴), para o então presidente do estado de São Paulo, Dr. Altino Arantes, em julho de 1919, onde o arcebispo solicitava o auxílio de quinhentos contos de réis por ano, para que até a data de comemoração do centenário de Independência, toda a construção aparente (fachadas principais e alguns adornos) estivesse pronta para participar dos festejos.

A Cathedral não poderá ficar concluída em 1922, para que na vastidão de suas cinco naves e sob a sua imensa cúpula reboem os hynnos sacros que então serão entoados em louvor à Suprema Onnipotencia: a grande obra porém, poderá ser aliandada de maneira a se prestar em excelentes condições a tomar a parte que lhe compete nas festas do glorioso centenário. Nos três annos que nos separam da faustíssima data, há tempo suficiente para ficar inteiramente concluída a soberba frontaria do templo até as flechasculminantes das duas torres, assim como as

84 Entre os que assinaram o pedido: Dom Duarte Leopoldo e Silva, Conde de Prates, Adolpho Augusto Pinto, Dr. Francisco de Almeida Morato, Conde de Lara, José Carlos de Macedo Soares; Barão do Amaral, Barão de Duprat

fachadas lateraes e posterior, com a completa colleção de estátuas, vitraes e mais ornatos que constituem a sumptuosa pompa decorativa do estylo gothico. Quer isto dizer que a Cathedral poderá ficar inteiramente acabada no conjunto de sua estructura aparente, em seu nobre aspecto exterior, permitindo então que aos pés do altar armado na larga plataforma de sua escadaria de acesso, sob o grande arco ogival que coroa a entrada do templo, tendo por docel as magnificências de sua fachada principal, e por scenario a vasta explanada que se lhe desdobra em frente, ora em véspera de ser transformada na mais bela praça ajardinada da nossa capital – se possa celebrar, com a maior assistência popular que jamais se achou reunida em São Paulo, o soleníssimo “Te- Deum” campal com que havemos todos de glorificar o Senhor , comemorando o feito imortal dos heroes de 7 de setembro de 1822. (REPRESENTAÇÃO [...], 1919. p. 8.)

Segundo *O Correio paulistano* de 8 de setembro de 1922⁸⁵, a missa campal foi realizada contando com 20.000 pessoas, onde do alto da escadaria da catedral ainda em construção se levantou o altar para a realização da cerimônia. Decorado com flores que lembravam as cores da Igreja Romana e da nação brasileira, tinha-se ao lado esquerdo do altar: “uma senhora ricamente vestida de República, com diadema de ouro e estrelas fulgurantes, empunhava a bandeira nacional, desfraldada, dando aquele conjunto uma nota vibrante de patriotismo da fé catholica.” Como ato simbólico, no momento da elevação da eucarística, ponto ápice da celebração religiosa, tocou-se o hino nacional, demonstrando o esforço realizado pela Igreja Católica em se associar cada vez mais aos símbolos da república Brasileira.

78

1.4 REORDENAMENTO DO TERRITÓRIO ECLESIAÍSTICO PAULISTANO: AS PARÓQUIAS E SEUS LOCAIS SAGRADOS.

Com a inicial divisão do território pela criação das 5 novas dioceses, a Arquidiocese de São Paulo passou a ser responsável por apenas 45 paróquias e 1 curato. Conforme o *Resumo da Divisão Ecclesiastica* de 1907 do *Anuario Estatistico do Brazil* (1908-1912)⁸⁶, observa-se que enquanto diocese, dom

85 MISSA CAMPAL. *O Correio Paulistano*, São Paulo. p. 7 . 08 set. 1922.

86 *Anuario Estatístico do Brazil - 1º ano (1908-1912)*, realizado pela Diretoria geral de Estatística do Ministério da agricultura, industria e commercio; Volume III - Cultos, Assistências, Repressão e Instrução.

Duarte zelava por 236 paróquias e 3 curatos⁸⁷, que a partir deste momento seriam distribuídas sob a jurisdição da diocese de Botucatu (52 paróquias), Campinas (33 paróquias); Ribeirão Preto (36 paróquias); São Carlos (29 paróquias) e Taubaté (40 paróquias).

Comparando com as principais capitais brasileiras, em números de paróquias, é possível inferir o desafio assumido por dom Duarte à frente de sua nova Arquidiocese. Conforme demonstrada na tabela abaixo, alguns arcebispos mais antigos, como o de Salvador (1676); Belém (1906) e Mariana (1906), já possuíam, em sua maioria, uma rede de circunscrições primárias (paróquias, curatos e capelas) consolidadas em comparação ao território paulista.

Sede	Categoria	Território	Paróquias e Capelas	
Salvador	Arcebispo Primaz	Bahia e Sergipe	233	
Olinda	Bispado Sufragâneo	Pernambuco	84	
Fortaleza		Ceará	78	
Paraíba		Parnaíba do Norte e Rio Grande do Norte	79	
Mació		Alagoas	33	
Rio de Janeiro	Arcebispo	Distrito Federal	28	
Cuiabá	Bispado Sufragâneo	Mato Grosso	18	
Porto Alegre		Rio Grande do Sul	136	
Niterói		Rio de Janeiro	124	
Vitória		Espírito Santo	28	
Florianópolis		Santa Catarina	46	
Belém	Arcebispo	Pará	55	
São Luiz	Bispado Sufragâneo	Maranhão	58	
Manaus		Amazonas e Acre	26	
Terezina		Piauí	32	
Mariana	Arcebispo	Minas Gerais	289	
Goiás	Bispado Sufragâneo	Goiás	58	
Diamantina		Minas Gerais		99
Pouso Alegre				64
Uberaba				45
Campanha				45
São Paulo	Arcebispo	São Paulo	46	
Curitiba	Bispado Sufragâneo	Paraná	57	
Botucatu		São Paulo	53	

⁸⁷ Em seu termo primário, curato é o local onde se encontra o cura (pároco), que se propõe pela cura das almas dos fiéis católicos. Quando o termo é empregado no censo estatístico, considera-se curato a uma igreja paroquial que representaria ou abrigaria a sede da arquidiocese metropolitana em uma determinada região.

Sede	Categoria	Território	Paróquias e Capelas
Campinas	Bispado Sufragâneo	São Paulo	33
Ribeirão Preto			36
São Carlos			30
Taubaté			40
Santarém		Pará	19
Boa Vista do Rio Branco		Amazonas	1

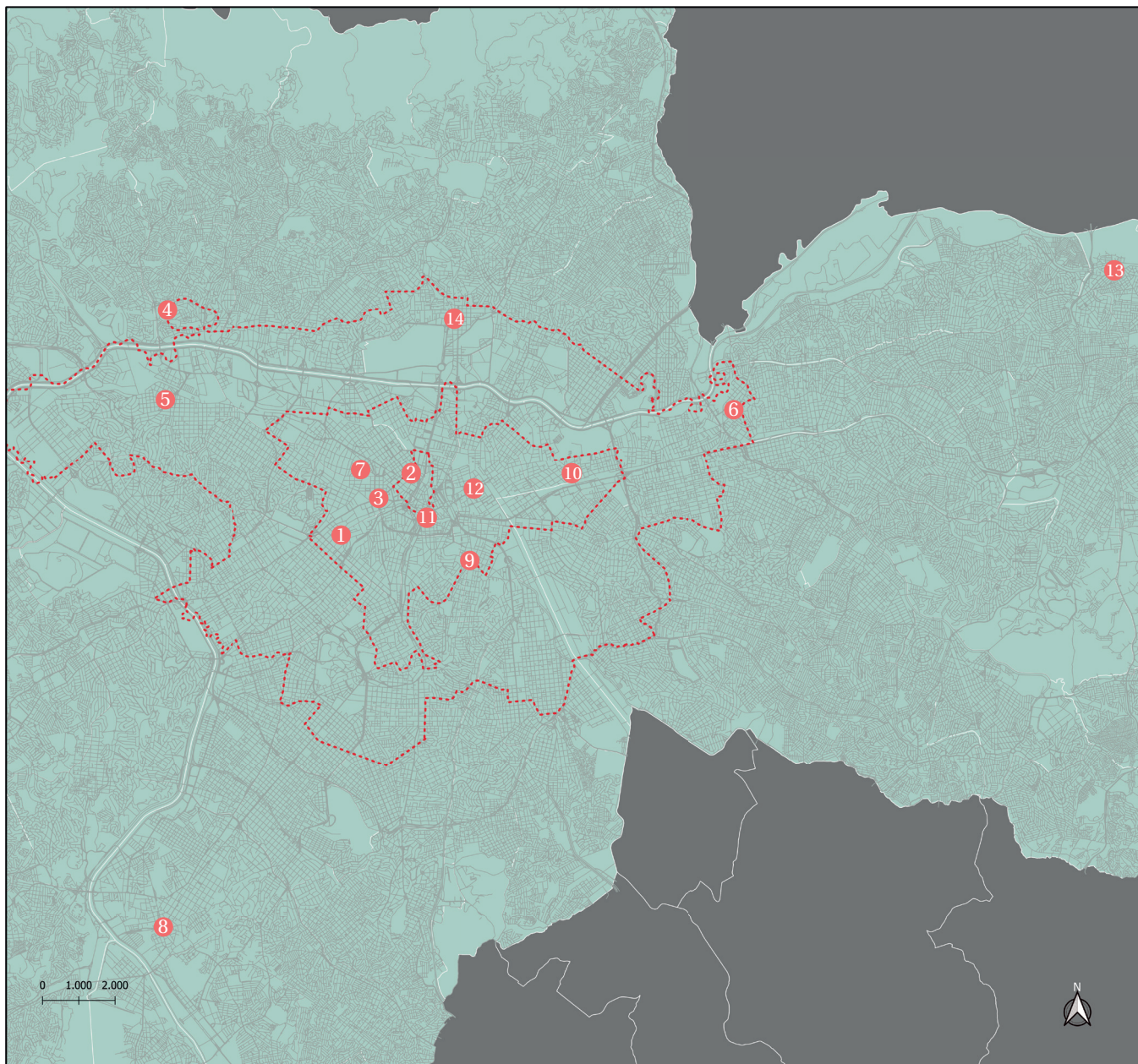
Tabela 1.4: Resumo da divisão eclesiástica de 1908 - Arquidioceses, Dioceses e Prelaturas. .
Fonte: Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912). Volume III. Cultos, Assistências, Repressão e Instrução. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. p.6-7

Com a criação das dioceses e distribuição das paróquias é possível traçar um primeiro desenho do território eclesiástico que de fato permaneceu sob os cuidados diretos de dom Duarte Leopoldo e Silva. Com base no mesmo anuário estatístico (1908-1912), percebe-se que a jurisdição da Arquidiocese de São Paulo abarcava, por fim, ainda um extenso território composto pelo município de São Paulo somado a 24 municípios do estado. No caso específico do município de São Paulo percebe-se a existência de 1 curato (Catedral da Sé) e 15 paróquias (14 no município e Aparecida), arroladas na tabela abaixo.

Município	Paróquias, Curatos e Capelas Curadas
Nome	Invocação
São Paulo	N. S. da Assunção da Sé - [Curato]
	Divino Espírito Santo
	N.S. da Conceição de Santa Efigênia
	N.S. da Consolação de São João Batista
	N.S. da Expectação do Ó
	N.S. da Lapa
	N.S. da Penha de França
	Sant'Anna
	Santa Cecília
	Santo Amaro
	São João Batista
	São José do Belemzinho
	Senhor Bom Jesus do Brás
São Miguel	
Araçariguama	N. S. da Penha

Nome	Invocação
Atibaia	N.S. do Carmo de Campo Largo
	São João Batista
Bragança	N.S. da Conceição
	São Sebastião de Tuiuti
Cabreuva	N.S. da Piedade
Cotia	N.S. de Monte Serrate
Guararema	N.S. da Escada
Guaratinguetá	N.S. da Conceição Aparecida [Santuário]
Guarulhos	N.S. da Conceição
Itanhanhem	Sant'Anna da Conceição
Itapecerica	N.S. do Rosário de M'Boi
	N.S. dos Prazeres
Itaiba	N.S. do Belém
Jundiaí	N.S. do Desterro
Juqueri	N.S. do Desterro
	N.S. da Ajuda de Itaquaquetuba
Mogi das Cruzes	Sant'Anna
	Senhor Bom Jesus de Arujá
Nazaré	N.S. de Nazaré
Parnaíba	Sant'Anna
	Senhor Bom Jesus de Pirapora
Piracaia	Santo Antônio
Salto de Itu	N.S. de Monte Serrate
Santo Amaro	Santo Amaro
Santos	N.S. do Rosário
	N.S. da Conceição de Boa Viagem
São Bernardo	Santo André
	São José do Ribeirão Pires
São João do Curalinho	São João Batista
São Roque	São Roque
São Vicente	São Vicente
Una	N.S. das Dores
Itú	N.S. da Candelária

Tabela 1.5: Tabela das Paróquias, curatos e Capelas Curadas e seus respectivos municípios.
Fonte: Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912). Volume III. Cultos, Assistências, Repressão e Instrução. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio.



Mapa 1.1: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, Sede. [1908] - **Dom Duarte Leopoldo e Silva.**

Legenda: 1. Paróquia Divino Espírito Santo 2. Paróquia de Santa Efigênia 3. Paróquia Nossa Senhora da Consolação 4. Paróquia Nossa Senhora do Ó 5. Paróquia Nossa Senhora da Lapa 6. Paróquia Nossa Senhora da Penha 7. Paróquia de Santa Cecília 8. Paróquia Nossa Senhora de Santo Amaro [Santo Amaro] 9. Paróquia de São Joaquim 10. Paróquia de São José de Belém 11. Catedral da Sé 12. Paróquia São João Batista 13. Paróquia São Miguel Arcanjo 14. Paróquia de Sant'Ana.

Autor: João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP - atual]:** Deborah Sandes de Almeida [QGis].

Consequentemente, com a diminuição do número de paróquias sob os auspícios de D. Duarte, o desafio pela administração da diocese e a continuidade na execução do projeto de romanização se apresentavam como tarefas a serem superadas.

Apesar da divisão da Diocese, o desafio para Duarte Leopoldo não era pequeno. Especialmente, a capital do Estado requeria cuidados especiais da parte do Arcebispo, dadas à ocorrência das manifestações mais enfáticas de contestação à ordem social vigente, o que implicava na necessidade de um posicionamento bastante firme da Igreja, sobretudo para o atendimento das expectativas de uma elite que se via ameaçada em sua dominação. Além disso, a continuidade do projeto romanizado orquestrado pela Santa Sé também se via ameaçado ante uma população que não se apresentava absolutamente disposta em acatar as práticas católicas oficiais (ROMANO, 2007. p.114).

A Arquidiocese de São Paulo possuía também o desafio de administrar um ainda vasto território com um contingente populacional em franco crescimento (ocasionado em especial processo migratório vivido no período). Se no final do século XIX a cidade contava com um total de 1.384.753 habitantes (1890), sua população chegava em 1920 a um número de 4.592.188 habitantes. No Rascunho do *Estatuto Eclesial Metropolitano de São Paulo (De Statu Ecclesiae Metropolitanae Sancti Pauli in Brasilia)* localizado no arquivo da cúria (ACMSP), observa-se a dom Duarte informando a situação do número de templos na cidade:

O número das igrejas e oratórios públicos corresponde, mais ou menos, às necessidades dos fiéis. Entretanto, atendendo-se ao rápido desenvolvimento da população, tem-se aumentado o número de edifícios de culto, providenciando-se com zelo por que os novos bairros abertos à expansão urbana, principalmente na capital, tenham oportunamente as suas igrejas e capelas. (CONSISTÓRIO [rascunho]: Cap. 2 §20, 1908)

O considerável aumento populacional somado ao advento do decreto 119-A — que oficializa a instalação e atuação das diversas religiões — gerou preocupação junto ao alto clero paulista. Abriu-se, portanto, um campo de disputa onde a Igreja Católica — para além da necessidade de reorientação das práticas religiosas ainda muito influenciadas pelo modelo do patronato português e do catolicismo popular — se sentia em grande medida ameaçada em sua soberania. Entre as diversas religiões em atividade em São Paulo, percebe-se uma maior preocupação com os “perigos” que o protestantismo e o espiritismo exerciam ao pleitearem uma posição de religião ideal para o Brasil republicano.

O protestantismo se percebia em suas bases como uma religião que respondia aos ideais da modernidade. Se apresentava contra a fé na autoridade do sermão religioso e tradição, elegendo a soberania do homem que através de seu próprio discernimento interpretaria a vontade de Deus (através das escrituras). Nesse sentido, “A fé e a conduta do fiel e seu modo de cultivar são atributos que não dependem da mediação da autoridade “infalível” de um papa, um padre, de um pastor ou de um rabino. A questão sobre o que é pecado ou não, é uma decisão da consciência do indivíduo perante seu Deus.” (FERREIRA, 2010. pp.48-49).

Observa-se no Brasil, a instalação de forma organizada e oficializada a partir da abertura dos portos às nações amigas por meio do Tratado de Comércio e Navegação no início do século XIX, onde se tem a instalação dos protestantes históricos: Anglicanismo (1811); Luteranismo (1824); Congregacionais (1855); Presbiterianos (1859); Batistas (1871); Metodistas e Adventistas (1890). No período republicano percebe-se a chegada dos pentecostais como a Congregação Cristã no Brasil; a Assembleia de Deus (1910) e o Exército de Salvação (1922). Portanto, por se apresentarem a parte da submissão papal e das práticas sacramentais do catolicismo – recorrendo ao poder de raciocínio e discernimento do próprio sujeito no entendimento Bíblia – tal grupo se afirmava próximo ao pensamento liberal e republicano. Ao analisar os *Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo* na seção referente ao *Culto Protestante* — entre os anos de 1914 a 1920 — observa-se que no município diversas denominações se encontravam instaladas na região central da cidade. Assim como ocorrido na cidade com seu crescimento populacional, a religião e seus adeptos tiveram um aumento de 2.133 fiéis em 1914 para 4.595 no início de 1920, distribuídas conforme demonstrado na tabela abaixo.

84

DENOMINAÇÕES	DISTRITO	COMUNGANTES			
		1914	1916	1918	1920
Congregação Cristã	Bom Retiro	450			
Igreja Adventista do Sétimo Dia	Bela Vista/St Cecília		351	102	144
Igreja Anglicana ou Episcopal	Santa Efigênia				120
Igreja Batista	Liberdade	146	139	161	176
	Santa Efigênia	131	171	180	152
	Belenzinho	35	98	60	58
Igreja Cristã ou Evangélica Sul Americana	Liberdade	120	120	117	110
Igreja Evangélica Alemã ou Luterana	Santa Efigênia	210		242	239
Igreja Evangélica Congregacionalista	Mooca	25	25	23	42
	Sé				46
Igreja Metodista Episcopal, Sul	Liberdade	42		50	495
	Bom Retiro	54	52	98	60

DENOMINAÇÕES	DISTRITO	COMUNGANTES			
		1914	1916	1918	1920
Igreja Presbiteriana Independente	Consolação	668	738	761	778
Igreja Presbiteriana no Brasil ou Sinodal	Santa Cecília	170	190	185	254
	Braz	56	40	43	57
	Butantan	26	30	31	33
Igreja dos Guakers ou Tremedores	Bom Retiro		700	750	800
Igreja Presbiteriana Independente Brasileira	Consolação				778
	Bela Vista				76
	Braz				42

Tabela 1.6 - Denominações protestantes no município de São Paulo entre 1914 a 1920. **Fonte:** Annuarios estatísticos do Estado de São Paulo; Movimento da população moral. Volume I - Repartição de estatística e arquivo do estado. Diretor Dr. Adolpho Botelho de Abreu Sampaio. **Acervo:** Biblioteca Digital Seade.

Em relação ao espiritismo, refere-se aqui ao Kardecismo: sistema filosófico e místico criado em 1855 pelo professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), que posteriormente assumiu o nome de Allan Kardec. A religião teve suas primeiras aparições em São Paulo a partir de 1866, sendo que já no início do século XX, “adquiria legitimidade a partir de grupos familiares e de agentes que defendiam as doutrinas espíritas por meio de jornais e iniciativas variadas, inserindo-as no campo intelectual paulista” (NOGUEIRA, 2016. p.107). O espiritismo adquiriu maior relevância junto à sociedade após a criação dos periódicos especializados e dos centros espíritas institucionalizados como, por exemplo, a União Espírita do Estado de São Paulo, órgão federativo fundado em 1908. Tendo como base a imortalidade da alma e a reencarnação, o espiritismo “se apresentava como uma nova ciência a partir da qual o mundo espiritual era descortinado” (NOGUEIRA, 2016. p.70), e por mais que o espiritismo não tenha inicialmente sido um fenômeno de massa, “foi um discurso que se identificou com as noções de progresso e civilização” (p.60).

	MUNICÍPIOS	DENOMINAÇÕES
1	Araraquara	Centro Espírita Araraquarense
2	Barretos	Centro Espírita Evangélico
3		Sociedade Espírita 25 de Dezembro
4	Campinas	Centro Espírita Julio Cesar Leal
5	Capital	Associação Espírita de São Paulo
6		Centro Espírita Celso Garcia
7		Centro Espírita Verdade e Luz
8		Grupo Espírita União Luz e Caridade
9	Casa Branca	Centro Espírita Religião e Sciencia
10	Dois Corregos	Grupo Espírita Amor, Fé e Caridade
11	Franca	Centro Espírita Esperança e Fé
12	Itapira	Centro Espírita Perdão, Amor e Caridade
13	Jaboticabal	Centro Espírita Caridade e Fé
14	Limeira	Centro Espírita Luz e Caridade
15	Matão	Centro Espírita Amantes da Pobreza
16	Mogy Mirim	Grupo Espírita Antonio de Padua
17	Piracicaba	Grupo Espírita Fora da Caridade não há Salvação
18	Ribeirão Preto	Centro de Estudos Ultra Terrestre
19	Rio Claro	Grupo Espírita Fé e Caridade
20	Jundiahy	Grupo Espírita Luz Astral
21	Rita do Passa Quatro	Grupo Espírita Santa Rita do Passa Quatro
22	Santos	Centro Amor e Caridade
23		Grupo Espírita Fé, Amor e Caridade
24		Sociedade Espírita Anjo da Guarda
25	São Carlos	Grupo Espírita Relação entre dois mundos
26	Monte Alto	Grupo Espírita Luz e Amor
27	São José do Rio Pardo	Centro Espírita Agostinho
28	São Roque	Centro Espírita São Roque
29	São Sebastião da Grama	Grupo Espírita Fé, Amor e Caridade
30	Sertãozinho	Grupo Espírita Caridade e Luz
31	Taquatinga	Grupo Espírita Caridade e Luz
32	Taubaté	Centro Espírita União e Caridade

Tabela 1.7 - Denominações espíritas no estado de São Paulo entre 1913. **Fonte:** Anuários estatísticos do Estado de São Paulo: Movimento da população moral. Volume I - Repartição de estatística e arquivo do estado. Diretor Dr. Adolpho Botelho de Abreu Sampaio. **Acervo:** Biblioteca Digital Seade.

Nesse sentido, observa-se que a partir da criação da arquidiocese, a paróquia assumiu um lugar de privilégio para que a difusão do pensamento romanizador se consolidasse em meio aos católicos. Com a promulgação do *Código de Direito Canônico Pio-Benedictino de 1917* (CDC) percebe-se que é através das paróquias que o clero instruiria os fiéis a exercerem suas práticas religiosas de maneira mais rigorosa. Orientadas por um conjunto de normas e exortações vindas do papado; tais instruções eram passadas fielmente

pelos bispos (através das Cartas Pastorais) e em seguida pelos padres, que as transmitiam para os seus fiéis.

A paróquia como unidade tática da Igreja assume uma dimensão essencialmente militante. O caráter militante e guerreiro ainda revela forte tendência na Igreja em fundamentar uma verdadeira conquista espiritual. É uma Igreja que quer restabelecer a hegemonia que havia perdido. Como ela não pode mais contar com seu aliado de outrora, o Estado, ela encontra nas paróquias a base possível para fundamentar uma nova hegemonia (DIEL, 1997. p. 136).

Assim sendo, observa-se que a partir da criação da Arquidiocese, a paróquia assumiu um lugar de privilégio para que a difusão do pensamento romanizador se consolidasse em meio aos católicos. Com a promulgação do *Código de Direito Canônico Pio-Benedictino de 1917* (CDC) percebe-se que é através das paróquias que o clero instruiria os fiéis a exercerem suas práticas religiosas de maneira mais rigorosa. Orientadas por um conjunto de normas e exortações vindas do papado; tais instruções eram passadas fielmente pelos bispos (através das Cartas Pastorais) e em seguida pelos padres, que as transmitiam para os seus fiéis.

O Pároco é Pastor e Pai. Pastor de almas e Pai espiritual.[...] Instruir os fiéis no pensamento cristão, renovar o homem pelo seguimento e imitação de Jesus Cristo, aplanar os caminhos, muito embora sempre difíceis, para o Reino dos céus e tornar verdadeiramente cristã a cidade, — tal a missão própria do Pároco como Pai, Mestre e Pastor de sua Paróquia. No cumprimento desses deveres não permitais que se desvie ou perturbe o vosso zelo pelos trabalhos de administração. Não poucos talvez de vós devem todos os dias sustentar áspera luta para não sucumbir oprimidos pelos cuidados da administração e para encontrar a maneira e o tempo indispensáveis à verdadeira cura de almas. Ora, se a organização e administração indubitavelmente constituem também meios preciosos de apostolado, devem todavia adaptar-se e subordinar-se ao ministério espiritual e ao operoso dever pastoral, próprio do ofício de Pároco (BOLETIM ECLESIAÍSTICO, 1940. p. 146)

87

A fala de Pio XII reforçava a centralidade do governo paroquial (espiritual e administrativo) na figura do pároco, Pai e Pastor. Figura na qual os fiéis deveriam respeitar e se subordinar nas suas práticas religiosas⁸⁸. Dessa maneira, o pároco — como Pai e principal responsável pela formação cristã — tinha como primeiro dever a prática profética: instrução de todos os fiéis nas

88 No Can. 119, observa-se a figura do clérigo, com um lugar de destaque e respeito na comunidade de fiéis: “Todos os fiéis devem respeitar os clérigos, na medida exigida pelo posto e pelo cargo que ocupam; e comete sacrilégio se tiverem agressão contra eles”.

verdades da fé (em especial nas homilias das missas e pregações); celebração da missa na intenção do povo aos domingos e dias festivos; assistência aos doentes; catequese e pregação com os ensinamentos e orientações da Igreja Romana (Can. 462). Em segundo momento, deveria cumprir com seu dever sacerdotal de velar pela importância da Eucaristia⁸⁹ como centro da vida paroquial; a prática do sacramento da penitência⁹⁰ administração dos demais sacramentos e participação ativa das práticas de oração e devoção orientadas por Roma das famílias.

Como Pastor, o pároco teria o dever do profundo conhecimento de seu rebanho e para isso deveria morar junto à sua paróquia (salvo alguns casos previstos no CDC), para assim acompanhar o progresso espiritual de seus fiéis e administrar com zelo os bens pertencentes à sua paróquia. Desse modo, era também responsabilidade do pároco a administração dos negócios jurídicos (com pessoas físicas e jurídicas) como contratos; aquisições e alienações de bens; heranças de terceiros às paróquias e o zelo pelo patrimônio físico (conservação e manutenção do templo e organização das doações e dízimos da paróquia). Em conjunto com as ações elencadas, era necessário também o zelo pelo arquivo paroquial — classificado pela Igreja como seu patrimônio histórico — que tinha a função de preservar as cartas, comunicados, livros de atividades sacramentais entre outros documentos que auxiliam no diagnóstico da comunidade em questão e o controle tanto do pároco quanto do bispo responsável.

88

O sujeito residente na região confiada a uma paróquia específica seria vinculado a ela através do batismo (sacramento de ingresso na vida cristã). Nela participaria em comunidade das atividades ligadas ao rito católico

89 Para a Igreja Católica e seus fiéis, a eucaristia é a presença real de Jesus Cristo. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a Eucaristia é "o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue do Senhor Jesus, que Ele instituiu para perpetuar o sacrifício da cruz no decorrer dos séculos até ao seu regresso, confiando assim à sua Igreja o memorial da sua Morte e Ressurreição. É o sinal da unidade, o vínculo da caridade, o banquete pascal, em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da vida eterna." (n. 271). Baseia-se principalmente no trecho do Evangelho de São João (João 6:51-71). A Igreja Católica confessa, desde o princípio da instituição, a presença real de Cristo, em seu corpo, sangue, alma e divindade, após a transubstanciação do pão e do vinho, ou seja, a aparência permanece de pão e vinho, porém a substância se modifica, passa a ser o próprio Corpo e Sangue de Cristo.

90 Segundo a Enciclopédia Católica Popular (2008), entende-se por Sacramento da Penitência (ou Sacramento da reconciliação / Confissão) no ato da confissão de pecados a um sacerdote com o intuito de se perdoar os pecados graves, restituindo-lhe a graça santificante e concedendo-lhe especial "graça sacramental" que o ajuda na luta para não recair nos pecados cometidos. A Igreja recomenda-o mesmo para o perdão dos pecados veniais, embora este perdão se possa obter também por outros meios. O sacramento da Penitência é aquele cuja forma concreta mais evoluiu ao longo dos séculos (cf. Cat. 1447).

(demais sacramentos e práticas devocionais) e auxiliaria na sua manutenção (com doações, dízimos e trabalhos comunitários). O pároco assumiria como gestor (Pai e Pastor), na assistência das atividades espirituais e administrativas da paróquia (e demais igrejas não paroquiais, capelas, oratórios sob seu domínio)⁹¹, tendo assim o controle direto de todas as atividades e o respeito de seus fiéis. O resultado de tal monitoramento era comunicado ao bispo local que, por visitas pastorais, conseguia obter um diagnóstico do conjunto de paróquias de seu território para traçar estratégias e definir diretrizes para o sucesso da hegemonia do movimento de romanização pretendida pela Santa Sé.

Ao observarmos a Igreja Católica em São Paulo, pode-se perceber que no primeiro período de divisão das dioceses (1908 - 1923), houve o aumento de 16 paróquias criadas (chegando a 61 paróquias em 1922) para uma população católica que aumentou de 925.715 fiéis para 1.204.420, contando com apenas cerca 259 sacerdotes (regulares e incardinados). Portanto, em média, para cada paróquia existente havia uma demanda de 19.745 almas. No segundo momento de divisão do território pelas dioceses (1924-1929) — mesmo com a diminuição de paróquias informada pelo senso de 1927 ocasionada pela nova distribuição de dioceses — percebe-se que o número entre o crescimento da população católica em relação às paróquias se mantiveram relativamente proporcional, chegando ao ano de 1933 com o total de 62 paróquias para uma população de 1.315.895 almas.

ANO	POPULAÇÃO CATÓLICA	PARÓQUIAS	SACERDOTES ARQUIDIOCESE	SACERDOTES RELIGIOSOS
1912	925.715	49	51	138
1915	948.080	57	46	155
1928	1.043.525	58	52	117
1921	1.135.785	58	53	180
1922	1.204.420	61	57	202
1927	1.264.450	52	55	221
1931	1.290.870	59	64	248
1933	1.315.895	62	67	255

Tabela 1.8 - Quadro comparativo. Movimento geral da Arquidiocese. **Fonte:** O Brasil Catholico de 1942, pp. 152-153. Em nota, o informativo adverte que as oscilações para menos dos anos anteriores a 1927 explicam-se pelo fato de serem incompletas devido à deficiência de informações. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Paulo

91 Neste sentido, por mais que houvesse um padre responsável pela igreja não paroquial; capela ou oratório; todo e qualquer movimento realizado deveria necessariamente passar pela supervisão e aprovação do pároco / paróquia da qual estava subordinada.

A quantidade de paróquias apresentada no senso católico de 1933, não corresponde necessariamente ao número de pontos fisicamente marcados para realização de atividades pertinentes ao culto católico no período. Cada paróquia tinha a função centralizadora e reguladora das atividades de um grupo de outros lugares sagrados (conforme o Can.1154 do Código Pio-benedictino)⁹² referentes ao catolicismo paulista. Segundo *O Brasil Católico* de 1935, o território da Arquidiocese contava ao todo com 400 lugares sagrados (igrejas não-paroquiais, capelas, jazigos e oratórios privados) que, sob a administração de tais paróquias, eram distribuídos pelo município de São Paulo e demais municípios. Contando com quase 50 % (cerca de 198 Lugares sagrados), o território eclesiástico referente ao município de São Paulo estava organizado a partir da região da Catedral da Sé (primeira paróquia fundada) e dividido em mais 35 paróquias.

1.5 A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO RELIGIOSO EM SÃO PAULO: A CRIAÇÃO DO SPHAN E O TOMBAMENTO DAS IGREJAS PAULISTAS.

90

Fundado por Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde por decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi um importante instrumento para a salvaguarda do patrimônio religioso da Arquidiocese de São Paulo. Assim que instituído oficialmente, o decreto foi publicado no *Boletim Eclesiástico* (Órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo) de forma integral com o intuito não apenas de comunicar a existência do novo órgão, mas para instruir todo o clero no que diz respeito a como se conservar e como agir perante ao tombamento dos templos pertencentes à arquidiocese.

Segundo Gonçalves (2004), durante os primeiros anos de atuação do órgão, uma das suas principais atividades foi o esforço de tombamento das edificações que possuíam, segundo o grupo, valor histórico e artístico. Para a autora, os esforços empreendidos por este grupo, para além de salvaguardar o patrimônio histórico e artístico do país, centravam-se em especial na reconstrução de uma ideia de nação, recorrendo ao passado para se lançar

92 Can.1154 Lugares sagrados são aqueles designados ao exercício do culto divino ou ao enterro dos fiéis pela aplicação do rito de consagração ou bênção, conforme prescrito pelos livros litúrgicos aprovados.

para o futuro, tendo como principal instrumento a ato de tombamento de tais edificações. Neste sentido, as ações de tombamento foram desde o princípio pautadas, em sua maioria, por um levantamento sistemático de tais obras que:

[...] perante a carência de informações sistematizadas a respeito do próprio patrimônio que se começava a descobrir, tenha se desenvolvido uma das preocupações iniciais do órgão: a de difundir o conhecimento teórico dentro da instituição, através da publicação de artigos e pesquisas produzidas pelo seu corpo técnico. A Revista do Patrimônio, cujo primeiro exemplar data de 1937, seria um dos principais canais de informação técnica (GONÇALVES, 2004. p.37)

Informações técnicas que serviam não apenas ao corpo especializado do SPHAN como também para todo o clero católico paulista. Neste sentido, já nas primeiras edições da revista, observam-se artigos onde as leituras eram constantemente recomendadas ao corpo eclesiástico. Percebem-se levantamentos e análises (Textos, fotografias, croquis e desenhos técnicos) de igrejas, capelas e demais patrimônios católicos do período colonial, possibilitando assim, senão o tombamento de tais edificações, o conhecimento e preservação de suas memórias. Em relação ao patrimônio religioso em São Paulo, localizam-se os artigos de Mário de Andrade; Nuto Sant'Anna e Luís Saia no Volume 01 (1937) e artigos de Lúcio Costa e Sérgio Buarque de Holanda no Volume 05 (1941)⁹³

91

Ao longo da gestão de dom Duarte e — de forma mais concentrada — na gestão de dom José Gaspar, o SPHAN sob os dois períodos de gestão de Mário de Andrade (1938 e 1941) tombou 10 igrejas pertencentes à arquidiocese, sendo em sua maioria nos bairros e cidades que circundavam a metrópole.

93 Respectivamente, os textos dos autores citados: Volume 01 (1937): A Capela de Santo Antônio (p. 119); A Igreja dos Remédios (p.127); O Alpendre nas Capelas Brasileiras (citações das Capelas de S. Miguel, Guarapá e sítio Santo Antônio) (p. 235). Volume 05 (1941): A arquitetura jesuítica no Brasil (citações das Capelas de Carapicuíba, Voturuna, S. Roque, S. Miguel, Embu e Pátio do Colégio) e Capelas Antigas de São Paulo (São Miguel, Carapicuíba, Embu, São Roque, Voturuna) (p.105).

DATA	TEMPO	LOCALIZAÇÃO	PROCESSO
21/10/1938	Igreja de Nossa Senhora do Rosário e residência anexa	Embú	0180-T-38
21/10/1938	Igreja de São Miguel Paulista	São Paulo	0180-T-38
26/12/1938	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária	Itú	0188-T-38
25/01/1941	Capela São João Batista	Carapicuíba	0221-T-39
25/01/1941	Igreja de Nossa Senhora da Escada	Guararema	0221-T-39
19/02/1941	Capela de Nossa Senhora da Conceição	Santana de Parnaíba	0222-T-39
07/03/1941	Convento de Nossa Senhora da Conceição	Itanhaém	0215-T-39
07/03/1941	Igreja Matriz de Santa Ana	Itanhaém	0215-T-39
24/03/1941	Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo	Santos	0216-T-39
16/08/1943	Mosteiro e Igreja da Imaculada Conceição da Luz e respectivo quintal	São Paulo	0325-T-43

Tabela 1.9 - Igrejas tombadas no estado de São Paulo pelo SPHAN no período de 1938 a 1943. **Fonte:** Lista dos bens tombados no estado de São Paulo disponível em , <http://portal.iphan.gov.br>.

92

Mesmo que as ações católicas em São Paulo, perante ao movimento republicano, fossem de acompanhar o processo modernizador da sociedade (no que diz respeito em especial à sua presença junto a paisagem da crescente metrópole), ter salvaguardado seus templos característicos do período colonial e imperial brasileiro auxiliaram a instituição, não apenas a manter seu patrimônio eclesial, mas também fortaleceram a ideia de uma religião que tradicionalmente fazia parte da essência do povo brasileiro e por consequência da história de fundação e desenvolvimento da cidade de São Paulo. Argumento que será instrumentalizado constantemente, ao longo do século XX, nos discursos em defesa da religião perante às novas crenças que cresciam e se apropriaram do espaço urbano paulista.

1.6 UM BISPO-AUXILIAR PARA A ARQUIDIOCESE: PADRE JOSÉ GASPARD D'AFONSECA E SILVA (1935-1938)

Em 1935, com o estado de saúde debilitado, dom Duarte solicitou à Santa Sé um bispo-auxiliar, sendo indicado o então Padre José Gaspar⁹⁴. Em 28 de fevereiro do mesmo ano, dom Duarte recebeu a autorização de Roma, nomeando o Padre José Gaspar como “Bispo Titular da Barca e Auxiliar do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano de São Paulo”, sendo comunicado oficialmente pela a Cúria Metropolitana de São Paulo ao clero e a todos os fiéis.

94 No momento em que foi indicado para assumir o papel de bispo-auxiliar, Pe. José Gaspar estava à frente da reitoria do Seminário Central de São Paulo.

Dom Duarte, cuja saúde nunca fora robusta, sentia-se enfraquecido, fadigado, necessitando de quem o ajudasse nos múnus episcopal, que lhe pesava cada vez mais. E o seu olhar perspicaz caiu sobre Pe. José Gaspar, cuja experiência, no Seminário, demonstrava as suas grandes qualidades de administrador e de condutor de almas. Assim o propôs à Santa Sé. (CAMPOS, 1944. p. 13).

Nascido em Araxá/MG (1901), filho de Sebastião de Afonseca e Silva e Prosolina Porfírio de Afonseca, ingressou no Colégio São Luís, da Companhia de Jesus, em Itu/SP (1912) onde permaneceu até a sua entrada no Seminário Provincial em São Paulo em 1916. Após sua ordenação sacerdotal (1923), serviu como coadjutor da igreja da Consolação em São Paulo (de março a agosto de 1924) quando então foi enviado a Roma onde recebeu o título de doutor em direito canônico pela Universidade Gregoriana de Roma em 1926.



Figura 1.3 - José Gaspar como membro da Congregação Mariana de Nossa Senhora do Bom Conselho, no Colégio São Luís de Itu em 1914. **Figura 1.4.** Foto da turma de sacerdotes ordenados em 12 de agosto de 1923. 1º plano (da esquerda para a direita): Pe. José Gaspar de Afonseca e Silva, Pe. Alberto Teixeira Pequeno (Reitor do seminário); Pe. Domingos Herculano Casarin. 2º plano: Pe. José Amaral de Melo; Pe. Aguinaldo José Gonçalves. **Fonte:** Livro In Memoriam de dom José Gaspar de Afonseca e Silva (1901-1943). São Paulo: Ed. Ave Maria, 1944. pp. 2-3.

O envio de dom Gaspar para a Universidade Gregoriana de Roma está inserido nas estratégias empreendidas pela Igreja Católica onde buscava-se, na adoção do currículo e dos manuais das disciplinas da Universidade, o modelo didático para a reestruturação do Seminário de São Paulo, com o intuito de uniformizar e manter o nível da formação dos futuros sacerdotes conforme as diretrizes da Santa Sé. O percurso de formação de dom José Gaspar pode ser lido como parte do processo de construção de um “projeto de modernização

conservadora”⁹⁵ ocorrido tanto em São Paulo quanto em todo o Brasil.

Diante de sua formação em Roma em 1927, Pe. José Gaspar foi convidado, a pedido de dom Duarte, para assumir as cadeiras de Teologia Moral, Direito Canônico, Egíptologia e História da Arte, junto ao Seminário Provincial de São Paulo (naquele momento localizado no bairro da Luz, na atual Avenida Tiradentes). Em 1933, o seminário provincial é elevado ao título de Seminário Central da Imaculada Conceição, recebendo assim não apenas os seminaristas locais, como os de várias dioceses. Neste sentido, observa-se que o Seminário Paulistano pleiteava ser um modelo nacional; um centro irradiador de futuros padres que tinham em sua formação os preceitos estritamente ligados nas orientações do Vaticano, que ao assumirem as paróquias, seriam responsáveis pela difusão dos ideais romanizadores não apenas em São Paulo, mas também em outros estados.

94

No mesmo ano, após a nomeação de Pe. Alberto Teixeira (Reitor do Seminário) como Visitador Apostólico dos Seminários do Brasil, Pe. José Gaspar assumiu seu lugar, sendo ele responsável pela transferência do antigo seminário para um novo – ainda em construção em um terreno doado pelo Sr. Conde Vicente de Azevedo – no alto do Ipiranga, inaugurado em março de 1934. Diante de seu desempenho como reitor, em 1935 foi nomeado pela Santa Sé Romana para assumir como bispo-auxiliar, tornando-se o “cajado seguro em que se apoiava o velho arcebispo de S. Paulo, cuja força e saúde declinavam lentamente” (DOM JOSÉ GASPAR, 1942. p.5).

Sua indicação, por parte de dom Duarte, não se deu apenas pelo seu desempenho como reitor do seminário. Segundo Paulo de Tarso Campos (1944), dom Duarte o considerava como um “filho espiritual que ele acompanhara desde a sua entrada no seminário, até conferir-lhe as últimas Ordens Sagradas, e tê-lo na direção do Seminário Central” (p.14). Ao assumir o cargo, no dia das comemorações da posse, dom José declarou:

[...] que uma das resoluções firmes que formara de seguir a carreira sacerdotal, teve-a no colégio de Itu, quando, ora como simples coroinha, ora como acólito, ajudava as Missas que dom Duarte celebrava na capela do colégio, porquanto sempre o impressionara e calara fundo no seu espírito a piedade com que dom Duarte fazia a consagração e a elevação, com atitude edificante, contrita e ao mesmo tempo majestosa. Já então o coroinha e acólito se surpreendia a dizer consigo: “devo e preciso ser sacerdote” (CAMPOS, 1944. p.15).

95 Para Serbin (2008), a modernização conservadora seria resultado da política de romanização empreendida pela Cúria romana, objetivando a inserção no universo sociocultural do Brasil republicano e a preservação das tradições católicas em fortalecimento de sua ortodoxia e hierarquia clerical.

É provável, portanto, que sua atuação junto a dom Duarte tenha servido, em grande medida, de modelo para sua atuação nos anos seguintes. Durante o seu exercício como bispo-auxiliar, realizou um grande número de feitos, entre eles:; crismou 140.000 pessoas; ordenou 92 padres (sendo 5 seculares e 87 regulares); cuidou das obras de assistências aos operários; organizou retiros fechados para religiosas (buscando dar mais atenção à formação feminina); organizou a congregação Mariana em São Paulo e traçou diretrizes para a organização da *Ação Católica* (sendo ele grande incentivador).

Segundo Ney de Souza (2007), a Ação Católica nasceu em 1922 na Itália com o início do pontificado do Papa Pio XI, onde a Igreja buscou uma aproximação e colaboração dos fiéis leigos na defesa de seus privilégios. Buscando um apelo ativista dos cristãos, atingiu todas as camadas sociais (em especial operariado) na reconstrução de uma mentalidade religiosa católica que foi gradativamente enfraquecida a partir da Revolução Francesa e do pensamento iluminista. No Brasil, a Ação católica se oficializou a partir da década de 1930, porém já na década de 1920, haviam indícios de pequenos grupos militantes coordenados por sacerdotes seculares e religiosos que em seus estudos em Roma tinham contato com a Ação Católica Romana e assim tentaram implementar a ideia propagada por Pio XI (FENELON E KHOURY, 1987. p.127). O papel inicial da Ação Católica Brasileira foi à defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política. Nesse sentido, dom Gaspar ao longo de sua trajetória como bispo-auxiliar e posteriormente, como Arcebispo, torna-se o principal defensor da Ação Católica em São Paulo.⁹⁶

95

Como bispo-auxiliar, deu continuidade aos projetos, já em andamento, de mapeamento e controle das paróquias da cidade.

Como bispo-auxiliar, visitou toda a arquidiocese em longas visitas pastorais, chegando até as capelas mais pobres e abandonadas. Incrementou a vida religiosa na arquidiocese, movimentando as associações, orientando-as com a sua palavra sempre oportuna e sábia, dando diretrizes seguras para a organização da ação católica e para a obra de assistência aos operários (A EGREJA CATHOLICA [...], 1939. p.3)

96 No contexto da *Ação Católica* brasileira, dom Gaspar, como bispo-auxiliar, iniciou a criação de grupos que assumiram um norte político-religioso socialmente reformista, e que durante sua gestão como arcebispo seriam melhor desenvolvidos. São eles: a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Independente Católica (JIC), a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC). Em especial a JUC, viria a ser o berço da Ação Popular, movimento voltado para as questões de desigualdade social brasileira.

Em 13 de novembro de 1938, dom Duarte Leopoldo e Silva faleceu no Palácio São Luís aos 71 anos. Foi o arcebispo que teve a gestão de maior duração até o momento (atuando por 30 anos como arcebispo). Dom Duarte deixou seu governo com 12 dioceses e na cidade de São Paulo, 69 paróquias sob responsabilidade da arquidiocese⁹⁷. O desmembramento do território destinado à Arquidiocese possibilitou não apenas que sua gestão fosse melhor controlada no intuito de atender mais intimamente as necessidades de seus fiéis e aos interesses da própria instituição. Trouxe para um conjunto de cidades um novo *status* simbólico (e em certa medida político-econômico) como sedes de dioceses, todos possibilitados pela articulação política, social e econômica entre a alta hierarquia católica e diversos agentes influentes em cada região.

96

Os locais escolhidos faziam parte de uma lógica, tanto de deslocamento de tais agentes entre a capital e as cidades (possibilitando a contínua comunicação entre os prelados, padres e fiéis com o arcebispo), quanto de análise do potencial de cada cidade escolhida como polos econômicos e culturais que ampliaram o apoio para se manter a grande estrutura arquidiocesana paulista. Portanto, numa escala estadual, as ações empreendidas por dom Duarte são caracterizadas por ações planejadas, com intuito de se definir de forma sistêmica os limites pertinentes à nova arquidiocese e fomentar em cada diocese criada a expansão da rede de apoio religioso através da construção de seus próprios patrimônios religiosos, sempre em submissão à sede maior localizada na capital. O estado, sempre sagrado aos olhos católicos, estava ao fim da gestão de dom Duarte, organizado e, potencialmente, preparado para ampliar o raio de atuação da religião.

Além de sua atuação na divisão do território e criação das paróquias, pode-se observar os esforços de dom Duarte na instalação da primeira basílica do Brasil, Santuário de Nossa Senhora Aparecida⁹⁸ (1908); na organização do 1º Congresso Eucarístico de São Paulo (1915), no início da construção do Seminário Central no bairro do Ipiranga (1934); no fortalecimento da Obra das vocações sacerdotais e na criação do Museu da Cúria, que posteriormente se transformaria no atual Museu de Arte Sacra de São Paulo. Foi também na gestão de dom Duarte que ocorreram as iniciativas para o projeto de substituição da antiga igreja da Sé por uma nova catedral, na busca da reafirmação da Igreja

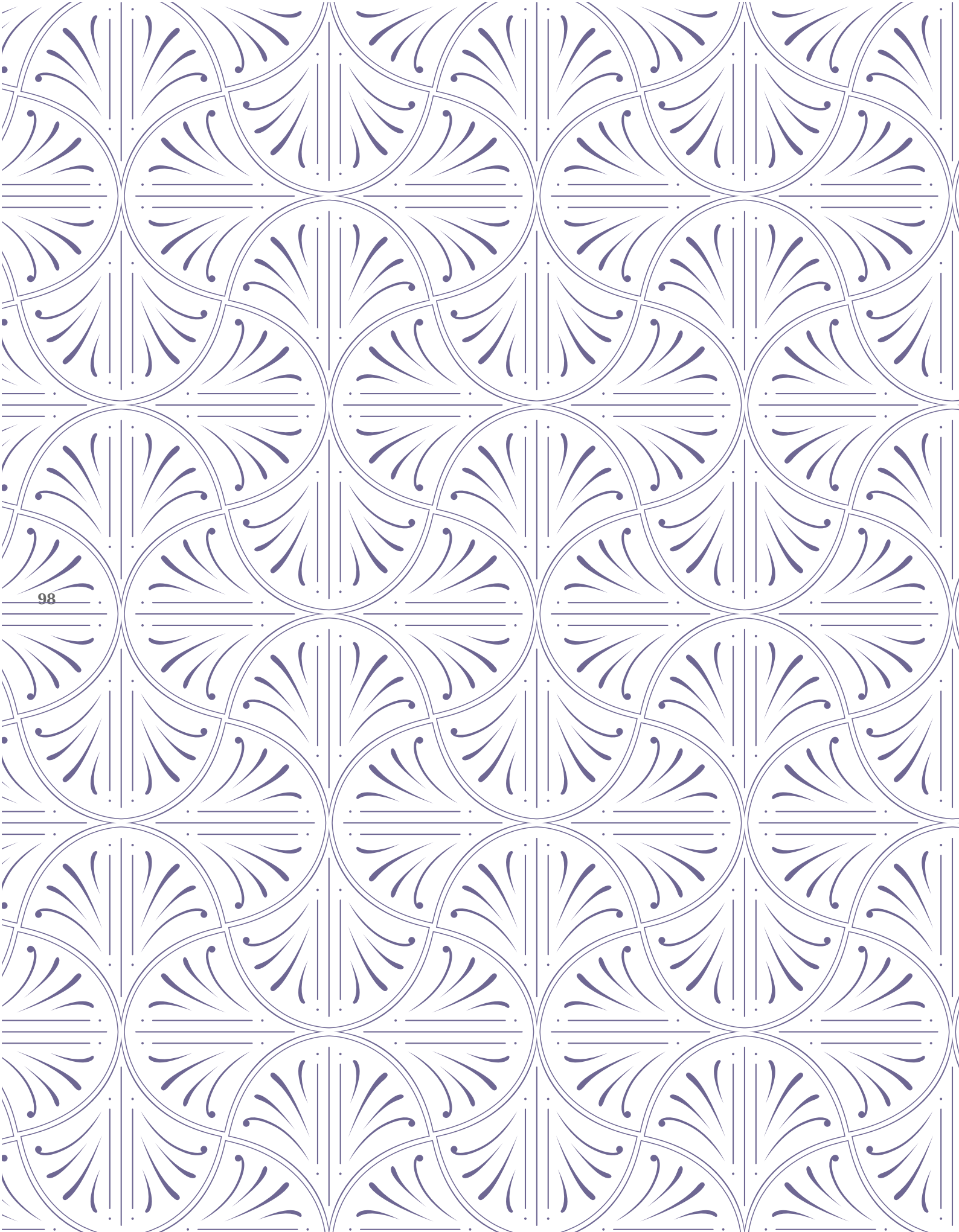
97 CAMPOS, Paulo de Tarso. In Memoriam de dom José Gaspar de Afonseca e Silva. São Paulo: Editora Ave Maria, 1944.,p. 22

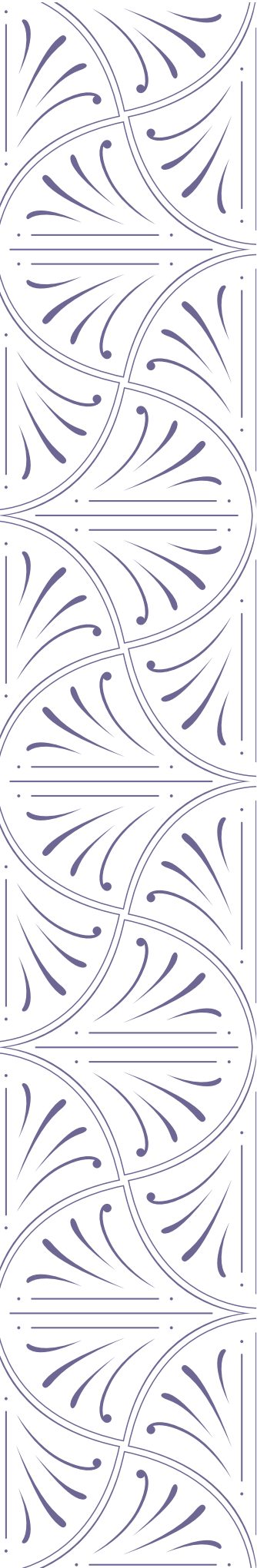
98 O Santuário que se refere aqui diz respeito à segunda versão da antiga igreja dedicada à Nossa Senhora Aparecida inaugurada em 1888, que em 1908 é elevada ao título de santuário. A Basílica que se conhece hoje, iniciou sua construção na década de 1950, com projeto de Benedito Calixto Neto.

como instituição perante ao processo de laicização que a recém instaurada república trazia.

Ao longo das três primeiras décadas em que a Igreja Católica no Brasil (e por consequência São Paulo) trabalhou arduamente para reestruturar seu clero e instruir seus fiéis, observa-se que a alta hierarquia católica pôde se aproximar das comunidades reunidas nas paróquias já existentes e pôde iniciar um projeto de aprofundamento desta demarcação territorial, vendo a necessidade em se criar com urgência novos pontos de convergência religiosa. Com a chegada de dom José Gaspar como bispo auxiliar, tal acompanhamento tornou-se mais intensivo, possibilitando um diagnóstico mais claro da realidade da Igreja paulopolitana. Seria este fato, associado a outras qualificações de dom José Gaspar que, pelas decisões de Roma, o conduziria a assumir o posto de Arcebispo logo após a morte de dom Duarte.

Ao observarmos a categoria *urbanismo religioso*, constatou-se que, com a fundação da Arquidiocese de São Paulo, dom Duarte centrou suas ações na organização do novo território eclesiástico brasileiro. Apropriando-se de instrumentos e agentes extra-espirituais, dom Duarte buscou (em grande medida com sucesso) consolidar um ethos católico — por se reivindicar tradicional e ainda presente em um regime laico — que permaneceu sendo materializado, seja na re-sacralização do território estadual, seja na afirmação dessa sacralidade ao se reformar, preservar e construir templos e símbolos pelas dioceses. Tal como apontado por Eliade (1957), dom Duarte buscou na dimensão do religioso reconhecer espaços específicos no intuito de, não apenas delimitar limites, mas de construir e consolidar um território sagrado. Assim, como a própria cidade, que se projetava para a consolidação de sua imagem como metrópole, a Igreja Católica buscou acompanhar tal esforço rumo à construção de uma metrópole católica.





CAPÍTULO 2

Torres na Metrópole

A CRIAÇÃO DE PARÓQUIAS NA GESTÃO
DE DOM JOSÉ GASPAR (1939-1943)

TORRES NA METRÓPOLE:

A CRIAÇÃO DE PARÓQUIAS NA GESTÃO DE DOM JOSÉ GASPAR (1939-1943)

Dando continuidade à análise do processo de reestruturação e afirmação da Arquidiocese de São Paulo, este capítulo irá observar a gestão empreendida por dom José Gaspar D'Afonseca e Silva (1939-1943). Enquanto na gestão de dom Duarte as ações foram centradas nas reformas institucionais e na organização do território paulista, percebe-se na gestão de dom José Gaspar um enfoque no processo de paroquialização⁹⁹ da cidade sede da arquidiocese. Com o intuito de ampliar e fortalecer a rede composta por comunidades religiosas, tais paróquias foram dispostas em distintos bairros da cidade, dando apoio tanto às questões espirituais próprias da religião quanto no auxílio de manutenção econômica e institucional da própria arquidiocese.

101

Conforme apontado no capítulo anterior, após o fim do sistema de padroado, a paróquia tornou-se o lugar privilegiado para a formação da população perante as práticas católicas. Local de ordenação das práticas e costumes sociais que “representa um universo religioso no qual prevalecem o rito, a obrigação e o cumprimento. Por isso, fomenta, por sua própria natureza, valores tradicionais e atitudes passivas: aceitação, obediência, submissão” (ALMEIDA, 2009,p.78). Em seu aspecto territorial, a paróquia (através de sua igreja própria) é o local onde se reúne uma população específica (vinculada a ela pela sua proximidade de residência) e tem como autoridade máxima o pároco por quem tudo passa: desde atividades administrativas, patrimoniais e financeiras, até as atividades de culto e associações vinculadas às práticas religiosas.

Por outro lado, pode-se considerar as construções das edificações religiosas como marcações físicas e visíveis da fé católica. Nesse sentido, observa-se que o aumento das paróquias apresenta-se como importante instrumento de

99 Termo utilizado por Castillo (1997) ao observar o aumento de fundações de paróquias no período Imperial brasileiro.

reafirmação simbólica da religião católica no que diz respeito à sua imagem na composição da paisagem metropolitana. Segundo Rosendahl (2013), “o homem religioso [...] exprime-se sob formas simbólicas que se relacionam no espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida” (p.148).

A estratégia de organização de seu território e a ordenação desse grupo social caminham com esse fortalecimento simbólico materializado através de suas igrejas. Em suma, a paróquia assumiu (e ainda assume) uma importante função na construção da unidade religiosa, cultural e social, buscando assim articular lideranças, grupos de diversos estratos sócio-econômicos e, em alguns casos, até mesmo a consolidação com outras instâncias da sociedade no intuito de garantir visibilidade e relevância na dinâmica da cidade.

Neste sentido, o presente capítulo pretende analisar o percurso de dom José Gaspar D’Afonseca e Silva como 2º Arcebispo Metropolitano e organizador do IV Congresso Eucarístico Nacional (evento que será melhor detalhado no próximo capítulo), entre 1939 a 1943. Neste período, constata-se o adensamento da marcação física e simbólica do território eclesiástico na cidade de São Paulo através da criação de unidades paroquiais como forma de aprofundamento das estratégias empreendidas nas gestões anteriores.

102

2.1 DOM JOSÉ GASPAR D’AFONSECA E SILVA: UM PASTOR VIGILANTE, UM ADMINISTRADOR DE GRANDE TINO, UM CIDADÃO PATRIOTA

Com a morte de dom Duarte, em 13 de novembro de 1938, a arquidiocese tornou-se sede vacante¹⁰⁰ até a indicação do próximo arcebispo eleito, que se deu em setembro de 1939. No período de vacância, dom José Gaspar (no papel de bispo-auxiliar) deu continuidade aos trabalhos e compromissos assumidos por dom Duarte em vida. Ainda no período em que dom Duarte se encontrava debilitado, verifica-se a participação do bispo-auxiliar na representação da arquidiocese paulista no III Congresso Eucarístico Nacional, realizado em

100 Segundo o código de direito canônico, Sede Vacante ou Sé vacante significa o período em que a Sé episcopal (diocese ou arquidiocese) está sem um representante, seja devido ao falecimento do arcebispo (bispo); por transferência ou por este ter perdido seu ofício. Neste caso, se houver um prelado coadjutor, com direito a sucessão, este assume o cargo até a eleição do próximo representante.

Recife entre os dias 3 a 8 de setembro de 1938. Em artigo intitulado *O III Congresso Nacional Eucarístico em Recife: a peregrinação paulista através das notas da carteira de um repórter peregrino*, nota-se o relato sobre o anúncio da próxima cidade a sediar o evento.

O alto-falante anunciou que ia ser declarada a decisão da comissão episcopal, diretora dos Congressos Eucarísticos Nacionais, sobre a sede do IV Congresso, em 1942. Era voz corrente que a cidade de Porto Alegre seria a indicada, embora tivesse sido ventilada a indicação da capital bandeirante. [...] Assim, foi com grande surpresa que ouvimos a efetiva indicação de São Paulo para o Congresso de 1942. Grande foi a nossa emoção e a nossa alegria; emoção e alegria que cresceram, quando vimos o clamor e os aplausos da multidão saudando a terra Bandeirante (III CONGRESSO [...], 1939. p.7).

Dom José Gaspar assumiu a responsabilidade de sua organização e execução, fato este que seria de grande importância para impulsionar ações que posteriormente assumiria como arcebispo. Além da sua importância como afirmação da religião, o Congresso Eucarístico Nacional impunha necessidades práticas de adaptações para receber o grande número de fiéis que viriam em romaria para São Paulo. No mesmo artigo, é possível identificar as preocupações por parte dos romeiros paulistanos em deixar claro a existência dos problemas presentes na cidade.

Dissemos logo que a topografia de São Paulo, o congestionamento de trânsito, com a carência de vastas praças, oferece aos poderes públicos e ao Sr. arcebispo de S. Paulo algumas dificuldades; mas, seria superiores as energias de paulistas, pois que, concluídas as obras portentosas em que a prefeitura municipal estava no momento empenhando, essa face do problema seria resolvido no decurso dos três anos, que ainda nos afastam da primavera de 1942. [...] Ora, a capital paulista está empenhada em poder oferecer, a milhares de turistas que já diariamente a visitam alguma coisa mais que seu dinamismo, que suas instituições culturais, que o seu maravilhoso parque industrial: - S. Paulo quer oferecer também primores de urbanismo, parques, jardins, paisagens dignas do seu progresso (III CONGRESSO [...], 1939. p.7).

A cidade de São Paulo passava por um contínuo processo de metropolização tendo, nesse momento, como um de seus principais símbolos o início da implantação da expansão da rede viária do centro da cidade¹⁰¹. A Igreja Católica em São Paulo percebeu no evento a oportunidade para demonstrar sua relevância e grandiosidade, resultado de seus trabalhos na intensa tentativa de resgatar seu poder de influência junto aos poderes públicos e na

101 Desenvolvida na década de 1920 por João Florence D'Ulhoa Cintra e Francisco Prestes Maia e retomado anos depois pelo então Prefeito Prestes Maia.

reafirmação de sua presença na sociedade nos anos anteriores. Na cidade que a passos largos se transformava em metrópole, dom José Gaspar percebeu a possibilidade de construí-la, também, como uma metrópole católica marcada materialmente pela construção dos novos templos.

Logo após o falecimento de dom Duarte, o então bispo-auxiliar recebeu a notícia que assumiria a administração da Arquidiocese de São Paulo. Sua posse, marcada para o ano seguinte (17 de setembro de 1939), foi realizada na paróquia de Santa Efigênia que no momento avocava o papel provisório de catedral metropolitana.

O novo arcebispo de São Paulo, no exercício de bispo-auxiliar de d. Duarte, conseguiu impor-se a *sympatia* e a admiração do povo de Piratininga, revelando-se, em todos os seus actos, o pastor vigilante, o sacerdote de larga cultura e formosa intelligencia, o administrador de grande tino e esplêndida capacidade de trabalho, o orador primoroso, o cidadão patriota, o coração que não se deixa vencer em generosidade. [...] A Igreja Catholica de São Paulo receberá, hoje, o seu novo chefe. As ruas da capital estão floridas e embandeiradas. Os sinos de todas as Igrejas acordaram a cidade com repiques festivos, cantando hosanas ao Senhor, agradecendo-lhe, pela archidiocese de São Paulo, a inspiração do Papa Pio XI ao escolher, para o mais alto posto da Igreja Catholica na terra bandeirante, o nome querido e respeitado de d. José Gaspar de Affonseca e Silva, reunindo as virtudes e ao saber do seu antecessor, a sua mocidade, que pôs, inteiramente, ao serviço das almas, colocando-se ao serviço de Deus e da Pátria (A EGREJA CATHOLICA [...], 1939. p.3).

104

Como lema de seu arcebispado elegeu a frase “*Ut omnes unum sint*” (Para que todos sejam um), trecho retirado do evangelho de São João que, segundo o próprio Dom Gaspar, seria a síntese de sua aspiração como arcebispo na busca em “trabalhar incansavelmente para a perfeita coesão não só do clero, mas de todos os fiéis na realização do divino ideal de santificação de todos e da recristianização da pátria”.¹⁰² O lema (A) inserido em seu Brasão de Armas, foi acompanhado de outros símbolos que demonstravam sua completa submissão à Roma: com a representação de uma águia estilizada (B) ,simbolizando o pontificado de Pio XI; a representação do pálio¹⁰³ (C) que envolve o escudo com três cruces latinas (simbolizando a plenitude

102 *ibidem*.

103 O Sagrado Pálio foi concedido oficialmente no dia 3 de março de 1940 na capela da Nunciatura Apostólica, no Rio de Janeiro, pelas mãos do Núncio Apostólico Bento Aloisi Masella. Em entrevista ao Correio Paulista, o novo arcebispo anunciou seus planos iniciais, reforçando a necessidade de construção de novas paróquias como parte dos preparativos do IV Congresso Eucarístico Nacional, que se realizaria em 1942. Nunciatura Apostólica é o local da representação diplomática da Santa Sé, nesse momento localizado na capital do Brasil – Rio de Janeiro. Por sua vez, Núncio Apostólico assume o papel de embaixador, respondendo às questões diplomáticas do Vaticano.

do poder pontifical da Sé Católica); e o chapéu episcopal com adornos (D) que envolvem o escudo (simbolizando a dignidade eclesiástica). Fazendo referência à história e hierarquia da Igreja, têm-se no topo do escudo: a Mitra (E) que o identifica como bispo; no centro (F) a cruz patriarcal (lembrando os primeiros chefes da Igreja) e a chave (G) simbolizando São Pedro, primeiro Papa. Os demais símbolos presentes no escudo, têm relação com sua história: as iniciais IMC no lado esquerdo (H); representa o Seminário de São Paulo, onde foi reitor; e no lado direito um leão (I) representando sua família (Silva).

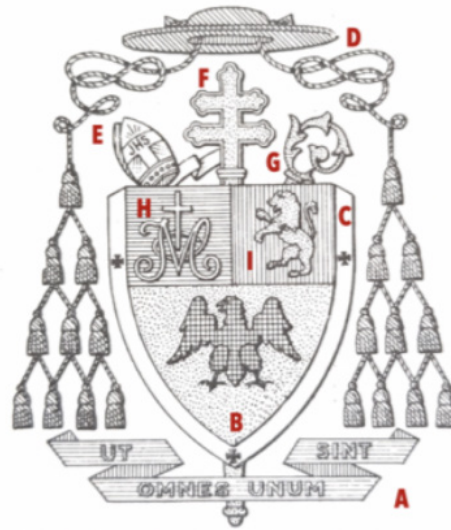


Figura 2.1- Brasão de Armas de Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva. **Fonte:** A Igreja nos quatro séculos de São Paulo. São Paulo: Ed. Documentários Nacionais, 1954.

A programação dos festejos em torno de sua posse contou com um grande cortejo que partiu da estação da Luz — onde dom José chegou acompanhado pelo Dr. Adhemar de Barros (representando o governo do estado) — em locomotiva vinda de Santos. Ao chegar na estação foi recebido pelas autoridades eclesiásticas, civis e militares, tendo como destaque a presença do então prefeito Prestes Maia que saudou publicamente o novo prelado. Da estação, seguiu em cortejo solene com fiéis e membros do clero paulistano em ato público reafirmando a importância da figura episcopal nas principais vias da cidade moderna e republicana. Por todo percurso se formou um grande corredor composto pelas principais associações e grupos católicos paulistas: Círculo operário católico, Apostolado da Oração, Liga das Senhoras Católicas, Juventude Católica, Associação dos Professores Católicos entre outros. O evento processional foi a resposta de uma igreja, que mesmo não pertencendo oficialmente à estrutura governamental, demonstrou sua aproximação com os poderes públicos e declarou sua força perante à sociedade.

Seguindo a lógica de cooperação e diplomacia de um “empreendedor eclesiástico” (MICELI,2009), ainda na semana em que ocorreu sua posse, dom José Gaspar realizou uma série de visitas de agradecimentos aos principais representantes dos poderes públicos pelas manifestações de apoio ao seu arcebispado. Esteve presente no Palácio Municipal, em encontro com o governador Adhemar de Barros e o prefeito Francisco Prestes Maia, assim como, visitou o gabinete do presidente do departamento de Administração Federal do Estado, Dr. Godofredo da Silva Telles. Segundo o jornal *O Estado de São Paulo*¹⁰⁴, o bispo também dirigiu-se ao Quartel General da Força Pública ao encontro do coronel Mário Xavier, para agradecer a visita realizada pelos comandantes e oficiais militares. Além dos poderes públicos, representantes da imprensa (rádio, jornais e emissoras da capital) receberam em suas sedes a visita do novo arcebispo. Em campanha, anunciava a importância de uma frente — composta por profissionais da comunicação — que apoiasse os valores católicos batizada por ele como Boa imprensa católica.

Dom Gaspar também fez um primeiro contato com as instituições responsáveis pela formação intelectual paulistana, em especial a Universidade de São Paulo. Dom José foi recebido na Faculdade de Direito da USP pelo diretor da instituição, Gabriel Rezende Filho¹⁰⁵, que em homenagem prestada ao novo arcebispo discursou em nome do corpo docente:

106

Temos a convicção de que as angústias destes tempos que correm, ora redobradas pelos acontecimentos que estamos presenciando, por essa dolorosa postergação dos mais comezinhos princípios da moral e da justiça por povos de cultura superior, todo esse desalento, todo esse pessimismo, que embalde tentaríamos dissimular, tudo isso que tanto e tanto preocupa a humanidade, só terá solução com o retorno decidido ao espiritualismo, único roteiro para os indivíduos e para as nações. Reinem, pois, e floresçam os valores espirituais, dominando e limitando os valores materiais e econômicos. Urge um trabalho intenso e prolongado de reparação espiritual, em todos os setores da atividade humana, uma como que purificação do mundo, pelo abrandamento da concepção materialista. [...] O Brasil caminhará para um futuro radioso si se conservar apegado às imarcescíveis tradições cristãs de seu passado. Como bem dissestes, no vosso belíssimo discurso de posse, devemos ter a coragem de nos professarmos uma nação partidária ardorosa do espírito contra o império das coisas perecíveis, da religião contra o ateísmo, do amor contra o ódio, da justiça contra a brutalidade! (REZENDE FILHO, 1939. p. 509).

104 Jornal O Estado de São Paulo. Arcebispo D. José Gaspar de Afonseca e Silva. 08/10/1939. p.03

105 Gabriel de Rezende Filho (1893 – 1957) foi professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo entre 1945 e 1948. Segundo Luís Eulálio de Bueno Vidigal (1957 p. 285), em discurso proferido na Faculdade de Direito após seu falecimento, o professor assumia, em seus discursos e aulas, sua posição em apoio aos ideais católicos. para melhor entendimento de seu percurso acadêmico, ler: VIDIGAL, L. E. DE B. Gabriel de Rezende Filho. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 52, p. 296-305, 1 jan. 1957.

Em resposta à homenagem prestada pelo catedrático Gabriel de Rezende, dom José exortou o corpo docente, exaltando a Faculdade como o local da contribuição de notáveis intelectuais no Brasil, destacando a necessidade de se formar profissionais que fossem orientados para a verdade que seria regida por Deus. Alertando os alunos da instituição afirmava:

A consciência cristã sofre hoje rudes assaltos; nossa educação mal suporta a frieza impudente com que se canonizam absurdos no governo dos povos. E tudo parece que se apresenta ao espírito com tintas de um ocaso para a civilização. [...] Pouco importa: amemos a Deus e procuremos a verdade e cultuemos a justiça. Consideremos a Santa Igreja. Mesmo aos não católicos, pode ela ensinar, com seus dois milênios de existência. O despotismo dos césares e as explosões das anarquias; as ameaças dos poderosos que estão a repetir monotonamente, de século em século, a mesma cediça linguagem sem saberem como variá-la, têm funestado a Igreja e arrancado do seu materno regaço famílias e nações. Jamais, porém, obtiveram a renúncia de um princípio, o repúdio de uma verdade, a alienação de um direito da consciência, nem a abdicação da mínima parcela de liberdade da alma! (REZENDE FILHO, 1939. p. 511)

Passados os festejos em torno de sua eleição, dom José Gaspar anunciou na primeira reunião do Episcopado da Província Eclesiástica de São Paulo seus planos iniciais em relação à instituição católica paulista, reunindo as preocupações e sugestões dos bispos de sua arquidiocese. Em carta direcionada ao Núncio Apostólico Benedetto Aloisi Masella, dom José Gaspar relatou suas impressões acerca do território eclesiástico paulista no período em que assumia o papel de bispo auxiliar.

[...] Há mais de 20 dias que estou com duas cartas começadas para V. Excia. Entretanto, as centenas de ocupações, visitas ocasionam um atraso enorme na minha correspondência. Graças a Deus as últimas manifestações pela minha tomada de posse estão por terminar, ficando-me assim mais tempo para o trabalho. [...] Como Bispo Auxiliar visitei todas paróquias e verifiquei o estado lastimável de muitos arquivos paroquiais, livros de batizados, falta de cuidado na observância das leis litúrgicas, etc e convenci-me de que só se remediará tudo isto com visitas frequentes. A única solução seria a divisão das dioceses em decanatos, como aliás preceitua o código. Foi o que consegui realizar agora. Depois da Páscoa os Vigários Decanos começarão a fazer as visitas conforme um regulamento que estou preparando, guiando-me pelos modelos de várias Curias Européias e Americanas. Espero assim remediar muitos males.[...] Atualmente estão em estudo 23 paróquias novas, sendo 18 na capital que cresce assustadoramente. Desejo muito até o próximo Congresso Eucarístico ter realizado estas multiplicações de paróquias, pois, Sr. Núncio é doloroso ver multiplicarem-se os centros de espiritismo, as casas protestantes e as paróquias permanecerem anos e anos com o mesmo numero. Existem aqui na Arquidiocese paróquias com 70 mil habitantes cada uma! Em novembro criei 10 e agora em dezembro espero ter prontas mais umas 3 ou 4 novas (GASPAR, 1939. n.p.).

Diante da extensa dimensão geográfica da cidade de São Paulo e o crescente número de paróquias, dom José Gaspar já havia decidido dividir o território eclesiástico em decanatos com o intuito de solucionar os problemas apontados por ele. Um decanato é caracterizado pelo agrupamento de paróquias administrado por um pároco (nomeado como decano) situado em uma sede paroquial. Tem como finalidade o melhor desenvolvimento do trabalho pastoral (no controle da observância das leis eclesiásticas), o controle das atividades administrativas e o ordenamento das necessidades de cada paróquia. Além de controlar e administrar o conjunto de paróquias, o decano assume o papel de porta-voz na comunicação entre as comunidades paroquiais e o arcebispo. Em resumo, ao invés do arcebispo ficar diretamente responsável por visitar e controlar cada paróquia da cidade de São Paulo, com a divisão da cidade em decanatos, ele constitui paróquias sedes que, através dos párocos decanos, tem um maior controle do próprio clero e das atividades e necessidades da comunidade de fiéis. Diante do exposto, no dia 13 de novembro de 1939, por decreto emitido pelo Chanceler interino do arcebispo (Padre João Kulay), se oficializou a criação de 18 decanatos.

Arquidiocese de São Paulo	DIVISÃO TERRITORIAL	1 Decanato de São Paulo SÉ CATEDRAL (1558)	10 Decanato de Santa Ana PARÓQUIA DE SANTA ANA (1895)
		2 Decanato de Nossa Sra da Consolação PARÓQUIA DA CONSOLAÇÃO (1870)	11 Decanato de Nossa Sra da Lapa PARÓQUIA DA LAPA (1911)
		3 Decanato de Santa Cecília PARÓQUIA DE SANTA CECÍLIA (1895)	12 Decanato de Santo Amaro PARÓQUIA DE SANTO AMARO (1685)
		4 Decanato do Divino Espírito Santo PARÓQUIA DE BELA VISTA (1908)	13 Decanato de Santo André PARÓQUIA DE SANTO ANDRÉ (1914)
		5 Decanato do São João Batista PARÓQUIA DE SÃO JOÃO DO BELÉM (1908)	14 Decanato de Nossa Sra do Desterro PARÓQUIA DE JUNDIAÍ (1655)
		6 Decanato de São José PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ DO BELÉM (1897)	15 Decanato de São João Vianney PARÓQUIA DE MOGI DAS CRUZES (1611)
		7 Decanato de São Joaquim PARÓQUIA DE CAMBUCI (1895)	16 Decanato de Nossa Sra da Candelária PARÓQUIA DE ITU (1663)
		8 Decanato de Santa Generosa PARÓQUIA DE SANTA GENEROSA (1908)	17 Decanato de São Roque PARÓQUIA DE SÃO ROQUE (1908)
		9 Decanato de Nossa Sra da Penha PARÓQUIA DA BELA VISTA (1908)	18 Decanato de Nossa Sra Aparecida EXTRA DECANATO

Tabela 2.1 - 18 decanatos criados por dom José Gaspar em 1939 e suas respectivas paróquias sedes.
Autor: João Carlos S. Kuhn.

1	Decanato de São Paulo SÉ CATEDRAL (1558)	SANTA LIGENIA (1809) BRAZ (1818) ACLIAMAÇÃO (1939)	
2	Decanato de Nossa Sra da Consolação PARÓQUIA DA CONSOLAÇÃO (1870)	SÃO JOSÉ DO BEXIGA (1926) HIGIENÓPOLIS (1926)	
3	Decanato de Santa Cecília PARÓQUIA DE SANTA CECÍLIA (1895)	BOM RETIRO (1914) BARRA FUNDA (1914) PERDIZES (1914)	
4	Decanato do Divino Espirito Santo PARÓQUIA DE BELA VISTA (1908)	PINHEIROS(1779) VILA-AMÉRICA(1930)	JARDIM PAULISTA (1939) CALVÁRIO(1939)
5	Decanato do São João Batista PARÓQUIA DE SÃO JOÃO DO BELÉM (1908)	SANTO ANTONIO DO PARI (1914) VILA-MARIA(1933) SANTA RITA (1938)	
6	Decanato de São José PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ DO BELÉM (1897)	QUARTA-PARADA(1925) CRISTO-REI (1937)	REGENTE FEIJO (1939) VILA-FORMOSA(1939)
7	Decanato de São Joaquim PARÓQUIA DE CAMBUCI (1895)	MÓOCA (1914) IPIRANGA (1920) SÃO RAFAEL (1935)	NOSSA SENHORA DO SION (1939) SANTA MARGARIDA MARIA
8	Decanato de Santa Generosa PARÓQUIA DE SANTA GENEROSA (1908)	SAUDE (1917) SANTO AGOSTINHO (1929) BOSQUE DA SAUDE (1929)	IMACULADA CONCEIÇÃO (1939) VILA- CLEMENTINO
9	Decanato de Nossa Sra da Penha PARÓQUIA DA BELA VISTA (1908)	PARÓQUIA DA PENHA (1796) GUARULHOS(1685) SÃO MIGUEL (1779)	
10	Decanato de Santa Ana PARÓQUIA DE SANTA ANA (1895)	TUCURUVI (1926) CASA VERDE (1927)	JACANA (1937) LIMÃO (1939)
11	Decanato de Nossa Sra da Lapa PARÓQUIA DA LAPA (1911)	FREQUESIA DO O (1796) AQUA BRANCA (1933)	VILA POMPÉIA (1939) IPOJUCA
12	Decanato de Santo Amaro PARÓQUIA DE SANTO AMARO (1685)	ITAPECERICA(1779) M'BOY (1779)	INDIANÓPOLIS (1933) IBIRAPUERA(1935)
13	Decanato de Santo André PARÓQUIA DE SANTO ANDRÉ (1914)	SÃO BERNARDO (1812) RIBEIRÃO PIRES (1911) SÃO CAETANO (1924)	
14	Decanato de Nossa Sra do Desterro PARÓQUIA DE JUNDIAÍ (1655)	VOLA ARENS (1922) LOUVREIRA (1939) PONTE DE SÃO JOÃO	Per us Taipas
15	Decanato de São João Vianney PARÓQUIA DE MOGI DAS CRUZES (1611)	GUARAREMA(1779) ITAQUAQUECETUBA(1779) ARIA (1852)	ITAQUERA(1928) POA (1935)
16	Decanato de Nossa Sra da Candelária PARÓQUIA DE ITÚ(1663)	CABREÚVA (1830) SALTO (1830) PIRAPORA(1897)	
17	Decanato de São Roque PARÓQUIA DE SÃO ROQUE (1908)	PARNÁIBA(1625) ARAÇARIQUAMA(1701) COTIA (1723)	UNA(1811) OSASCO (1930) MAYRINK (1939)
18	Decanato de Nossa Sra Aparecida EXTRA DECANATO	Extra Decanato	

Tabela 2.2 - 18 decanatos criados por dom José Gaspar em 1939, suas respectivas paróquias sedes e as paróquias existentes na capital em 1939. **Autor:** João Carlos S. Kuhn.

2.2 CATEDRAL DA SÉ: RETOMANDO A CONSTRUÇÃO DO GRANDE MONUMENTO.

Dom Duarte Leopoldo e Silva terminou seu mandato sem ver finalizada a nova Catedral. O novo arcebispo, resgatando as intenções de seu antecessor, já no início de sua gestão deu prosseguimento à construção da catedral, reformulando a *Comissão Executiva das Obras da Nova Cathedral* e criando a partir dela a *Legião Paulista da Cathedral*. Composta por leigos católicos e membros do clero, a *Legião da Cathedral* tinha como objetivo angariar fundos para a conclusão das obras até o início da realização do IV Congresso Eucarístico que se realizaria em 1942. Em matéria publicada no jornal *Correio Paulistano*, dom José Gaspar faz o seguinte apelo aos católicos paulistas:

Como as coisas que crescem para a perenidade, ergue-se sem impressionar com os apressados arranha-ceos que a circundam.[...] Muitos dos que lhe eram adversos calaram-se aos poucos ante a mudez solene daqueles blocos de granito, que se vão sobrepondo para falar depois aos paulistas e aos forasteiros a linguagem do mais expressivo monumento da metrópole. Quasi consciente do seu destino, sabe a Cathedral que será sempre e para o futuro o maior templo do nosso povo, onde este se reunirá nos grandes dias do calendário bandeirante para cantar o seu “Te Deum”, chorar os seus mortos ou comemorar as suas magnas datas. Terminada a abside e as naves lateraes, chegou agora a vez de se levantarem as torres, cobrir-se a nave central e erguer-se a cúpula. Dirijo-me , a todos os paulistanos e paulistas, solicitando encarecidamente a sua preciosa colaboração. A Comissão Executiva das Obras da Nova cathedral, composta dos exmos. Padre José Hygino de Campos, drs. Altino Arantes, José Carlos de Macedo Soares, José Maria Whilaker, Leão Renato Pinto Serva, Francisco Morato, Erasmo de Assumpção, Samuel Ribeiro, Goffredo da Silva Teles, José Cassio Macedo Soares, Antônio Cintra Coutinho e Tacito Lara, lança hoje a ideia de se organizar a Legião Paulista da Cathedral. [...] Em 1942, São Paulo vae ser a sede do IV Congresso Eucarístico Nacional e precisa mostrar aos peregrinos de todo o Brasil a Cathedral Metropolitana em vias de conclusão. (APELLO [...], 1940, p.3)

Buscando fundar uma associação, essencialmente popular, a Legião Paulista da Cathedral buscou se difundir em todas as paróquias da arquidiocese em busca de conseguir contribuintes voluntários que mensalmente auxiliariam com as despesas para a construção. Em 23 de janeiro de 1940, o grupo representado pelo Dr. Altino Arantes (presidente da comissão), anunciava

o início de suas atividades. Através da rádio *Excelsior*¹⁰⁶, o presidente da comissão defendeu que a futura catedral seria a manifestação de fidelidade à religião e um poderoso vínculo da união e indissolubilidade da pátria. Além disso, seria também a demonstração do progresso econômico e cultural do povo paulistano. Atentando os católicos para o próximo congresso eucarístico, Altino Arantes discursou:

Obedecendo a esse critério e procurando realizar esse propósito, deliberou agora a Comissão Executiva fundar uma vasta associação, essencialmente popular, que [...] se estabeleça em todas as paróquias e freguesias da arquidiocese e na qual se alistem contribuintes voluntários que – em variadas mas relativamente modicas contribuições mensais – concorram regularmente para as despesas, sempre certas e avultadas, dos respectivos trabalhos. Formar-se-ia destarte, sem constrangimentos e sem custosas sobrecargas, um patrimônio estável, permanente, que asseguraria o prosseguimento normal e sistemático, livre de pausas e de sobressaltos, da magna construção. (INICIOU-SE [...]1940. p. 3.)

No mesmo dia foi lançada a *Semana da Cathedral*; campanha com o intuito exclusivo de realizar em todas as matrizes, igrejas e oratórios da arquidiocese a coleta de donativos destinados às obras da catedral. Reforçando o forte significado simbólico da catedral como sede do governo eclesial no mundo, personalidades ligadas ao catolicismo paulista – como Plínio Corrêa de Oliveira, Dr. Synésio Rangel Pestana, Pe. Hygino de Campos (assistente do arcebispo), informavam semanalmente aos ouvintes notícias sobre o andamento das obras e o *status* das arrecadações.

Mesmo inacabada, a nova Catedral da Sé não era vista necessariamente como um fracasso. A edificação em processo de construção seria motivador tanto para o clero quanto para os grupos de fiéis católicos que a observaram como um local sagrado. Nesse sentido, a construção gerou uma centralidade religiosa, sendo constantemente ocupada por inúmeras celebrações religiosas, em especial nos festejos de semana santa, páscoa, natal, aniversário da cidade e, até mesmo, celebrações cívicas. Constantemente divulgadas nos periódicos da cidade, tais celebrações tinham o intuito de fortalecer o valor simbólico da edificação para a cidade e consolidar a necessidade de se concluir quanto antes sua construção. No dia 1º de maio de 1940, por exemplo, o *Correio*

106 Fundada em 1934 por Paulo Machado de Carvalho, a Rádio Excelsior tinha sua programação voltada principalmente para os gostos da elite paulistana (transmitindo músicas eruditas, programas culturais e missas). A partir de 1939, diante da popularidade das transmissões das missas da igreja Nossa Senhora do Carmo, em acordo com a Arquidiocese de São Paulo e Paulo Machado, assume-se como uma rádio católica. (Rocha, Vera Lúcia; Vila, Nanci Valença Hernandez (1993). Cronologia do rádio paulistano: anos 20 e 30. São Paulo: CCSP/Divisão de Pesquisa. pp. 60, 102

Paulistano noticiou uma grande missa destinada à Federação Mariana Feminina (entidade que reunia mulheres de diversas associações católicas de todo estado). A celebração teve o intuito de fortalecer o papel das mulheres frente às ações realizadas pela Igreja e chegou a reunir cerca de 3.000 congregadas. Organizada pela *Liga das Senhoras Católicas* de São Paulo, a celebração trabalhou na recepção e alimentação de um grande grupo de mulheres que vinham do interior paulista.

Além de celebrações com motivações exclusivamente religiosas, a escadaria da nova catedral foi palco para comemorações cívicas como a solenidade do dia do trabalho realizada no dia 2 de maio de 1940. Segundo o *Correio Paulistano* o evento foi promovido pelos principais sindicatos da classe trabalhadora para homenagear o chefe do governo paulista, dr. Adhemar de Barros, “em quem os operários reconhecem um digno e perfeito representante do sr. Presidente da República” (GRANDEMENTE [...], 1940. p.1). Entre os oradores que se colocaram em agradecimento ao governo, percebe-se a participação dos representantes do *Círculo de Operários Católicos* de São Paulo e da *Juventude Operária Católica* (grupo pertencente ao movimento *Ação Católica*).

112



2.2



2.3

Figura 2.2- Missa da Federação Mariana Feminina onde se observa a presença de dom José Gaspar no altar provisório localizado no interior da nova catedral da Sé [em construção] e abaixo a presença das senhoras católicas na nave central da catedral [ao fundo notam-se as colunas já construídas]. **Fonte:** *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 11, 1 mai. 1940.

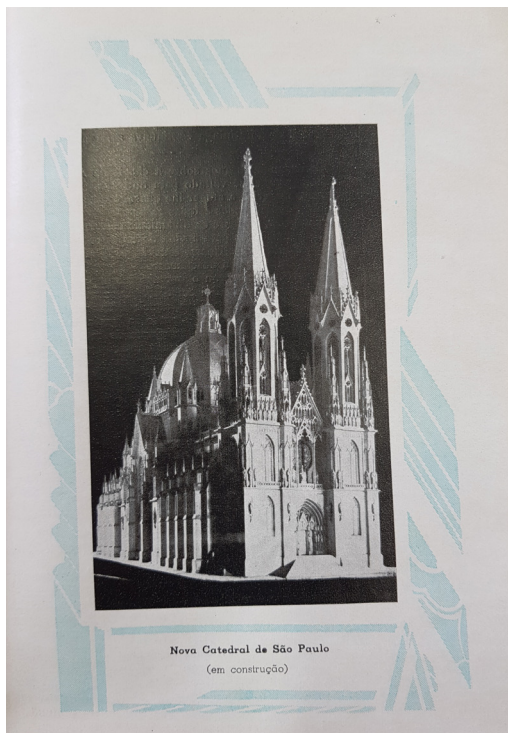
Figura 2.3- Missa em comemoração ao dia do trabalho. Na imagem, a multidão de trabalhadores e operários tomam conta da praça da Sé, onde se observa uma faixa de saudações do sindicato dos barbeiros e cabeleiros [solidários ao chefe da nação]. Abaixo a fotografia de dom José Gaspar e do interventor Ademar de Barros. **Fonte:** *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 2 mai. 1940.

Acompanhando os progressos da construção, a revista *Acrópole* publicou, em julho de 1942, uma reportagem especial em preparação ao IV Congresso Eucarístico Nacional, onde destacava a nova catedral com fachadas ainda em construção e sem sua cobertura na nave central. Em texto laudatório à ação da Igreja Católica em São Paulo, o foco foi dado principalmente à história da construção, atribuindo aos dois arcebispos de São Paulo a nobre missão de se elevar a majestosa edificação religiosa.

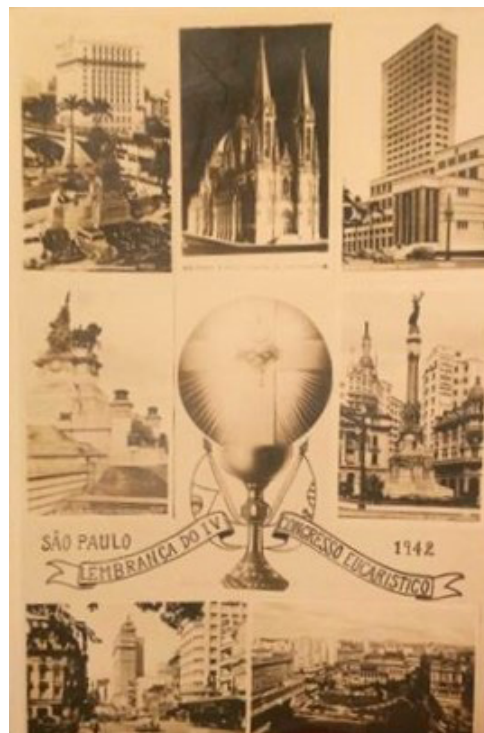
Figura 2.4 - Artigo da revista *Acrópole* apresentando aspectos da construção da Catedral da Sé onde se observa que nas vésperas do IV CEN a catedral apresentava-se com o primeiro nível de fachadas finalizadas, tendo a cobertura do altar-mor finalizado [onde se instalou o altar provisório] estando ao ar livre a nave central [local onde os fiéis participavam das celebrações]. Como visto, também era comum a instalação de um altar provisório na escadaria do portal principal da catedral, onde a praça da Sé assumia como o corpo do templo. **Fonte:** Revista *Acrópole*, São Paulo, pp. 98-104, jul. 1942. **Acervo:** Biblioteca FAU/USP.



Mesmo com a ampla campanha, a nova catedral chegou às vésperas do IV Congresso Eucarístico Nacional (CEN) sem ter concluído suas obras. Entretanto, não deixou de ser destacado junto aos grandes símbolos da metrópole paulistana. Em cartões postais que circularam como forma de divulgação do evento (fig.2.6), a nova Catedral da Sé – figurada pela imagem da maquete (fig.2.5) – apareceu ao lado de edifícios símbolos da modernidade paulistana da época: a recém inaugurada Biblioteca Mário de Andrade, o Edifício Matarazzo, os monumentos que constituem a memória paulista (Monumento da Independência e Monumento glória imortal aos fundadores de São Paulo) e as obras que eram símbolos do urbanismo modernizado da cidade (Avenida São João e o Vale do Anhangabaú) orbitam em torno dos símbolos religiosos presentes no certame, sempre com a presença da dandeira do Brasil e do Vaticano, que lado a lado, ilustravam a intenção de equiparação entre a poder de articulação da religião e a soberania do poder do estado (pretendida por Getúlio Vargas) na organização de uma nova sociedade.



2.5



2.6

Figura 2.5- Foto da maquete da nova catedral da Sé confeccionada pelo escultor sueco F. Frick, exposta ao público na casa Grumbach [R. São Bento]. **Fonte:** Boletim das Semanas Eucarísticas, São Paulo, p.29, 1942. **Acervo:** ACMSP.

Figura 2.6- Cartão postal - Lembrança do IV Congresso Eucarístico Nacional [1942]. **Acervo:** [Particular] Renato Cymbalista.

Sem sua construção finalizada, a nova catedral permaneceu como um dos pontos centrais das atividades litúrgicas do evento (assim como das principais festas católicas da Arquidiocese ao longo dos anos), tornando-se, por exemplo, o local escolhido para a recepção da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Considerada por dom José Gaspar como a primeira peregrina e padroeira do IV CEN, Nossa Senhora da Conceição Aparecida simbolizava — após a figura da eucaristia — o principal símbolo do certame e representante da nação católica brasileira. A imagem, após sair da Basílica velha de Aparecida/SP, veio em procissão acompanhada pelas bandeiras do Brasil e do Vaticano, que após passar pela igreja matriz da Penha, seguiu em direção à praça da Sé para dar início à cerimônia de consagração do IV Congresso Eucarístico Nacional. A cerimônia foi realizada nas escadarias da nova catedral — ornamentada e servindo como altar da celebração — onde acolheu não apenas o arcebispo como também figuras públicas como Ministro Alexandre Marcondes Filho, Major Hipólito Trigueirinho (representando o Interventor Federal Fernando Costa), entre outras autoridades do clero e do Estado (Figura 2.7). Após a celebração — que contou com grande número de participantes — a imagem foi transportada para o interior do templo, onde ficou depositada e exposta para a visita dos fiéis.

115

A entrada da procissão de N. Sra. Aparecida e a comunhão geral das Senhoras

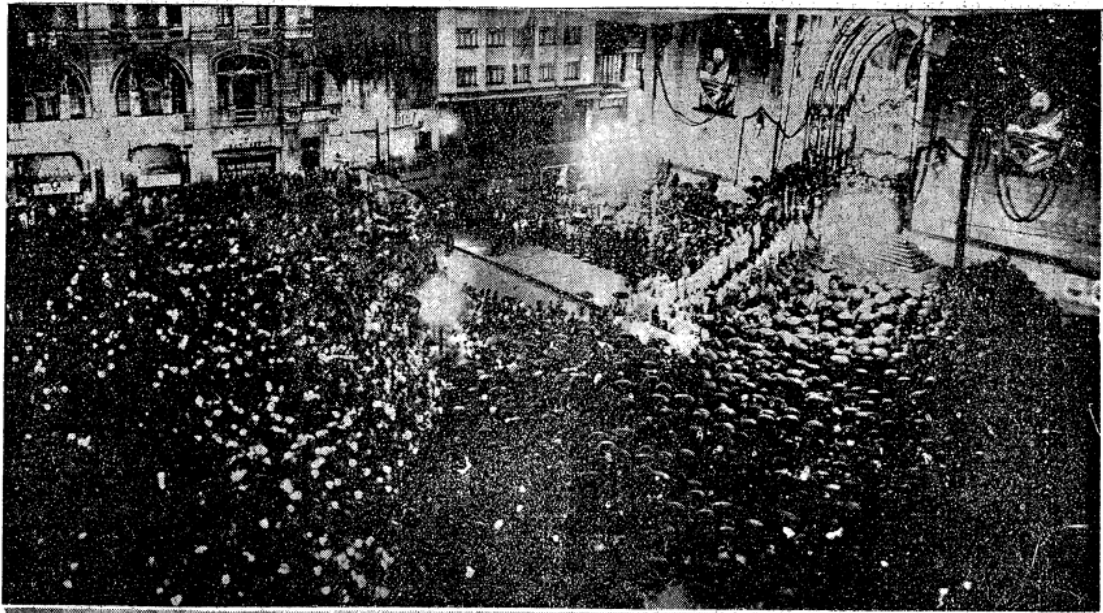


Figura 2.7- Fotografia da multidão de fiéis reunidos na praça da Sé para recepção da imagem de N.S. Aparecida no IV CEN. **Fonte:** revista O Legionário, São Paulo, p.1, 7 set. 1942. **Acervo:** [digital] Plínio Corrêa e Oliveira disponível em < <https://pliniocorreadeoliveira.info>>, consultado em 03 mar. 2021.

2.3

DEMARCANDO TERRITÓRIOS: A MULTIPLICAÇÃO DAS PARÓQUIAS CONSTITUI JÁ UM PROJETO URGENTE!

Concomitante ao projeto de organização e controle das paróquias e igrejas já existentes através dos decanatos, observa-se que o plano previsto por dom José Gaspar a respeito da fundação de novas paróquias no município de São Paulo ganhava forças. Em carta enviada em dezembro de 1939 ao Núncio Apostólico no Brasil, Bento Aloisi Masella, Dom José Gaspar notificou a criação de 20 novas paróquias (até a data da carta) e a previsão de criação de mais 23 paróquias nas regiões que estariam expostas à atuação das demais religiões em atividade na cidade:

[...] Finalmente, Sr. Núncio, devo dizer a V. Excia. que uma das coisas que mais me contrista é a pertinaz propaganda protestante e espiritualista nos bairros pobres, onde não há paróquias. É uma verdadeira calamidade. Já criei 20 paróquias novas e com a benção de Nossa Senhora estudo atualmente a criação de mais 23, nestes arrabaldes abandonados e onde a população é densa. Ai é que se instalam de preferência os espiritualistas e os protestantes. Mande V. Excia. suas preciosas bênçãos para este trabalho que me toma um tempo imenso, mas que reputo essencial para o apostolado e para a salvação das almas. Se não dividir as imensas paróquias atuais (algumas ainda contam 50 a 70 mil habitantes) a heresia tomara conta destes milhares de almas (AFONSECA E SILVA [...], 1939. n.p.).

116

DATA FUNDAÇÃO	PARÓQUIAS	LOCALIZAÇÃO
13/11/1939	Nossa Senhora do Carmo	Aclimação
	N.S. do Imaculada Conceição	Bela Vista
	Nossa Senhora do Sião	Vila Dom Pedro I
	Nossa Senhora do Rosário	Vila Pompéia
	São Gabriel Arcanjo	Jardim Paulista
	São Paulo da Cruz	Cerqueira Cezar
	Sagrado Coração de Jesus*	Louveira
	São José**	Mairinque
	Santo Antônio	Limão
	Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus	Vila Formosa

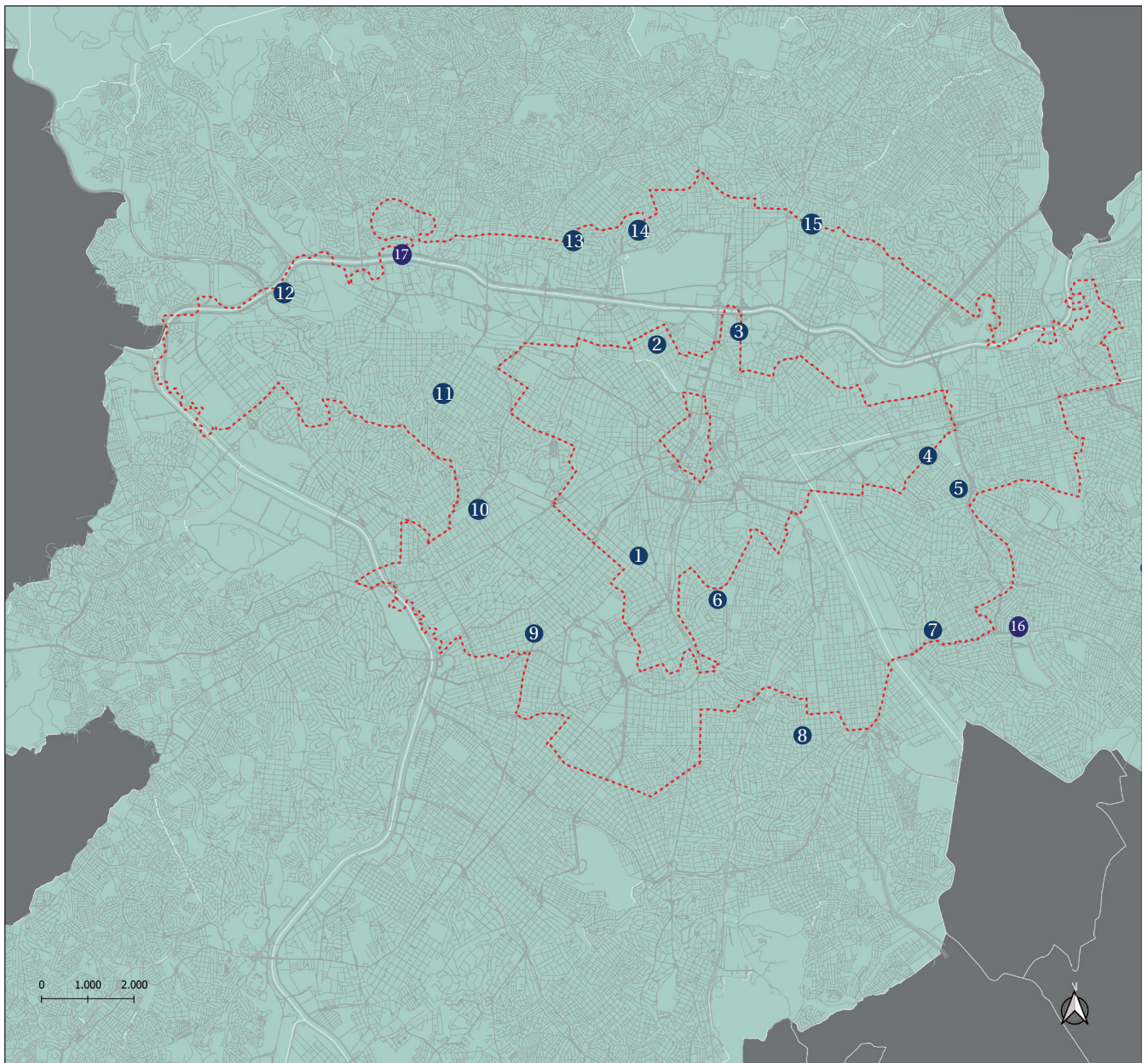
* Atualmente pertencente à Diocese de Jundiaí / SP

** Atualmente pertencente à Diocese de Osasco/SP

DATA FUNDAÇÃO	PARÓQUIAS	LOCALIZAÇÃO
08/12/1939	Nossa Senhora Consolata	Jardim São Bento
	Nossa Senhora da Anunciação	Vila Guilherme
	Nossa Senhora das Dores	Casa Verde
	Nossa Senhora de Lourdes	Quarta Parada
	Santo Eduardo	Bom Retiro
	Santo Emídio	Vila Prudente
	Santo Estevão Rei	Vila Anastácio
	São Paulo Apóstolo	Belém
	São Sebastião	Ponte Pequena
	São João Batista*	Ponte de S. João

Tabela 2.3– Paróquias fundadas na gestão de Dom José Gaspar em 1939. **Fonte:** Anuário Católico do Brasil organizado pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS) de 1985. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Ao se considerar o Código de Obras de Arthur Saboya – promulgado pela lei 3.427 de 19 de novembro de 1929 – o município de São Paulo era dividido em quatro zonas principais: Primeira Zona ou central; segunda zona ou urbana; terceira zona ou suburbana e quarta zona ou rural. Ao situá-las no mapa de São Paulo, percebe-se que grande parte das paróquias se encontravam na terceira zona ou zona suburbana da cidade. Dessa maneira, com o mapeamento das paróquias acima citadas, percebe-se que nesse momento a maioria das paróquias instaladas se localizavam para além da área urbanizada da cidade, nas áreas suburbanas e rurais, onde a presença da igreja se mostrava incipiente. A opção estratégica de dom José Gaspar no processo de implantação das novas paróquias aparentemente acompanhou o processo de expansão da cidade que, de acordo com Meyer (2004, p. 37), estaria ligada no desenvolvimento da dispersão intensiva do padrão do crescimento urbano, onde a expansão da cidade acabou por se materializar nas áreas periféricas devido, entre outras questões, ao deslocamento da função residencial para áreas de urbanização recentes.



Mapa 2.1: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, Sede. [1939] - Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva

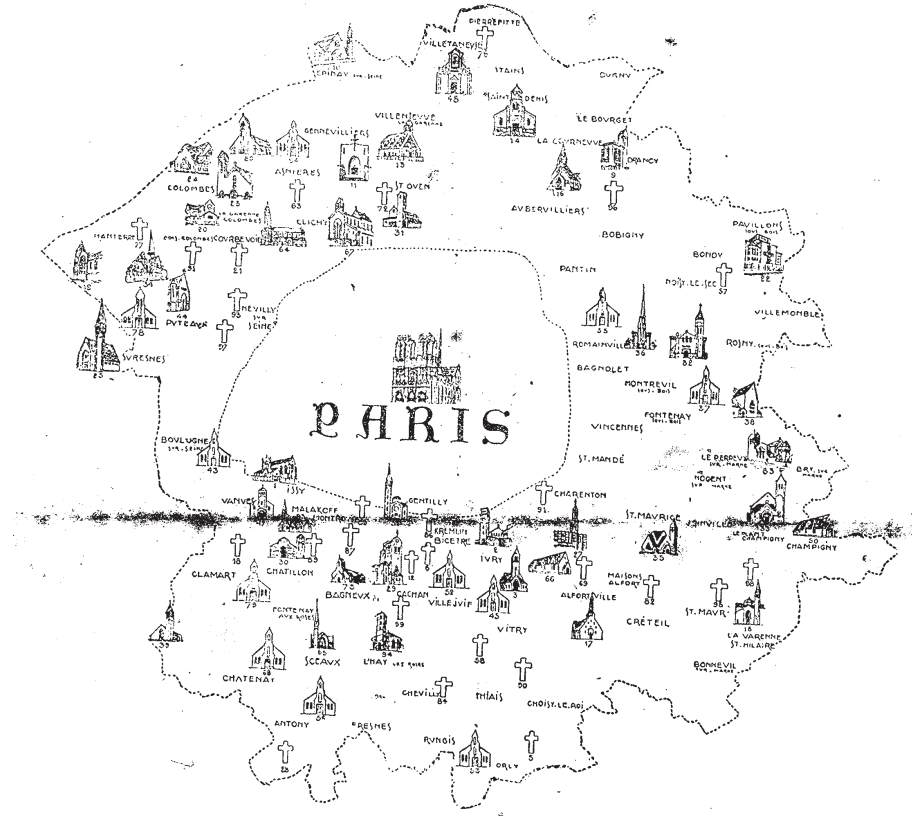
Legenda: 1. Paróquia Imaculada Conceição 2. Paróquia Santo Eduardo 3. Paróquia São Sebastião 4. Paróquia São Paulo Apóstolo 5. Paróquia Nossa Senhora de Lourdes 6. Paróquia Nossa Senhora do Carmo 7. Paróquia de Santo Emídio 8. Paróquia Nossa Senhora de Sião 9. Paróquia São Gabriel Arcanjo 10. Paróquia São Paulo da Cruz [Calvário] 11. Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia 12. Paróquia Santo Estevão 13. Paróquia Nossa Senhora das Dores 14. Paróquia Nossa Senhora Consolata 15. Paróquia Nossa Senhora da Anunciação. 16. Paróquia de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. 17. Paróquia de Santo Antonio. **Paróquias fora dos limites do mapa:** 18. São João Batista [Ponte de S. João] 19. São José [Mairinque] 20. Paróquia do Sagrado Coração de Jesus [Louveira]

Autor: João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP - atual]:** Deborah Sandes de Almeida [QGIS].

Dom José Gaspar considerava que a “multiplicação das paróquias constitui já um trabalho preparatório para o 4º Congresso Eucarístico Nacional”¹⁰⁷. Portanto, assim como todos os preparativos diretamente relacionados com o evento, percebe-se um grande esforço em se fundar, em menos de três anos, o maior número de paróquias possíveis para que de fato essa multiplicação pudesse ser demonstrada no grande evento religioso. Para além do evento em si, tais edificações assumiram um papel de centralidade na dinâmica social e de ocupação dos diversos bairros que gradativamente foram sendo formados no processo de expansão da cidade.

Ao se observar a estratégia de construção das paróquias, pode-se verificar que tal ação não se apresentava como algo inédito, ou mesmo, exclusivo da Igreja Católica paulista. Conforme indicado pelo próprio arcebispo, a Arquidiocese de São Paulo estava atenta às atividades de organização territorial empreendidas internacionalmente. No contexto católico mundial, pode-se citar o caso francês, publicado por Plínio Corrêa de Oliveira na revista *Legionário* de 1938. No artigo “Para reconduzir a Cristo o operariado francez: a portentosa obra do Cardeal Verdier”, Plínio Corrêa expôs o caso da Arquidiocese de Paris, apresentando as ações do Cardeal João Verdier como um projeto de “Urbanização Religiosa”. Segundo Plínio Corrêa, o cardeal havia fundado, em um período de 7 anos, cerca de 100 paróquias distribuídas em estaleiros localizados na zona suburbana de Paris.

Figura 2.8- Mapa das paróquias criadas nos arredores de Paris pelo Cardeal Verdier intituladas por Plínio Corrêa como “Os estaleiros do Cardeal” e publicadas na revista *Legionário*. **Fonte:** Revista *Legionário*, São Paulo, p.1, número 277, ano XI, 30 agost.1938. **Acervo:** [digital] Plínio Corrêa e Oliveira disponível em < <https://pliniocorreadeoliveira.info>>, consultado em 03 mar. 2021.



Para tornar possível a construção do grande número de paróquias, Cardeal Verdier fundou (em 1931) a associação *L'œuvre des nouvelles paroisses parisiennes* (Trabalho das novas paróquias parisienses) renomeado posteriormente como *Les Chantiers du Cardinal* (As oficinas do Cardeal), com a motivação de cristianizar os subúrbios, frear o crescimento do comunismo e abrir campos de trabalho ao grande número de desempregados atingidos pela crise econômica do período.

Já em 1934 dizia o Cardeal Verdier: “Continuarei a construir para dar a minha contribuição na luta contra o maior flagello dos tempos modernos. Previ 60 novas igrejas, entretanto edificarei 80 e, se possível, chegarei a centésima”. Graças a seus estaleiros, 5.000 famílias de operários puderam viver durante vários anos, justamente os da mais dura crise. Viver não do socorro, mas de um salário ganho na mais pura alegria de um trabalho privilegiado. D’outra parte centenas de arquitetos, pintores, esculptores, decoradores acharam, graças aos “estaleiros do Cardeal” o emprego de seu talento conseguindo realizar uma obra tal que Maximiliano Gayther num numero especial da *L’art vivant* disse não poder a história da arte ignorar as igrejas parisienses ora construídas. Os arquitetos tiveram que se submeter escrupulosamente às exigências da liturgia, ao carácter de urgência das construções e a não ultrapassar a olera de despeza previamente fixada. No restante foi-lhe dada ampla liberdade, pois o melhor modo de se mostrar digno do passado, no qual a igreja construiu tantas obras primas, não é o de recomendar-se a imitação servil, mas o de auxiliar a sua continuação fazendo appello aos methodos e materiaes da moderna arquitetura principalmente no que se relaciona ao emprego do cimento armado. [...] “Chegarei à centésima igreja, si possível”, havia escripto o Cardeal Verdier. Os prognósticos ficaram aquém da realidade, pois, já se acha em construcção a 101ª igreja. Que prova mais decisiva da operosidade apostólica de um antistite que se propoz reconduzir a Christo os que d’Elle se acharam afastados? Já se desenrola aos nossos olhos o espectáculo arrebatador da colta a Christo do operariado francez. São os primeiros fructos dos estaleiros do Cardeal. (OLIVEIRA, 1938. p.1)

120

As obras do Cardeal Verdier acabaram por influenciar também outras ações semelhantes no continente europeu, como em Viena com o Padre José Gorbach observado no artigo publicado pela revista *O lar Catholico*.

O grandioso exemplo que o Cardeal Verdier, arcebispo de Paris deu pela intensificação da vida catholica nos surburbios de Paris, (onde em poucos annos foram construídas cem egrejas) teve sua imitação em Vienna, onde o Padre José Gorbach iniciou grande obra identica. De uma reunião de propaganda moscovita o referido sacerdote trouxe a idea e a convicção da necessidade de dar egrejas aos surbubios. Começou pela publicação de um folheto dominical, que teve a tiragem de 200.000 exemplares. Comprou lotes nos subúrbios e construiu egrejas, simples, sim, mas

que perfeitamente correspondem ao fim, a que estão destinadas. Destas igrejas já existem cinco, e duas estão em preparação. “Apostolo dos suburbios” é, portanto, título bem acertado, que o Cardeal Innitzer deu ao Pe. Gorbach. (NOTAS [...],1937. p. 237)

2.9



121

2.10

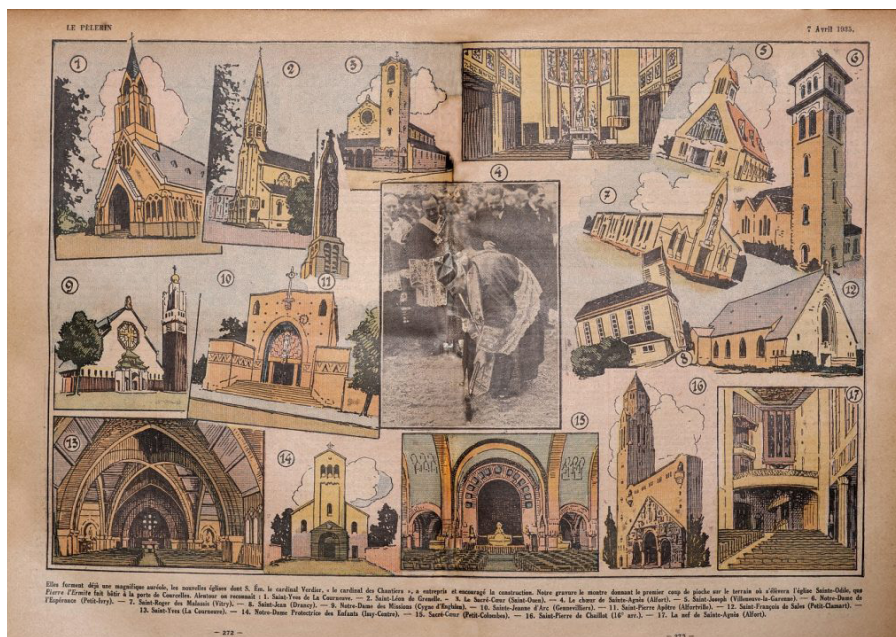


Figura 2.9- Ilustração do cartunista francês Gignoux onde é figurado o Cardeal Verdier instruindo arquitetos e engenheiros sobre o plano das construções de paróquias no subúrbio de Paris. **Fonte:** Revista *Le Pelerin*, Paris, p.p. 30-31, 10 jan. 1932. **Acervo:** [digital] Chartiers du Cardinal disponível em < <https://www.chantiersducardinal.fr> > consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.10- Ilustração são figuradas as paróquias [já construídas] orbitando na fotografia do Cardeal Verdier no lançamento da pedra fundamental de uma das igrejas. **Fonte:** Revista *Le Pelerin*, Paris, p.p. 30-31, 10 jan. 1932. **Acervo:** [digital] Chartiers du Cardinal disponível em < <https://www.chantiersducardinal.fr> > consultado em 10 ago. 2021.

Mesmo que não haja nenhuma fonte que ateste que as intenções de dom José Gaspar foram diretamente inspiradas nas obras de Verdier, é possível inferir que tais ideias de alguma maneira circulavam no meio institucional da Igreja Católica em São Paulo. Para além de fundador da revista *Legionário*, Plínio Corrêa tinha uma longa trajetória de militância junto ao catolicismo conservador da época. Assumindo cargos de confiança junto à Arquidiocese de São Paulo, foi fundador da *Ação Universitária Católica* quando aluno na Faculdade de Direito de São Paulo e, após formado, tornou-se deputado eleito na Constituinte de 1934 pela *Liga Eleitoral Católica*, onde defendeu o retorno do ensino religioso nas escolas públicas e a indissolubilidade do vínculo conjugal. Em 1943, Plínio Corrêa foi nomeado presidente da *Junta Arquidiocesana da Ação Católica*. Também foi fundador do TFP (Tradição, Família e Propriedade), movimento expoente do catolicismo tradicionalista do século XX, que procurava combater às ideias maçônicas, socialistas e comunistas, tendo como base o livro "Revolução e Contra-revolução" de Plínio Corrêa que propunha uma vigorosa reação com base na ordem cristã.

122

Seja pela atuação e poder de influência de Plínio Corrêa, seja pela comunicação interna (nacional e internacional) da própria instituição, é possível inferir que as ações do Cardeal Verdier refletiam, com certa semelhança, no conjunto de ações adotadas por dom José Gaspar ao administrar o território eclesiástico paulista. Assim como no caso francês, o grande número de paróquias criadas, em sua maioria em regiões mais afastadas da área central da cidade, não possuíam uma linguagem arquitetônica uniforme. Mesmo que em sua grande maioria as edificações religiosas construídas ou reformada neste período assumiram feições historicistas, entre elas haviam variações entre arquiteturas neogóticas, neo-românicas ou mesmo ecléticas, seja devido ao partido adotado pelos arquitetos contratados, seja pelos anseios das diversas congregações religiosas que provenientes da Europa buscavam imprimir suas marcas na cidade.



1



2



3



4



5



6



7



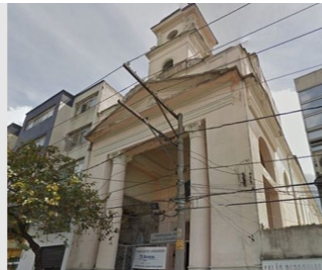
8



9



10



11



12



13



14



15



16



17

Figura 2.11: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1939] **Legenda:** 1. Paróquia Imaculada Conceição 2. Paróquia N. S. Consolata 3. Paróquia N.S. das Dores 4. Paróquia N.S. do Sião. 5. Paróquia N.S. do Carmo 6. Paróquia N. S. do Rosário 7. Paróquia do Sagrado Coração. 8. Paróquia N. S. de Lourdes 9. Paróquia N. S. da Anunciação 10. Paróquia Sagrado Cor. Jesus em Sufrágio das almas 11. Paróquia Santo Eduardo 12. Paróquia Santo Ermídio 13. Paróquia São Gabriel Arcanjo 14. Paróquia São Paulo Apostolo 15. Paróquia São Paulo da Cruz 16. Paróquia São Estevão Rei 17. Paróquia de Santo Antônio. **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquiisp.org.br> > consultado em 10 ago. 2021.

A reunião das imagens e listagens de paróquias anteriormente apresentada, nos aponta para alguns aspectos necessários de atenção: observa-se que nem todas se figuram em torno da linguagem historicista. Mesmo que todas as edificações fossem projetadas em planta basilical romana — em um movimento de aproximação das tipologias mais utilizadas nos templos do Vaticano — as paróquias se diferenciavam conforme o grupo social no qual atendiam: para paróquias onde havia a predominância de uma classe mais abastada, edificações com materiais nobres e edificações mais monumentais; nas demais variavam de acordo fundos levantados por campanhas, quermesses e dízimos ou mesmo, o poder de mobilização para conquista de apoios financeiros de empresas e organizações que se sensibilizassem pela causa.

Outros casos, como das paróquias Nossa Senhora Consolata (2) e Nossa Senhora do Sião (4), observa-se uma discrepância da linguagem historicista, apresentando certas feições que se aproximam das influências da arquitetura modernista. Nas duas edificações, assim como demais igrejas criadas a partir da década de 1940 que serão listadas a seguir, observam-se que tanto seus projetos quanto a execução das obras foram iniciadas anos depois de sua ereção como paróquia, o que nos leva a inferir que tanto os arquitetos quanto a própria comunidade religiosa já deveriam ansiar por um novo modelo de espaço sagrado.

124

Desde os anos 1930, alguns setores da própria Igreja Católica, denunciam a aplicação de estilos ecléticos na construção dos espaços de culto, compreendendo que esse estilo não mais pertencia ao tempo em que viviam. Geralmente os argumentos utilizados favoravelmente à incorporação da linguagem moderna na arquitetura religiosa, diziam respeito à suposta inadequação dos edifícios às exigências impostas pela liturgia cristocêntrica e ao risco de falsificação, já que usava-se técnica e materiais moderno na construção de edifícios que apresentavam um estilo do passado (LIMA JUNIOR, 2016. p.134).

É necessário considerar também que para a fundação de uma paróquia não se fazia necessário que a edificação estivesse completamente finalizada. Na gestão de dom José Gaspar, ambas paróquias foram fundadas a partir do próprio terreno. Observa-se, portanto, que a prioridade era demarcar o território eclesiástico local (ao menos com a sagração da pedra fundamental por um bispo/arcebispo) no intuito de garantir a ampliação tanto do terreno quanto

de seus bens patrimoniais. No caso da paróquia Nossa Senhora Consolata¹⁰⁸ (que recebeu a benção da pedra fundamental em 1946 por dom Paulo Rolim Loureiro¹⁰⁹) a edificação foi finalizada apenas no segundo semestre de 1978. Na paróquia Nossa Senhora do Sião, mesmo não sendo possível localizar o ano da finalização, nota-se a criação de uma “Comissão Executiva das Obras de Construção da Igreja de Nossa Senhora de Sião” publicada no jornal *Diário da Noite* (SP) de 20 de fevereiro de 1962.

Há quase seis lustros, quando bem pouco era o número de casas no Alto do Ipiranga, na hoje movimentadíssima Avenida Gentil de Moura, lá, numa eloquente manifestação de religiosidade, repontava a Igreja de Nossa Senhora do Sião. A humildade do Templo, apesar do bairro haver-se transformado num dos mais importantes da Capital bandeirante, até hoje, faltam-lhe os mais elementares recursos.[...] As obras da Igreja Nossa Senhora de Sião encontram-se há muito paralisadas por falta de recursos financeiros. No plano do padre Wang, estão incluídos um Posto de Puericultura e um Ginásio, construções que o reverendo, ainda este ano, pretende levar a efeito (NA PARÓQUIA [...], 1962. p.2)

A mesma notícia nos serve de indícios para entender que os processos de construção das paróquias criadas por dom José Gaspar não se davam necessariamente de forma simples e uniforme. No caso da paróquia Nossa Senhora do Sião, a criação de uma “Comissão Executiva das Obras de Construção da Igreja de Nossa Senhora de Sião” ilustra, neste caso, um pedido de auxílio perante as obras há muito tempo paralisadas:

O vigário José Wang, alarmado com a pobreza de recursos de sua paróquia, voltou suas vistas em busca de apoio, para os "Diários e Emissoras Associados", sensíveis a todos os movimentos, em qualquer ponto do Brasil, que tenham conteúdo humano, com a finalidade de resguardar o nosso patrimônio moral. O vigário José Wang, com a aquiescência de sua eminência o cardeal dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, convidou o sr. Osório Monteiro, diretor do “Diário da Noite” para assumir a presidência da Comissão Executiva das Obras de Construção da Igreja de Nossa Senhora de Sião, contando com a humanidade de maneira

108 Segundo histórico da paróquia Nossa Senhora Consolata, o terreno para a construção da edificação foi doado pelo Mosteiro de São Bento e da Mitra Arquidiocesana em uma área de quase três mil metros quadrados entre as Ruas Monte Cassino e D. Domingos de Silos. Segundo relato: “Terminados os estudos da arquitetura e aprovação das competentes autoridades, no começo de 1978 iniciamos os trabalhos de terraplanagem e dos muros de arrimo, e em agosto do mesmo ano lançamos as duzentas estacas e a obra começou a subir na sua elegante e moderna estrutura de concreto. Depois, com a ajuda da comunidade paroquial e de numerosos benfeitores, como também com bem sucedidas promoções, pudemos realizar a cobertura e alvenaria completa da igreja, do salão e dez salas para catequese e encontros de grupos.[...] Neste segundo semestre, demos início ao acabamento da igreja. Devagar e sempre, esperamos poder quanto antes, abri-la ao culto. Uma igreja nova para uma comunidade renovada.” Fonte: site <<https://consolatasp.com.br/site/nossa-historia/>> consultado em 25 jun. 2022.

109 Segundo nota no jornal O ‘Correio Paulistano de 21 de junho de 1946 p.8.

impressionante e com o regozijo sem limites de todos os seus paroquianos (NA PARÓQUIA [...], 1962. p.2).

Por fim, a Comissão Executiva das Obras de Construção da Igreja de Nossa Senhora de Sião contou com nomes importantes do grupo que assumiram como Presidente de honra o jornalista Assis Chateaubriand e Edmundo Monteiro e Presidente da Comissão: Jornalista Osório Monteiro. Ambos visitaram as obras em paralisação e assumiram “pelo amparo completo que daremos às obras assistenciais da Paróquia Nossa Senhora de Sião, e execução prática de medidas usadas pelo *Diários Associados*” (p.2).

NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO SIAO

Os simples, humildes e injustiçados necessitam de auxilios imediatos

Sensibilizado pela falta de recursos da Paróquia, o sr. Osório Monteiro, diretor do DIÁRIO DA NOITE, aquiesceu em ser o presidente da Comissão Executiva das Obras Assistenciais — Enaltecidas as figuras de Assis Chateaubriand e Edmundo Monteiro — Comovente oração em sufrágio da alma de dona Maria José Ribeiro Monteiro — Campanha de combates aos extremismos — Solenidades e oradores presentes — Dois apóstolos do bem: padres Carlos Riele e José Wang — (Reportagem de MARIO DE ASSIS CORDEIRO)

Nã quase seis lustros, quando bem pouco era a numero de casas no Alto do Ipiranga, no hoje monumental Av. Getúlio Vargas, lá, numa elegante mansão de religião, repousava a Igreja de Nossa Senhora do Siao.

A humildade do Templo, apesar do bairro haver-se transformado num dos mais importantes da Capital paulista, até hoje, falta-lhe os mais elementares recursos.

O seu antigo vigário, o querido Padre Carlos, por mais de duas décadas, verdadeiro missionário do bem e do amor, sentiu, no seu apostolado, crescer-se-lhe as forças e, logo, buscando meios para a sua cura, achou-se em Campos do Jordão.

São é, porém, sempre e sempre consagrado a Nossa Senhora do Siao que anima o espirito de caridade dos ipiranguenses; ali, desde os tempos do Inquevável vigário Padre Carlos, existe o dispensario de São Vicente de Paulo, com a finalidade de atender aos necessitados.

A Escola Paroquial Nossa Senhora do Siao é de pobreza alarmante e os seus alunos — meninos e meninas — na sua totalidade, são pobres, em mesmo pauperismo.

Tais orações são recordadas, com todo o carinho, pela Paróquia de Nossa Senhora do Siao, que com a pobreza reparte a sua propria pobreza.

MOVIMENTO NOBILITANTE QUE SE INICIA

Doente, incapaz, portanto, de prosseguir no seu ministério, à frente da paróquia de Nossa Senhora do Siao, o padre Carlos Riele foi substituído pelo padre José Wang, o qual sentiu, pela bondade do seu coração, a necessidade de desenvolver o movimento nobilitante que lhe está confiado, convocando para as suas pressões de boa vontade para uma cruzada para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Siao, construção de um Posto de Esportes, aumento de recursos materiais para o Dispensario de São Vicente de Paulo e, finalmente, construção do Ginasio Nossa Senhora do Siao.

Almino Afonso iniciará sua campanha eleitoral

BRASÍLIA, 19 (Meridional) — Presidente de São Paulo chegou, hoje, a esta Capital, o deputado Almino Afonso, líder da oposição do PTB, na Câmara Federal. O parlamentar pronunciou sexta-feira última a nota, numa conferência, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, abogando o projeto de renovação do Congresso contra em tramitação na Câmara dos Deputados. Depois de alguns dias, o sr. Almino Afonso seguirá para o Amazonas. Estão de pelo qual foi eleito, a fim de dar início à sua campanha eleitoral.

Efativação dos interiores será votada amanhã

BRASÍLIA, 19 (Meridional) — O projeto de efativação dos interiores da União, nomeado até 31 de dezembro do ano passado, deverá ser aprovado no sessão ordinária de quarta-feira proxima, segundo informado prestado ao jornalista pelo presidente Raulist.

Construção da Igreja de Nossa Senhora do Siao, contando com a unanimidade de maneira impressionante e com o regozijo sem limites de todos os seus paroquianos.

Em vibrante assembleia realizada no dia 9 deste mês, todos os membros que compõem a Comissão pró Construção das Obras Assistenciais de Nossa Senhora do Siao elegeram os seguintes elementos para presidente: aquele benemerito jornalista Assis Chateaubriand e Edmundo Monteiro. Presidente da Comissão Executiva — jornalista Osório Monteiro.

FOSSÉ DO SR. OSÓRIO MONTEIRO

Sábado passado, dia 17 do corrente, o sr. Osório Monteiro dirigiu, às 18.00 horas, a Igreja de Nossa Senhora do Siao para ser empossado na presidência da Comissão Executiva das Obras Assistenciais de Nossa Senhora do Siao. À chegada do sr. Osório Monteiro foi assistida por intermédio do benemerito jornalista Assis Chateaubriand e do sr. Edmundo Monteiro, em nome das crianças da paróquia, a entrega de uma faixa pela menina Bárbara Regina.

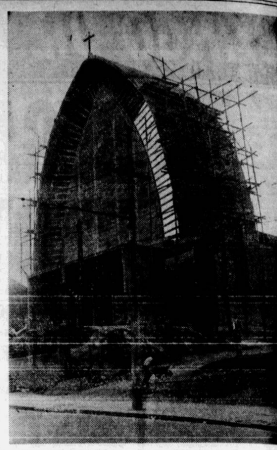
Após o discurso da menina Bárbara Regina, o sr. Osório Monteiro foi convidado, pelo padre José Wang, a percorrer as obras da Igreja de Nossa Senhora do Siao, paralisadas por falta de recursos financeiros, assim como todas as dependências que compõem as outras obras assistenciais, nas quais, com amargura, se via intensa pobreza.

Seguido por elevado numero de pessoas, o sr. Osório Monteiro, em nome das crianças da paróquia, a entrega de uma faixa pela menina Bárbara Regina.

Depois da palavra do vigário José Wang falou o professor Carlos Passerotti, saudando o padre Osório Monteiro, irmão do mestre do jornalismo moderno Edmundo Monteiro.

O professor Passerotti, na oportunidade de sua feliz criação, sempre interrompida por salvas de palmas, relembrou dos deveres de todos “na hora em que o mundo vive convulso, tangida por ideologias incompatíveis com o primado do respeito cristão, e que a catolicidade ainda era a esperança desta geração para que fosse evitado o desaparecimento da atual civilização”.

O sr. Osório Monteiro, em os seus iniciais agradecimentos pela inventiva da presidência da Comissão, a V.A. Construtora



As obras da Igreja de Nossa Senhora do Siao encontram-se há muito paralisadas por falta de recursos financeiros. Além da Igreja, o seu vigário, padre José Wang pretende proporcionar maiores recursos assistenciais a seus paroquianos, através do Dispensario São Vicente de Paulo, igreja que de verdadeiramente necessitam. Na obra de Padre Wang, estão incluídas um Posto de Esportes e um Ginasio, construídas que o reverendo, ainda este ano, pretende levar a efeito.

São Vicente de Paulo, onde a pobreza ipiranguense é assistida, apesar das dificuldades que luta a Paróquia, o vigário José Wang explicou ao sr. Osório Monteiro a situação de penúria em que se encontram todas as obras assistenciais sob a sua direção, envolvendo a figura do jornalista Assis Chateaubriand e do sr. Edmundo Monteiro.

O padre Wang disse do respeito, da confiança e da benevolência das Organizações Associadas, afirmando que estas representam o baluarte do civismo e da grandeza do Brasil, “obra imprevista desse gigante que pertence à Humanidade, Assis Chateaubriand, que para continuá-la conta com compatriotas como Edmundo Monteiro”.

Depois da palavra do vigário José Wang falou o professor Carlos Passerotti, saudando o padre Osório Monteiro, irmão do mestre do jornalismo moderno Edmundo Monteiro.

O professor Passerotti, na oportunidade de sua feliz criação, sempre interrompida por salvas de palmas, relembrou dos deveres de todos “na hora em que o mundo vive convulso, tangida por ideologias incompatíveis com o primado do respeito cristão, e que a catolicidade ainda era a esperança desta geração para que fosse evitado o desaparecimento da atual civilização”.

O sr. Osório Monteiro, em os seus iniciais agradecimentos pela inventiva da presidência da Comissão, a V.A. Construtora

O padre José Wang vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Siao, visita o sr. Osório Monteiro, diretor do DIÁRIO DA NOITE, vindo-se a seu lado o prof. Carlos Passerotti

Figura 2.12 - Artigo: Na Paróquia de Nossa Senhora de Sião: Os simples, humildes e injustiçados necessitam de auxílio imediato **Legenda:** No exerto do jornal observa-se a fotografia da paróquia N.S. do Sião com as obras paralizadas e a reunião do padre José Wang com um dos diretores do grupo *Diários e Emissoras Associados*, Osório Monteiro e ao seu lado, o prof. Carlos Passerotti. **Fonte:** *Diário da Noite*, São Paulo, p.2, 20 fev. 1962. **Acervo:** [digital] Fundação Biblioteca Nacional.

Ainda observando a listagem de paróquias, é necessário considerar que nem toda paróquia criada por dom José Gaspar no período de sua gestão, necessariamente geraram uma nova edificação na cidade. Do grupo de novas paróquias, e o caso se estende até o fim de sua gestão, algumas edificações

já exerciam o papel de igrejas (edificadas ou em vias de finalização), sendo então elevadas a título de paróquias. São os casos da paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição construída na avenida Brigadeiro Luís Antônio (1909), São Paulo da Cruz em Pinheiros (1926), Nossa Senhora da Dores no bairro Casa Verde (1927), Nossa Senhora do Rosário no bairro Pompeia (1928) e Nossa Senhora de Lourdes no bairro Água Rasa (1936).

Em parte, o movimento de elevação das igrejas à posição de paróquias se dá, não apenas por uma questão simbólica-religiosa perante à hierarquia da instituição. A elevação ao título de paróquia também assume um papel importante no que se refere à economia da própria instituição católica:

O maior volume do financiamento da Igreja passa pelas paróquias, desaguando, depois, nas dioceses e, finalmente, na Santa Sé. Sendo que essas instâncias necessitam de dinheiro para se manter e manter suas atividades, a captação de dinheiro nas paróquias é incessante[...].” (ALMEIDA,2009. p.85).

Uma vez que, “todos os fiéis, na medida de suas posses, são obrigados a concorrer com o seu óbolo para a edificação, ornamentação, conservação e restauração das igrejas e oratórios públicos e para o sustento do culto”¹¹⁰, era de grande relevância, no contexto republicano brasileiro, todas as contribuições monetárias para a efetivação tanto do projeto de paroquialização empreendida pela arquidiocese quanto para seu próprio sustento.

127

2.4 A CRIAÇÃO DA COMISSÃO DE ARTES SACRAS DE SÃO PAULO E A CONTINUIDADE NO PROCESSO DE PAROQUIALIZAÇÃO

No início de dezembro de 1939, em diálogo com o governo do Estado, dom José recebeu a solicitação para que houvesse o projeto da nova Basílica de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, na cidade de Aparecida/SP, para integrar o plano de remodelação do urbanismo da cidade.

O governo do Estado cogita seriamente de promover urbanismo na Aparecida do Norte e já elaborou um plano que deseja iniciar brevemente. Pediu-me que apresentasse o plano para a basílica nova, pois esta vai ser ligada com o plano de remodelação de Aparecida. Assim, nomeei uma comissão de 3 engenheiros católicos para proverem os estudos,

110 Pastoral Coletiva de 1915, Cap. XIV §751.

examinarem os projetos e depois apresentarem um relatório pelo qual poderei escolher o plano definitivo. Estes estudos vão levar mais de seis meses(GASPAR, 1939. n.p.).

A eleição dos três engenheiros católicos na referida carta fazia parte do processo de reorganização dos serviços eclesiais, entre eles: a nomeação de uma nova Comissão de obras da catedral, a criação orientadora do Museu de Arte Sacra, Numismática e Diplomática, a criação da Comissão de Música Sacra e da Comissão de Arte Sacra para exame de plantas das novas igrejas. Para a Comissão de Arte Sacra foi constituída por membros do clero paulista e por profissionais especializados (arquitetos e engenheiros) segundo o Cânon 1164 do Código Canônico de 1917¹¹¹.

Comissão de arte sacra para exame das plantas das novas igrejas (Canon 1164): presidente: cônego dr. Nicolau Cosentino; vogaes: cônego Antonio Alves de Siqueira, cônego João Pavésio, padre Antônio Leme Machado, padre Alexandre Grigolli, dr. Alexandre Albuquerque, dr. Guilherme Winter, dr. Luis Anhaia de Melo, dr. Amador Cintra Gordinho e dr. Raphael Monforto. Comissão de Engenheiros para proceder aos estudos preliminares para a construção da nova Basílica de Nossa Senhora Aparecida do Norte: drs. Guilherme Winter, Luis Anhaia Mello e Amador Cintra Prado. (REPARTIÇÕES, 1939. p.13)

128

Na lista que constituiu a Comissão de Arte Sacra, identifica-se a presença de importantes profissionais ativos na produção da arquitetura e do urbanismo na cidade, sendo alguns deles responsáveis pela formação de futuros arquitetos-engenheiros, ilustrando assim, a tentativa de aproximação por parte da Arquidiocese de São Paulo junto a esse grupo de profissionais.

Entre os nomes dos engenheiros-arquitetos formados pela Escola Politécnica de São Paulo, pode-se destacar: Alexandre Albuquerque (1880-1940), formado em 1905 como engenheiro-arquiteto, foi professor de construção civil da Politécnica e havia substituído Krug na década de 1920 nas obras da catedral; Guilherme Ernesto Winter (1884-1961), formado como engenheiro-arquiteto em 1908 e então Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo; Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello (1891 -1974), formado em 1913, professor na Escola Politécnica e por dois curtos períodos, prefeito da cidade de São Paulo (dezembro de 1930 a julho de 1931, novembro a dezembro de 1931) e Amador Cintra Prado (1897 – 1990), formado em 1921, foi membro do

111 De acordo com o Código de Direito Canônico de 1917, Cânon 1164, verifica-se a seguintes orientações: “Procurarão os ordinários, ouvindo se necessário o conselho de peritos, que na edificação e reparação das igrejas se observe as formas aceitas pelas tradição cristã e os cânones da arte sagrada”

conselho diretor do Instituto de Engenharia (1923-1924), professor no Curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de São Paulo (1928-1934) e um dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política. Como representante do Instituto de Engenharia, participou dos concursos do Prédio Conde Matarazzo em 1935 e da Catedral Ortodoxa em 1942¹¹².

Com a criação da Comissão de Arte Sacra, sob a luz do movimento romanizador, dom José Gaspar buscou organizar e controlar a produção em massa dos novos projetos paroquiais seguindo as orientações eclesiais da época: a Pastoral Coletiva de 1915 e o Código de Direito Canônico de 1917. Ambas indicavam a necessidade de acompanhamento e controle por parte do arcebispo de todo e qualquer lugar sagrado (oratório, capela ou igreja) a ser erigido, seguindo um conjunto de premissas¹¹³:

Capítulo XIV - Igrejas e Oratórios

745. Não daremos essa licença, nem permitiremos que se lance a primeira pedra do edifício, sem que se verifiquem as seguintes cláusulas: §1º. Nos conste da sua utilidade ou necessidade para o bem dos fiéis, e que daí não resulta dano a terceiros, do que nos incumbidos dessa diligência. §2º. Já se tenha providenciado sobre a sustentação do culto nessas igrejas ou oratórios, constituindo-se para esse fim patrimônio suficiente, dotação ou outro meio conveniente e, sobre os recursos necessários para sua construção, conservação e reparos indispensáveis. § 3º. Que o terreno escolhido para a construção, seja separado e isolado dos edifícios profanos, de modo que ao redor da igreja possam andar as procissões; § 4. Que o mesmo terreno, depois de examinado por nós ou nosso delegado tenha sido transferido para a Mitra Episcopal e escriturado sem condição onerosa, em nome da mesma. Isto é indispensável para não acontecer que o templo, destinado ao culto divino, venha a ser convertido em usos profanos e para se salvaguardarem os direitos inauferíveis da autoridade eclesiástica sobre os lugares sagrados. Todos eles estão sujeitos à jurisdição da Igreja e isentos de toda a autoridade leiga. §5º. Que se tenha apresentado a planta do edifício com todos os delineamentos, para ser examinada e aprovada devidamente pelo Ordinário diocesano. §6º. Que se tratando de igreja matriz, se tenham acrescentado informações sobre a casa paroquial: se existe, em que lugar, em que condições, se é possível construí-la etc. §7º. Que se tenha obtido da Cúria diocesana licença para a benção e lançamento da primeira pedra da igreja. (PASTORAL COLETIVA [...], 1915. p.275)

129

112 Para maiores informações sobre os perfis dos engenheiros-arquitetos, consultar: FISCHER, Sylvia. Os arquitetos da Poli: Ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Fapesp. Editora da Universidade de São Paulo. 2005

113 Nova Edição da Pastoral Coletiva de 1915: Adaptada ao código de direito canônico ao concílio plenário brasileiro e as recentes decisões das sagradas congregações romanas.

A partir de tais diretrizes e do início das atividades da nova Comissão de Arte Sacra, dom José Gaspar deu continuidade ao projeto de criação e construção das novas paróquias. A partir de 1940, até as vésperas do ano de realização do IV Congresso Eucarístico, observa-se ainda a criação de mais 28 paróquias. A Igreja, em sua estratégia de difusão, acompanhava o movimento de expansão centrípeta que ocorria na cidade. Em janeiro de 1940, dom José Gaspar enviou ao Núncio um pedido de auxílio (provavelmente financeiro) para a ereção de uma nova paróquia no bairro Moinho Velho. Segundo o arcebispo, o bairro além de ser uma região ainda pouco assistida pela Igreja Católica, possuía a concorrências das demais religiões.

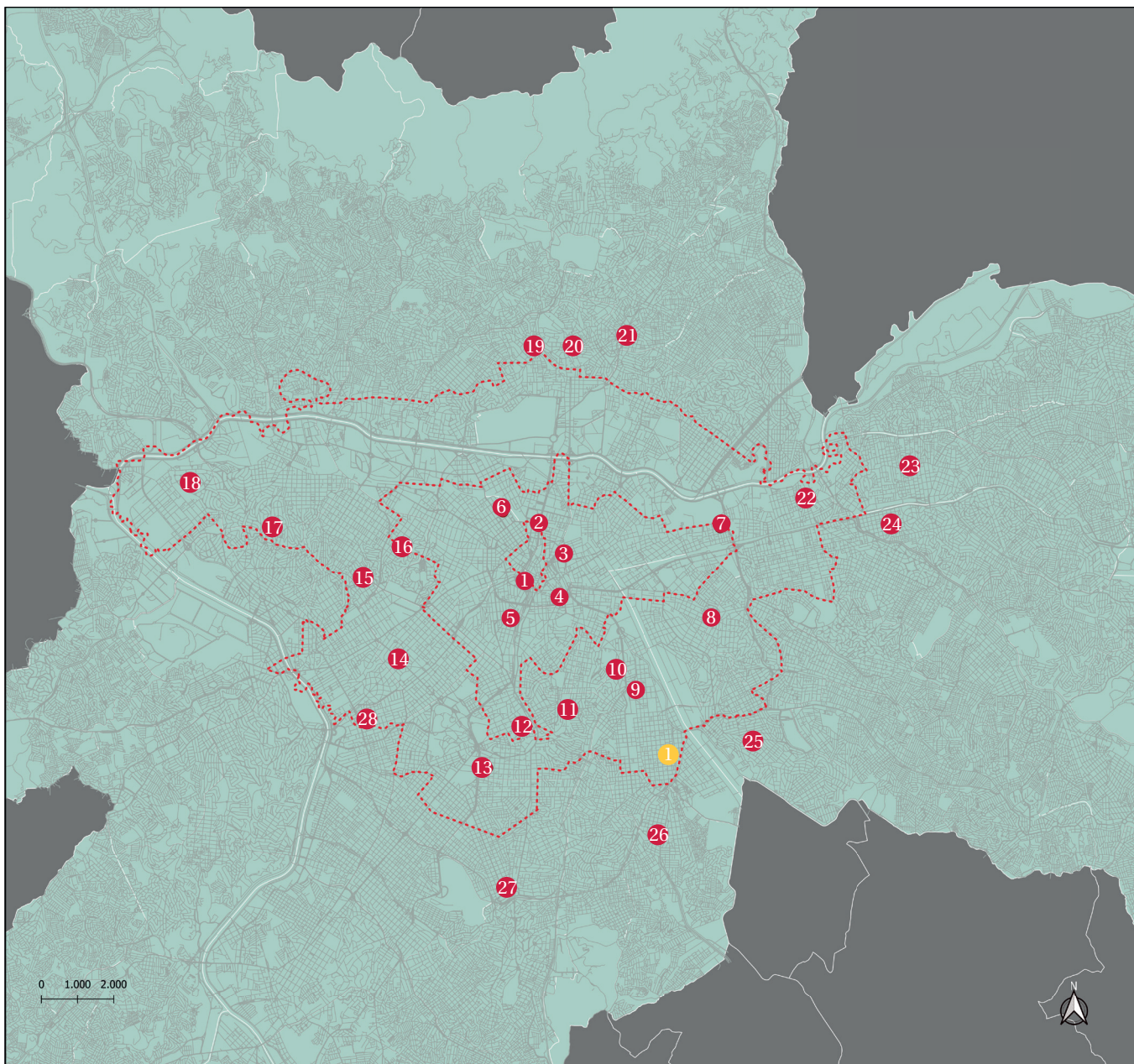
Venho respeitosamente suplicar os bons ofícios de V. Excia. para me auxiliar na fundação de uma nova paróquia aqui em São Paulo. Existe aqui um bairro chamado Moinho Velho que conta uma população aproximada de 15 mil almas, completamente abandonadas religiosamente falando. Aos domingos o Exército da Salvação e uns pregadores adventistas percorrem as ruas deste bairro pregando, distribuindo Bíblias etc. Atualmente constroem ali quasi 50 casas novas e urge a criação de uma igreja paroquial e, nada havendo em contrário, é possível que até os fins deste mês de janeiro, esta escritura já tenha sido passada. Pensava dedicar esta paróquia a São Vicente de Paulo e confiá-la à Congregação dos Padres Lasaristas que não possuem casa em S.Paulo. As dificuldades são enormes para começar esta paróquia, pois, disponho apenas do terreno. Para se levar adiante é preciso muito espírito de fé, amor das almas e confiança em Deus. Creio que se a Congregação dos Lasaristas aceitasse, em pouco tempo teríamos ali um grande centro de vida religiosa e heresia não se implantaria neste bairro como já o fez em outros desprovidos de assistência religiosa (DE AFONSECA E SILVA, 1940. n.p.)

130

Observando a tabela a seguir percebe-se que a tentativa de dom José obteve êxito, a Paróquia São Vicente de Paulo foi realmente fundada no dia 25 de janeiro com mais 10 outras paróquias. Nos meses seguintes, percebe-se a continuação do mesmo movimento de expansão, com a diferença de algumas paróquias fundadas na área urbana da cidade (como o caso das paróquias Nossa Senhora da Paz no bairro do Glicério e Nossa Senhora do Brasil no bairro Jardim Paulista). A partir de maio de 1940, se tem uma diminuição no número de fundações – que ocorreram de forma isolada – provavelmente devido à proximidade da realização do IV Congresso Eucarístico.

DATA FUNDAÇÃO	PARÓQUIAS	LOCALIZAÇÃO
25/01/1940	Nossa Senhora dos Prazeres	Parada inglesa
	Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos	Vila Monumento
	Santa Margarida Maria	Jardim Glória
	Santo Inácio de Loyola	Vila Mariana
	São Carlos Borromeu	Belenzinho
	São João Batista	Vila Ipojuca
	São José	Maranhão
	São José	Vila Zelina
	São Judas Tadeu	Jabaquara
	Nossa Senhora Montevirgem e São Luiz Gonzaga	Vila Santana
	São Vicente de Paula	Moinho Velho
24/03/1940	Nossa Senhora da Paz	Glicério
	Nossa Senhora da Salete	Santana
	Nossa Senhora das Dores	Ipiranga
	Nossa Senhora do Bom Conselho	Mooça
	Nossa Senhora do Brasil	Sé
	Nossa Senhora do Carmo	Liberdade
	Nossa Senhora do Rosário de Fátima	Sumaré
	Santa Tereza de Jesus	Itaim Bibi
	São Cristóvão	Luz
	São Domingos	Perdizes
	São Francisco de Assis	Centro
31/05/1940	São Pedro Apóstolo	Vila Aricanduva
16/06/1940	São Vito Mártir	Brás
	Imaculado Coração de Maria de Fátima	Vila Leopoldina
07/10/1940	Santa Terezinha	Santa Terezinha
25/10/1940	São Francisco de Assis	Vila Clementino
27/10/1940	Sagrado Coração de Jesus	Campos Elíseos
19/02/1942	Paróquia Nossa Senhora Aparecida	Ipiranga

Tabela 2.4– Paróquias fundadas na gestão de Dom José Gaspar em 1939 e 1942. **Fonte:** Anuário Católico do Brasil organizado pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS) de 1985. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.



Mapa 2.2: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, Sede. [1940 e 1942] - **Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva**

Legenda: 1. Paróquia de São Francisco 2. Paróquia de São Cristovão 3. Paróquia São Vito Mártir 4. Paróquia Nossa Senhora da Paz 5. Paróquia Nossa Senhora do Carmo 6. Paróquia Sagrado Coração de Jesus 7. Paróquia São Carlos Borromeu 8. Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho 9. Paróquia Nossa Senhora das Dores 10. Paróquia Nossa Senhora Rainha Dos Apóstolos 11. Paróquia Santa Margarida Maria 12. Paróquia Santo Inácio Loiola 13. Paróquia São Francisco de Assis. 14. Paróquia Nossa Senhora do Brasil 15. Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima 16. Paróquia São Domingos 17. Paróquia São João Batista 18. Paróquia Nossa Senhora de Fátima 19. Paróquia Santa Teresinha 20. Paróquia Nossa Senhora da Salette 21. Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres 22. Paróquia São José do Maranhão 23. Paróquia Nossa Senhora Montevirgem 24. Paróquia São Pedro Apóstolo 25. Paróquia São José Da Vila Zelina 26. Paróquia São Vicente de Paula 27. Paróquia São Judas Tadeu 28. Paróquia Santa Teresa de Jesus [1942] 1. Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

Autor: João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP-atual]:** Deborah Sandes de Almeida [QGis].



1



2



3



4



5



6



7



8

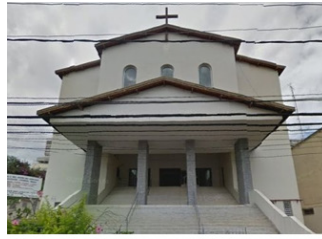


9

Figura 2.13: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1940] **Legenda:** 1. Paróquia Imaculada Cor. De Maria de Fátima 2. Paróquia Santo Inácio de Loyola 3. Paróquia N.S. do Brasil 4. Paróquia N.S. das Dores. 5. Paróquia da Saúde 6. Paróquia N.S. de MonteVirgem 7. Paróquia de N.S. do Bom Conselho. 8. Paróquia N. S. do Carmo 9. Paróquia N.S. do Rosário de Fátima **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br> > consultado em 10 ago. 2021.



10



11



12



13



14



134



15



16



17



18



19



20

Figura 2.14: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1940] **Legenda:** 10. Paróquia N.S. dos Prazeres 11. Paróquia N.S. Rainha dos Apóstolos 12. Paróquia N.S. da Paz 13. Paróquia do Sagr. Coração de Jesus 14. Paróquia de Santa Margarida Maria [fachada e lateral] 15. Paróquia Santa Teresinha 16. Paróquia São Carlos Borromeu 17. Paróquia de São Cristovão 18. Paróquia São Domingos. 19. Paróquia de São Francisco de Assis. 20. Paróquia de São Francisco de Assis **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br> > consultado em 10 ago. 2021.



21



22



23



24



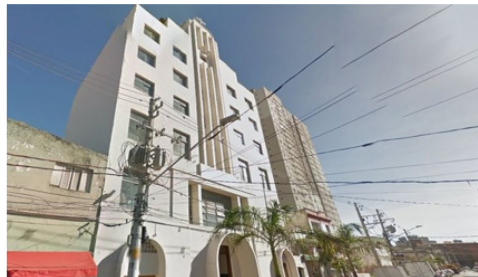
25



26



27



28



29

Figura 2.15: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1940] **Legenda:** 21. Paróquia São João Batista 22. Paróquia São José 23. Paróquia São José 24. São Judas Tadeu 25. Paróquia São Pedro Apostolo 26. Paróquia de São Vicente de Paula 27. Santa Teresa de Jesus 28. Paróquia São Vito Mártir. [1942] 29. Paróquia N.S. Aparecida **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br> > consultado em 10 ago. 2021.

Com as paróquias criadas, para além da marcação física e organização das práticas religiosas na cidade, dom José Gaspar, em 27 de novembro de 1940, publicou a *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de São Paulo* sobre a defesa da fé, da moral e da família, (destinados ao clero em geral e a todos os fiéis)¹¹⁴ onde reforçava a importância da valorização e engajamento nas paróquias, assim como a autoridade dos respectivos párocos responsáveis: “Insistimos ainda no desenvolvimento da vida paroquial. Cada cristão está vinculado à sua paróquia, ao seu pároco, e é dentro do quadro paroquial que se há de expandir a sua vida religiosa” (PASTORAL, 1940. [n.p.]

Todo o processo de demarcação territorial através das fundações e construções das novas paróquias foi amplamente divulgado nas frequentes publicações nos principais jornais da cidade, nas colunas dedicadas a noticiar os principais acontecimentos católicos em São Paulo (*Coluna Chronica Religiosa* do *Correio Paulistano* e *Movimento Religioso* do jornal *O Estado de São Paulo*).¹¹⁵ Para além das publicações nas colunas dos principais jornais da cidade, constata-se também a exposição de alguns projetos aprovados pela Comissão de Arte Sacra em periódicos especializados na área de Arquitetura em São Paulo, como na revista *Acrópole*¹¹⁶.

TÍTULO	AUTOR DO PROJETO	NUM.	PÁG.
IV Congresso Eucarístico Nacional			
Projeto do Altar Monumento do IV CEN	Arq. Eng. Carlos Gomes Cardim Junior	51	93-97
Ecos do Iv Cong. Eucarístico Nacional	Arq. Eng. Carlos Gomes Cardim Junior	53	181
Projeto do I C. Eucar. Dioc. de Santos [1941]	Arq. Eng. E. Correa da Costa Jr.	53	180
Edificações religiosas [igrejas]			
Construção da Nova Catedral da Sé	Arq. Eng. Max Hehl	51	98-104
Igreja Nossa Senhora da Paz	Arq. Leopoldo Pettini	137	121-127
Igreja São Vito Mártir	Arq. George Przirembel	62	14-15
Igreja Santa Teresa	Arq. George Przirembel	62	12-13
Igreja em Perdizes (São Domingos)	Arq. Franz Heep	321	40-44
Igreja Nossa Senhora do Brasil	Arq. George Przirembel	39	124-125
Igreja de São Paulo Apóstolo	Arq. George Przirembel	43	261

Tabela 2.5 – Relação dos projetos de igrejas e projetos para a realização do IV CEN **Fonte:** Revista Acrópole. **Acervo:** FAU/USP.

114 Dom José afirmou: Esta nossa carta pastoral seja lida nos lares cristãos pelos respectivos chefes e em todas as matrizes, igrejas e oratórios públicos e semipúblicos, à estação da Missa dominical, e depois arquivada como é de praxe. (Pastoral Coletiva, 1940. p.8)

115 Nas colunas Chronica Religiosa (Correio Paulistano), de 13 de novembro de 1939, noticiou a criação de 9 novas paróquias; na Coluna Movimento Religioso (O Estado de São Paulo) de 12 de fevereiro de 1940 noticiou a criação de 15 novas paróquias.

116 Segundo o site do acervo digital revista Acrópole organizado pela da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / USP. Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br>

1



Matriz da Paróquia de São Paulo

A magnífica Igreja será edificada no esboço Grego-Romano em homenagem do São Paulo, segundo as primeiras ideias e o plano da cidade de São Paulo. No projeto de entrada da Igreja serão colocados sobre pedestais em pedra, as estátuas em traje de Romano e traje de velho doutor do azeite São Paulo.

A Igreja a ser construída divide-se em 3 partes.

A) Altar: tem 13,00 metros de largura e 13,00 metros de comprimento, tem as laterais entre as colunas amplas escadas para o acesso à Igreja.

B) Ilhas: escadarias, ecumene, em um primeiro alveio ornamentada com 2 colunas Dóricas que tem um diâmetro de 1,35 metros e 11,00 metros de altura. Os pilares de Altar e portico estão em lugar de pedra de Angraquara.

III) 3 portas amplas, ricamente trabalhadas dão acesso à Igreja. A Igreja divide-se em nave central e laterais com 31,00 metros de largura e 32,00 metros de comprimento.

Presbitério com 8,00 metros de largura e 8,00 metros de comprimento, capela do Santíssimo com 6,00 metros de largura e 8,00 metros de comprimento localizada ao lado do Presbitério. Junto à entrada será construído o Batistério e escadaria para o acesso à tribuna que se encontra sobre a entrada. A nave central tem 13,00 metros de altura e o teto lateral 8,20 metros.

O acabamento do interior da Igreja será simples, as paredes com revestimento de quartzo, cimento-luzado e tal.

Sem pintura, sendo parte da ornamentação, acabamento dourado. Os forros da Igreja serão em madeira esculpando o decoro da fachada, ficando assim todo o edifício como madeira, ferro e cimento e vidro. As lanternas de iluminação serão colunas Cariatídes que dividem a nave central, das naves laterais. Os assentos da Igreja serão com acabamento de material cerâmico e pedregulho, Santíssimo e respectivos escadões em mármore nacional. Todos os ornatos serão esculpados no estilo Grego-Romano de maneira nacional.

C) As dependências como sacristia, público, e escritório e sala de reunião, localizadas no andar térreo ao fundo da Igreja, serão acabadas mais simples, mas sempre de acordo com o acabamento geral. As salas dependências são construídas à medida do vigário.

A Igreja Matriz da Paróquia de São Paulo, que será construída num dos pontos mais altos do bairro do Morro, e cuja torre terá uma altura de 34,00 metros, de onde se terá a panorâmica de trabalho fãbrica da laboriosa cidade, será o símbolo pátrio do campo de trabalho dum São Paulo, cujo nome é nova Igreja adiante.

Projeto de Eng. Arquiteto George Provençal - Construção do Eng. Arquitecto Francisco Galabeguer - A Matriz da Paróquia de São Paulo, será construída no Bairro São Tobias Barreto, esquina de Ivaressa Tobias Barreto.

ACROPOLE 261

2



Matriz do Jardim América

brasileiro modernizado (inspirado na fachada do famoso Templo da Ordem Terceira de S. Francisco, no Batal que é o que melhor se harmoniza com as construções, arnuamentos e arborização do Jardim América.

Para acesso ao Templo, foi prevista uma entrada para pedestres, independente do outra para automóveis.

Também foi prevista uma Casa Paroquial independente, embora com ligação direta para o Templo (ligação interna). Esta casa, em dois pisos, oferece, no primeiro, uma grande sala de reuniões, e, no segundo, acomodações para residência do vigário. Uma particularidade notável: o "HALL" da Casa Paroquial tem ligação direta com o batistério, o que facilita a celebração de certas cerimônias, sem prejuízo das que se celebrarem simultaneamente no Templo.

A nave central mede 21m,00 x 21m,00, o presbitério, 8m,00 x 8m,00 x 8m,00. A capela do Santíssimo, a direita, com acesso direto pela nave central, mede 6m,00 x 5m,00. A esquerda, a sacristia e um escritório para o vigário. O batistério, a que já nos referimos, serve de bastimento para a torre.

Quanto à parte externa: — Toda a riqueza arquitetônica foi empregada na entrada principal, que será toda de pedra (lapareim), com 13m,00 de altura até a cimalha principal. Abre a cruz, que corta a cúpula, a altura é de 25m,00. A torre mede 36m,00 até o topo. As fachadas laterais foram, propositalmente, tratadas com simplicidade, para que tivesse mais relevo a entrada principal.

A cobertura, tanto da cúpula como da torre, será feita de azulejos coloridos.

ACROPOLE 125

3

40 Igreja em Perdizes


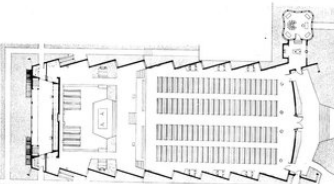


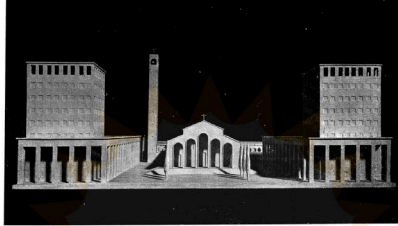
Foto: José Menezes

projeto: A. Franz Mepp, arquiteto proprietário: Ordem dos Domínios locais: rua Celso, SP



4

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PAZ EM SÃO PAULO



MACIETE DO PLANO GERAL DAS OBRAS DA RUA GLICÉRIO

Projeto de Anst. DR. EDOUARDO REFINI em colaboração com o SR. FULVIO RENNACHI

Construção de A. SAIZATI & BUCHENANNI

A arquitetura desta Igreja, mesmo obedecendo a soluções modernas não é extravagante, mas tradicional. Revelando o esqueleto de concreto armado o arquiteto conseguiu dar ao templo, uma forma elegante e serena, própria das simples igrejas franciscanas de Lisboa Santa.

ESTADO ATUAL DA FACHADA

Foto: Zanella

ACROPOLE 121

Figura 2.16: Publicações da revista Acrópole com os projetos das paróquias fundadas pela arquidiocese de São Paulo entre 1908 a 1943. **Legenda:** 1. Matriz da Paróquia de São Paulo. 2. Matriz do jardim América [N.S. do Brasil] 3. Igreja em Perdizes [São Domingos] 4. Igreja de N.S. da Paz [Glicério]. Voltados, de forma geral, para o público especializado, os artigos apresentam um breve memorial descritivo do projeto, citando o autor, acompanhado de perspectivas, desenhos técnicos e fotografias de maquetes e da edificação construída. **Fonte:** Revista Acrópole no 64 (1943, pp.15-19). **Acervo:** FAU/USP

A revista Acrópole foi editada em São Paulo entre 1938 a 1971 e teve seu primeiro exemplar lançado em maio de 1938, sob a direção de Roberto A. Corrêa de Brito. A revista trouxe em suas páginas projetos e textos teóricos, principalmente por arquitetos de São Paulo, que teve abrangência nacional e internacional. Por se tratar de um periódico que buscava informar (e em grande medida formar) os profissionais que atuavam no campo profissional da arquitetura e construção, a visibilidade desses projetos possibilitou visibilizar a produção das igrejas e eventos religiosos não apenas restritos ao campo religioso, mas, em certa medida, as inseriu no debate que ocorria entre os profissionais da arquitetura e que nesse momento pensavam, construía e interferiam na metrópole.

O intenso trabalho realizado por dom José Gaspar, e seus inúmeros projetos para a cidade, foram interrompidos em 27 de agosto de 1943. Em viagem para participar da posse do novo arcebispo do Rio de Janeiro, dom Jaime de Barros Câmara, o avião da VASP em que estava dom José Gaspar chocou-se com a torre do edifício da Escola Naval e caiu no mar, perecendo no desastre quase todos os passageiros. Com dom José faleceram também o Monsenhor Alberto Teixeira Pequeno e seu secretário particular o Padre Nelson Norberto de Souza Vieira. O funeral se deu no dia 28, após cortejo composto por um grande número de pessoas em direção à catedral de Santa Ifigênia, onde permaneceu exposto até o dia 30, sendo então sepultado na cripta da catedral da Sé.

138

Durante todo o dia 28 e os dias 29 e 30, até a hora do sepultamento, em que os despojos de dom José ficaram expostos à visita dos fiéis, foi possível, mais uma vez, aquilatar-se a dor profunda que atingiu o povo paulista pela perda do seu amado Metropolita. Imensa multidão, de todas as classes sociais, tendo estampado nas fisionomias seu sentimento profundo, dia e noite ininterruptamente, desfilou perante o corpo de Dom José, permanecendo a igreja continuamente aberta. Na madrugada do dia 30, às 4 horas, o escultor Galileu Emendabile tirou o molde de uma máscara de gesso, para um futuro busto (CAMPOS, 1944, p.46)



Figura 2.17 – Foto do cortejo fúnebre de dom José Gaspar em direção à Catedral da Sé. **Fonte:** Livro In Memoriam de Dom José Gaspar de Afonseca e Silva (1901-1943). São Paulo: Ed. Ave Maria, 1944. p.222

Ao se observar o cortejo fúnebre de dom José Gaspar (figura 2.17), percebe-se que o fotógrafo elegeu um ângulo distanciado, mostrando em destaque centralizado a presença massiva do clero e posteriormente a multidão de fiéis e pessoas em geral. Tal imagem, pode ser lida também como um acontecimento que, assim como os diversos eventos religiosos nas décadas entre de 1920 e 1940, buscava demonstrar a tão almejada conquista, da Igreja Católica, em se afirmar como principal religião no Brasil. Apropriando-se da cidade, a manifestação de pesar, mas também de fé católica, tomava novamente o território público, transformando a cidade de São Paulo em uma espécie de cidade-templo. Assim como a manifestação pública e o poder de reunir um grande número de fiéis apoiadores do catolicismo, a materialização da territorialidade católica — através das igrejas e da catedral — foi um forte instrumento dessa demonstração de força católica nessas décadas.

Em 27 de setembro de 1943, na catedral provisória de Santa Efigênia, dom Paulo de Tarso Campos (Bispo de Campinas) ao proferir o *Elogio Fúnebre* a Dom José Gaspar, o descrevia:

Consolidando o trabalho de seu antecessor, ampliou-a vigorosamente não deixando um só departamento da administração eclesiástica que escapasse ao seu olhar penetrante, à sua ação diligente e oportuna. Num destes gestos ousados que lembra a figura impressionante do Cardeal Verdier, Arcebispo de Paris, cria nada menos que 50 paróquias na cidade de São Paulo; amplia largamente os quadros da administração; estabelecendo quatro vigários gerais e numerosas vigarias forêneas. [...] Instalou na Arquidiocese novas e inúmeras casas religiosas de ambos os sexos, multiplicando os Institutos de formação, de ensino, de assistência aos enfermos, aos órfãos e aos desamparados. A Catedral de São Paulo, essa imponente e grandiosa obra de Dom Duarte, recebeu vigoroso impulso, ao mesmo tempo que no mais remotos bairros da Capital surgiram ou vão surgindo dezenas de templos novos —modestos ou suntuosos — todos eles nascidos e alimentados no zêlo e no coração do Arcebispo (IN MEMORIAM [...], 1944, p.216).

140

O longo trajeto percorrido tanto por dom Duarte (na criação e organização da arquidiocese) quanto a demarcação simbólica, material e territorial empreendida por dom José Gaspar, nos indica uma igreja que exerceu ativamente seu poder de agência e articulação para se manter relevante e atuante, não apenas na sociedade paulista, mas na ideia de nação na qual se aliava ao Estado. Planos e projetos que pretendiam ser maiores, segundo o próprio dom José Gaspar, ao exortar os fiéis poucos dias após a realização do Congresso Eucarístico.

Retornando agora à nossa vida normal, desejo pedir aos meus caros diocesanos que voltemos todos as nossas vistas para os bairros da capital e para as cidades menores do nosso interior. Urge cuidar da assistência religiosa e social destes nossos irmãos que vivem em condições difíceis. Urge que terminemos as nossas igrejas e que as multipliquemos, porquanto, em torno de cada paróquia, há uma grande e utilíssima obra de assistência social que, sem ruídos, auxilia os necessitados. Cada alma, cada coração, cada habitante da cidade tem direito não apenas ao pão material, mas ainda ao pão do espírito. Espero que os meus caros diocesanos me ajudem a completar esta obra de assistência religiosa e social, estendendo-a a todos os bairros. Será esta uma das melhores recordações do nosso inolvidável Congresso. (CARTA DO ARCEBISPO METROPOLITANO, 1942, p.3)

Perante todo o processo anteriormente apresentado percebe-se que o movimento de articulação em contraponto à relativização do papel da Igreja Católica e à laicização da sociedade brasileira, não se deu apenas no campo ideológico e religioso. Ao analisarmos o percurso e ações empreendidas por dom José Gaspar pelas lentes do *urbanismo religioso*, podemos aferir uma instituição que se articulou em torno de uma estratégia territorial, que ao mobilizar agentes religiosos e não religiosos, conseguiu marcar materialmente o território paulistano. A implantação das novas paróquias — para além de organizar de forma administrativa e reafirmar as práticas de culto romanizadas — possibilitou, em grande medida, a consolidação de uma cidade que aos olhos da religião se afirmou como sacralizado. Concomitantemente às ações de então prefeito Prestes Maia, dos agentes do poder público, ou mesmo, de arquitetos e construtores que atuaram no período para a transformação e modernização da cidade de São Paulo, é possível afirmar que a religião católica, (figurada pelo seu braço executivo), buscou construir uma *Metrópole Católica*, podendo ser considerada como mais agente do urbanismo em São Paulo.

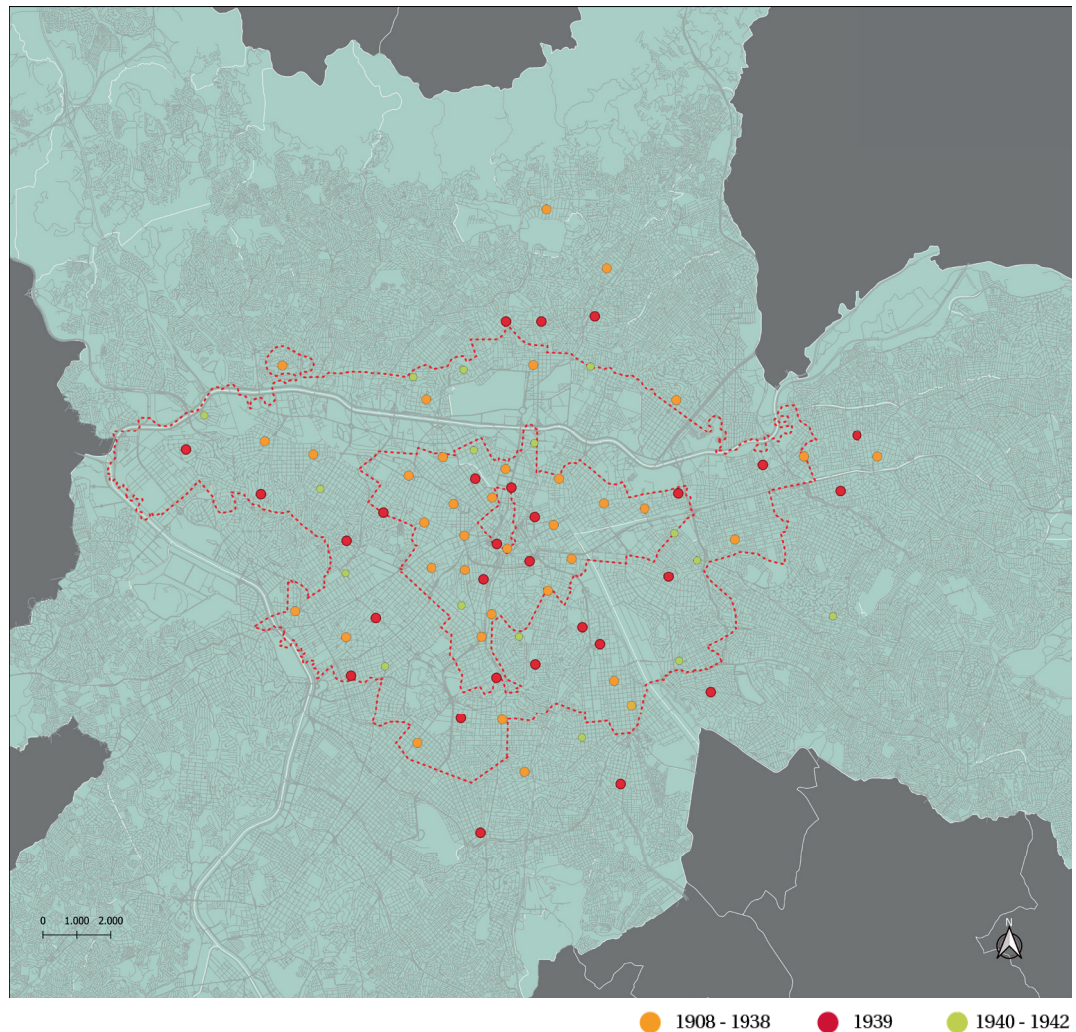
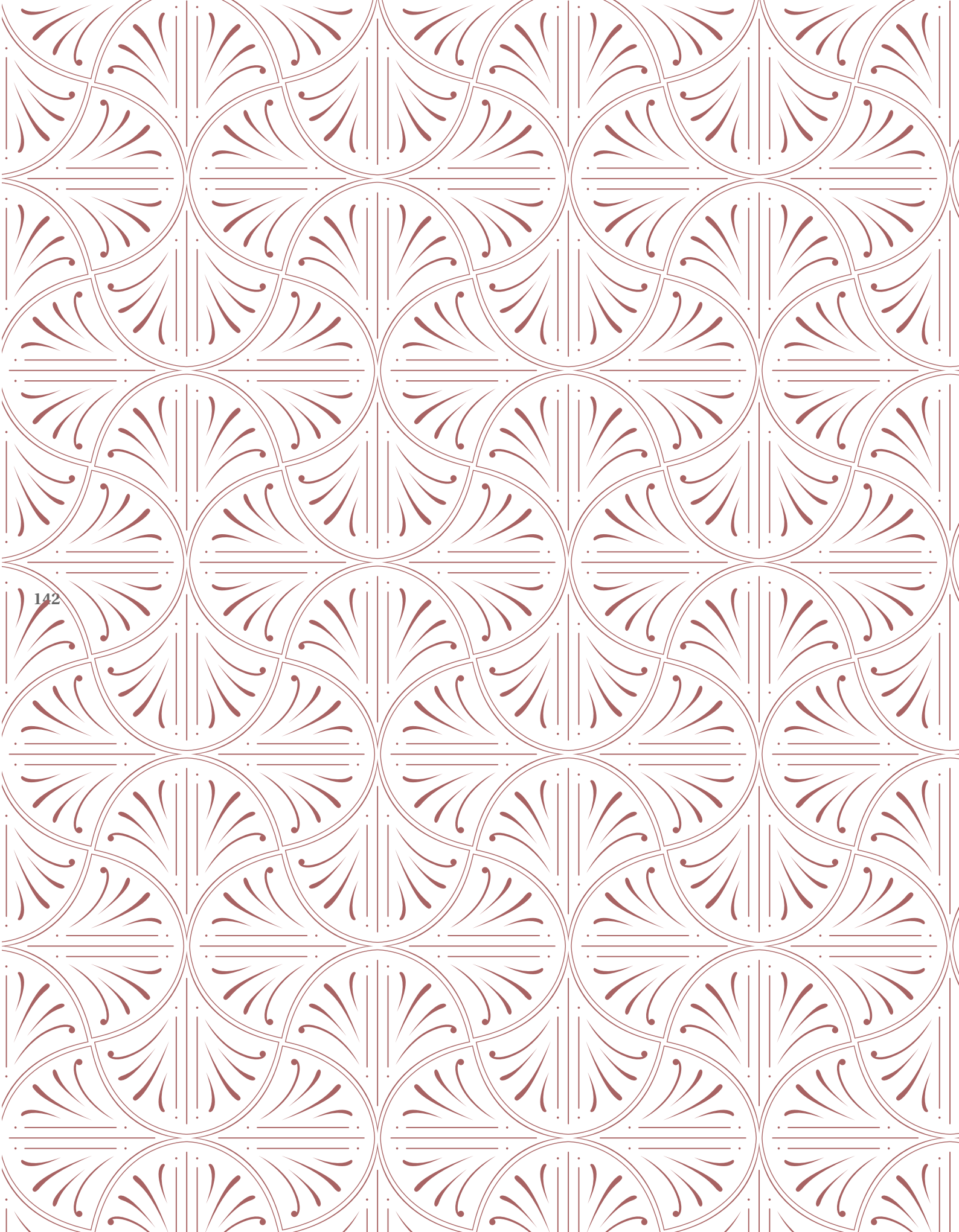
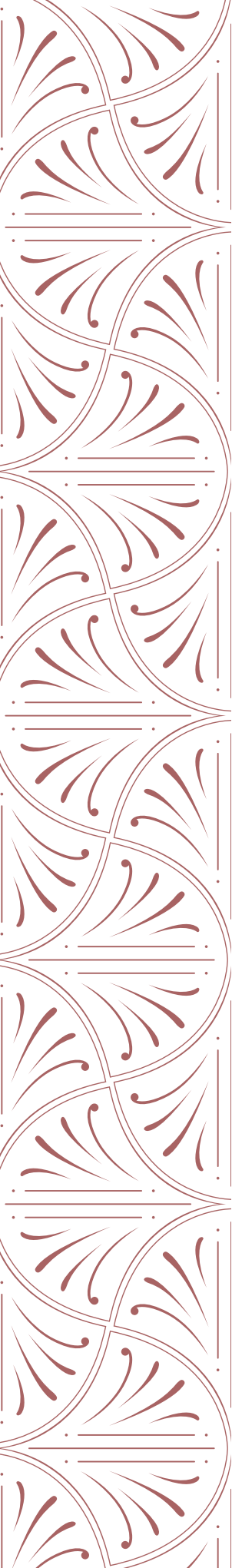


Figura 2.3- Mapa geral das paróquias criadas pela Arquidiocese de São Paulo [1908 - 1942].
Autor: João C. S. Kuhn
Base do Mapa [SP]: Deborah Sandes de Almeida [QGis].





CAPÍTULO 3

A Grande Metrópole Católica:

São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional

A Grande Metrópole Católica:

SÃO PAULO NO IV CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Católicos,

Quer tenhais nascido na terra paulista, ou em outras terras da grande Pátria Brasileira, que o vosso berço tenha sido iluminado pelo céu de outras plagas, uma vez que sois católicos ouvi a voz da Igreja Universal, que ora soa à vossa porta,[...] Meditai bem, católicos paulistas, sobre a vossa responsabilidade no êxito e no brilhantismo deste IV Congresso Eucarístico Nacional de 1942, não só porque sois católicos; mas, e muito particularmente, porque sois católicos paulistas, porquanto, e talvez disto estejais esquecidos; os paulistas, foram os bandeirantes que desbravaram a floresta densa do pessimismo que até 1915 julgava o Brasil uma aldeia na qual não de poderia pensar em manifestações públicas de caráter religioso que pudessem ir além de festinhas de arraiais, procissões em torno das matrizes de suas escassas paróquias.

145

JUNTA EXECUTIVA DO IV CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 1941

Realizado em setembro de 1942, sob a gestão de dom José Gaspar, o IV Congresso Eucarístico Nacional foi um momento de êxtase onde todo o trabalho que foi realizado desde a fundação da Arquidiocese de São Paulo até este momento, manifestava-se por meio de um grande certame. Sendo assim, pode ser considerado o principal instrumento de propagação da imagem de uma Igreja que – se projetando soberana e sempre presente na história da nação e na constituição do seu povo – se fazia imprimir no imaginário político-social como autêntica e mais importante religião professada no país. Nesse momento, também a ideia de universalidade da fé católica, ligada e centralizada sob a orientação plena da Santa Sé Romana, se fez presente nas ações e discursos realizados no certame, buscando demonstrar o êxito no processo de implantação do pensamento romanizado, vivido nas primeiras décadas do século XX.

No trecho citado no início deste capítulo, constata-se a figuração dos paulistas como os primeiros a abrir caminho para a retomada da exteriorização pública de sua fé em favor da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Assim como os Bandeirantes, na descoberta de novas terras no interior do país, os paulistas seriam os responsáveis – a partir da realização do primeiro Congresso de São Paulo, realizado em 1915 – por abrir caminho para que uma série de congressos eucarísticos fossem realizados em todo país. Na circular, a arquidiocese convocava os fiéis, em especial os paulistas, a tomarem consciência de seu papel como divulgadores, apoiadores e participantes no evento que já se pretendia ser a maior manifestação pública do catolicismo brasileiro. A circular referida foi publicada e distribuída em 1941 e direcionada a todos os fiéis católicos. O documento trazia em seu conteúdo os principais temas considerados pela arquidiocese para a realização do evento. Contém um relato rápido da história dos congressos eucarísticos no intuito de informar e preparar a sociedade paulista (fiéis e não fiéis) acerca da importância do evento, assim como, comunicar as diversas etapas de planejamento do congresso em São Paulo¹¹⁷.

146

Evento religioso de massa focado na difusão da devoção ao culto da eucaristia¹¹⁸, o Congresso Eucarístico, ainda hoje, é realizado em escala internacional, nacional e regional. Em geral, os congressos regionais e nacionais servem de apoio (preparação e motivação do clero e fiéis) para a realização do congresso internacional. No Brasil, o Congresso Eucarístico Internacional teve lugar na década de 1950, porém se percebe a partir da década de 1910 (como o congresso paulista de 1915), a realização de eventos similares inspirados no mesmo formato e tema dos congressos eucarísticos e a partir da década de

117 Assim como a Circular, os periódicos da época (em especial *O Estado de São Paulo* e o *Correio Paulistano*) foram instrumentos muito utilizados para a divulgação e instrumentalização dos fiéis paulistas na preparação do IV Congresso Eucarístico Nacional.

118 Para a Igreja Católica e seus fiéis, a eucaristia é a presença real de Jesus Cristo. Segundo o compêndio do Catecismo da Igreja Católica, a Eucaristia é "o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue do Senhor Jesus, que Ele instituiu para perpetuar o sacrifício da cruz no decorrer dos séculos até ao seu regresso, confiando assim à sua Igreja o memorial da sua Morte e Ressurreição. É o sinal da unidade, o vínculo da caridade, o banquete pascal, em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da vida eterna." (n. 271). Baseia-se principalmente no trecho do Evangelho de São João (João 6:51-71). A Igreja Católica confessa, desde o princípio da instituição, a presença real de Cristo, em seu corpo, sangue, alma e divindade após a transubstanciação do pão e do vinho, ou seja, a aparência permanece de pão e vinho, porém a substância se modifica, passa a ser o próprio Corpo e Sangue de Cristo.

1930 se tem a realização das primeiras edições oficializadas¹¹⁹ dos congressos regionais e nacionais em território brasileiro.

Guardadas as especificidades de cada realização — por ser instalada em cidades com contextos históricos, políticos e sociais distintos — o evento assume um mesmo formato, onde se observa não somente a realização de celebrações litúrgicas¹²⁰, mas também, a execução de atividades como: atos solenes de devoção pública, exposições referentes a diversos aspectos da cultura religiosa (arte, literatura, ação social e evangelizadora), comunicações de postulados advindos do Papa e sessões de estudos referentes à temática própria do evento.

Considerado por Bargueño (2017) como reflexo de um catolicismo integral¹²¹, o evento apresenta-se como uma resposta católica à modernidade. Evento chave não apenas para a propagação do culto eucarístico, serve também como plataforma para coordenar as ações de mobilização social católica no espaço público impulsionadas por um importante esforço propagandístico, normalmente acompanhado pela intensa preparação espiritual e logística que precede sua realização. Para a pesquisadora, o que o torna singular dentre as demais manifestações católicas é a sua grande plasticidade, que vai além de uma magna reunião de importantes figuras católicas. Testemunho da vivacidade do catolicismo transnacional, sua celebração tem um objetivo duplo: defender os interesses da igreja e promover novos meios evangelizadores de reconquista social, simbólica e espacial.

147

Observando o mesmo evento no contexto brasileiro e paulista, o presente capítulo irá observar os reflexos dos congressos como parte constituinte do processo de construção e consolidação da Arquidiocese de São Paulo: projeto empreendido nas gestões de dom Duarte Leopoldo e Silva e dom José Gaspar D'Afonseca e Silva, conforme demonstrado nos capítulos anteriores.

119 Quando aqui se considera oficializada, diz-se respeito aos eventos que eram previstos, organizados e realizados sob o controle do Comitê dos Congressos Eucarísticos : grupo composto pelo clero e por leigos católicos que, organizados em uma estrutura hierárquica, definiram os locais, agendas e articulações para a realização de tais eventos. Até os dias atuais, o comitê é escolhido por representantes da alta hierarquia clerical (Bispos e Arcebispos) e sempre sob a aprovação e supervisão do papa.

120 Celebração Litúrgica pode ser entendida como o conjunto dos elementos e práticas do culto religioso (missa, orações, cerimônias, sacramentos, objetos de culto etc.) instituídos por uma Igreja ou seita religiosa.

121 Considerando o termo de forma ampla, Bargueño (2017) observa como catolicismo integral um catolicismo que, em nome da ortodoxia, lança mão de uma grande variedade de esforços sem que esteja necessariamente associado a um determinado empenho político (como ocorre no integralismo católico) para lograr uma reconquista espiritual, social, espacial, simbólica.

Vale ressaltar que, em um esforço de fortalecer a ideia de unidade universal pretendida pela instituição, os congressos podem ser figurados como um espaço privilegiado para o intercâmbio entre as unidades eclesiais espalhadas no mundo. Mesmo que suas ações e reflexões básicas estivessem pautadas nas orientações do Sumo Pontífice, é importante considerar que os diversos contextos de cada local em que o evento foi realizado apresentavam desafios e soluções distintas, sendo então os congressos espaços propícios para que ocorressem trocas de experiências, não apenas entre o clero, mas também entre a massa de fiéis católicos.

Ainda que o foco principal deste capítulo seja o IV Congresso Eucarístico Nacional realizado em São Paulo, se faz necessário em um primeiro momento traçar um panorama acerca do histórico dos congressos desde seus primórdios na França até sua chegada no Brasil (com os proto-congressos e congressos oficiais).

3.1 O CONGRESSO EUCARÍSTICO: PANORAMA DA MANIFESTAÇÃO PÚBLICA DA MASSA DE FIÉIS CATÓLICOS

Inspirada no milagre eucarístico ocorrido em Faverney (1608)¹²² na França, a leiga católica Emilie Tamisier (1834-1910) foi apoiada e encorajada por Monsenhor Gaston Ségur (1820-1881)¹²³ na iniciativa de realizar peregrinações às paróquias e santuários na região de Tours, na França do final do século XIX. Consideradas naquele momento como obras eucarísticas, as peregrinações buscavam fomentar nos grupos católicos franceses o fortalecimento da devoção ao culto da eucaristia, principal dogma da igreja católica onde

122 Trata-se de um milagre ocorrido em 1608 em Faverney (interior da França) em uma abadia de monges beneditinos. A história trata de um incêndio ocorrido na capela da abadia que havia destruído quase por completo seu interior. Na capela, antes do incêndio, os monges haviam exposto a hóstia consagrada (eucaristia), sendo este o único item que além de não ser consumido pelas chamas foi encontrado flutuando no ar. Em 1862, a Congregação para os Ritos autorizou a celebração em memória do Milagre. Em 1908, comemorou-se solenemente o seu terceiro centenário com um Congresso Eucarístico Nacional.

123 Monsenhor Louis Gaston de Ségur foi um padre e apologista francês que mesmo após a cegueira esteve dedicado às obras religiosas: entre elas estava o patrocínio de jovens aprendizes, a união de sociedades operárias, vocações eclesiais e seminários, capelarias militares e a evangelização dos subúrbios de Paris. Além das obras religiosas, publicou entre 1851 a 1895 cerca de 74 livros em apoio à fé católica. Fonte disponível no site: <[https://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/Louis_Gaston_de_S%C3%A9gur](https://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Louis_Gaston_de_S%C3%A9gur)> consultado em 20 mai.2021.

acredita-se que o Pão e Vinho — quando consagrados por um sacerdote — tornam-se verdadeiramente o corpo e sangue de Cristo.

Tais peregrinações, em um caráter inicialmente regional, buscavam também demonstrar a força desses grupos em um movimento de autorreconhecimento como massa católica. Perante o crescente processo laicizador (impulsionado pela revolução francesa e pelo movimento jansenista) as peregrinações foram instrumentos importantes para a manifestação da resistência de uma religião que, no espaço público e de forma explícita, reivindicava seu lugar na sociedade e na política da época. Desde sua primeira edição, realizada em 1871, o movimento cresceu em número de adeptos, chegando, em 1881, ao formato que hoje se conhece: como um congresso eucarístico que incorpora às peregrinações outras atividades como estudos, palestras e ações culturais.

Portanto, nesse formato, considera-se como o primeiro congresso eucarístico o evento ocorrido em Lille em 21 de junho de 1881, tendo em sua edição a participação de oitocentos fiéis. De 1882 a 1894, os oito congressos aconteceram em intervalos desiguais, quatro deles realizados na França (Avignon, 1882; Toulouse, 1888 e Reims, 1892); três realizados na suíça francófona (Friburgo, 1885) e belga (Liège, 1883; Antuérpia, 1890), e em Jerusalém 1893, sendo este último um dos mais importantes por nele se observar a tentativa de aproximação e diálogo do Papa Leão XIII com as Igrejas orientais.

149

Antes mesmo da realização dos primeiros congressos, constituiu-se um comitê permanente com o intuito de eleger os locais de sua realização e promover sua preparação para a celebração periódica do evento. Com a aprovação do Papa Leão XIII (1878-1903), o *Pontifício Comitê Permanente dos Congressos Eucarísticos* surgiu visando assegurar uma adequada preparação pastoral. O termo “preparação pastoral” nos indica que os congressos, desde seus primórdios, buscaram também ser instrumentos para o fortalecimento e manutenção da importância da estrutura hierárquica da Igreja Católica Apostólica Romana. Segundo o artigo 3º do estatuto do comitê, observa-se como uma de suas principais atribuições:

Convocar as Conferências Episcopais e os Sínodos Patriarcais para que nomeiem os Delegados nacionais, os quais se empenham na preparação dos Congressos e quando necessitar, constituam com a aprovação e com a contribuição da autoridade eclesiástica local, os Comitês Eucarísticos Nacionais (IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, 2009. n.p.).

Para além de uma questão de organização e logística, a decisão em se convocar a alta hierarquia clerical para a definição do local (assim como a

escolha do tema; teor dos estudos e palestras), demonstra os esforços de se garantir que as orientações católicas centradas em Roma fossem transmitidas de forma integral para as grandes massas católicas por um profissional religioso especializado. A responsabilidade e controle na realização do evento deveria ter como responsável principal a figura do arcebispo, que por sua vez atribuía funções aos delegados e comissões por ele nomeado. Destacado como transmissor fiel do papa, o arcebispo era reafirmado como autoridade local para a comunidade de fiéis. Em um movimento de aproximação das autoridades eclesiais à massa de fiéis, percebe-se que a imagem de um “santo pastor” era difundida no período que antecedia o evento. Através de ampla divulgação de biografias e retratos do alto clero, os principais meios de comunicação disponíveis destacavam as ações tanto do arcebispo local como de personalidades da alta hierarquia do universo católico que estivessem participando do evento (papa, cardeais, arcebispos e bispos visitantes).

150

Com a eleição de Pio X (1903-1914) os Congresso Eucarísticos ganharam pretensões internacionais. A partir do 16º Congresso Eucarístico Internacional (1905), Pio X utilizou-se dos eventos de forma sistemática para promover a divulgação e aplicação de seus decretos *Sacra Tridentina Synodus* (1905) e posteriormente o decreto *Quam Singularis* (1910) que reafirmava a eucaristia como a presença real de Jesus Cristo fomentando assim a prática de adoração e comunhão frequente entre adultos e crianças. Inicia-se com isto uma dimensão missionária e de re-evangelização da Igreja através da realização do evento nas principais cidades europeias como também àquelas pertencentes à sua órbita¹²⁴, como em Montreal (1910).

Tendo sua continuidade interrompida devido a I Guerra Mundial (1914-1918), o evento é retomado apenas na gestão do papa Pio XI (1922-1939)¹²⁵, que com força simbólica é realizado em Roma (1922), reforçando a ideia de que mesmo universal, a Igreja deveria sempre estar com os olhos centrados nas orientações do papado. Também nesse momento, inicia-se o movimento de realização dos congressos para países além das fronteiras europeias, como nos congressos de Chicago (1926) — país da América do Norte com tradição protestante — e Sydney (1928) na Oceania.

124 Tournai (1906); Metz (1907); Londres (1908); Colônia (1909); Montreal (1910); Madri (1911); Viena (1912) Valletta (1913); Lourdes (1914).

125 Bargeño, p.2464: “Apesar de que a principios de siglo existiera una conciencia de que la iglesia estaba librando una batalla internacional contra “los enemigos de la fe”, esta batalla estaba siendo librada principalmente a nivel nacional. Es por ello que en aquel momento el Congreso tenía la función de efectuar una estricta afirmación de solidaridad entre naciones.

Na década de 1930, o congresso teve pela primeira vez lugar na América Latina: o 32º Congresso Eucarístico Internacional realizado em Buenos Aires, Argentina. Segundo Romero (2010), é nesta década que a Igreja aprofunda suas demandas corporativas e aponta para uma nova ordem social do cristianismo. Pio XI, com a publicação de sucessivas encíclicas¹²⁶ e o estabelecimento das festividades de *Cristo Rei*, ratificou o combate contra o mundo moderno. O conjunto de encíclicas definia seus objetivos principais voltados para à educação, à família e ao combate contra seus inimigos (em especial o Estado Liberal, a democracia em geral e o comunismo). Com as festividades de *Cristo Rei*, a instituição — intitulada pelo autor como a Igreja Triunfante — buscava alinhar o Estado ao reinado de Cristo para colocá-la a serviço da construção de uma nova ordem cristã para a elaboração da ideia de nação católica¹²⁷. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), suspende-se novamente a realização dos eventos internacionais, retomados em 1952 com o 35º Congresso Eucarístico Internacional de Barcelona e, em seguida, realizado no Rio de Janeiro (1955), em sua segunda edição latino-americana.

Executado até os dias atuais, o Congresso Eucarístico Internacional se encontra em sua 52ª edição, que estava previsto para ocorrer em Budapeste, em 2020¹²⁸. Tendo como um dos principais objetivos “fazer visível o sinal de amor cristão pelo mundo e realizar um diálogo vivo entres povos e religiões”, a igreja se preocupa atualmente em facilitar o diálogo para além dos propósitos estritos de sua instituição. Mesmo com o adiamento, a organização do evento buscou sistematizar as conferências que seriam proferidas, resultando na publicação de um livro debatido em uma mesa redonda ocorrida em abril de 2021. Tanto o livro como o debate, segundo a própria organização do evento, buscavam aprofundar o diálogo inter-religioso e realizar a cooperação entre a igreja e o mundo acadêmico. Segundo reportagem no site oficial do 52º Congresso Eucarístico Internacional, observa-se o constante movimento de adaptação da Igreja às questões contemporâneas que demonstra uma necessidade de negociação entre as transformações do pensamento e valores de sociedades em transformação em relação aos valores sustentados pela instituição.

126 *Quas Primas* (1926); *Divini illius Magistri* (1929), *Casti Connubii* (1930), *Quadragesimo Anno* (1931) e por fim *Divini Redemptoris* (1937).

127 ROMERO, Luis Alberto. El Ejército de Cristo Rey. Movilización católica en Buenos Aires, 1934-1945 In: Cuadernos de História. Departamento de ciencias históricas. Universidad de Chile Marzo 2010: 77-98

128 A última edição do Congresso Eucarístico Internacional, em sua 52ª edição, estava prevista para ocorrer em Budapeste, em 2020. Devido à pandemia mundial do COVID-19, foi adiada para setembro de 2021.

El evento fue cancelado debido a la pandemia. Sin embargo, los conferenciantes invitados enviaron sus discursos por escrito. Gracias a ellos pudo nacer un libro excepcional titulado Fe, Ciencia, Sociedad. Científicos naturales y sociales, juristas, teólogos han elaborado una amplia gama de temas en el libro, tales como: ¿se puede justificar la existencia de un Dios infinito por la razón? ¿Existe un puente entre lo espiritual y lo material, la fe y la razón, el mundo visible y el mundo invisible? ¿Será la pandemia un castigo de Dios? La palabra clave del libro es la Eucaristía. A pesar de la riqueza del contenido del libro, sigue apuntando hacia una única dirección: hacia el acto de escuchar, de conocer, de dialogar sobre nuestro mundo. Nos orienta hacia el acto de colaborar y pensar juntos sobre nosotros mismos, tanto entre los creyentes como entre los no creyentes, incluso entre los seguidores de las más diversas corrientes religiosas y científicas (NOTICIAS , 2021. n.p.).

Ao analisarmos o contexto brasileiro, mesmo que o evento internacional só tenha ocorrido a partir da segunda metade do século XX e a versão nacional a partir de 1933, já se observava na primeira metade do século XX a reprodução deste modelo de evento nas manifestações de massa católica no Brasil (que intitulo aqui como proto-congressos) são eles: o 1º Congresso Eucarístico Diocesano ocorrido em São Paulo em 1915 e o Congresso Eucarístico Nacional realizado no Rio de Janeiro em 1922.

152

Retomando o olhar para o trecho citado no início deste capítulo, observa-se no discurso da junta executiva do IV CEN a afirmação de que “os paulistas, foram os bandeirantes que desbravaram a floresta densa do pessimismo que até 1915”. Esta floresta do pessimismo provavelmente refere-se aos primeiros anos do século XX, pós-proclamação da república, onde a Igreja buscava reorganizar tanto sua estrutura interna quanto às práticas religiosas dos fiéis brasileiros, afastando-os de um catolicismo popular. Os congressos eucarísticos, nesse contexto, seriam então a expressão pública de fé católica, porém nesse momento, associada fielmente aos ritos ortodoxos orientados pelo Vaticano. Conforme a Junta executiva, percebe-se na circular que no congresso de 1915:

[...] o povo de nossa pátria já estava bastante civilizado, bastante cristianizados para poder demonstrar na praça pública sua fé, seu patriotismo, sua decidida resolução de proclamar, sem temores e sem respeito humano, que seu único Deus e Senhor, é Jesus Cristo eternamente vivo e presente no Diviníssimo Sacramento da Eucaristia. (JUNTA EXECUTIVA DO IV CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL,, 1941. p. 4)

Junto às comemorações do centenário da Independência do Brasil, o 2º congresso foi realizado nos dias 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, sob a

coordenação do então arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme. Após conhecer a repercussão do evento, o papa Pio XI manifestou ao episcopado brasileiro o desejo de que se realizassem periodicamente os grandes Congressos Nacionais no Brasil. Com isso, em 1933, se realizou o 1º Congresso Eucarístico Nacional, sediado em Salvador, na Bahia, por ter sido lá a sede do primeiro bispado e do primeiro arcebispado fundado pela Santa Sé no Brasil. Depois foram realizados os congressos de: Belo Horizonte, em Minas Gerais (1936), de Recife, em Pernambuco (1939) e São Paulo (1942)¹²⁹.

3.2 “VINDE A MIM TODOS”: PREPARATIVOS INICIAIS PARA O GRANDE CERTAME

Após o Congresso Eucarístico de Recife, dom José Gaspar convocou, em novembro de 1939, a primeira reunião do Episcopado da Província Eclesiástica de São Paulo, delimitando um plano para que todo o estado participasse da preparação do evento. Cada diocese ligada à sede episcopal de São Paulo deveria realizar os Congressos Diocesanos, precedidos pelas “semanas eucarísticas” que se realizariam em cada paróquia das dioceses. As preparações para a realização do IV Congresso passariam por etapas que atingiriam uma escala local (as paróquias), estadual (as dioceses) e que por fim culminariam com o grande evento na cidade de São Paulo (com a arquidiocese). Na carta enviada por dom José ao Núncio Apostólico em 5 de dezembro de 1939 – comunicando-o das decisões relacionadas à reunião episcopal – observa-se os locais e datas de cada congresso, assim como a definição do tema central do IV Congresso Eucarístico:

Combinaram os Exmos. Ordinários que este congresso fosse mesmo em 1942, ficando estatuído que o tema seria a Eucharistia e o Recrutamento das Vocações Sacerdotais e que, preparando este Congresso, afim de que todo o Estado dele participasse, cada paróquia deveria fazer uma semana eucarística terminando em cada diocese com um Congresso Eucarístico Diocesano. Para as várias dioceses foi marcado o seguinte tempo. No ano de 1940: Maio, [Rio Preto]; Julho, Botucatu; Setembro, Ribeirão Preto; novembro Bragança. No ano de 1941: Maio, Taubaté; Julho, São Carlos e Santos; Setembro, Assis e Lorena; novembro, Sorocaba e Cafelândia. No ano de 1942: maio, Campinas e Jaboticabal e em setembro, Congresso Eucarístico em São Paulo (GASPAR, 1939. n.p.).

129 Os Congressos Eucarísticos Nacionais permanecem até os dias atuais sendo realizados, sendo a última prevista para ocorrer em novembro de 2018 em Recife, adiada (devido à pandemia) para novembro de 2022.

Os Congressos eram, portanto, a oportunidade de se reunir e fortalecer os diversos centros diocesanos existentes no estado paulista, sendo observados como "um prolongamento da Junta Executiva nas dioceses da Igreja Paulopolitana para a obra importantíssima da propaganda do Congresso" (IV CONGRESSO, 1941.p.8). Realizados nos períodos previstos, os Congressos Diocesanos foram sistematicamente divulgados pelos jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo*. Os jornais mostraram apoio tanto nas atividades realizadas por dom José Gaspar quanto na divulgação de todas as etapas do IV CEN. Esse apoio pode ser lido como o reflexo das inúmeras reuniões realizadas no Palácio São Luiz, destinadas exclusivamente aos jornalistas da cidade, onde dom José buscava aliar-se aos principais meios de comunicação em prol da divulgação e apoio das atividades da Arquidiocese e da Igreja Católica¹³⁰. No entanto, não se pode deixar de considerar a oportunidade que tais veículos de comunicação teriam perante a divulgação do evento. Os Congressos Eucarísticos já eram conhecidos, diante as edições anteriores, pela sua capacidade de reunir milhões de fiéis, sendo, portanto, uma oportunidade para a venda de um grande número de exemplares e demais publicações a seu respeito.

154 Para além desta oportunidade, alguns jornais já assumiam a postura de apoio aos pensamentos católicos mesmo antes da realização do evento. O jornal *Correio Paulistano* já vinha cobrindo todos os passos de dom José Gaspar desde a sua eleição como arcebispo e explicitamente declarava seus "princípios sinceramente católicos" (O CORREIO PAULISTANO [...], 1942. p.3). Em carta enviada a dom José Gaspar, é possível perceber esta posição quando o então superintendente do jornal, aceitava participar na divulgação do congresso:

Exmo. e Revmo. Sr. D. José Gaspar de Afonseca e Silva. DD. Arcebispo de São Paulo.

Acuso o recebimento do telegrama com que V.Exa. Revma. se dignou me convidar para comparecer à reunião de jornalistas no Palácio S. Luiz, afim de trocar ideias com a imprensa paulistana sobre o próximo Congresso Eucarístico Nacional. [...] Pode V. Exa. Revma. ter a certeza de que o "CORREIO PAULISTANO", sob minha superintendência, estará sempre pronto para acolher e divulgar todas as notícias e informações que o Congresso Eucarístico Nacional e a Cúria Metropolitana julgarem necessárias pelas suas colunas. Agradecendo a distinção do honroso convite, sirvo-me da oportunidade para reiterar a V.Ex. Revma. os protestos da minha respeitosa estima e admiração. Servo em N.S.J.C. (SUPERINTENDENTE [...], 1942. N.P.)

130 A adesão dos jornais na cobertura do evento não se restringiu apenas aos dois periódicos. No Arquivo da Cúria foi possível localizar outros jornais como: A Gazeta, A Plateia, A Tarde, Diário de Notícias do Rio de Janeiro, Folha da Manhã, Folha da Noite, Jornal do Brasil, Jornal do Comércio e Meio Dia.

Em 30 de agosto de 1940, o arcebispo nomeou sua junta executiva. A junta seria responsável, entre outras atribuições, por designar as comissões de honra, de propaganda, finanças, recepção, transportes, liturgias, música, sessões solenes, sessões de estudo e assistência ao clero (tabela 3.1). No comunicado, dom José apelava “para a colaboração de todos à medida que esta for sendo solicitada pela junta. Nenhum fiel, menos ainda paulista algum, amante de sua terra e do prestígio religioso do seu Estado, pode cruzar os braços” (NOMEAÇÃO DA JUNTA EXECUTIVA [...], 1940. p.3)

JUNTA EXECUTIVA DO IV CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL		
Cargo	Nome	Profissão / Posição social
Presidente	Mons. Ernesto de Paula	Monsenhor – Clero
Vice-presidentes	Padre Roque Viggiano	Padre – Clero
	Dr. Celestino Bourroul	Médico – Diretor FMUSP
	Dr Vicente Melillo	Advogado
	Dr. Odecio De Bueno Camargo	Advogado
Secretário geral	Dr. Carlos de Moraes Andrade	Advogado
	Dr. José Pedro Galvão de Sousa	Advogado / Filósofo
Tesoureiro geral	Dr. Hildebrando Cintra	Médico
	Sr. Jesuino da Silva Campos	Diretor da Assistência Vicentina
	Luiz Tolosa Oliveira e Costa	Advogado
Secretário particular do presidente	Sr. José Virgílio Vita	Advogado
COMISSÃO FEMININA		
Vice-presidentes	Condessa Amália Matarazzo	Elite Paulistana
	Condessa Marina R. Crespi	Elite Paulistana
	Condessa Vicente de Azevedo	Elite Paulistana
	Mathilde Macedo Soares	Elite Paulistana

155

Tabela 3.1 – Nomeação da Junta Executiva do IV Congresso Eucarístico. **Fonte:** Correio Paulistano, p.3, 1 set. 1940.

Diante a estratégia adotada pela Igreja Católica de aproximação junto aos leigos para a obtenção de seus interesses (religiosos, políticos, sociais), observa-se, na transcrição da listagem dos nomes escolhidos por dom José, a predominância de leigos católicos que, em grande medida, desempenhavam papéis de destaque junto à sociedade paulistana. Junto a esses leigos, a arquidiocese conseguia adentrar em uma rede de relações sociais e políticas que facilitariam as diversas conquistas para a realização do congresso. Os cargos de liderança para o clero católico paulistano aparecem na estrutura organizacional do evento, a partir das nomeações das diversas comissões constituídas a partir desse grupo.

3.3

A CONSTRUÇÃO DOS PRINCIPAIS SÍMBOLOS DO IV CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Em documento localizado no Arquivo da Cúria, dom José elenca as principais atribuições da Junta Executiva. Entre elas pode-se destacar: a eleição de um Brasão de Armas e Hino do congresso, organização do livro de ouro e finanças, incentivo da propaganda por meio de conferências, designação dos locais de cerimônias oficiais e trajetos das procissões, elaboração de um guia para os congressistas, elaboração de um trabalho relatando a história da Igreja em São Paulo e o levantamento estatístico referente à arquidiocese. Diante de tais recomendações, a Junta Executiva, em um de seus primeiros atos, publicou o edital para o concurso do Brasão de Armas e Hino do Congresso, nos principais jornais de São Paulo. Em 10 de outubro de 1940, *O Estado de São Paulo*, tornou pública as orientações para a escolha do hino do congresso, onde entre os requisitos estava:

e) Da inspiração poética deverá ser ponto central a Eucaristia e o culto eucarístico, sendo vasada, em alta espiritualidade religiosa e em acendrada nota de patriotismo, dela excluída preocupações de ordem regionalistas, afim de que, no hino, palpite vivo sentimento de brasilidade e possa ser cantado em toda a nossa pátria e em qualquer tempo e assim possa ser conservada como Canto Eucharístico Nacional em todos os tempos e em todas solenidades do culto ao Divino Sacramento (CONCURSO PARA LETRA, 1940. p.5).

156

Como vencedora do concurso, a letra escolhida foi a do Padre José de Castro Nery, servo da congregação do Santíssimo Sacramento. A letra era composta por 5 partes: estribilho – chamando os brasileiros para exaltação da imagem de Cristo rei, adoração – convidando os filhos de uma pátria livre para a manifestação de fé em torno da eucaristia, agradecimento – pelos bens conquistados e pela história construída na fé católica, reparação – por todos os pecados cometidos e o comprometimento de fidelidade e súplica – que clamava por uma pátria sempre forte, unida e independente.

Em outubro de 1940, no mesmo jornal, publicou-se a chamada para o concurso do Brasão que seria “objeto de estímulo para os nossos artistas especializados neste generoso trabalho, sendo que, no caso em apreço, a obra, além da sua face artística, oferece campo vasto aos historiadores e estudiosos da vida cívica e religiosa de S. Paulo” (CONCURSO DO [...], 1940. p.5). Assim como no hino, era essencial que o brasão contivesse

motivos de ordem religiosa e obrigatoriamente, a eucaristia, como figura parlante, tendo, em um segundo momento, os símbolos com motivos que expressassem a nacionalidade brasileira.

A destacada demanda em se relacionar símbolos religiosos católicos a símbolos da nacionalidade, refletia o apoio da Igreja Católica ao projeto de Getúlio Vargas, que não apenas garantiu lugar a uma igreja que se sentia ameaçada pela ideologia anarquista, mas também auxiliava o “Estado Novo” de Vargas contra o pensamento comunista que se difundia nesse período. Nesse contexto, a Igreja se apresentava como uma religião que, por se autodenominar historicamente “tradicional”, assumiria um papel de cooperação e fortalecimento desse sentimento de unidade nacional. Enquanto o Estado novo representava a nova ordem da nação, a Igreja representava a nova ordem na vida espiritual no Brasil¹³¹.

O projeto escolhido teve como autora uma religiosa com pseudônimo “Serva Congregação do Santíssimo Sacramento de São Paulo”¹³². Tendo forte a síntese do que seria o projeto da Igreja naquele momento, da consolidação da imagem de uma nação católica, pode-se perceber em primeiro plano a presença dos símbolos religiosos católicos: a representação da eucaristia (A) e logo abaixo a bandeira do vaticano (B); no mesmo plano, a representação da bandeira do Brasil (C) simbolizando a organização social e política do país; e acima da bandeira brasileira, o cruzeiro do sul (D), remetendo à tradição das navegações portuguesas e espanhola que se utilizavam do cruzeiro como ponto de orientação para a chegada no território brasileiro.

157

131 Segundo Riolando Azzi, os grandes inimigos do catolicismo nesse período eram também os espíritas e protestantes, "pois efetivamente estavam conquistando uma faixa significativa da população que anteriormente pertencia à religião católica." (1980, p.64).

132 Até o momento desta pesquisa, nas fontes levantadas, não foi possível localizar o real nome da autora.



1



2

Figura 3.1 – [1] Brasão do IV Congresso Eucarístico Nacional, impresso em metal 30 x 23 cm – destinado às fachadas dos edifícios. [2] Modelo do brasão utilizado para diversos usos impressos (comunicados, livros, jornais, selos). **Fonte:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

158

No segundo plano, portanto sob o domínio da Igreja e do Estado, encontra-se a representação do estado de São Paulo, que aqui tem como maior símbolo o Vale do Paraíba. Inicialmente tem-se a ilustração do Rio Paraíba, apresentado na forma da letra M – fazendo uma alusão ao local em que Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi encontrada. Em seguida, a autora ilustrou o Pico do Jaraguá, ponto mais alto da cidade de São Paulo.

Além do escudo do Congresso, outra campanha demonstrou a estreita tentativa de aproximação da Igreja com o Estado. No mesmo período ocorreu a campanha do embandeiramento, que incentivava todos os moradores a hastearam em suas casas a bandeira nacional em respeito ao dia da independência. Com a bandeira do Vaticano e os brasões, as famílias também mostrariam o seu apoio à Igreja e ao projeto romanizador.

Com o Congresso, se vai comemorar o 120º aniversário da proclamação da Independência Nacional e de ordinário dessa data magna raras são as fachadas onde se vejam tremular a Bandeira Nacional a Junta Executiva está promovendo uma ativa campanha para que 7 de setembro de 1942 não haja uma só casa em São Paulo que, com orgulho, deixa de ostentar o símbolo da Pátria, notadamente agora que se torna tão necessário aquecer os nossos sentimentos patrióticos. (CAMPANHA DOS ESCUDOS, 1942. p.7)

3.4 VALE DO ANHANGABAÚ: UM TEMPLO A CÉU ABERTO DE SÃO PAULO

Trabalhando em diversas frentes, a Junta Executiva se empenhou também na escolha do lugar para a realização do Congresso. O grupo conseguiu, após algumas negociações¹³³, se articular em busca de auxílio para a divulgação e viabilização do evento que ocorreria em 1942. No jornal *O Estado de São Paulo*, observa-se uma aliança de cooperação entre a Igreja e a Prefeitura de São Paulo quando essa, figurada pelo então prefeito Prestes Maia, indicava o arquiteto Carlos Alberto Gomes Cardim Filho para integrar, como representante do estado, a junta executiva.

A Prefeitura Municipal de São Paulo, [...] como as de todas as grandes cidades onde se realizaram Congressos Eucharísticos Nacionais ou Internacionais, vae colaborar activamente na organização do Quarto Congresso Eucharístico Nacional, em 1942, e que reunirá na capital do Estado milhares de peregrinos e forasteiros. O sr. dr. Prestes Maia apresentou ao sr. arcebispo o nome do architecto Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, actual chefe da Divisão de Urbanismo, para seu representante na Junta Executiva (CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL, 1940 p. 6).

159

Diante do contexto de metropolização vivido em São Paulo, identificava-se a necessidade da implantação de um planejamento urbano modernizado, "um planejamento integrado ou de conjunto, segundo técnicas e métodos definidos, seria indispensável para solucioná-los" (VILLAÇA, 1999.p.183). Na década de 1930, iniciou-se a implantação da expansão da rede viária do centro da cidade — desenvolvida na década de 1920 por João Florence D'Ulhoa Cintra e retomado por Francisco Prestes Maia — que pretendia desafogar o intenso tráfego então existente. O projeto, que incluía análises sobre o sistema

133 No jornal *Correio Paulistano* de 23 de maio de 1941, observa-se a tentativa por parte da junta em solicitar o Vale do Anhangabaú como local para realização do evento: "Consoante um dos últimos comunicados da junta executiva, prossegui os entendimentos entre o presidente da Junta e o ilustre delegado do dr. Prestes Maia, prefeito da capital, sobre o problema da fixação do local onde se deverão realizar as grandes solenidades do Congresso eucarístico, as quaes como se impõem e é das tradições dos certames desta natureza, quer internacionais ou nacionais, só podem ser levadas a efeito a céu aberto. Hoje parece que já está vencedora a preferência geral pelo Parque Anhangabaú; pois que oferece ele, espaço para oitocentas mil pessoas, desde que o altar monumental se possa erigir na sua confluência com a avenida 9 de Julho. Tudo, porém, continua dependente do ilustre prefeito de São Paulo, cuja boa vontade neste terreno é manifesta e ora tão absorvido com as grandiosas obras que em setembro de 1942 vão deslumbrar e encantar os muitos milhares de visitantes que se reunirem para as grandiosas solenidades do IV Congresso Eucarístico Nacional". p. 7

de transportes, infra-estrutura, legislação urbanística e financiamento, teve destaque no sistema viário composto basicamente por dois pontos: o perimetral e o radial. O sistema perimetral era composto de três anéis viários, sendo o primeiro chamado de "perímetro de irradiação"; o segundo deveria ser traçado ao longo das linhas férreas de São Paulo Railway e da Sorocabana (Boulevard exterior) e o terceiro englobaria toda área urbanizada da cidade na época ao longo das margens dos rios Tietê e Pinheiros (circuito das parkways).

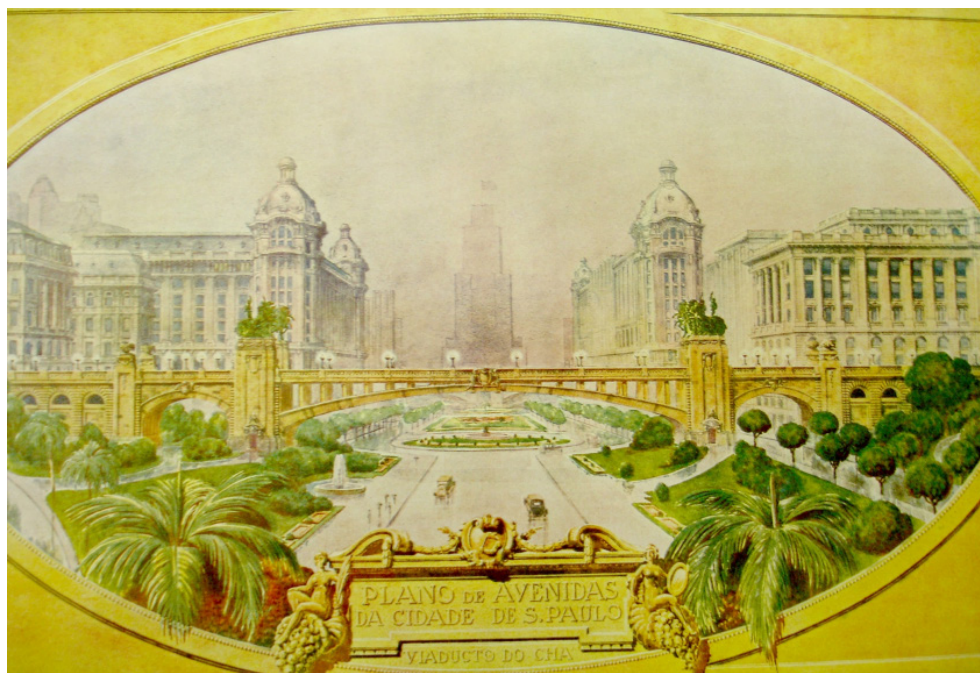
A partir do perímetro de irradiação em torno do centro, Prestes Maia havia projetado uma série de avenidas radiais em todas as direções da cidade. A estrutura viária radial-perimetral foi montada na forma de um esquema geométrico estilizado no qual a estrutura urbana adquiriu uma perfeição circular da cidade ideal, na busca de "formar uma outra realidade racional e coerente" (CAMPOS, 2000, p.398).

Conforme o plano de Prestes Maia, alguns traçados diametrais atravessariam a cidade de ponta a ponta, cruzando o circuito central, figuradas pela Avenida Anhangabaú (iniciada na gestão do prefeito Pires do Rio) e a Avenida Itororó (em projeto) que formariam um "sistema Y". Formando uma diametral Norte-Sul, a via atravessaria o perímetro de irradiação. Prestes Maia tinha projetos muito ambiciosos para a vertente Sul do Vale do Anhangabaú, a atual Praça da Bandeira. Propondo para o Vale do Anhangabaú um novo arranjo, Prestes Maia, previa para o local uma feição monumental. Com a substituição da antiga estrutura metálica pela construção de um novo viaduto em concreto que se alinharia a Praça do Patriarca, o Vale deixaria, segundo o plano, de ter características de bulevares ajardinados para abrigar, o que Prestes Maia denominou como, a sala de visitas de São Paulo.

Estamos num momento de belos projetos e no Rio causa sucesso a "entrada do Brasil", esplendida concepção de Cortez e Bruhns, que o professor Agache acertadamente adotou. Não quisemos perder a oportunidade de projetar um conjunto que, por espírito de imitação, podíamos chamar "a sala de visitas" de São Paulo. (PRESTES MAIA, 1930 p.72).

Naquele sítio, ponto de fuga do Vale e vértice do Sistema Y que fora desenhado para ampliar a capacidade de circulação da capital, Prestes Maia projetou seu monumental 'Paço Municipal', sede do Executivo e Legislativo da Cidade de São Paulo, com entrada tanto pelo Vale do Anhangabaú quanto pelo nível dos viadutos que faziam sua transposição. Para a construção do "Paço Municipal", foram iniciadas desapropriações nas áreas, porém o projeto acabou não sendo executado por ser muito ambicioso na época.

Figura 3.2
Remodelação do
vale do Anhangabaú
segundo o Plano de
Avenidas. **Fonte:**
TOLEDO, 1996. n.p.



Nesse contexto, é possível perceber a escolha estratégica do lugar para a execução do IV Congresso Eucarístico Nacional. Sob a direção do engenheiro-arquiteto Cardim Filho, o vale do Anhangabaú (Sala de visitas de São Paulo) seria o lugar escolhido para se constituir como um grande templo a céu aberto, que teria seu altar instalado onde seria o Paço Municipal (conforme planejado por Prestes Maia), que acabou por se transformar em uma praça. Portanto, a "sala de visitas" da cidade seria palco tanto para a Igreja expor sua soberania e seu poder de articulação perante o país, quanto da cidade de São Paulo, que poderia demonstrar as grandes realizações da grande metrópole paulistana através da verticalização e do moderno projeto urbano, presentes no local.

Carlos Alberto Cardim Filho foi engenheiro-arquiteto formado na Politécnica de São Paulo e assumia naquele momento o cargo de chefe da divisão de urbanismo da Prefeitura de São Paulo. Além da participação no IV Congresso, tomou parte em outras obras ligadas à Igreja Católica. O arquiteto era filho de Carlos Alberto Gomes Cardim (pedagogo, professor da Escola Modelo Prudente de Moraes e um dos fundadores da Academia de Belas Artes de São Paulo) e sobrinho de Pedro Augusto Gomes Cardim (advogado, jornalista, membro da Academia Paulista de Letras) (FICHER, 2005, p.245). Tendo sua formação inicial com os religiosos da Companhia de Jesus, era engajado nas atividades da *Associação dos Antigos Alunos Jesuítas*, na qual lutou pela reconstrução do Pátio do Colégio, estando a frente do projeto do colégio e igreja, iniciado a partir de 1954¹³⁴.

134 KUHN, J.C.S. Resistências Sagradas: Pátio do Colégio, secularização e reconstrução. Dissertação (Mestrado). São Paulo: FAU/USP, 2016.

Publicado na revista Acrópole de 1941, o projeto do principal local de realização foi pensado a partir do altar monumento, que conforme colocado, ficaria no ponto de fuga do Parque do Anhangabaú, próximo ao Largo dos Piques (B). A partir deste ponto o Vale do Anhangabaú daria lugar a uma estrutura semelhante a uma igreja ou catedral de planta basilical romana onde, ornamentada entre o Largo dos Piques até o Viaduto de Santa Efigênia, se localizariam os assentos para a participação dos congressistas.

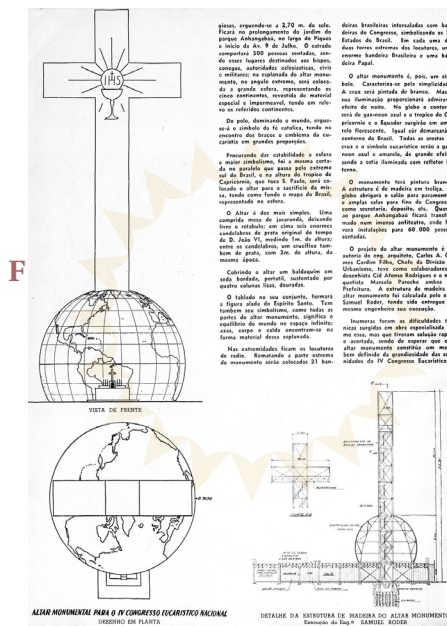
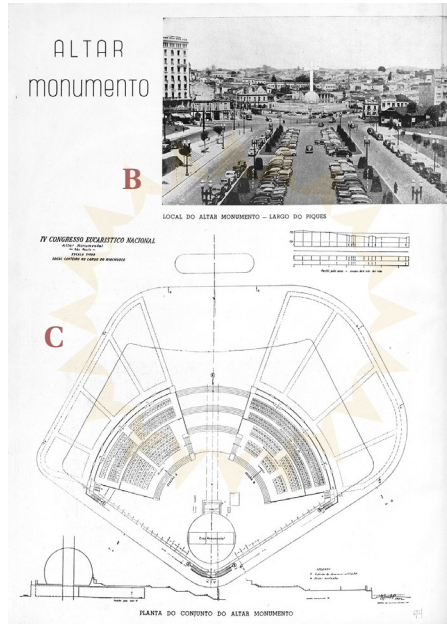
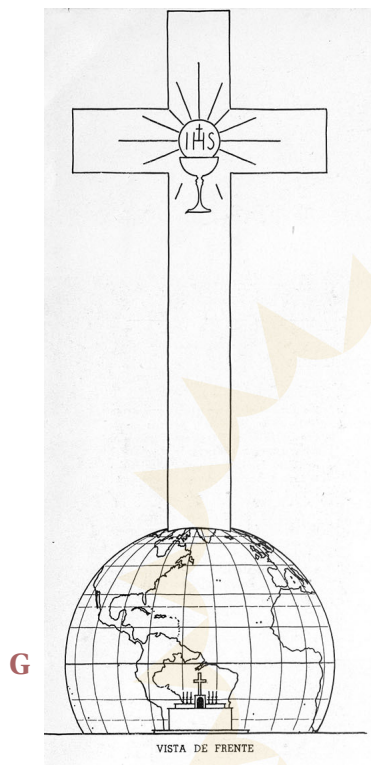


Figura 3.3 - Projeto do altar monumento do IV Congresso Eucarístico Nacional publicado na revista Acrópole. (A) maquete do Altar monumento. (B) fotografia do altar monumento a partir do Viaduto do Chá. (B) Planta baixa do altar. (D) Fachada frontal do altar monumento. (E) Maquete com a vista do acesso principal do altar com a cruz e globo terrestre (F) Vista superior da cruz e corte lateral demonstrando a estrutura. **Autor do projeto:** Arq. Eng. Carlos Alberto Gomes Cardim. **Fonte:** Acrópole, nº 21, ano 5, pp. 93 96, jul. 1942. **Acervo:** [digital] FAU/USP.

Figura 3.4 - Cruz e globo do Altar monumento do IV CEN. (G) Desenho técnico do Altar monumento com a localização do altar utilizado na cerimônia litúrgica. Fonte e acervo: ibdem. (H) Fotografia noturna do altar monumento destacando a iluminação da cruz, símbolo eucarístico e globo. Fonte: Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP]. Acervo: ACMSP.

Sob a coordenação de Cardim Filho, o projeto do altar monumento teve a colaboração do desenhista Cid Afonso Rodrigues e do maquetista Marcelo Paroche, ambos funcionários da prefeitura. A estrutura de madeira desenvolvida para todo o altar foi calculada e executada pelo engenheiro Samuel Roder. De acordo com a publicação do projeto na revista Acrópole, a altura total do altar monumento era de 30 metros – composta por uma cruz de 20 metros de altura que se elevava do centro de uma esfera, com 8 metros de altura e 10 metros de diâmetro, representando os cinco continentes. A cruz e o globo estavam sobre um tablado – erguido cerca de 2,70 metros do chão – seria destinado para comportar cerca de 500 pessoas sentadas, local onde ficariam todos os bispos; cônegos; assim como as demais autoridades eclesiásticas; civis e militares. Como monumento, os principais elementos que o configuravam possuíam significados. Para além da clara alusão ao cristianismo (simbolizado pela cruz) e ao catolicismo (simbolizado pela eucaristia), percebe-se que o globo foi cortado intencionalmente no paralelo que passa no extremo sul do Brasil (G) e na altura do trópico de Capricórnio — que toca o estado de São Paulo — foi alocado o altar, tendo de fundo o mapa do Brasil. O processo de construção do altar foi fotografado e divulgado nos veículos de comunicação e publicidade oficiais da Igreja¹³⁵, que em uma linguagem semelhante ao do fotojornalismo, narra o esforço dos profissionais na construção do altar.

163



135 Livros publicados sob anuência da Junta Executiva: São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Ed. Obras das vocações da arquidiocese de São Paulo, 1942; e o IV Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Ed. Junta Executiva. 1942.

Toda a extensão do Parque do Anhangabaú também recebeu cuidados para acolher os congressistas. Ao longo do Parque foram dispostos bancos de madeiras de forma que todos os participantes tivessem o altar como ponto focal. Organizados por uma malha separada por um corredor central (dedicado à procissão ritualística própria da missa) e corredores laterais (semelhantes aos ambulatórios das igrejas tradicionais romanas), a configuração escolhida transformou o parque em um templo a céu aberto. Para além de ser uma solução adequada para o local, reforçava também o modelo romanizador tão caro para a instituição ao longo da primeira metade do século XX. A planta basilical romana centraliza o olhar dos fiéis, não para a comunidade participante da celebração, mas exclusivamente para o padre e o ritual eucarístico. Além desta organização, foram previstos os projetos de iluminação e decoração do corpo do “templo” e do altar monumento. Na descrição da Junta Executiva acerca dos organização do espaço, que nesse momento é citado como Praça do Congresso, observa-se:

Para a acomodação do público, estudou-se também, a instalação de bancos em toda vastíssima Praça do Congresso, e sua melhor colocação. Esta tarefa esteve a cargo do sr. J. R. Dores, e toda madeira necessária foi diretamente adquirida no Estado do Paraná. Construíram-se 6.000 bancos de 4ms 40 cada um. Enfileirados esses bancos cobriam 26 quilômetros e 400 metros. Gastaram-se, ainda, pra a construção de grades, colunas, torres. [...] Além de poderosamente iluminada, a Praça do Congresso foi convenientemente adornada com grandes pórticos, escudos, bandeiras. apresentando aspecto glorioso e festivo que todos admiraram (JUNTA EXECUTIVA, 1942. p.20)¹³⁶.

164

A característica da grande igreja ao ar livre foi preferencialmente ilustrada nas imagens que buscavam reportar os aspectos anteriores à realização do evento. Hora destacando-se no horizonte da cidade ainda não verticalizada (2), hora enquadrada pelos edifícios em altura e pelo viaduto do Chá (3- 4), o ponto focal escolhido era sempre o altar monumento. Conforme citado anteriormente, em consonância com os planos desenvolvidos por Prestes Maia, os olhares dos participantes se direcionavam para o extremo sul do vértice que ligavam a Avenida Itororó e Avenida Anhangabaú, que demonstrava o progresso que os projetos em execução de Prestes Maia prometiam para a cidade. Com o altar, reforça-se também a ideia de monumentalidade pretendida, monumentalidade esta associada aos símbolos do catolicismo.

136 O IV Congresso Eucarístico Nacional. Publicação oficial da Junta Executiva. São Paulo, 1942. p. 20

Figura 3.5 – Imagens diurnas e noturnas tendo como principal foco o altar monumento. (1) Organização próximo ao altar monumento. (2) Perspectiva do altar visto do alto do viaduto do Chá. (3) Perspectiva observando o altar com enquadramento do viaduto e dos edifícios. (4-5) Fotografias ilustrando aspectos do local com iluminação **Acervo: Imagem (1)** Museu da Cidade (SP) [acervo digital], **Imagens (2,3,4)** - Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP].

1



2



165

5



3



4



3.5

A PUBLICIDADE
DO IV CONGRESSO
EUCARÍSTICO

O IV Congresso Eucarístico Nacional estimulou uma grande quantidade de publicações que noticiavam todas as etapas referentes às preparações e execução do certame religioso. Entre eles, constatam-se registros fotográficos, cartões postais e livros que retrataram tanto a estrutura onde se realizou o congresso quanto às manifestações religiosas dos milhares de congressistas que lá estiveram em setembro de 1942.

Indo além das manifestações de fé, da organização do evento — e das realizações dos discursos com caráter político, social e religioso propagado no evento — tais artefatos visuais servem de indícios, como colocado por Carlo Ginzburg¹³⁷, de como a cidade de São Paulo foi apresentada diante do evento, não sendo analisadas como ilustrações de uma narrativa construída a partir das fontes escritas em periódicos da época ou bibliografias. Como observado por Ulpiano Bezerra de Menezes:

166

Certamente, de início, a ilustração agia com direção fortemente ideológica, mas não é menos considerável seu peso negativo, quando o papel que ela desempenha é o de mera confirmação muda de conhecimento produzido a partir de outras fontes ou, o que é pior, de simples indução estética em reforço ao texto, ambientando efetivamente aquilo que de fato contraria. (MENESES, 2003. p.21).

No intuito de perceber o potencial das fotografias na sua atuação como suporte material das representações que integram o imaginário social, a historiadora Solange Ferraz Lima (2014), observa que a “imagem remete à maneira pela qual o indivíduo ou os grupos figuram mentalmente e conservam na memória dados de sua realidade cotidiana” (p.15). Em consonância com Menezes (2003), a autora observa que tal ação não se trata de decalque dessa realidade no mundo mental, mas sim uma forma de entender e classificar os elementos da realidade. Essas representações visuais guardam estreita relação com as representações sociais e com o imaginário, que podem ser definidas como um conjunto de imagens articuladas funcionando como um sistema de referência para o indivíduo.

137 Para maior aprofundamento acerca do método indiciário, observou-se a discussão de Carlo Ginzburg em “Sinais, Raízes de um paradigma indiciário”, no livro *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.163-179.

Neste sentido, duas fontes são de grande relevância para demonstrar a atuação da arquidiocese junto a publicidade do evento: o livro oficial da Arquidiocese de São Paulo, que retratou o processo anterior ao evento e o conjunto de cartões postais localizados no acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

3.5.1 O LIVRO: SÃO PAULO E O IV CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL.

Entre as inúmeras atribuições delegadas por dom José Gaspar a *Junta Executiva* em seus primeiros passos para a organização do IV Congresso Eucarístico Nacional, estavam:

7) Elaborar um trabalho interessante sobre o histórico de São Paulo, salientando a atuação religiosas sobre o povo. 8) Apresentar uma estatística versando: a) sobre a Arquidiocese, as diocese e suas associações; b) sobre as obras sociais, os colégios e as escolas católicas; c) sobre o recenseamento último de São Paulo, incluindo suas referencias sobre lavoura, comércio e a indústria; d) sobre as diversas paróquias, seus movimentos apostólicos, horários de missa dias de exposição do Santíssimo Sacramento, sua situação ou localização (COMISSÃO EXECUTIVA (a), 1940. n.p.) .

167

Obedecendo às orientações de dom José, foi publicado em agosto de 1942 o livro *São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional*¹³⁸. O livro contendo 256 páginas, com dimensão de 30 x 23 cm, trata dos principais aspectos da Arquidiocese de São Paulo até aquele momento, sendo dividido em 5 capítulos: Introdução, Arquidiocese de São Paulo, Dioceses sufragâneas; Congressos Eucarísticos e Preparação do IV Congresso Eucarístico Nacional. Os capítulos apresentados, seguem as diretrizes indicadas por dom José no documento supracitado, culminando nos preparativos do evento que se realizou em setembro de 1942.

Em um percurso de exaltação de todos os feitos realizados até então pela Igreja paulista, a ideia era que o peregrino, ao chegar no IV CEN, celebrasse com a arquidiocese tais feitos e — motivado pelas constantes evocações de nacionalidade — observasse o aspecto cívico-religioso presente na solenidade.

138 Organizada pelas Obras das vocações da Arquidiocese de São Paulo e, foi impressa nas oficinas de tipografia e rotogravura do jornal O Estado de São Paulo e distribuída pela editora Ave Maria.

É perceptível, no desenvolvimento de todo o livro, a predominância de imagens que assumem a função dinâmica e narrativa das ações realizadas pela Igreja paulista. Na análise da configuração adotada para a diagramação do conteúdo, percebe-se logo, o predominante uso da linguagem de fotomontagem, que aliada a alguns textos, em sua maioria laudatórios, explicitavam a narrativa teleológica de uma religião que naturalmente foi responsável pela constituição da grande metrópole.

Solange Ferraz Lima (2014), ao analisar a função da fotografia na contribuição para a construção e manutenção da identidade institucional do SESC São Paulo, reconhece um paralelo formal entre a revista do *SESC em Marcha* e a produção de Alexandre Rodchenko (1891-1956)¹³⁹. Influenciado pela produção de artistas ligados ao movimento dadaísta, o designer iniciou a produção de fotomontagem a partir da década de 1920. A utilização de elementos com similitude de formas, o uso de imagens com profusão de pessoas — que quando justapostas geravam efeitos de alta densidade visual — e a ausência de uma linha do horizonte, causando tensão dinâmica, eram recursos utilizados pelo artista para gerar sentidos dinamizadores nas imagens. Segundo a autora, em 1935, a revista *São Paulo* (publicada pelo governo do estado de São Paulo na gestão de Armando Salles de Oliveira) teria sido a pioneira em adotar a linguagem de fotomontagem, baseada nas obras de Rodchenko.

168

Citando Ricardo Mendes,¹⁴⁰ a autora observa que a revista buscava representar uma cidade articulada, onde os espaços de socialização (que demonstravam as manifestações políticas e eventos públicos) e o uso recorrente da representação dos edifícios (especialmente edifícios em obras) eram o foco principal para demonstração do espírito empreendedor da sociedade paulistana. Assim como nas revistas *São Paulo* e *SESC em Marcha*, a adoção dessa linguagem pode ser encontrada no livro produzido pela Arquidiocese de São Paulo.

A escolha estética refletiu, em grande medida, um movimento de adaptação por parte da Igreja que se afirmava tradicional e distante do discurso modernizador da sociedade (pelo menos no que diz respeito às ideologias laicistas). Ao adotar essa linguagem visual para confecção da publicação, a Igreja buscou se aproximar da sociedade, porém, através de uma linguagem

139 Segundo a autora, no livro *As imagens da imagem do Sesc* (2014, p. 42), Alexandre Rodchenko foi um artista plástico, fotógrafo e designer gráfico russo que participou ativamente do movimento construtivista russo, sendo responsável por vasta produção de cartazes e capas para publicações ilustradas.

140 Mendes, Ricardo. *A revista S. Paulo: a cidade nas bancas. Imagens* (Campinas), Campinas: Unicamp, dez, 1994, v.3, pp.92-97.

que, naquele momento, despertava grande interesse na sociedade. Portanto, a Igreja busca por esse meio integrar-se à dinâmica da grande metrópole para melhor divulgar o evento e seus feitos na cidade.

Neste sentido, nas páginas que ilustram as novas edificações (como a Biblioteca Mário de Andrade e o Estádio do Pacaembu) ou transformações e melhorias realizadas na cidade (ponte das bandeiras e túnel 9 de julho), eram acompanhadas de frases que vinculavam as obras com o feito divino, conforme observado no texto da figura (3.6 - A): “A natureza brasileira é um presente de Deus para os olhos do homem. As belas construções da cidade moderna são um presente do homem para os olhos de Deus.” (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1942. n.p). Neste mesmo sentido, observa-se a incorporação de monumentos, em geral, dedicados aos marcos históricos e cívicos presentes na cidade (como o monumento à independência do Brasil e o monumento à Duque de Caxias), aos feitos do catolicismo de São Paulo (fig. 3.6 - B).



Figuras 3.6 – Monumentos, novas edificações e melhorias da cidade de São Paulo apropriadas pelo ideário católico como presentes do homem para Deus. **Fonte:** *São Paulo e o IV Congresso Eucarístico Nacional*, São Paulo, (n.p), 1942 **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

No que diz respeito à demarcação territorial católica, especificamente em relação às paróquias criadas na gestação de dom José Gaspar, a publicação evidencia a quantidade e densidade dos templos na cidade de São Paulo. Para o participante que desconhece a cidade, passa-se a impressão de uma cidade constituída massivamente por construções religiosas. Agrupadas seguindo a linguagem de fotomontagem, a paisagem em que realmente estão inseridas desaparece, assim como sua relação com a cidade. Na publicação, a paróquia é representada, em sua descrição, como a síntese da Igreja Católica, local onde o paroquiano se educa para o melhor desempenho da fé, na construção de uma metrópole católica. Conforme colocado no capítulo anterior, esse pensamento é consonante ao projeto de aprofundamento da territorialização católica em São Paulo, pretendida por dom José desde sua eleição como arcebispo. A imagem busca, em certa medida, validar tal estratégia, e declarar o projeto idealizado pelo arcebispo como mais uma vitória do catolicismo em São Paulo, no intuito também de se sobrepôr às religiões que vinham crescendo até o momento.



Figura 3.7 – Fotomontagem das paróquias da cidade de São Paulo e lista das paróquias organizadas em decanatos e suas respectivas sedes. **Fonte:** *São Paulo e o IV Congresso Eucarístico Nacional*, São Paulo, (n.p),1942 **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

3.5.2 OS CARTÕES POSTAIS DO IV CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Em pesquisa inicial ao acervo do Museu Paulista foram localizados uma série de cartões postais que circularam no ano de 1942. São postais de 9 x 14 cm impressos em policromia, produzidos pela *Oficina de rotogravura Siqueira* em São Paulo e foram provavelmente comercializados como lembranças do evento para um público que em sua maioria eram turistas vindos de todo o país e algumas comitivas internacionais. Ao observar a estrutura dos cartões postais (Figura 3.8), percebe-se uma diagramação comum a todos, configurados por duas partes: a primeira, na parte superior, contém o Brasão do IV Congresso Eucarístico Nacional, o Brasão de Armas do Brasil (desenhado pelo engenheiro Artur Zauer) e a Eucaristia; e na segunda parte, localizada abaixo, foram eleitas fotografias de locais, edificações e monumentos que buscavam representar a cidade de São Paulo. Na parte posterior do cartão, a principal informação refere-se ao produtor da série, *Roto. Siqueira*.

Em um primeiro olhar, percebe-se que a hierarquia de imagens (anteriormente observada no brasão e na flâmula), também se fazem presentes na diagramação destes cartões postais, onde a igreja e o estado — em destaque e acima de qualquer outra representação visual — aparecem lado a lado, tendo acima destes, o símbolo eucarístico. Para além de uma lembrança do certame religioso, estes cartões postais serviram também para a divulgação da imagem da cidade de São Paulo. Considerando isto, é possível analisar que na maioria das fotografias selecionadas para a confecção dos cartões postais, o Vale do Anhangabaú aparece como local privilegiado nessa representação. Para além de ser o palco da realização do evento religioso, ao analisar com maior cuidado tais fotografias, observa-se na escolha do enquadramento das imagens a tentativa de afirmação da imagem da São Paulo como moderna e metropolitana.

Mesmo que na busca por mais informações sobre a idealização e confecção dos postais não se tenha localizado a autoria de tais imagens — apenas o fabricante e distribuidor dos cartões — em um exercício de análise, percebe-se que, em especial, as angulações e locais escolhidos para retratar o Vale do Anhangabaú demonstram a monumentalidade do espaço, dando destaque às transformações urbanas realizadas no local a partir dos anos de 1930, ao crescente processo de verticalização e aos imponentes prédios presentes no local (como o Teatro Municipal e o prédio Matarazzo).



Figura 3.8 – Conjunto de cartões postais que retratam o vale do Anhangabaú. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

172

No postal intitulado como *Vista Parcial da cidade* (Figura 3.9), o enquadramento escolhido pelo fotógrafo privilegiou uma perspectiva distanciada e vista de cima, que possibilita a percepção da área expandida da cidade. Ao adotar tal enquadramento, o fotógrafo destacou uma cidade que está em constante crescimento verticalizado (demonstrado seja com prédio da *Companhia Light*, seja pelos demais prédios em altura figurados em segundo plano).



Figura 3.9 – Detalhe do cartão postal com o título *Vista Parcial da Cidade*. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

Luís Octávio Silva (2004), observa que a verticalização constituiu um dos traços característico da urbanização brasileira, sendo São Paulo o grande ícone desse fenômeno. Segundo o autor, “os edifícios altos e áreas verticalizadas constituíam toda uma simbologia, com seu espaço na própria história da cidade, associados à ideia de modernização, de progresso e aos êxitos econômicos da metrópole” (SILVA, 2004. p.103). Numa visão mais próxima de quem observa a imagem, nota-se a presença do viaduto do Chá após a reforma proveniente dos planos de transformação da cidade proposto pelo Plano de Avenidas de Preste Maia, com a presença tímida de transeuntes que percorrem o viaduto.

Nos demais cartões postais que representam o Vale do Anhangabaú, a perspectiva escolhida pelo fotógrafo mudou, porém, o foco de sua observação permaneceu semelhante: a verticalização e os prédios símbolos da cidade modernizada. Situando o enquadramento no ponto de vista do observador, as fotografias — que agora apresentam uma completa ausência de pessoas — buscam observar a cidade a partir do próprio parque, tendo como legenda Parque Anhangabaú.

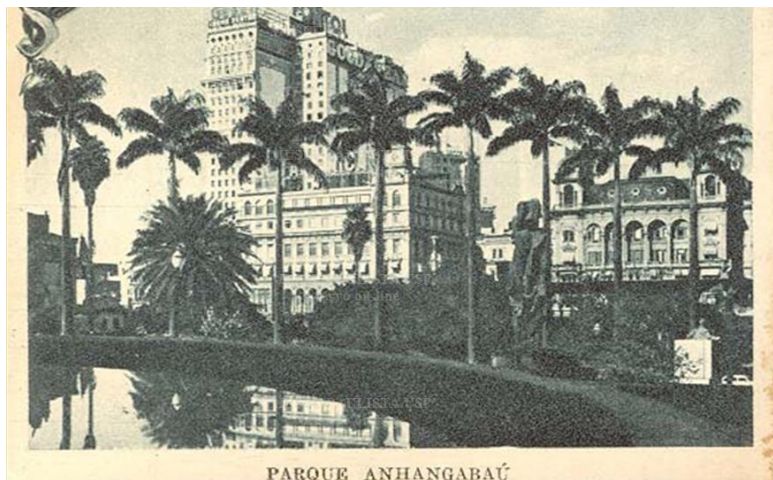


Figura 3.10 – Detalhe do cartão postal com o título Parque Anhangabaú.
Fonte: Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

No detalhe do cartão postal (Figura 3.10), o olhar está voltado para o centro antigo, entretanto não mais em uma visão que busca mostrar a totalidade dessa parte da cidade, e sim observando em especial o edifício Martinelli. Considerado arranha-céu-símbolo (CAMPOS, 2002. p.322), mesmo estando no último plano da fotografia, a atenção do observador é atraída pela sua verticalização e por ocupar mais que a metade no enquadramento. Na imagem, é possível perceber em primeiro plano uma paisagem bucólica, ajardinada, que remonta o período em que o local se configurava conforme o projeto de Bouvard. Mesmo que nesse momento já tivesse sido reformulado

para dar lugar aos estacionamentos, a fotografia não deixa clara a existência de automóveis no local. Reforçando essa imagem ajardinada característica do período já superado do Vale do Anhangabaú — como cidade modernizada aos moldes franceses da virada do século XIX para o século XX — em segundo plano podem ser vistos um dos palacetes Prates (projeto de Christiano Stockler das Neves) e o edifício do Club Comercial (projetado pelo escritório Ramos de Azevedo).

O Teatro Municipal, que simbolizava a alta cultura paulistana, foi representado em um ponto de vista mais distanciado, porém, diferente do que é representado no postal *Vista Parcial da cidade*, o fotógrafo observou o teatro de forma a praticamente isolá-lo do contexto da cidade, sem a presença de pessoas no local. O edifício da década de 1911, também projetado pelo escritório de Ramos de Azevedo, arremata uma das extremidades do Viaduto do Chá, e pode ser considerado como uma das portas de entrada para o que foi chamado de centro novo, além de compor o projeto de embelezamento da cidade realizado a partir da virada do século XIX para o século XX.

174

O fotógrafo o mostrou no período noturno, iluminado e emoldurado pelo paisagismo do parque do Anhangabaú. Observando o teatro como um edifício monumento, fortaleceu a ideia de grandiosidade que se pretendia figurar a edificação desde sua fundação. Como um importante símbolo da cidade moderna, o teatro também foi palco para a realização de eventos inseridos na programação do IV Congresso Eucarístico. No jornal *O Estado de São Paulo*, em especial no mês da realização do evento, notícia constantemente o local como escolhido para a realização de estudos religiosos direcionados majoritariamente para o grupo de militares católicos e grupo de mulheres e moças católicas que faziam parte da elite paulistana¹⁴¹. Além desses estudos, o teatro foi utilizado para a realização de concertos e eventos culturais, como pode ser observado na publicação da programação detalhada do evento divulgado pelo jornal no dia 3 de setembro de 1942:

Prosseguindo na serie de concertos em homenagem ao IV Congresso Eucarístico Nacional e dedicado aos peregrinos que ora visitam a capital paulista, o departamento Municipal de Cultura fará realizar hoje, às 21 horas, no Teatro Municipal, mais um grande concerto sinfônico-vocal, sob a regência do consagrado maestro Armando Belardi. (IV CONGRESSO EUCARÍSTICO, 1942. p.3)

141 No jornal *O Estado de São Paulo*, na semana que antecedeu o evento, observa-se o chamamento público para a realização dos estudos bíblicos e teológicos que consistiam em palestras e orientações para a participação do evento para esse grupo específico de mulheres, moças e militares no Teatro Municipal.

Em consonância com o plano de Prestes Maia, em observar o Vale do Anhangabaú como a “sala de visitas” da cidade, uma das mais importantes visuais para a consolidação desse espaço foi a do Viaduto do Chá. Com aumento do volume de tráfego para a travessia do vale através do Viaduto do Chá, a partir dos anos 30, as dimensões do antigo viaduto de Jules Martin passaram a ser encaradas como uma limitação problemática para a cidade, sendo assim considerada a ideia de substituição. Na administração do prefeito Fábio Prado (1934 -1938), foram promovidos dois concursos públicos de projetos para a solução do problema. Segundo as orientações propostas por Prestes Maia, escrita no livro Introdução ao Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo publicado em 1930:

O Viaduto do Chá, supõe-se reconstruído; não mais a estrutura atual, reticulado de palitos, mas um grande arco de cimento armado, matéria que permitirá uma silhueta monumental, mas suficientemente esguia para não obstruir a vista. Não esquecer que os pontos de vista principais para contemplação do Paço são sobre os viadutos e em especial o próprio Viaduto do Chá” (PRESTES MAIA, 1930, p.74)

É nessa perspectiva que, aparentemente, o fotógrafo elegeu para ilustrar mais um ponto de representação desse espaço. Localizando-se no ponto de vista do observador, quase no mesmo enquadramento proposto nos croquis de Prestes Maia, o Viaduto do Chá aparece em duas imagens: uma pela manhã, onde se observa a clara intenção de destacar a própria construção do viaduto; e uma noturna com o Parque Anhangabaú iluminado e o viaduto em si praticamente invisível, dando maior destaque para o edifício Matarazzo.

175

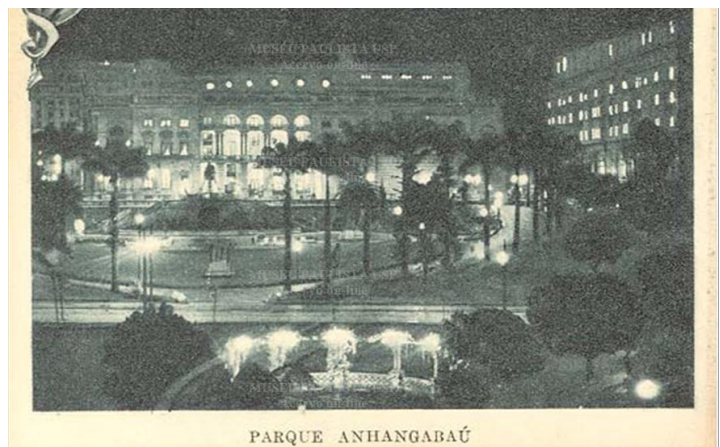


Figura 3.11 – Detalhe do cartão postal com o título Parque Anhangabaú. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

Sob autoria do engenheiro-arquiteto Elisário Antônio da Cunha Bahiana (1891-1980), o novo viaduto foi projetado com dimensões aproximadamente duas vezes maior que a do antigo. Considerando as orientações propostas por Preste Maia, Bahiana pensou a construção do viaduto em concreto armado, tendo em seus pontos de apoio marcados pela elevação de quatro torres monumentais, não construídas, que assumiram a função de iluminação e suporte da rede aérea de cabos para os bondes elétricos. Nas duas extremidades, compondo a perspectiva que teria a intenção de valorizar a visual que direcionaria o olhar para o Paço Municipal, tirando partido dos desníveis da cidade, foram propostos edifícios que deveriam abrigar programas públicos diversos (posteriormente configurados pelos prédios da Companhia Light e o Edifício Matarazzo). Na imagem noturna apenas aparece iluminado o edifício Matarazzo, projetado pelo arquiteto italiano Marcello Piacentini em 1935 e que abrigou a sede de suas indústrias até a década de 1970. Na imagem observa-se que o edifício, que também representava o potente crescimento verticalizado da cidade, foi retratado de forma monumental, semelhante ao enquadramento realizado para o Teatro Municipal.

176

Outra informação que a imagem nos fornece é a presença do automóvel em destaque no primeiro plano da fotografia. Nesse momento a imagem demonstra o Parque do Anhangabaú não mais como um recinto ajardinado. Como o coração que agora se assumia com a coroação do sistema “Y”, o que se torna latente é que não apenas o caráter de passagem se fortalecia com a ampliação do viaduto, na transposição acima do parque, como também na implantação de uma grande avenida no fundo do vale. Na imagem, diferente das demais fotografias representadas nos cartões postais anteriores, não há mais a ideia de que o observador está em um grande parque, há apenas canteiros e ilhas de separação de tráfego que são quase completamente invisíveis perante ao grande número de automóveis no local.

Diante ao conjunto de fotografias escolhidas para configurar os cartões postais do IV Congresso Eucarístico de 1942, percebe-se, em geral que, quando se buscou retratar o local da realização do evento, não se privilegiou o lugar como um grande templo, de acordo com o projeto idealizado e concretizado por Cardim Filho. Observou-se o local como símbolo das diversas transformações que visavam construir São Paulo como uma metrópole, demonstrado através da verticalização, edifícios símbolos e das obras de urbanismo vigentes na época.

Mesmo que não se tenham fontes que indiquem que tais artefatos visuais foram encomendados pela Arquidiocese de São Paulo para a divulgação do evento, é possível observar nas recomendações da comissão de publicidade do evento, a estrita atenção com qualquer material de divulgação que retratasse o IV CEN.

Um exemplo desse esforço de controle pode ser demonstrado na nota publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 19 de outubro de 1941, acerca de uma “Ilustração Cristã”, revista em circulação que tratava do evento e não tinha sido autorizada pela junta executiva. A revista, de autoria de Salomão Abraão e Pedro Pessoa Cavalcante, não haveria passado pelo crivo de aprovação da junta executiva e nem pelo conhecimento da comissão de publicidade, e, portanto, em nota a junta executiva informava que além de desconhecer a publicação, indicava que não assumiria a responsabilidade pelo seu conteúdo. Portanto, se considerarmos tanto a nota publicada no artigo, quanto às recomendações dadas aos participantes e possíveis interessados em divulgar o evento (publicados no jornal ao longo de 1941 e 1942); tais orientações servem de indicativo que, por mais que os cartões postais não tenham sido encomendados diretamente pela Arquidiocese, ela provavelmente tinha ciência e autorizava sua circulação.

177

Diante as análises das imagens — tanto do livro comemorativo quanto dos cartões postais — pode-se inferir as diversas tentativas por parte da arquidiocese em associar, o desenvolvimento urbano, social e econômico da cidade com a presença da Igreja Católica Apostólica Romana. Observa-se, portanto, na narrativa adotada pelo meio oficial, a presença marcante da arquidiocese através da igreja, que se colocando lado a lado com as construções dos modernos edifícios, pleiteou assumir lugar no processo de transformação da cidade, como agente ativo na construção da metrópole. Nos cartões postais, se observa uma abordagem que se aproximava, não apenas ao projeto de governo de Getúlio Vargas, mas também às ações de transformação urbana que São Paulo vivia naquele momento. Para além da demarcação territorial direta da Igreja Católica na região metropolitana de São Paulo (através da construção de igrejas e equipamentos religiosos), a Igreja se mostrou disponível para validar, seja através de imagens ou de discursos, as ações do então prefeito de São Paulo, Prestes Maia.

3.6 IV CONGRESSO EUCARÍSTICO EM SÃO PAULO

Iniciado oficialmente em agosto de 1942, o IV Congresso Eucarístico Nacional teve como primeiro evento oficial a recepção da imagem de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo. Considerada, por dom José Gaspar, como a primeira peregrina e padroeira do Congresso Eucarístico, Nossa Senhora da Conceição Aparecida simbolizava, após a figura da eucaristia, a principal imagem da nação católica brasileira. Com sua devoção iniciada no século XVII, Nossa Senhora Aparecida é proclamada Rainha do Brasil e sua Padroeira em 16 de julho de 1930, por decreto do papa Pio XI.

A imagem saiu em peregrinação de Aparecida do Norte no dia 2 de setembro de 1942, sob responsabilidade do diretor da Congregação Mariana de São Paulo, até a cidade de Mogi das Cruzes. De lá foi trasladada de trem, em um carro ornamentado pelos Ferroviários da Central do Brasil, até a estação Carlos de Campos (antiga Guaiaúna) onde em procissão foi levada até a matriz da Penha.

Ferroviários da Central do Brasil, tomaram a seu cargo a obtenção e ornamentação de um carro especial destinado ao transporte da Imagem de Mogi á estação Carlos de Campos (antiga Guaiauna). De Carlos de Campos, processionalmente, irá a Imagem á matriz da Penha, em cuja praça fronteiriça estarão concentrados os congregados marianos, homens da Liga Católica e os colégios religiosos masculinos. Da penha, as 13 horas, numa procissão que percorrerá nove quilômetros, será a Imagem transportada ao largo da sé, recebendo ao longo das avenidas Celso Garcia e Rangel Pestana as homenagens da população. (AS SOLENIDADES [...], 1942. p.4)

A imagem foi tida como uma das principais relíquias do território paulistano e percorreu, desde sua chegada na cidade, os principais pontos paroquiais da metrópole, tanto em procissões terrestres quanto em procissões fluviais (pelo rio Tietê), tendo como destino a Catedral da Sé e, na abertura do evento, o altar-monumento no parque do Anhangabaú. Em linhas gerais, essa ação

não apenas reforçava a imagem de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, como também, seria parte da tentativa de um reconhecimento “espiritual” do território paulistano católico, abençoado no ato simbólico do percurso da imagem pela cidade.



Figura 3.12 – Transladação em cortejo da imagem de Nossa Senhora Aparecida no primeiro dia do IV Congresso Eucarístico Nacional. **Fonte:** Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP]. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.



179

O Congresso Eucarístico Nacional em si, ocorreu entre os dias 3 a 7 de setembro de 1942. As celebrações eucarísticas (Missas) contavam também com discursos e homilias dos principais representantes do Estado e da Igreja de todo o Brasil, reforçando ainda mais as ideias de uma unidade cívica religiosa. Após a recepção festiva do Cardeal Sebastião Leme na Estação da Luz (realizado no primeiro dia do evento) a grande procissão o conduziu até a Praça da Sé, que ainda em construção, foi o local da benção inicial do evento e da afirmação do local como sede principal e irradiadora da Igreja Católica em São Paulo.

A partir do dia 4 de setembro¹⁴² se iniciam as celebrações e atividades do Congresso. Pela manhã ocorreu a abertura solene presidida pelo Núncio Apostólico Bento Aloisi Masella e na presença do Coro Polifônico do Congresso (composto de 300 cantores) sob a regência do Maestro Fúrio Franceschini, mestre de capela da Catedral da Sé. Os dias seguintes foram

142 Programa do IV Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo: 3 – 7 de setembro de 1942. Junta Executiva. 1942. Programa localizado no acervo do Arquivo Metropolitano da Cúria de São Paulo.

dedicados às celebrações de grupos específicos: Missa para as crianças sob a presidência de dom Leme (dia 5), missa para as famílias: pela manhã dedicada às mulheres e moças, a tarde os militares e a noite aos homens (dia 6). Como finalização do Congresso, no dia 7 de setembro, dá-se a procissão triunfal com o Santíssimo Sacramento, em comemoração ao dia da Pátria. A partir da igreja de São Geraldo de Perdizes, a procissão percorreu a Avenida Olímpio da Silveira, Praça Marechal Deodoro e Avenida São João até chegar ao Parque do Anhangabaú, onde se realizou o ápice do encontro com a presença das autoridades militares, civis e religiosas.



180

Figura 3.13 - Presença das autoridades civis, militares e eclesiástica aos pés do altar monumento no evento religioso em recepção do Núncio Apostólico Bento Aloisi Masella [Legado Pontifício]. Observa-se na imagem que a representação simbólica da aproximação da Igreja junto aos poderes públicos (civil e militar). No mesmo nível, em frente ao altar principal do monumento, encontram-se [da esquerda para a direita]: o Prefeito Prestes Maia, o Interventor Federal Fernando Costa, o Núncio Apostólico dom Aluisi Masella, dom Duarte Leopoldo e Silva e o General Maurício Cardoso. **Fonte:** Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP]. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Para que o Cristo caminhasse pelas principais avenidas da cidade um ostensório (aparato litúrgico onde se expõem a eucaristia) foi confeccionado pela empresa Abramo Eberle & Cia. Personagem principal do certame religioso, a eucaristia foi destacada em um ostensório (fig. 3.14) de 99 centímetros de altura composto por um pedestal com 6 colunas encimadas por um arco triplo. Sob o pedestal, 2 anjos ajoelhados em postura de adoração, enquadram, em sua parte central, o escudo do IV CEN e na parte posterior o escudo do Arcebispo de São Paulo. A haste, em forma hexagonal, tem no centro um botão esmerado com motivos florísticos que sustenta um cálice formado por 12 folhas grandes, transbordando dele uma fonte [fonte de vida] com 528

brilhantes de vários tamanhos e tonalidades, incrustado numa superfície de 66 centímetros quadrados. A Custódia (local onde se coloca a hóstia) foi feita de cristal, com aros de platina e ouro, tendo ao seu redor uma coroa de ouro em 3 cores, com 8 anjinhos cravejados com 46 brilhantes. Ao redor da custódia estão 54 raios (28 de ouro e 26 de ouro e prata platinada) também cravejado com 764 brilhantes e 1668 diamantes com o intuito de simbolizar a luz e graças advinda do Santíssimo Sacramento. No topo, uma corôa real em ouro cravejada com 144 brilhantes e 42 diamantes. Com a ostentação própria de um rei, o Cristo (eucarístico) caminhou pela metrópole paulistana em um ato de [re]sacralização de seu território.

Para vencer o trajeto até a *Praça do Congresso Eucarístico*, foi projetado um *Carro triunfal* (Figura 3.15) — de 4 metros de comprimento por 2 metros de largura — onde dom Aluisi Masella (Legado Pontifício e Núncio Apostólico do Brasil) conduziu o ostensório. De autoria do arquiteto Benedito Calixto, sua execução esteve a cargo do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, doação do embaixador José Carlos de Macedo Soares e sua esposa, Matilde Fonseca de Macedo Soares.



Figura 3.14 – Ostensório do IV Congresso Eucarístico Nacional. Atualmente o ostensório encontra-se no acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo. **Fonte:** Site do Museu de Artes Sacra de São Paulo disponível em < <http://museuartesacra.org.br/> > consultado em 20 jan. 2019.

Figura 3.15 – A- Carro triunfal do IV Congresso Eucarístico Nacional. No evento, o carro foi adornado por arranjo de flores brancas simbolizando a pureza e paz divina. B- dom Aluisi Masella no carro triunfal com o ostensório. **Fonte:** Livro do IV CEN, publicação oficial da Junta Executiva, São Paulo, (n.p.) 1942. **Acervo:** Arquivo pessoal de João C.S. Kuhn.

Com o seu auge no dia 7 de setembro, dia da Pátria, o congresso encerrou com hasteamento da bandeira do Congresso e da Bandeira Nacional no local do altar. Nos discursos proferidos, principalmente no encerramento do Congresso, é possível perceber a sensação de vitória proclamada pela Igreja em relação à construção de um novo tempo para a religião.

Vem raiando o sete de setembro. O dia da Pátria! Dia do solene encerramento do IV Congresso Eucarístico Nacional! [...] É sete de setembro! O Brasil, no dia da Pátria, aos pés do Santo Padre! Basta de palavras. Fale o simbolismo deste momento sublime aos corações dos dirigentes da nação.... O Brasil de joelhos aos pés da Hóstia Santa e do seu Vigário Visível, eis a resposta que a Terra de Santa Cruz dá às indagações céticas dos hereges e às desilusões cruéis dos que viram no poder, no domínio, na possessão de riquezas desse mundo o destino da humanidade. (CAPISTRANO, 1942, p. 709)

182

O trecho acima ilustra a afirmação da fé católica novamente presente na sociedade brasileira como principal religião contra as heresias e o ceticismo. O discurso católico, que havia se revelado, na primeira metade do século XX, como um instrumento importante em um cenário intelectual, refletindo sua declarada posição política contra o socialismo e o comunismo, nesse momento ganha forças perante a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em oposição ao nazismo e o fascismo. A revista *A Ordem* de agosto de 1942 ilustrou tal posição ao escrever o artigo “O Nazismo” na coluna Registro:

Mas afinal, que é que nós católicos como tais, combatemos no comunismo? [...] Para encurtar caminho digamos logo: é pelo ateísmo fundamental da sua concepção da vida no indivíduo, na família, na profissão, no Estado e no plano internacional. Pois deste ponto de vista, “nazismo” e comunismo não se diferenciam. [...] Um e outro negam na pessoa humana e em tudo quanto com ela se relacione aqueles requisitos que dão testemunho de nossa semelhança com o Criador; um e outro violam as leis da justiça e da caridade nas relações com o indivíduo, a família, a profissão, o Estado e as comunidades nacionais e internacionais; um e outro perseguem a Igreja, impõem uma moral pagã e despenham-se pelos caminhos da impiedade (O NAZISMO, 1939).

Portanto, a Igreja comemorava como vitória a luta contra o laicismo dominante na primeira república e buscava se afirmar como primado da fé. A hierarquia eclesiástica reforçou no Congresso Eucarístico a imagem de uma única fé, representada por uma única religião, que aliada à ideia de nacionalidade,

reuniu no Vale do Anhangabaú uma grande multidão de fiéis. Plínio Correia¹⁴³, orador oficial do IV CEN, em consonância com esse sentimento de patriotismo e fé, observou o território brasileiro como palco da luta contra o imperialismo nazista, que era ligado ao paganismo, afirmando, mais uma vez, a vitória da fé católica como importante instrumento para a criação de um novo tempo.

Senhores é hoje o dia 7 de setembro. A data é expressiva, e estou absolutamente certo de que um imenso clamor se levantará neste glorioso dia, transpondo os limites do Estado e do País, para notificar ao mundo inteiro que, como um só homem, o Brasil se ergue contra o imperialismo nazista pagão que trama sua ruína e parece ter chamado a si, exatamente como seu sócia vermelho de Moscou, a diabólica empreitada de destruir a Igreja em todo o mundo.[...] Talvez não fosse ousado afirmar que Deus colocou os povos de sua eleição em panoramas adequados à realização dos grandes destinos a que os chama. E não há quem, viajando por nosso Brasil, não experimente a confusa impressão de que Deus destinou para teatro de grandes feitos este País, cujas montanhas trágicas e misteriosas penedias parecem convidar o homem às supremas afoitezas do heroísmo cristão, cujas verdejantes planícies parecem querer inspirar o surto de novas escolas artísticas e literárias, de novas formas e tipos de belezas, e na orla de cujo litoral os mares parecem cantar a glória futura de um dos maiores povos da Terra [...]. E hoje, que o Brasil emerge de sua adolescência para a maturidade, e titubeia nas mãos da velha Europa o cetro da cultura cristã que o totalitarismo queria destruir, aos olhos de todos se patenteia que os países católicos da América são na realidade o grande celeiro da Igreja e da Civilização, o terreno fecundo onde poderão reflorir, com brilho maior do que nunca, as plantas que a barbárie devasta no velho mundo. A América inteira é uma constelação de povos irmãos. Nessa constelação, inútil é dizer que as dimensões materiais do Brasil são uma figura da magnitude de seu papel providencial. A missão providencial do Brasil consiste em crescer dentro de suas próprias fronteiras, em desdobrar aqui os esplendores de uma civilização genuinamente católica, apostólica, romana, e em iluminar amorosamente todo o mundo com o facho desta grande luz, que será verdadeiramente o 'lumen Christi' que a Igreja irradia. Nossa índole meiga e hospitaleira, a pluralidade das raças que aqui vivem em fraternal harmonia, o concurso providencial dos imigrantes que tão intimamente se inseriram na vida nacional, e mais do

183

143 Como movimento expoente do catolicismo tradicionalista do século XX, o TFP procurava combater às idéias maçônicas, socialistas e comunistas, tendo como base o livro "Revolução e Contra-revolução" de Plínio Correa que propunha uma vigorosa reação com base na ordem cristã. Presidente da TFP, Plínio Correa foi o fundador da Ação Universitária Católica quando aluno na Faculdade de Direito de São Paulo. Deputado eleito na Constituinte de 1934 pela Liga Eleitoral Católica fora militante pela volta do ensino religioso nas escolas e a indissolubilidade do vínculo conjugal. Em 1943, é nomeado presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica

que tudo as normas do Santo Evangelho, jamais farão de nossos anseios de grandeza um pretexto para jacobinismos tacanhos, para racismos estultos, para imperialismos criminosos. Se algum dia o Brasil for grande, sê-lo-á para bem do mundo inteiro. (OLIVEIRA, 1942. p.56)¹⁴⁴

Para além da realização das missas, ocorreram outras atividades em diversas partes da cidade. Como exemplo a *Exposição Missionária* realizada na Galeria Prestes Maia, onde a Igreja demonstrava sua vocação evangelizadora em regiões que não tinham fácil acesso às igrejas. As sessões de estudos, destinado a grupos de operários; militares; mulheres; homens, expunham teses relacionadas à Igreja e eucaristia em locais como o Teatro Municipal, salão da Cúria Metropolitana; salão do cinema Odeon; Auditório da escola Caetano de Campo e a escola Álvares Penteados.

Os estudos eram compostos por palestras, onde diversos bispos de todo país, expunham teses relacionados aos ensinamentos da Igreja Católica romana (e ao culto eucarístico) aplicado, nas realidades sociais e profissionais de cada grupo. Portanto, o evento não se tratou apenas de celebrações da presença e influência do catolicismo no país, a arquidiocese em nome da Igreja, observou o momento de reunião de uma grande multidão de fiéis para fazer um trabalho mais aprofundado de doutrinação de uma fé católica “modernizada”, aos moldes romanos. Na tabela abaixo observam-se alguns exemplos dos temas escolhidos:

184

Grupo	Nome	Profissão / Posição social
Homens	A vida Eucarística, santificadora do Lar	Salão Nobre da Cúria Metropolitana
	A família e as vocações sacerdotais e religiosas	
Moços	A Eucaristia e o Advogado, face a face com o direito	Cinema Odeon (Consolação)
	Maria Santíssima e a Eucaristia na formação do sacerdote	
Senhoras	A Eucaristia e as vocações sacerdotais e religiosas	Escola São Caetano de Campos
	A Eucaristia e a santificação das famílias	
Moças	A Eucaristia e as vocações sacerdotais e religiosas	Teatro Municipal
	Maria Santíssima e a Eucaristia	
Operários	A Eucaristia e a dignidade humana do Operário	Escola Álvares Penteados
	A Classe operária e o sacerdócio	
	O Santo Sacrifício da missa e o operário	
Militares	A Eucaristia na formação do caráter dos homens de farda	Teatro Municipal
	A assistência religiosa aos militares e a Eucaristia.	

Tabela 3.2 – Temas dos estudos dirigidos do IV CEN. **Fonte:** Boletim do IV CEN, (n.p.), 1942

Acervo: ACMSP

144 Transcrito de “O Legionário” de 7-9-1942 — Órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo. A íntegra desse memorável discurso encontra-se disponível no site: <http://www.pliniocorreadeoliveira.info/Disc_Congr_Eucar_42.htm>

Os temas propostos permitem entender alguns direcionamentos básicos pretendidos pela Igreja em relação a tais grupos sociais. Observa-se que ao dialogar com os chefes de família (Homens e Senhoras); os temas são direcionados principalmente à manutenção de uma família religiosa que busque incentivar seus filhos para a vida sacerdotal ou religiosa, por sua vez, os jovens (Moços e Moças) estavam incluídos neste contexto e na ideia da importância da religião nos futuros meios profissionais aos quais fossem eleger. Para os militares e operários, a abordagem aparentemente centrava-se na aproximação de suas funções profissionais com as práticas religiosas católicas, demonstrando a já constantemente citada, tentativa de aliança que a estrutura hierárquica teve ao longo de todo processo de restauração com estrutura de poder, neste caso poderes militares e populares.

O Congresso simbolizou para aqueles católicos a presença de “uma igreja cheia de orações, fazendo ressurgir, no tumulto da metrópole moderna, as grandes conversões de Piratininga” (A MAIOR CONCENTRAÇÃO, 1942. p.1). Em entrevista realizada ao *Correio Paulistano*, o Núncio Apostólico dom Aluísio Masella declarou que o IV Congresso Eucarístico:

Foi sem dúvida alguma, uma das maiores concentrações católicas do mundo, e a maior de quantas já se realizaram no Brasil. Reconhecendo a precariedade da Estatística em movimento de tal natureza, calculo em um milhão o número de fiéis que tomaram parte no esplêndido espetáculo cristão. Mas o Congresso Eucarístico não deve ser encarado apenas sob seu aspecto religioso. Ele revela também a aprimorada cultura e a civilização do povo bandeirante (A MAIOR CONCENTRAÇÃO, 1942. p.1).

185

Com a finalização do Congresso, no intuito de se manter a memória do evento, e marcar fisicamente as vitórias proclamadas pela Igreja, houve um movimento para dar à praça a evocativa denominação de "Praça do Congresso Eucarístico", onde seria erigido uma réplica em concreto armado do altar monumento. Porém, Prestes Maia acabou negando tal solicitação, tendo posteriormente sugerido para o local o nome de Praça da Bandeira em homenagem à bandeira brasileira e o dia da pátria. Nome que permanece até os dias atuais¹⁴⁵. No *Correio Paulistano*, de 9 de setembro de 1942, observa-se o artigo “Uma sugestão sobre o altar”:

Elementos dos mais expressivos na sociedade paulista já se movimentam para que o belo e majestoso altar-monumento do Vale do Anhangabaú seja, oportunamente, com os mesmos desenhos, amplidão e características – construído em concreto armado, no próprio local onde serviu para as solenidades do IV Congresso Eucarístico Nacional, para ser em S. Paulo

145 Disponível no site: < <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>>, consultado em 10/07/2018.

o “Altar da Pátria”, destinado às grandes comemorações. O sr. arcebispo consultado a respeito deu seu entusiástico apoio à inspirada lembrança. (ALTAR MONUMENTO, 1942, p.3)

Amplamente divulgadas, as imagens que retrataram os acontecimentos buscavam nesse momento representar a grande massa católica que se fez presente nos dias do evento. Os números de participantes, relatados em diversos periódicos, constroem a imagem da população esmagadoramente católica, reforçando a constante afirmação de que o Brasil seria um país eminentemente católico. Neste sentido, enquanto *O Estado de São Paulo* e o *Correio Paulistano* contabilizavam cerca de 500 a 600 mil pessoas; revistas e demais livros publicados pelo meio oficiais listaram 800 mil pessoas e em um caso mais extremo, a *Revista da Semana* (RJ) chegou a citar o número de 400 milhões, provavelmente referindo-se a ideia simbólica de que toda nação brasileira estaria ali reunida. As panorâmicas cobrindo todo o vale do Anhangabaú foram frequentes, seguidos de momentos focais onde se demonstravam as práticas religiosas (em especial ligada às comunhões) e os diversos discursos das autoridades que lá se fizeram presentes.

IV Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo (4 a 7 de Setembro 1942)

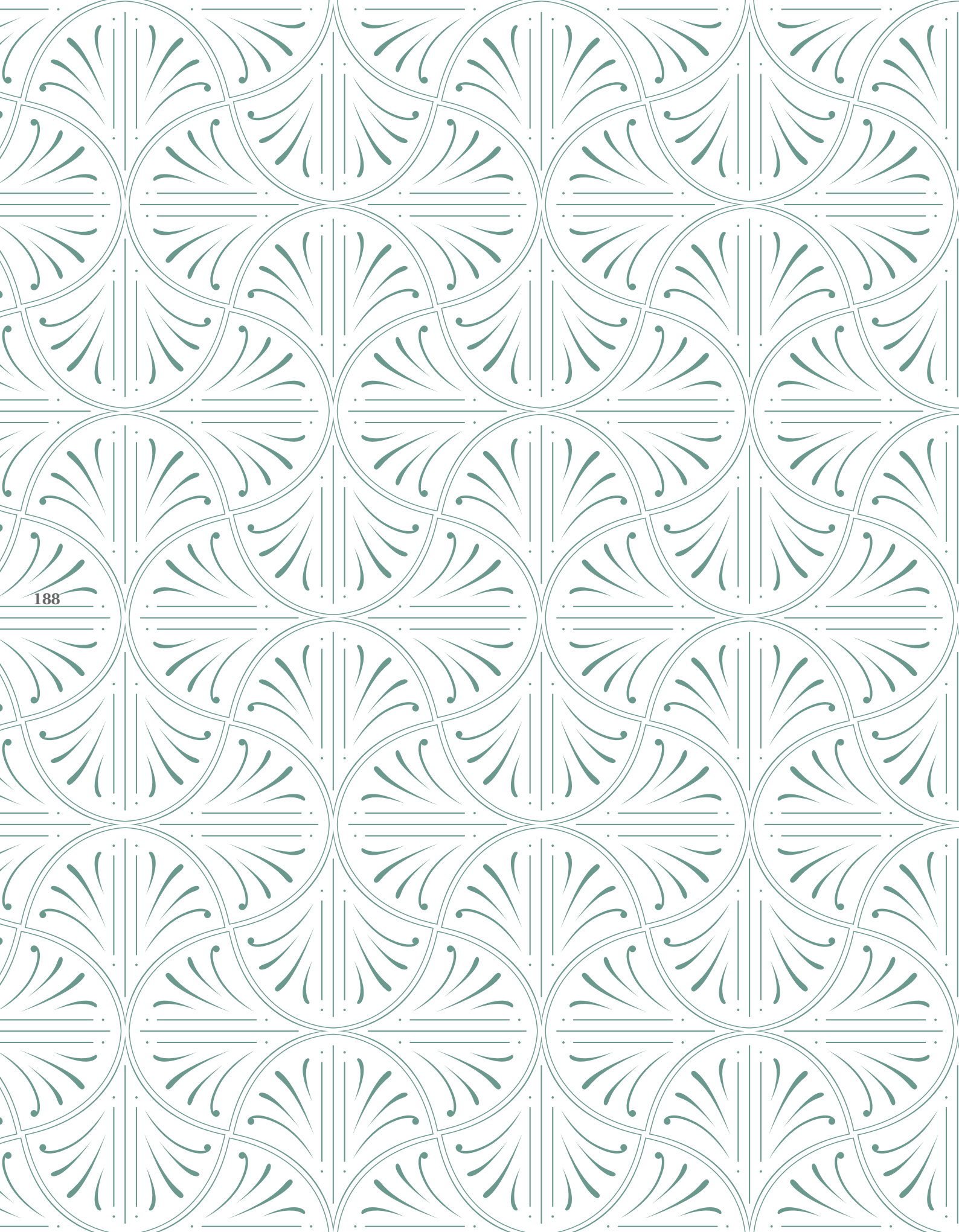


Figura 3.16 – Panorama do “Parque do Congresso” no Vale do Anhangabaú no dia de encerramento do IV Congresso Eucarístico Nacional em São Paulo. Fonte: Revista Acrópole, 1942. Nº 53. pp.181-184 **Acervo:** [digital] FAU/USP.

Perante ao que foi demonstrado no percurso deste texto, observa-se que em meio ao processo de laicização vivido em especial no mundo ocidental, a Igreja Católica Apostólica Romana não se posicionou de forma passiva ao ver seu papel junto à sociedade na primeira metade do século XX esvair-se. Quando se observa os distintos processos de constituição republicana, em especial na América Latina, onde ocorrem o fim do padroado (português e espanhol) e a proposta iluminista que impulsiona a separação entre Estado e Igreja, a realização das diversas edições do Congresso Eucarístico Nacional podem ser consideradas um potente instrumento para a demonstração de uma instituição que investiu massivamente no potencial das massas católicas para reivindicar seu lugar de poder, controle e articulação (simbólica, espiritual, política e econômica). Neste sentido, a Igreja Católica não mediu esforços para demonstrar o seu poder de influência junto às massas e, através deste poder, conseguiu negociar seus interesses junto aos poderes públicos em cada local em que se encontrava instalada.

Sob a chave de leitura do *urbanismo religioso*, o IV Congresso Eucarístico Nacional de 1942, pôde ser analisado então como ponto de êxtase do trabalho de organização da própria instituição perante aos novos desafios, mas também de instrumentalização dessa massa católica de fiéis para a construção de uma sociedade cristã-católica. Momento em que todo o trabalho junto aos diversos grupos sociais (políticos e religiosos) são demonstrados não apenas pela realização do evento, como através de uma intensa publicidade e diversas ações sociais realizadas até este momento. Para além das diversas materializações do sagrado católico, ocorridas ao longo de quase meio século, a Igreja Católica mais uma vez demonstrou seu poder de intervenção e construção no que se refere ao processo de urbanização da cidade de São Paulo. Não apenas o Vale do Anhangabaú é transformado em um grande espaço religioso, mas, em grande medida, a grande metrópole foi imbuída da mesma sacralidade: ora na apropriação de espaços laicos, seja nas edificações (residenciais e comerciais) que vestiram os emblemas do congresso, seja na tentativa de se fincar o símbolo máximo do cristianismo no ponto focal da sala de visitas de Prestes Maia.

Em contraponto à relativização de seu papel no país, a instituição reforçou a imagem de uma única fé, representada por uma única religião, que aliada à ideia de nacionalidade, reunia nestes eventos, aqui analisado de forma privilegiada pelo IV CEN, uma grande multidão de fiéis na construção de um reinado de Cristo. No caso específico de São Paulo, que iniciava a consolidação de sua imagem como a grande metrópole do país, a Igreja também buscou transformá-la em uma metrópole eminentemente católica.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, o Brasil é um país laico?

Ao longo desta pesquisa, e mesmo durante todo meu percurso acadêmico, esta pergunta insistiu em aparecer na maioria das vezes em que expunha o meu objeto de investigação. Estudar valores religiosos em associação a uma república laica aparentemente já consolidada parecia uma relação no mínimo estranha para muitos. De fato, com a lei efetivada em 7 de janeiro de 1890, pelo Decreto nº 119-A e consagrada desde a Constituição de 1891 (determinando assim o fim do Padroado), Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas e o catolicismo deixou de ser a religião oficial. Em meio ao advento do pensamento moderno, onde o movimento de secularização da sociedade e de seus espaços públicos seria vista como causa ganha, a ideia de que a dimensão religiosa (ou mesmo a ideia de sagrado) continuaria tendo relevância como aspecto norteador da vida social, política e cultural da sociedade, parecia para tantos algo improvável, quando não uma tentativa quase romântica de validar as ações destas instituições religiosas que, nesse momento, estariam fadadas a, se não desaparecer, se restringir apenas a uma esfera privada.

No entanto, o que se pôde observar aqui foi que o novo lugar que a Igreja Católica assumiu na primeira república não incapacitou o seu poder de reação. Se tratou de uma *laicização incompleta* que a possibilitou assumir as rédeas de sua instituição com maior autonomia, em especial no que diz respeito às decisões e aos rumos tomados por ela no momento histórico ao qual se dedica (MOURA, 2018). Ao se pensar o território e espaços urbanos, em meio a um processo de reorganização interna, a Igreja buscou também articular agentes de diversas camadas da sociedade no intuito de se reafirmar no imaginário social como a verdadeira e tradicional religião nacional. Em um processo de adaptação, dedicou esforços para consolidar seu poder de influência:

marcando materialmente os espaços da cidade na busca de se tornar cada vez mais visível através de monumentos e templos que gradativamente foram fazendo parte da paisagem metropolitana em construção.

Nesse sentido, a categoria *urbanismo religioso* foi útil para compreender os processos de organização e demarcação territorial no estado e cidade de São Paulo na primeira metade do século XX, orquestrados por dom Duarte Leopoldo (1908-1938) e Silva e dom José Gaspar D’Afonseca e Silva (1939-1943). A medida em que se desenvolveu a pesquisa, observou-se (de forma cada vez mais latente) que as ações empreendidas pela Igreja Católica não se configuraram apenas como um fenômeno direcionado único e exclusivamente ao movimento de reestruturação interna da religião, mas de uma tentativa complexa e organizada de se construir cidade baseada nos preceitos e valores católicos que, ao longo de quase meio século, buscou acompanhar as constantes transformações vividas em São Paulo.

190

Nesse contexto, as agendas, diferentes atores sociais com suas respectivas redes de relações, escalas de mobilização, preservação, construções, reconstruções de um patrimônio eclesiástico, mostraram que o *urbanismo religioso* praticado pela Igreja Católica em São Paulo não foi — de forma alguma — uma consequência ou mesmo uma subseção do urbanismo praticado por especialistas que se dedicaram a estudar e intervir na cidade. Se, por um lado, observam-se os poderes públicos, arquitetos, urbanista, engenheiro e demais profissionais atuando em diversas escalas e atribuições para modernizar cada vez mais a cidade, em uma outra face, observou-se, em sincronia, agentes religiosos (hierarquia do catolicismo e a massa de fiéis) agindo com grande empenho para também construir e organizar a cidade sob a lente específica do sagrado e dos preceitos próprios da religião. Em outras palavras, o *urbanismo religioso*, mesmo sendo uma categoria de análise que é constitutiva do urbanismo — pois em inúmeros momentos necessita dos diversos estudos e práticas advindas desses agentes especializados — possui em si uma forma de operação própria para efetivar os diversos planos de materialização sob a chave do sagrado, que pode (e deve) ser problematizado em seus próprios termos.

Considerando as reflexões de Ulpiano Bezerra de Menezes (1996)¹⁴⁶ e Ana Castro e Joana Mello (2016)¹⁴⁷, a tese foi estruturada de forma cronológica contando com três momentos chaves das duas primeiras gestões eclesiais. Observando-a como uma narrativa contínua, os três textos demonstraram parte das ações orquestradas por dom Duarte Leopoldo e dom José Gaspar, que em meio ao campo de disputas entre o movimento secularizador (afirmado pelo processo de laicização) e a reconstrução e consolidação de um pensamento religioso católico do período, construíram de forma coordenada, junto aos diversos grupos sociais (fiéis ou simpáticos à fé católica), as redes materiais, simbólicas e institucionais que serviram como instrumento para a consolidação, ao menos nos olhos da própria instituição, da Arquidiocese de São Paulo. O sentido cronológico nos aponta que tais ações foram pensadas em escalas distintas: na primeira gestão, percebeu-se a preocupação principal em se organizar o estado de São Paulo (ou a província eclesial paulista) e, na segunda, as ações centraram-se na demarcação eclesial da cidade de São Paulo através das paróquias.

Sendo assim, verificou-se, no capítulo *A Construção da Arquidiocese de São Paulo: Antecedentes, estruturas, hierarquias e ações*, o primeiro momento da Arquidiocese de São Paulo sob a gestão de dom Duarte Leopoldo e Silva (1908-1938). Tratou-se do período em que a cidade assumiu o papel de sede metropolitana da instituição no estado, reorganizando o seu território eclesial com a criação subsequente de novas dioceses. Frente à instalação da Arquidiocese e orientado pelas determinações do Vaticano, dom Duarte Leopoldo e Silva desmembrou o território paulista, resultando na criação de 12 novas dioceses ao fim de sua gestão, além de reorganizar a própria sede eclesial localizada no município de São Paulo. Neste sentido, clero, políticos, profissionais liberais e membros das elites oligárquicas de cada local foram mobilizados para constituírem comissões executivas em prol de alcançar as fontes necessárias, e exigidas pelo Vaticano, para possibilitar

191

146 Onde a cidade é lida como algo socialmente apropriado e produzido (artefato) por forças diversas (econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais, culturais, em constante tensão), produzindo assim, nas suas configurações e nas práticas sociais, que além de produzir artefatos (e também reproduzir-se neles) são orientadas por suas representações sociais que dão “conta da complexidade da imagem (imaginário, imaginação), sendo igualmente capaz de incorporar outros ingredientes, como conhecimento imediato, esquemas de inteligibilidade, classificações, memória, ideologia, valores, expectativas, etc” (p.148).

147 Que apontam a necessidade de se entender a cidade observando-a “dentro de um sistema que [a] engloba e, ao mesmo tempo, analisando [ela própria] como um sistema cujos elementos ganham sentido uns em relação aos outros”, em uma compreensão “sistêmica” da cidade, tendo em vista que a história da cidade e da arquitetura é continuamente reconstruído por meio de problemas, escolha de escalas, pontos de vistas e possibilidades de conhecimentos (na chave da interdisciplinaridade proposta por Lepetit#), abarcando assim uma multiplicidade de abordagens e interpretações.

a construção de um plano que levaria São Paulo ao status de Arquidiocese Metropolitana. Verificou-se, portanto, um movimento de acumulação patrimonial e de busca de alianças rentáveis junto a uma elite laica católica, ilustradas nas ações supracitadas de dom Duarte, apontadas por Miceli (2009) como importante componente para gestão episcopal romanizada neste primeiro momento republicano.

No segundo momento da tese, o capítulo *Torres na Metrópole: A criação de paróquias na gestão de dom José Gaspar (1939-1943)* demonstrou o esforço por parte de dom José Gaspar em dar continuidade aos planos traçados por seu antecessor. Enquanto na primeira gestão as ações foram centradas nas reformas institucionais e na organização do território paulista, percebe-se, na gestão de dom José Gaspar, um enfoque no processo de paroquialização¹⁴⁸ da cidade sede da arquidiocese que, em um período curto, ampliou e fortaleceu a rede composta por comunidades religiosas presentes em distintos bairros da cidade, dando apoio tanto às questões espirituais próprias da religião quanto no auxílio de manutenção econômica e institucional da própria arquidiocese. Nesse momento, observou-se a considerável relevância da paróquia, encarada como o lugar privilegiado para a formação da população perante as práticas católicas ortodoxas romana e tomada como local onde se reúne uma população específica (vinculada a ela pela sua proximidade de residência) tendo sempre como peça-chave o pároco, por quem tudo passa: desde atividades administrativas patrimoniais e financeiras até as atividades de culto e associações vinculadas às práticas religiosas. Por outro lado, observou-se que as construções das edificações religiosas como marcações físicas e visíveis da fé católica auxiliaram a reafirmação simbólica da religião católica no que diz respeito à sua imagem em meio à paisagem da metrópole que se desenvolvia: uma importante função na construção da unidade religiosa, cultural e social, que buscou articular lideranças, grupos de diversos estratos socioeconômicos e, em alguns casos, até mesmo a consolidação com outras instâncias da sociedade no intuito de garantir visibilidade e relevância na dinâmica da cidade.

Por fim, ainda na gestão de dom José Gaspar, o terceiro capítulo — *A Grande Metrópole Católica: São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional* — analisou o mega evento realizado em setembro de 1942, considerado aqui como um momento de êxtase de todo o trabalho realizado desde a fundação da Arquidiocese de São Paulo até os últimos anos de Dom José Gaspar. No

148 Termo utilizado por Castillo (1997) ao observar o aumento de fundações de paróquias no período imperial brasileiro.

certame, a ideia de universalidade da fé católica, ligada e centralizada sob a orientação plena da Santa Sé Romana, se fez presente em ações e discursos, buscando demonstrar o êxito no processo de implantação do pensamento romanizado, vivido nas primeiras décadas do século XX. Potente instrumento de propagação da imagem de uma Igreja que se fez imprimir no imaginário político-social como autêntica e mais importante religião professada no país. Utilizado como palco da ideia de universalidade da fé católica, no local idealizado por Preste Maia para se tornar a “sala de visita” da cidade (Vale do Anhangabaú), a Igreja Católica reivindicou a consagração de sua relevância junto à nação no IV Congresso Eucarístico Nacional: “É São Paulo e é o Brasil que nestes dias revigoram a excelsitude de sua fé nacional, revigorando também em toda a linha de seus sentimentos cívicos que tem encontrado à sombra da Igreja Católica, desde os primeiros dias da nacionalidade”.¹⁴⁹ Neste sentido, a cidade (ou a grande metrópole paulistana) foi apresentada também através das diversas materializações que, no momento de realização do evento, fizeram parte de sua programação: seja através da nova Catedral da Sé (ainda em construção), seja através das igrejas já construídas ou mesmo em fase de instalação, que no momento fizeram parte da programação do certame religioso.

Observar o território e os distintos agentes sociais que a constitui a partir das lentes religiosas, é fundamental para nos prepararmos para o que, aparentemente, se apresenta: os segmentos conservadores estarão sempre conosco, não são resquícios de um passado fadado a desaparecer. Buscando contar a história da cidade e do urbanismo em São Paulo a partir de atores sociais religiosos em atividade em pleno período republicano, o percurso da tese e a categoria de análise *urbanismo religioso* me ofereceu recursos no exercício de problematização da própria história do urbanismo na cidade e da narrativa tradicional que define como inexorável a transição do sagrado ao profano que as cidades executam ao longo da história ao apresentar que os agentes religiosos não assistiram passivamente seu poder se esvaír. Verificasse, no momento presente, que tal forma de operação se atualizou e ainda se faz útil na franca escalada dos movimentos religiosos conservadores no país. Portanto, pensar a cidade pela chave de um *urbanismo religioso* nos ajuda a entender e complexificar as contínuas manifestações e ações empreendidas no cenário contemporâneo.

Lista de imagens

Revista A Cigarra (SP) [1932] Edição 430 p.17- Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (RJ) - [Hemeroteca Digital Brasileira]

INTRODUÇÃO

Figura 0.1. Infográfico da estrutura hierárquica de títulos da Igreja Católica Apostólica Romana. **Autor:** João C. S. Kuhn.

Figura 0.2 : Infográfico da estrutura hierárquica-administrativa da Igreja Católica Apostólica Romana. **Autor:** João C.S. Kuhn.

Figura 0.3 : Infográfico geral da estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana. **Autor:** João C.S. Kuhn.

Figura 0.4 : Dom Duarte Leopoldo e Silva [1908-1938. **Fonte:** Revista Eu vejo tudo, São Paulo, [n.p.]Nº 1: Ano 1 [s.d.] **Acervo:** ACMSP.

Figura 0.5: Dom José Gaspar D’Afonseca e Silva [1939-1943].**Fonte:** Boletim da Assoc. Semanas Eucarísticas, São Paulo [n.p.] Set. 1942. **Acervo:** ACMSP.

Figura 0.6: Linha do tempo com as autoridades eclesiásticas da Igreja Católica Apostólica Romana nas seguintes localizações: Roma [Papa], Rio de Janeiro [Núncio Apostólico], São Paulo [Arcebispo, Bispo Auxiliar] e Bispo diocesano [Estado de São Paulo]. **Autor:** João Carlos S. Kuhn.

CAPÍTULO 1

Figura 1.1 Mappa das Províncias Eclesiásticas do Brasil. Suplemento de *O Brasil Catholico* [1933]. **Autor:** Eng. Arq. E. Xavier do Prado. **Acervo:** Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Figura 1.2 Divisão do território eclesiástico paulista: Dioceses da Arquidiocese de São Paulo a partir de 1924. [Exerto do Mappa das Províncias Eclesiásticas do Brasil. Suplemento de *O Brasil Catholico de 1933*].

Figura 1.3 - José Gaspar como membro da Congregação Mariana de Nossa Senhora do Bom Conselho, no Colégio São Luís de Itu em 1914.

Figura 1.4. Foto da turma de sacerdotes ordenados em 12 de agosto de 1923. **Fonte:** Livro In Memoriam de dom José Gaspar de Afonseca e Silva (1901-1943). São Paulo: Ed. Ave Maria, 1944. pp. 2-3.

CAPÍTULO 2

Figura 2.1- Brasão de Armas de Dom José Gaspar D’Afonseca e Silva. **Fonte:** A Igreja nos quatro séculos de São Paulo. São Paulo: Ed. Documentários Nacionais, 1954.

Figura 2.2- Missa da Federação Mariana Feminina onde observa-se a presença de dom José Gaspar no altar provisório localizado no interior da nova catedral da Sé [em construção] e abaixo a presença das senhoras católicas na nave central da catedral [ao fundo nota-se as colunas já construídas]. **Fonte:** Correio Paulistano, São Paulo, p. 11, 1 mai. 1940.

Figura 2.3 - Artigo da revista Acrópole apresentando aspectos da construção da Catedral da Sé. **Fonte:** Revista Acrópole, São Paulo, pp. 98-104, jul. 1942. **Acervo:** Biblioteca FAU/ USP.

Figura 2.4- Foto da maquete da nova catedral da Sé confeccionada pelo escultor sueco E.

Frick, exposta ao público na casa Grumbach [R. São Bento]. **Fonte:** Boletim das Semanas Eucarísticas, São Paulo, p.29, 1942. **Acervo:** ACMSP.

Figura 2.5- Cartão postal - Lembrança do IV Congresso Eucarístico Nacional [1942]. **Acervo:** [Particular] Renato Cymbalista.

Figura 2.6- Fotografia da multidão de fiéis reunidos na praça da Sé para recepção da imagem de N.S. Aparecida no IV CEN. **Fonte:** revista O Legionário, São Paulo, p.1, 7 set. 1942. **Acervo:** [digital] Plínio Corrêa e Oliveira disponível em < <https://pliniocorreadeoliveira.info>>, consultado em 03 mar. 2021.

Figura 2.7- Mapa das paróquias criadas nos arredores de Paris pelo Cardeal Verdier chamada de “*Os estaleiros do Cardeal*” publicadas na revista *Legionário*. **Fonte:** Revista Legionário, São Paulo, p.1, número 277, ano XI, 30 agost.1938. **Acervo:** [digital] Plínio Corrêa e Oliveira disponível em < <https://pliniocorreadeoliveira.info>>, consultado em 03 mar. 2021.

Figura 2.8- Ilustração do cartonista francês Gignoux onde é figurado o Cardeal Verdier instruindo arquitetos e engenheiros sobre o plano das construções de paróquias no subúrbio de Paris. **Fonte:** Revista *Le Pelerin*, Paris, p.p. 30-31, 10 jan. 1932. **Acervo:** [digital] Chartiers du Cardinal disponível em < <https://www.chantiersducardinal.fr>> consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.9- Ilustração são figuradas as paróquias [já construídas] orbitando na fotografia do Cardeal Verdier no lançamento da pedra fundamental de uma das igrejas. **Fonte:** Revista *Le Pelerin*, Paris, p.p. 30-31, 10 jan. 1932. **Acervo:** [digital] Chartiers du Cardinal disponível em < <https://www.chantiersducardinal.fr>> consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.10: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1939] **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br>> consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.11 - Artigo: Na Paróquia de Nossa Senhora de Sião: Os simples, humildes e injustiçados necessitam de auxílio imediato. **Fonte:** Diário da Noite, São Paulo, p.2, 20 fev. 1962. **Acervo:** [digital] Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 2.12: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1940] **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br>> consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.13: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1940] **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br>> consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.14: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo [1940]. **Fonte:** Site da Arquidiocese de São Paulo disponível em < <https://arquisp.org.br>> consultado em 10 ago. 2021.

Figura 2.15: Publicações da revista Acrópole com os projetos das paróquias fundadas pela arquidiocese de São Paulo entre 1908 a 1943. **Fonte:** Revista Acrópole no 64 (1943, pp.15-19). **Acervo:** FAU/USP

Figura 2.16 – Foto do cortejo fúnebre de dom José Gaspar em direção à Catedral da Sé. **Fonte:** Livro In Memoriam de Dom José Gaspar de Afonseca e Silva (1901-1943). São Paulo: Ed. Ave Maria, 1944. p.222

CAPÍTULO 3

Figura 3.1 – [1] Brasão do IV Congresso Eucarístico Nacional, impresso em metal 30 x 23 cm – destinado às fachadas dos edifícios. [2] Modelo do brasão utilizado para diversos usos impressos (comunicados, livros, jornais, selos). **Fonte:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Figura 3.2 Remodelação do vale do Anhangabaú segundo o Plano de Avenidas. **Fonte:** TOLEDO, 1996. n.p.

Figura 3.3 - Projeto do altar monumento do IV Congresso Eucarístico Nacional

publicado na revista Acrópole. **Autor do projeto:** Arq. Eng. Carlos Alberto Gomes Cardim. **Fonte:** Acrópole, nº 21, ano 5, pp. 93-96, jul. 1942. **Acervo:** [digital] FAU/USP. **Figura 3.4** - Cruz e globo do Altar monumento do IVCEN. **(G)** Desenho técnico do Altar monumento com a localização do altar utilizado na cerimônia litúrgica. Fonte e acervo: ibidem. **(H)** Fotografia noturna do altar monumento destacando a iluminação da cruz, símbolo eucarístico e globo. **Fonte:** Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP]. **Acervo:** ACMSP.

Figura 3.5 – Imagens diurnas e noturnas tendo como principal foco o altar monumento. (1) Organização próximo ao altar monumento. (2) Perspectiva do altar visto do alto do viaduto do Chá. (3) Perspectiva observando o altar com enquadramento do viaduto e dos edifícios. (4-5) Fotografias ilustrando aspectos do local com iluminação **Acervo: Imagem (1)** Museu da Cidade (SP) [acervo digital], **Imagens (2,3,4)** - Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP].

Figuras 3.6 – Monumentos, novas edificações e melhorias da cidade de São Paulo apropriadas pelo ideário católico como presentes do homem para Deus. **Fonte:** *São Paulo e o IV Congresso Eucarístico Nacional*, São Paulo, (n.p.), 1942 **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Figura 3.7 – Fotomontagem das paróquias da cidade de São Paulo e lista das paróquias organizadas em decanatos suas respectivas sedes. **Fonte:** *São Paulo e o IV Congresso Eucarístico Nacional*, São Paulo, (n.p.), 1942 **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Figura 3.8 – Conjunto de cartões postais que retratam o vale do Anhangabaú. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

Figura 3.9 – Detalhe do cartão postal com o título Vista Parcial da Cidade. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

Figura 3.10 – Detalhe do cartão postal com o título Parque Anhangabaú. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

Figura 3.11 – Detalhe do cartão postal com o título Parque Anhangabaú. **Fonte:** Acervo digital do Museu Paulista disponível em <acervo.mp.br> acessado em 20 jan. 2019. **Acervo:** Museu Paulista da USP.

Figura 3.12 – Transladação em cortejo da imagem de Nossa Senhora Aparecida no primeiro dia do IV Congresso Eucarístico Nacional. **Fonte:** Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP]. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Figura 3.13 - Presença das autoridades civis, militares e eclesiástica no altar monumento no evento religioso em recepção do Núncio Apostólico Bento Aloisi Masella [Legado Pontifício] . **Fonte:** Coleção particular de Regina Piraja da Silva [doado para o ACMSP]. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Figura 3.14 – Ostensório do IV Congresso Eucarístico Nacional. Atualmente o ostensório encontra-se no acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo. **Fonte:** Site do Museu de Artes Sacra de São Paulo disponível em < <http://museuartesacra.org.br/>> consultado em 20 jan. 2019.

Figura 3.15 – Carro triunfal do IV Congresso Eucarístico Nacional. **Fonte:** Livro do IV CEN, publicação oficial da Junta Executiva, São Paulo, (n.p.) 1942. **Acervo:** Arquivo pessoal de João C.S. Kuhn.

Figura 3.16 – Panorama do “Parque do Congresso” no Vale do Anhangabaú no dia de encerramento do IV Congresso Eucarístico Nacional em São Paulo. **Fonte:** Revista Acrópole, 1942. Nº 53. pp.181-184 **Acervo:** [digital] FAU/USP.

Lista de tabelas

CAPÍTULO 1

Tabela 1.1 Lista dos bispos da diocese de São Paulo entre 1871 a 1907.

Tabela 1.2 -Notas e anúncios sobre as diversas visitas pastorais e reuniões realizadas nas futuras sedes diocesanas que comporiam a Arquidiocese de São Paulo. **Fonte:** Jornais O Correio Paulistano, O Commercio de São Paulo e O Paiz (RJ) publicados durante o ano de 1907. **Acervo:** Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional [digital].

Tabela 1.3 - Listagem da primeira Comissão Executiva da nova catedral de 1912. **Fonte:** A NOVA CATHEDRAL, de S. Paulo, Correio Paulistano, São Paulo, pp. 3-4, 26 jan. 1912.

Tabela 1.4: Resumo da divisão eclesiástica de 1908 - Arquidioceses, Dioceses e Prelaturas. **Fonte:** Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912). Volume III. Cultos, Assistências, Repressão e Instrução. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. p.6-7

Tabela 1.5: Tabela das Paróquias, curatos e Capelas Curadas e seus respectivos municípios. **Fonte:** Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912). Volume III. Cultos, Assistências, Repressão e Instrução. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio

Tabela 1.6 - Denominações protestantes no município de São Paulo entre 1914 a 1920. **Fonte:** Anuarios estatísticos do Estado de São Paulo: Movimento da população moral. Volume I - Repartição de estatística e arquivo do estado. Diretor Dr. Adolpho Botelho de Abreu Sampaio. **Acervo:** Biblioteca Digital Seade.

198

Tabela 1.7 - Denominações espíritas no estado de São Paulo entre 1913. **Fonte:** Anuarios estatísticos do Estado de São Paulo: Movimento da população moral. Volume I - Repartição de estatística e arquivo do estado. Diretor Dr. Adolpho Botelho de Abreu Sampaio. **Acervo:** Biblioteca Digital Seade.

Tabela 1.8 - Quadro comparativo. Movimento geral da Arquidiocese. **Fonte:** O Brasil Catholico de 1942, pp. 152-153. Em nota, o informativo adverte que as oscilações para menos dos anos anteriores a 1927 explicam-se pelo fato de serem incompletas devido à deficiência de informações. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Paulo.

Tabela 1.9 - Igrejas tombadas no estado de São Paulo pelo SPHAN no período de 1938 a 1943. **Fonte:** Lista dos bens tombados no estado de São Paulo disponível em , <http://portal.iphan.gov.br>.

CAPÍTULO 2

Tabela 2.1– Paróquias fundadas na gestão de Dom José Gaspar em 1939. **Fonte:** Anuário Católico do Brasil organizado pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS) de 1985. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Tabela 2.2 – Paróquias fundadas na gestão de Dom José Gaspar em 1939 e 1942. **Fonte:** Anuário Católico do Brasil organizado pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS) de 1985. **Acervo:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Tabela 2.3 – Relação dos projetos de igrejas e projetos para a realização do IV CEN **Fonte:** Revista Acrópole. **Acervo:** FAU/USP.

Capítulo 3

Tabela 3.1 – Nomeação da Junta Executiva do IV Congresso Eucarístico. **Fonte:** Correio Paulistano, p.3, 01 set. 1940.

Tabela 3.2 – Temas dos estudos dirigidos do IV CEN. **Fonte:** Boletim do IV CEN, (n.p.), 1942 **Acervo:** ACMSP

Lista de mapas

CAPÍTULO 1

Mapa 1.1: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, Sede. [1912] - **Dom Duarte Leopoldo e Silva. Autor:** João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP]:** Deborah Sandes de Almeida [QGis].

CAPÍTULO 2

Mapa 2.1: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, Sede. [1939] - **Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva. Autor:** João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP]:** Deborah Sandes de Almeida [QGis].

Mapa 2.2: Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, Sede. [1940 e 1942] - **Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva. Autor:** João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP]:** Deborah Sandes de Almeida [QGis].

Figura 2.3- Mapa geral das paróquias criadas pela Arquidiocese de São Paulo [1908 - 1942]. **Autor:** João C. S. Kuhn **Base do Mapa [SP]:** Deborah Sandes de Almeida [QGis].

Fontes de Pesquisa

199

BRASIL

Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Paulo (ACMASP)

Arquivo Publico do Estado de São Paulo (APESP)

Arquivo Municipal de São Paulo (AMSP)

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)

Biblioteca Mário de Andrade (BMA)

Biblioteca Florestan Fernandes, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN) - Acervo digital

Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MPUSP) - Acervo digital

Museu da cidade (MC.SP)- Acervo digital

CHILE

Biblioteca Nacional de Chile.

Biblioteca da Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile.

Facultad de Historia, Geografía y Ciencia Política, Pontificia Universidad Católica de Chile.

Bibliografía

AL SAYYAD, Nezar e MASSOUMI, Mejjan (eds), **The Fundamentalist city: religiosity and the remaking of urban space**. New York: Routledge, 2011.

ALMEIDA, Antonio José de. **Paróquias, Comunidades e Pastoral Urbana**. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

200

AQUINO, Maurício de. **Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930)**. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 32, n. 63, p. 143-170, 2012.

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. São Paulo: Ed. José Olímpio, 1954.

ARRUDA, M. A. do N. . **Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX**. Bauru: Edusc, 2001.

ARQUIDIOCESE, de São Paulo. **São Paulo no IV Centenário Eucarístico Nacional**. São Paulo: Ed. Arquidiocese de São Paulo, 1942.

AZEVEDO, Aroldo Edgard de. **Subúrbios orientais de São Paulo**. Provimento de Cátedra – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.

_____. **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

AZEVEDO, M. **Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé**. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

AZZI, Riolando. **A igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo: 1937-1945**. Rio de Janeiro: Síntese, 1980.

_____. **O fortalecimento da Restauração Católica no Brasil: 1930-1940.** Rio de Janeiro: Síntese, 1979.

BAENINGER, Rosana. **São Paulo e suas migrações no final do século 20.** São Paulo: Ed. Perspec. vol.19 no. 3, 2005.

BARGUEÑO, Natalia Nuñez. De la coexistencia entre las naciones a la experiencia globalizada: El Congreso Eucarístico Internacional. In: **La Historia: lost in translation?** / coord. por Damián Alberto González Madrid, Manuel Ortiz Heras, Juan Sisínio Pérez Garzón, 2017. págs. 2459-2472

BITTENCOURT, Agueda Bernardete; WOHNATH, Vinicius Parolin. Secularização e laicidade do Estado brasileiro depois da Constituição de 1988. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**-Periódico científico editado pela ANPAE, v. 29, n. 2, 2013

BOFF, L. **Eclesiogênese: as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja** (Vol. 6). São Paulo: Editora Vozes, 1977.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo.** São Paulo: Ed. Studio Nobel, 1985

BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria.** São Paulo: Estação Liberdade, 4ª edição, 2004.

_____. **Os pioneiros da habitação social.** v.1. São Paulo: Editora UNESP, Edições SENAC, 2014.

BOXER, C. R. **A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770).** Lisboa: Edições 70, 1978.

BRUNEAU, Thomas C. **O catolicismo brasileiro em época de transição.** São Paulo: Ed. Loyola, 1974.

BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo. In: **História e tradições da cidade de São Paulo.** 2011. p. 3 v.(1540p.)-3.

CAES, André Luiz. **As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política (1872-1916).** 2002. [s. n.]. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2002.

CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares.**[tradução Marisa Barba, Anita Di Marco]. São Paulo: Perspectiva,2012

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. **A ação romanizadora e a luta pelo cofre: D. Epaminondas, primeiro bispo de Taubaté (1909-1935).** 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade – urbanismo e modernização em São Paulo.** São Paulo: SENAC,2000.

CAMPOS, Paulo de Tarso. **In Memoriam de Dom José Gaspar de Afonseca e Silva.** São Paulo: Editora Ave Maria, 1944.

CAMPOS, Ernesto de Souza. **História da Universidade de São Paulo.** São Paulo: Edusp, 2004

CANADO JUNIOR, Roberto dos Santos. **Embates pela memória: a reconstrução do conjunto jesuítico do Pátio do Colégio (1941-1979).** 2014. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAPONERO, Maria Cristina. **Festas paulistanas em perspectiva histórica de longa duração: produção e apropriação social do espaço urbano, permanências e rupturas(1711-1935).** 2014. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CASTILLO, José Manuel Sanz del. O movimento de reforma e a paroquialização do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: Londoño, Fernando Torres. **Paróquia e Comunidade no Brasil.** São Paulo: Editora Vozes. 1997 pp. 91-130

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. **Um americano na metrópole [latino-americana]. Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo, 1947-1970. 2013.** Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de; Mello, Joana. **Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história de arquitetura e da cidade no Brasil.** Anais do Museu Paulista, 24 (3), pp. 11-18. 2016

CESTARO, Lucas Ricardo. **O urbanismo de Lebrecht e da SAGMACS: o movimento economia e Humanismo, a questão urbana e o desenvolvimento regional no Brasil (1940-1960).** Tese (Doutorado em Arquitetura). São Paulo: Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos / USP, 2012

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira.** São Paulo, Edart, 1972. Reedição: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. Dicionário da arquitetura brasileira. Coleção Facsimile, n. 3. São Paulo, Romano Guerra, 2017.

DANTAS, Arruda. **Dom Duarte Leopoldo.** São Paulo: Ed. Sociedade Imprensa Pannartz, 1974.

DE SOUZA, Ney. **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo, 1554-2004.** Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2004.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo.** São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1971.

DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. in: Lodoño, Fernando Torres (org.). **Paróquia e comunidade no Brasil, perspectiva histórica.** São Paulo: Ed. Paulus. 1997

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano;** [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENRIQUEZ LICON, Dora Elvia. **La iglesia Católica en Baja California: Péndulo entre misión y diócesis.** Frontera norte, México , v. 20, n. 39, p. 7-35, jun. 2008 .

FALBEL, Anat. **Lucjan Korgold: a trajetória de um arquiteto imigrante.** São Paulo: Tese (Doutorado). São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / USP, .2003.

FANTIN, Jader Tadeu. **Os japoneses no bairro da Liberdade - SP na primeira metade do século XX.** Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, 2013.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2012.

FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. 1989**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

_____. **Planejamento e zoneamento: São Paulo, 1947-1972**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2005.

_____. Bom Retiro. Bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945). In: Lanna, A.L.D.;Lira,J.T.;Peixoto,F. A.; Sampaio, M.R.A. (Org.). São Paulo. **Os estrangeiros e a construção das cidades**. vol.01 ed. São Paulo: Alameda Editorial, 2011

FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun. **Fontes para o estudo dos movimentos dos leigos da Igreja Católica no Brasil: 1920-1980**. Revista Projeto História. São Paulo, n.7, p.127-167, fev. 1987.

FERNANDEZ, Daniela Natalia; GUTIERREZ, Juan José. **Historicismo o institucionalismo: El devenir semántico de la arquitectura gótica en Buenos Aires, 1812-1929**. An. Inst. Arte Am. Investig. Estét. Mario J. Buschiazzo, Buenos Aires , v. 46, n. 2, p. 187-198, dic. 2016

FERREIRA, Valdinei. **Protestantismo e Modernidade: da utopia à nostalgia**. São Paulo: Ed. Reflexão, 2010.

FILHO, Nestor Goulart Reis. O Campo da Arquitetura e Urbanismo in **Os Campos do conhecimento e o conhecimento da cidade: Cadernos de História de São Paulo**. Vol. 1. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1992.pp. 37-44.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2005.

FRADE, Gabriel dos Santos. **A influência do movimento litúrgico na arquitetura das igrejas paulistanas da época pré-vaticano II: Igreja N.S. da Paz, Capela do Cristo Operário e Igreja S. Domingos**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, 2005.

_____. **Arquitetura Sagrada no Brasil**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007

GIUMBELLI, Emerson. **A modernidade do Cristo Redentor**. DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 51, nº1. 2008. pp. 75 a 105.

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Metodologia para a restauração arquitetônica: A experiência do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo, 1937-1975**. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004.

GORSKI, philip; ALTINORDU, Ates. **After Seculatization? Annual Review of contemporary reflections on Vatican II's Declaration on Religious Liberty**. Estados Unidos: Sheed and Ward, 2006.

GROSTEIN, Marta Dora. **A cidade clandestina: os ritos e os mitos. O papel da irregularidade na estruturação do espaço urbano do município de São Paulo, 1900-1987**. São Paulo:FAU/USP [Tese de doutorado], 1987.

HAUCK, João Fagundes. **História da Igreja no Brasil**. Segunda Época. Petrópolis: Vozes, 1985.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã**; [tradução João Rezende Costa]. São Paulo: Editora Paulus, 1994.

HIDALGO, Rodrigo et al . **Localización de la infraestructura católica, dinámicas socioterritoriales y geografía de las religiones: el caso del Área Metropolitana de Santiago de Chile**. EURE (Santiago), Santiago , v. 38, n. 115, p. 47-72, sept. 2012 .

205

HOORNAERT, E; AZZI, R. **História da Igreja no Brasil: primeiro período**. Petrópolis: Vozes, 1977.

KANTOWICZ, Edward R. “**Cardinal Mundelein of Chicago and the Shaping of Twentieth-Century American Catholicism**.” The Journal of American History, vol. 68, no. 1, [Oxford University Press, Organization of American Historians], 1981, pp. 52–68,.

KUHN, João Carlos Santos. **Resistências sagradas: Pátio do Colégio, secularização e reconstrução**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2016.

LANNA, Ana Lucia Duarte. O Bexiga e os italianos em São Paulo, 1890/1920. In LANNA, Ana Lucia Duarte [et. Al.] (Orgs.). **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, p. 117-129, 2011.

LEME, Maria Cristina da Silva. **Planejamento em São Paulo. 1930 -1969**. São Paulo: FAU/USP [Dissertação de mestrado], 1982.

_____. **ReVisão do Plano de Avenidas**. tese (doutorado). São Paulo: FAU/USP, 1990.

LEMOS, Carlos A. C. **Cozinhas, etc. : um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

_____. **Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café**. São Paulo: Ed. Nobel, 1986

LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1986.

LENZENWEGER, Josef. **História da Igreja Católica**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LEPETIT, Bernard; SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Por uma nova história urbana**. Edusp, 2001.

LIMA, Solange Ferraz de. **As Imagens da imagem do SESC**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

206

LIMA JUNIOR, Márcio Antônio de. **O traço moderno na arquitetura religiosa paulista**. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LOPES, Maurício Maiolo. **As faces da modernidade: arquitetura religiosa na reforma urbana de Itu (1873-1916)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MACEDO, C. C. **Tempo de Gênesis: o povo das Comunidades Eclesiais de Base**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

MAIA, Prestes. **Introdução ao Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1930.

MANGILI, Liziane Peres. **Transformações e Permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930 - 1954)**. : Dissertação (mestrado). São Paulo: Faculdade de

Arquitetura e Urbanismo / USP, 2009..

MARIANO, Ricardo. **Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública.** Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011

MARINS, P. C. G; ALVIM, Z. (Orgs.). **Os céus como fronteira - a verticalização no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Ed.Grifo, 2013.

MARTINE, G. **Migração e metropolização. São Paulo em Perspectiva.** São Paulo: Fundação Seade, v. 1, n. 2, p. 28-31, jul./set, 1987

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. **Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX. 2006.** 309 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARX, Murilo. **Nosso chão do sagrado ao profano.** 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MENDES, Ricardo. **A revista S.PAULO: a cidade nas bancas.** IMAGENS, Unicamp, (3): 91-97, dez.1994.

207

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** São Paulo: Revista Brasileira de História. V.23, nº 45, pp.11-26. 2003.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Morfologia das cidades brasileiras: Introdução ap estudo histórico da iconografia urbana.** **Revista USP.** São Paulo: CCS/USP, 30:144-155, jun./ago.,1996.

MEYER, Regina Maria Prosperi. **Metrópole e Urbanismo: São Paulo nos anos 50.** Tese (Doutorado). São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / USP, 1991

MEYER, R.; GROSTEIN, M; BIDERMAN, C. **São Paulo Metrópole.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2004.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MIR, Luis. **Partido de Deus – Fé, Poder e Política**. São Paulo: Ed. Alaúde, 2007.

MONBEIG, Pierre. **La croissance de la ville de São Paulo**. Revue de géographie alpine, v. 41, n. 1, p. 59-97, 1953.

MORENO, Julio Cesar. **A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do turismo religioso**. Tese (doutorado). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes /USP, 2009

MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento da Restauração Católica (1910-1942)**. Portugal: Imprensa de Ciências Sociais, 2018.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. **Os espíritos assombram a Metrópole: sociabilidades espiritualistas (espírita e esotérica) em São Paulo na Primeira República**. (tese) Doutorado. FFLCH.USP. 2016

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Os bispos e os leigos: Reforma Católica e Irmandades no Rio de Janeiro Imperial**. Ponta Grossa: Revista de História Regional 6(1): 147-160, 2001.

208

OLIVEIRA, Elza. **A busca pela presença religiosa em meio à secularização no Brasil: Diálogo entre Religião e Laicidade**. Teoria e Cultura, v. 7, n. 1 e 2, 2012.

ORO, Ari Pedro. **A laicidade no Brasil e no Ocidente**. Algumas considerações. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 11, n. 2, p. 221-237, 2011.

PAULA, Eurípedes Simões de. **A segunda fundação de São Paulo**. Em Revista de História, nº 17 (São Paulo: FFL – USP, 1951), pp. 167 – 168.

PARK, Chris. **Sacred worlds: an introduction to geography and religion**. London: Routledge, 1994

PICCINI, Andrea. **Cortiços na cidade: conceito e preconceito na reestruturação do centro urbano de São Paulo**. São Paulo: Ed. Annablume, 1999.

PETERS, José Leandro. **Aparecida na memória da Igreja: uma análise da constituição do mito de Nossa Senhora Aparecida no início do século XX**. Sacrelegens, v. 9, n. 1, 2012.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Neocolonial, modernismo e preservação do**

patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

PORTA, Paula (org.). **História da Cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX.** São Paulo: Ed.Paz e Terra, 2004.

PRADO JR, Caio. O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo. In. **Evolução política do Brasil e outros estudos**, v. 8, p. 103, 2012.

PRESTES MAIA, Francisco. **Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo.** São Paulo: Melhoramentos, 1930.

RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. **Laicidade à brasileira : um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos.**Tese (Doutorado em Antropologia Social) Rio Grande do Sul: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012

REFT, Renan Alex. **Apropriações arquitetônicas: o neocolonial na Diocese de Limeira.** 2021. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021

209

REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo: vila, cidade, metrópole.** São Paulo: Ed.Via das Artes, 2004

ROLDAN, Dinalva Derenzo. **Um ideário urbano em desenvolvimento: experiência de Louis-Joseph Lebreton em São Paulo de 1947 a 1958.** Dissertação (Mestrado). São Paulo: FAU / USP, 2012

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, políticas urbanas e territórios na cidade de São Paulo.** São Paulo: FAPESP/NOBEL, 1997.

ROMANO, Cristina de Toledo. **Santa Cecília: uma paróquia na confluência dos interesses paulista e da Igreja Católica entre 1895 a 1920.** Tese (doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

ROMERO, Gabriel. **Modernidade e religião a serviço do patrimônio: Lucio Costa, Igreja e SPHAN.** 2020. 1 recurso online (134 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP.

ROSAS, J. y PÉREZ E. **La Manzana de la Catedral en el desarrollo de la ciudad de Santiago: dialéctica entre norma formal y episodio notable.** Revista 180, 2010, N° 26, p. 16-21.

_____. **De la ciudad cerrada de los conventos a la ciudad abierta de los espacios públicos: Santiago 1710-1910.** Rev. geogr. Norte Gd., Santiago , n. 56, p. 97-119, dic. 2013.

ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

_____. “Espaço, política e religião”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: uma antologia.** Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, Vol. II, pp. 147-161.2013

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **O Campo da Economia in Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade.** Cadernos de história de São Paulo. Volume 1.p.33. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1992.

210

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **Metropolização: estudo da habitação popular paulistana.** São Paulo:FAU/USP [Tese de doutorado], 1987.

SANTOS, F. F., & GHIRARDELLO, N. . (2022). **As três Igrejas dos Homens Pretos e sua inserção urbana na São Paulo de Piratininga (XVIII-XIX).** Risco Revista De Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), 20, 1-16. <https://doi.org/10.11606/1984-4506.risco.2022.186208>

SCHERER, Rebeca. **Descentralização e planejamento urbano no município de São Paulo.** São Paulo: FAU/USP [Tese de doutorado],,1987.

SCHIFFER, Sueli Ramos. (Orgs.). **O processo de Urbanização no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999

SERBIN, Kenneth P. **Padres, Celibato e Conflito social. Uma história da Igreja Católica no Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

SERRANO, Sol. **Espacio público y espacio religioso en Chile republicano.** Teol. vida, Santiago , v. 44, n. 2-3, p. 346-355, 2003.

SILVA, A. C. da. (2021). **A antessala da demolição: revisitando o processo da montagem da Praça e Catedral da Sé de São Paulo, em primórdios do século XX.** Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 29, 1- 40. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e3>

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960).** Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / USP, 2010

SILVA, Luis Octávio da. Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: a modernização limitada. in: CAMPOS, GAMA, SACCHETTA (org.) **São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais.** São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

SILVA, Paulo Julião. A Igreja Católica e as relações políticas com o Estado na Era Vargas. In: **Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR**, 13, 2012, \ São Luís, MA. Anais (on-line). São Luís: ABHR, 2012. Disponível:<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/456>. Acesso em 05/03/2017.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo.** 2015. SOFIATI, Flávio Munhoz. **Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo.** 2015.

211

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo 1920-1939.** São Paulo: Studio Nobel, 1997

SOUZA, Almeida de; BEATRIZ, Juliana (2013). **Construção da memória e devoção na escolha de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil.** XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

SOUZA, Miguel Nicácio Oliveira. **O Discurso político do Estado Novo. Dissertação (Mestrado).** São Paulo: FFLCH/USP, 2008

SOUZA, Ney de. **Catolicismo em São Paulo: Centenário da Arquidiocese (1908-2008).** Revista de Cultura Teológica. São Paulo: V.15 N.60, Jul/Set 2007.

_____. **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo.** São Paulo: Editora Paulinas. 2004.

STUMP, Roger W. **The geography of religion: faith, place and space**. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2008.

SUGAWARA, Katia Rodrigues Guerreiro. **O caráter das capelas na produção arquitetônica brasileira entre 1985 e 2015**. 2018. 145 f. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

TAVARES, Jeferson C. **Pólos Urbanos e Eixos Rodoviários no Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) São Paulo: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2015.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Paim, um artista nacionalista**. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. v. 29, p.101-110, 1988.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo – Três cidades em um século** [3ª ed.] São Paulo: CosacNaify – Ed. Duas cidades, 1996.

_____. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Associação de Cimento Portland, 1996;

212

TORRES, Mirtha Pallarés. **La Arquitectura Religiosa En Santiago De Chile 1850–1950: razones de las reminiscencias góticas**. 2015. Tese de Doutorado. Universidad Politécnica de Madrid.

VALDÉS, I. ¿Obstáculos o factor de desarrollo? Rol de los conventos en desarrollo de tejido urbano. En: ANSART, S. **Arquitectura y cultura en el Santiago de Ansart Santiago**. Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, Escuela de Arquitectura, 2002.

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. - In: DÉAK, Csaba; VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

VILAÇA, Helena; SELL, Carlos Eduardo; MONIZ, Jorge Botelho. **A sociologia da religião hoje: secularização (ões), secularismo (s) ou laicidade?**, São Paulo, 2017.

WOLFE, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América: o primeiro bairro Jardim de São Paulo e sua arquitetura**. Tese (Doutorado). São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / USP, 1998

Fontes de Pesquisa

Periódicos

A EGREJA CATHOLICA, viverá hoje, em São Paulo, um dos seus grandes dias. Correio Paulistanos, São Paulo, p.3, 17 set. 1939.

A MAIOR CONCENTRAÇÃO católica do Brasil. Correio Paulistano, São Paulo, p.1, 12 set.1942.

A NOVA CATHEDRAL de São Paulo. Correio Paulistano, São Paulo, p. 3. 26 jan. 1912.

AS NOSSAS EGREJAS. O Comercio de São Paulo, São Paulo, p.1, 11 de mar. 1906.

AS SOLENIDADES, do próximo domingo. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.4, 31 jul.1942.

ALTAR MONUMENTO. Correio Paulistano, São Paulo, p.3, 09 set. 1942.

APELLO, aos catholicos paulistas para a conclusão das obras da cathedral. Correio Paulistano, São Paulo, p. 3, 21 jan.1940.

ARCEBISPO D. JOSÉ GASPAR, de Afonseca e Silva. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.3, 08 out. 1939.

BISPO: de S. Paulo. Correio Paulistano, São Paulo, p.1, 10 abr. 1907.

CAMPANHA DOS ESCUDOS, e pró embandeiramento da cidade. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.7, 15 abr.1942.

CARTA DO ARCEBISPO, metropolitano aos seus diocesanos. Correio Paulistano, p. 3. 09/09/1942.

CONCURSO DO BRAZÃO DE ARMAS, do Congresso. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.5, 30 out. 1940.

CONCURSO PARA A LETRA, do canto eucarístico nacional. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.6, 10 out. 1940.

CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.6, 27 dez.1942.

CÚRIA METROPOLITANA: O novo edifício. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.7, 27 de mar. de 1920.

D. JOSÉ GASPAR, de Afonseca e Silva. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.5, 08 set. 1942.

DOM DUARTE, Leopoldo e Silva: Primeiro Arcebispo de São Paulo. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.4, 14 nov.1938.

INICIOU-SE, domingo a “Semana da Cathedral”. Correio Paulistano, São Paulo, p.3. 23 jan. 1940.

LAURENCE. Bispado a granel. O Commercio de São Paulo: Coluna Traças & Troças, São Paulo, p. p.1, 14 abr. 1907.

214 NA PARÓQUIA de Nossa Senhora de Sião: Os simples, humildes e injustiçados necessitam de auxílio imediato. Jornal Diário da Noite, São Paulo, p.2, 20 fev. 1962.

NOMEAÇÃO DA JUNTA EXECUTIVA, do IV Congresso Eucarístico Nacional. Correio Paulistano, São Paulo, p.3, 01 set 1940.

NOTAS e Notícias. O Commercio de São Paulo, São Paulo, p.2, 22 de mar. 1908.

NOVO Bispo: de São Paulo. O Commercio de São Paulo, São Paulo, p.1, 20 dez. 1906.

O CORREIO PAULISTANO, e o IV Congresso Eucarístico. Correio Paulistano, São Paulo, p.3, , 23 set 1942.

REPARTIÇÕES da cúria. Correio paulistano: Coluna Chronica religiosa, São Paulo, p.13, 12 dez. 1939

REPRESENTAÇÃO, dirigida aos poderes do Estado, em Julho do corrente anno,

pela Comissão Executiva da cathedral de São Paulo. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.8, 27 de mar de 1919.

TEM INÍCIO, hoje a grande semana do IV Congresso Eucarístico Nacional. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.7, 30 out. 1942.

UMA IMPONENTE, manifestação de fé. Correio Paulistano, São Paulo, p.3.,04 ago. 1942.

III CONGRESSO, Eucharistico Nacional em Recife. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.7, 01 nov. 1939.

IV CONGRESSO EUCARÍSTICO, Nacional. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.3, 03 set. 1942.

Correspondências

POR UMA, Carta. [Correspondência]. Destinatário: Cardeal Arcoverde. São Paulo, 16 jul. 1904. Carta Manuscrita.

215

AFONSECAESILVA, dom José Gaspar. [Correspondência]. Destinatário:Núncio Apostólico Bento Aloisi Masella, 31 dez. 1939.

GASPAR, Dom José. CARTA de Dom José. [Correspondência]. Destinatário: Núncio Apostólico. São Paulo, 5 dez. 1939.

SUPERINTENDENTE, do jornal Correio Paulistano.[Correspondência]. Destinatário: dom José Gaspar, São Paulo, 27 mar, 1942.

AFONSECA E SILVA (a), dom José Gaspar. [Correspondência]. Destinatário: Núncio Apostólico, 08 jan. 1940

AFONSECA E SILVA (a), dom José Gaspar. [Correspondência]. Destinatário: Núncio Apostólico, 27 nov. 1939

Relatórios

SILVA, dom Duarte L. Relatório do Bispo de S. Paulo a Nunciatura Apostólica sobre a criação de cinco novas dioceses, São Paulo, 1907.

LEOPOLDO E SILVA, dom Duarte. Relatório do Bispo de S. Paulo sobre a criação de novas dioceses, São Paulo, 1907.

GASPAR, dom José. Carta destinada ao Núncio Apostólico - Rio de Janeiro, São Paulo, 27 nov. 1939.

Boletins e documentos

Anuário Católico do Brasil – Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS). Rio de Janeiro. Vol.71985.

Boletim Eclesiástico - Órgão oficial da Arquidiocese de S. Paulo - Maio de 1940 - Ano XVII - N 10. p. 146

216

Circular da Junta Executiva do IV Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: outubro de 1941. pp. 1-2

CONSISTÓRIO de criação da Arquidiocese de São Paulo [rascunho]. *Estatuto Eclesial Metropolitano de São Paulo (De Statu Ecclesiae Metropolitanae Sancti Pauli in Brasilia)* São Paulo: 1908.

COMISSÃO EXECUTIVA(a). Documento Congresso Eucarístico Nacional, São Paulo, n.p. 1940.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. [Constituição]. Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais: Os Congressos Eucarísticos Internacionais. Cidade do Vaticano, Roma: 2009.

IGREJA CATÓLICA. Bispos. PASTORAL COLLECTIVA dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre comunicando ao Clero e Fieis o resultado da Conferencias Episcopales realizadas na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915. Rio de Janeiro: Typ. Martins de Araujo & C., 1915.

IMAGEM DE NOSSA SENHORA, Aparecida: Padroeira do Brasil. Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. Anotações e Acontecimentos 1719 – 1958. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia. Acesso em: 10 mar. 2020>.

JUNTA EXECUTIVA, do IV Congresso Eucarístico Nacional. O IV Congresso Eucarístico Nacional: Publicação oficial da Junta Executiva. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 1942. p.20

Revistas

CAPISTRANO, João. IV Congresso Eucarístico Nacional. Revista Vozes de Petrópolis, Rio de Janeiro. V.2, . Outubro de 1942 p. 709

NOTAS internacionais. Lar Catholico: revista social, religiosa dedicada às famílias, Minas Gerais, p. 237, 5 set. 1937.

O NAZISMO. A Ordem, Rio de Janeiro, p.214, Ago.1939. Disponível no site: www.obrascaticas.com.br.

OLIVEIRA, Plinio Corrêa de. Para reconduzir a Cristo o operariado francez: A pontentosa obra do Cardeal Verdier. Legionário, São Paulo, ano XI, n. 277, p. 1, 2 jan. 1938.

REZENDE FILHO, G. DE. Saudação ao sr. arcebispo metropolitano de São Paulo. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 507-515, 1 jan. 1939.

217

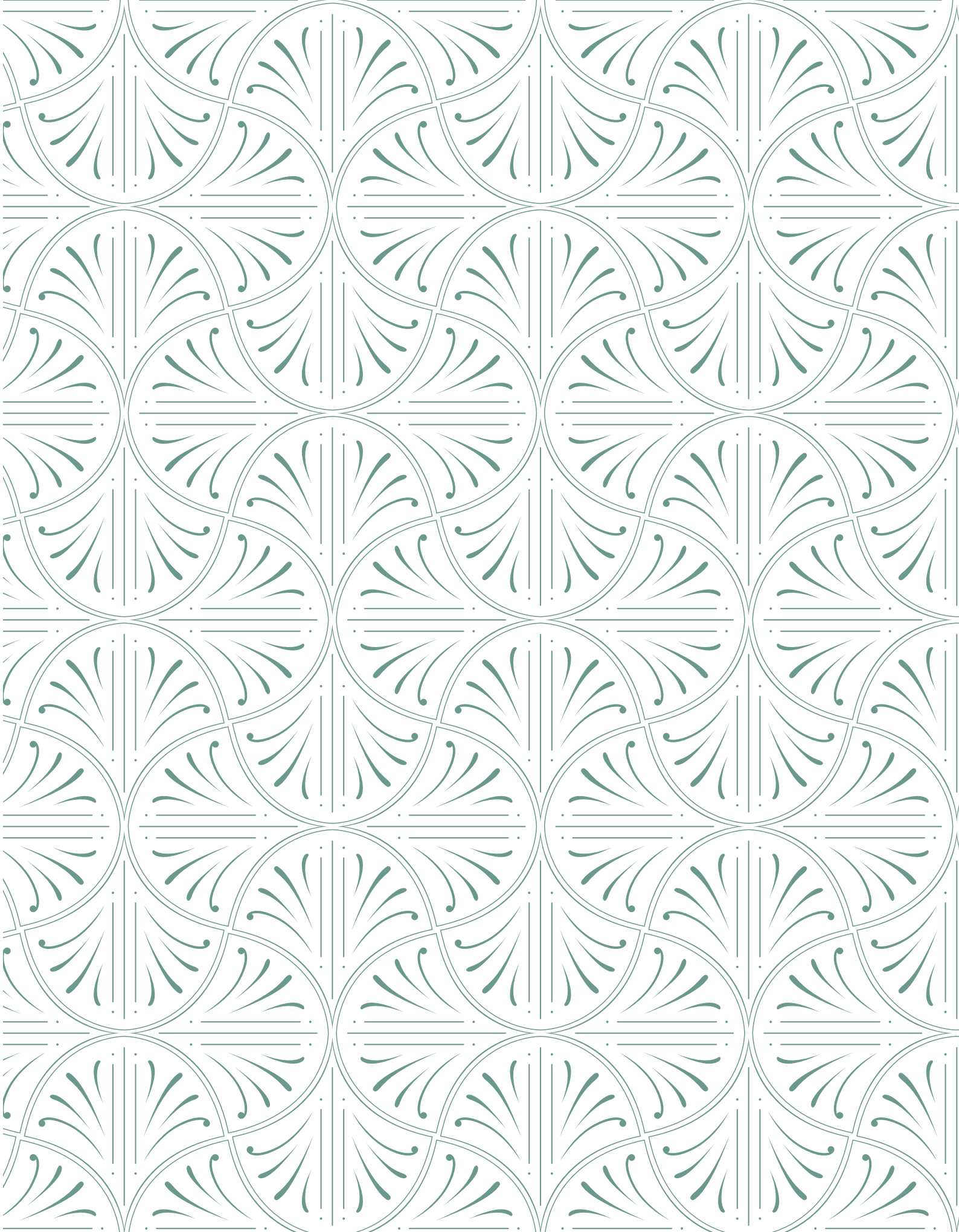
ROSSI, Agnelo. Religião e Nacionalidade. Revista Vozes de Petrópolis, Rio de Janeiro. V.2, p. 627-675. Julho-dezembro 1942.

SILVA, J. G. DE A. E. Oração de agradecimento. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 35, n. 2, p. 517-523, 1 jan. 1939.

VIDIGAL, L. E. DE B. Gabriel de Rezende Filho. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 52, p. 296-305, 1 jan. 1957.

Notícias:website

NOTICIAS, Y PRENSA. Fe, Ciência, Sociedad. In: 52º, Congreso Eucarístico Internacional. Budapest: 52º CEI, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www.iec2020.hu/es/news-press/Fe-Ciencia-Sociedad>. Acesso em: 10 mar. 2020.



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que por meio do programa de bolsas me concedeu o auxílio financeiro para realização desta tese¹⁵⁰, assim como a possibilidade de pesquisa e diálogo acadêmico com a Pontifícia Universidade do Chile em Santiago, através da *Bolsa de Estágio em Pesquisa no Exterior* (BEPE)¹⁵¹. Também agradeço pelo apoio para a participação em congressos e eventos realizados no período da pesquisa.

Vindo de Brasília, formado em uma instituição particular, o sonho de realizar uma pesquisa de pós-graduação na Universidade de São Paulo me parecia quase impossível. Entre diversas tentativas frustradas ao tentar me aproximar de um universo acadêmico aparentemente imaculado, quase por milagre, fui apresentado ao meu querido professor e orientador Renato Cymbalista. Sua generosidade me acolheu e sua paciência e profissionalismo, não apenas me possibilitou o ingresso no mestrado [2013], como me conduziu para a presente etapa que concluo com esta tese. Não existem formas suficientes para agradecer todo o empenho e cuidado que recebi ao longo de todo o meu percurso, mas de toda forma, deixo registrado aqui minha imensa admiração e estima pela pessoa que é e pelo profissional sério e comprometido com o ofício de educar, que com maestria desempenha. Renato, obrigado por transformar minha história e por me fazer acreditar na educação como forma de transformação do mundo.

Para conseguir esse milagre, duas personagens foram de especial importância para alcançar esse lugar: a prof^a. Ana Lucia Duarte Lanna e a prof^a Joana Mello. Antes mesmo de conhecer de perto o Renato, as duas incríveis educadoras, para além de me apresentar um orientador excepcional, foram as primeiras que afirmaram que as minhas inquietações em torno da relação entre cidade, arquitetura e religião, tinha, sim, lugar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

150 Processo nº 2016/22673-5

151 Processo nº 2019/14252-4

da USP. Ana e Joana, para além de uma profunda admiração pelo trabalho e conquistas de vocês, fica aqui meu eterno carinho por todo o apoio que me fortaleceu até o momento.

Da mesma forma, agradeço aos professores, Paulo César Garcez Marins e Lucília Santos Siqueira pela leitura cuidadosa e comentários de grande relevância no exame de qualificação desta tese, me auxiliando na estruturação da pesquisa, assim como, na análise e problematização do material apresentado. Em especial, destaco o professor Paulo César Garcez Marins, por fazer parte também do início do meu percurso, seja através de suas aulas, seja pela banca de defesa do mestrado. Seus apontamentos em 2016, me impulsionaram no aprofundamento da pesquisa em torno do catolicismo em São Paulo. Aproveito para agradecer aos demais membros da banca de defesa, Amália dos Santos e Fernando Atique, pela seriedade e generosidade em contribuir com este trabalho.

Tive a alegria de conhecer também outros professores que em momentos críticos me auxiliaram com comentários, indicações de leituras e organização de ideias. Entre tantos, agradeço em especial as professoras Ana Castro, Nilce Aravecchia e Sarah Feldman que em meio à pandemia, e ao intenso trabalho realizado por elas, dedicaram um tempo para discutir questões do meu trabalho. Também, inserido no contexto acadêmico, agradeço ao grupo de pesquisa do projeto *Experimentado a Metrópole* (Ex-Met) onde além de poder aprender e produzir pesquisas sobre São Paulo, pude conhecer pesquisadores de grande valia para o meu desenvolvimento: Jérôme Tadié, Clarissa Paolillo, Elisa Zocca, Gabriela Cesarino, Julia Flock. Destaco, em especial, a minha querida Deborah Sandes, que na reta final me auxiliou com os mapas desta tese. Foi um presente poder conhecê-la!

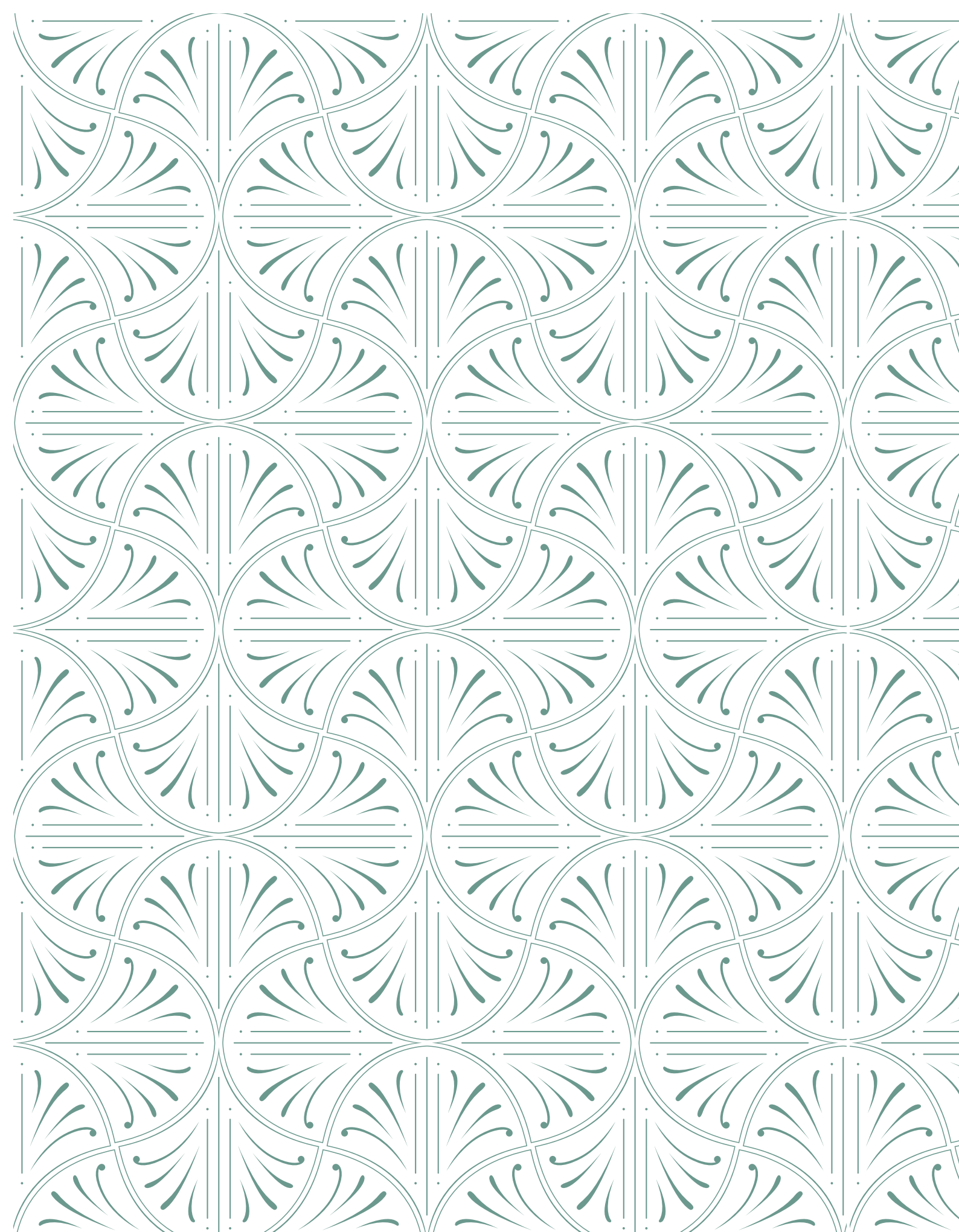
Nesse mesmo sentido, agradeço aos vários colegas (que com o tempo se tornaram bons amigos) que pude conhecer na FAU/USP, com muito carinho destaco Stephanie Guerra, Tânia Knapp, Yuri Quevedo (que eu guardo no fundo do coração), Pedro Beresin, Rodrigo Millan (me apoiando também em Santiago) e Rebeca Lopes. Entre leituras e contribuições, vocês foram apoio afetivo e psicológico em momentos pontuais da pesquisa. Agradeço também à Escola da Cidade, onde pude participar como professor assistente no período em que se encerrou a bolsa de doutorado, destacando a importante convivência com Amália Santos, Glória Kok e, em especial, ao antropólogo mais querido, Dr. Pedro Lopes que, além de me orientar no ofício de docente, me apoiou em momentos-chaves desta pesquisa e da minha vida.

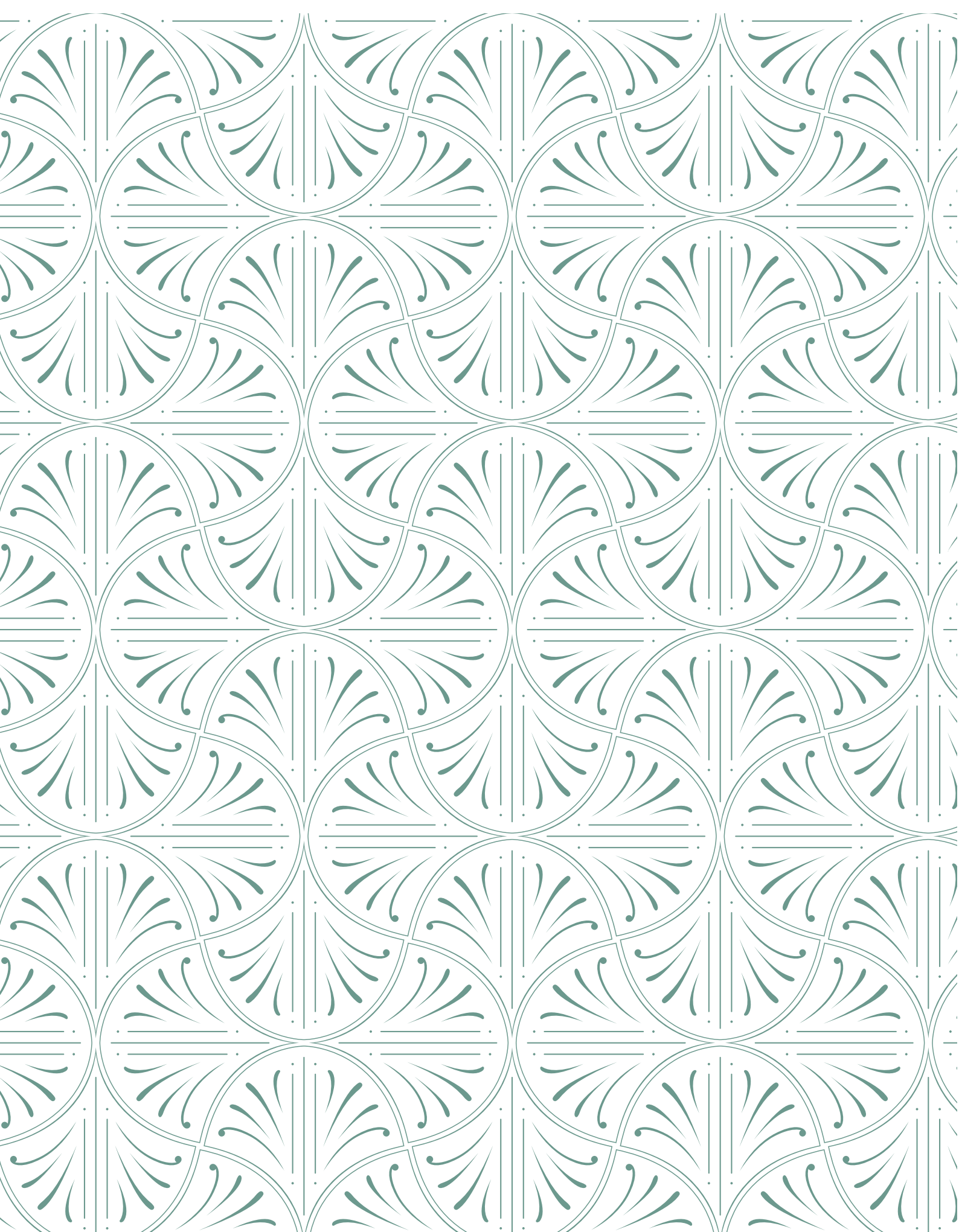
Para que esta pesquisa ganhasse força, foi fundamental o acesso ao *Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo*, organizada e orientada por Jair Mongelli, que com grande competência e generosidade, me auxiliou por anos em pesquisas em torno da Arquidiocese de São Paulo. Aproveito para agradecer, ainda no âmbito acadêmico, a professora que me orientou no período de pesquisa em Santiago do Chile, professora Olaya Sanfuentes, por toda acolhida e dedicação. Também agradeço ao professor José Rosas, diretor da *Facultad de Arquitectura y Diseño da Pontificia Universidad do Chile*, pelas conversas, orientações e por ter me apresentado o grupo de pesquisa *ciudad y religión*, onde pude acessar pesquisas que dialogavam com meus interesses como pesquisador.

Fora dos muros da Universidade de São Paulo, amigos queridos me sustentaram em São Paulo e posteriormente em Brasília, para que minha saúde mental se mantivesse relativamente equilibrado: em São Paulo agradeço de todo coração à Aline Noya e Eduardo Javier Silvani [Gordon], Renata Farina, Tatiane Alves e Thiago Ataíde, Adriana Sales, Mônica Casagrande entre tantos outros amigos que se eu listasse aqui, transformaria esta sessão em outro volume da tese. Em Brasília, meu especial agradecimento à Tayssa Frida, ao Marcelo Honório e Jaqueline Furtado, à Lívia Vilela por todo amor em forma de biscoitos e sorrisos, à Adriane Meneses de Jesus por me apresentar a beleza do recomeço. Com muito amor, agradeço à Carla Lourenço e Caico Sardi por serem o apoio familiar e repleto de carinho, que precisei em momentos difíceis.

Não posso deixar de agradecer ao Jorge Ferreira Freitas Junior [Nem], por todo apoio emocional, afetivo, profissional e acadêmico dedicado a mim ao longo de mais de 10 anos de companheirismo. Em especial, agradeço por me auxiliar no projeto gráfico desta tese, assim como outros *jobs* que demandei a você por inúmeras vezes. Obrigado por todas as experiências incríveis que pude viver ao seu lado e por uma amizade que, confio, sempre existirá com muito carinho.

Por fim, e obviamente não menos importante, agradeço à minha família por me apoiar nessa jornada que até hoje é uma loucura para eles. Ao meu pai, Adalberto Barcellos Kuhn e minha mãe, Nelita Santos Kuhn, por serem apoio, amor e local seguro na minha história. À minha irmã, Maria Angélica Santos Kuhn e, em especial, a meu irmão Gilmar Santos Kuhn [*In Memoriam*], que muito teimoso, decidiu ir embora sem deixar recado, mas enquanto esteve presente, sentia orgulho de ter um irmão acadêmico. Meu eterno amor a vocês, para quem dedico esta tese.







FAUUSP

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo